EMERSON EGGERICHS

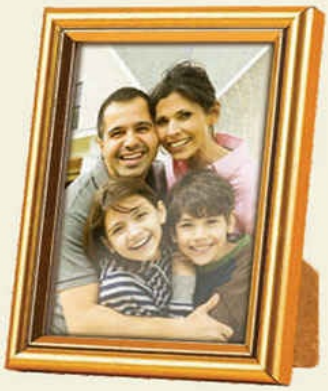
# AMOR

*o que os pais mais desejam,*

# E RES-

*do que os filhos mais precisam*

# PEITO



*na família*

MC

EMERSON EGGERICHS

# AMOR E RESPEITO NA FAMÍLIA

O QUE OS PAIS MAIS DESEJAM,
DO QUE OS FILHOS MAIS PRECISAM

Traduzido por EMIRSON JUSTINO

MC
mundocristão
São Paulo

# Mídias Sociais

 curta

 siga

 confira

 assista

 acesse

Copyright © 2013 por Emerson Eggerichs
Publicado originalmente por Thomas Nelson, divisão da HarperCollins Christian Publishing Inc., Nashville, Tennessee, EUA.
Direitos negociados por Silvia Bastos, S. L., agência literária.

Os textos de referência bíblica foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc., salvo as seguintes indicações: NBV (*Nova Bíblia Viva*), da Biblica, Inc.; MSG (*A Mensagem*), da Editora Vida; RA (*Almeida Revista e Atualizada*, 2ª edição); RC (*Almeida Revista e Corrigida*); e NTLH (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*), todas da Sociedade Bíblica do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*Equipe MC:* Daniel Faria Heda Lopes
Ester Tarrone
*Diagramação:* Luciana Di Iorio *Preparação:* Luciana Chagas *Revisão:* Josemar de Souza Pinto *Capa:* Douglas Lucas *Imagem da capa:* Inmagine *Diagramação para e-book:* Yuri Freire

*CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte*
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

**E28a**

Eggerichs, Emerson
Amor e respeito na família [recurso eletrônico] : o que os pais mais desejam, do que os filhos mais precisam / Emerson Eggerichs ; tradução Emirson Justino. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2016.
recurso digital

Tradução de: Love & respect in the family: the transforming power of love and respect between parent and child
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-433-0150-1 (recurso eletrônico)

1. Família. 2. Pais e filhos. 3. Lar. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

16-30911

CDD: 152.41
CDU: 159.942

*Categoria:* Família

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

1ª edição eletrônica: junho de 2016

*Com amor e respeito, dedico este livro à minha família.*

*A Sarah: por ser uma mãe muito melhor do que o pai que fui. Como a Bíblia declara, "Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: 'Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera'" (Pv 31.28-29).*

*A Jonathan, David e Joy: vocês se transformaram em adultos maduros, atenciosos e responsáveis que nos honram grandemente como pais. Sei que vocês se lembram das muitas vezes que precisaram nos perdoar por deixar de atender a suas necessidades de amor e respeito, mas todos nós demos alguns passos para trás e crescemos juntos. Obrigado, família Eggerichs! Mamãe*

*e eu sentimos por vocês aquilo que o salmista proclama: "Os filhos são herança do SENHOR, uma recompensa que ele dá" (Sl 127.3).*

# Sumário

*Agradecimentos*
*Com a palavra, a família Eggerichs*
*Introdução: A Conexão entre Amor e Respeito funciona na criação dos filhos?*

PARTE 1: O CICLO INSANO DA FAMÍLIA

1. Se os filhos cooperassem, todos seríamos ótimos pais!
2. Interrompendo o Ciclo Insano da Família, passo 1: *Decodifique*
3. Interrompendo o Ciclo Insano da Família, passo 2: *Neutralize*

PARTE 2: O CICLO ENERGÉTICO DA FAMÍLIA

4. Conceder: Nem pouco, nem muito

5. Usar de discernimento: Coloque-se no lugar deles
6. Instruir: Não muito. Apenas o suficiente de "coisas desse tipo"
7. Disciplinar: Confronte, corrija, conforte
8. Apoiar: Prepare seus filhos para que sejam bem-sucedidos e não desanimem
9. Rogar: Ore com a confiança de que Deus o ouve e fala com seus filhos
10. Trabalho em equipe: Como garantir o melhor para seus filhos
11. Criação de filhos em rosa e azul

PARTE 3: O CICLO RECOMPENSADOR DA FAMÍLIA

12. A verdadeira razão para criar os filhos do jeito de Deus
13. Porque ele nos ama, aconteça o que acontecer, nós os amamos, aconteça o que acontecer
14. Cuidado com a "armadilha dos resultados"
15. Você é o único responsável pelo modo como reage

*Conclusão: Que tipo de legado você vai deixar?*
*Apêndice A: Princípios familiares de Amor e Respeito*
*Apêndice B: Listas de verificação quanto à prática de Amor e Respeito em seu modo de criar filhos*
*Referências bibliográficas*

# Agradecimentos

Agradeço à minha sábia e piedosa esposa, Sarah, por suas orações, seu conselho e sua sinceridade. Sem sua contribuição imensurável, eu não teria escrito este livro. De fato, Sarah deu origem a esta obra, lidando com nossos filhos de maneiras que eu não poderia imaginar. Obrigado, querida!

Agradeço a Jonathan, David e Joy por lerem cada capítulo enquanto eu escrevia e por fazerem comentários honestos. Sem eles, eu não teria escrito este livro.

Agradeço a Fritz Ridenour por trabalhar neste livro comigo por dois anos. Fritz encarou um caminhão de informações: notas que registrei durante nada menos que 35 anos! Sou eternamente grato a ele por me

ajudar e, mais importante, por ser meu amigo. Devo dizer ainda que Fritz, já octogenário, criou em mim um desejo de ser igualmente forte, sábio e brilhante quando chegar aos 80. Ele é simplesmente admirável.

Agradeço a Joanne Tims, a melhor amiga de Sarah desde os tempos da faculdade, por sua revisão final. Fritz e eu fomos mais abençoados por suas edições do que ela possa imaginar. Joanne foi um verdadeiro presente para nós.

Agradeço à minha doce nora Sarah pela leitura do manuscrito e por ajudar durante a edição final. Ela pegou coisas que nenhum de nós tinha visto!

Agradeço às muitas pessoas que me escreveram durante estes tantos anos apenas para compartilhar como aplicaram amor e respeito em suas famílias. Em diversos momentos fui levado às lágrimas. Embora eu tenha mudado muitos nomes e alterado alguns detalhes para proteger os envolvidos, todos os testemunhos deste livro são verídicos.

Agradeço a Rick Christian, juntamente com a Alive Communications e a equipe da Thomas Nelson sob a liderança de Matt Baugher, por sua visão de levar ao mundo a mensagem de *Amor e respeito na família*.

Agradeço à equipe e à direção do Ministério Amor e Respeito por suas orações, apoio e incentivo para que este livro fosse escrito com o propósito de servir a pais e filhos.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, que conheceram a Cristo durante meu primeiro ano de faculdade. Naquele momento, nossa família começou a mudar. Perdoamos o passado, amamos e respeitamos uns aos outros no presente e ansiamos pela vida eterna com Cristo. Mamãe e Papai estão agora em um lugar que Jesus chamou de Paraíso. Agradeço ao Senhor por minha querida irmã Ann, que ora fielmente por mim na ausência deles. Meus pais estão desfrutando para sempre o perfeito amor e a perfeita glória de Deus.

Agradeço ao nosso Senhor amoroso por sua revelação sobre a honra dos filhos aos pais e o amor dos pais aos filhos, e também por sua orientação sobre como criar filhos do jeito dele — *aconteça o que acontecer.*

# Com a palavra, a família Eggerichs

Para escrever este livro, tive de esperar até que meus filhos fossem crescidos. Os três estão hoje na casa dos trinta anos. Agora chegou a vez. Mas, primeiramente, gostaria de dizer algo sobre eles — e permitir que eles mesmos falem.

### Um comentário sobre nossos filhos

Tendo servido como psicólogo clínico e tenente da Marinha dos Estados Unidos por quatro anos, Jonathan criou a Clínica de Aconselhamento Amor e Respeito em Grand Rapids, no estado de Michigan. Ele deseja ajudar pessoas que enfrentam grandes problemas na vida, como os desafios do serviço

militar, conflitos conjugais ou questões corriqueiras relacionadas à alma. Jonathan buscou a psicologia clínica como profissão porque queria fazer diferença na vida das pessoas.

David tem habilidades consideráveis na produção de vídeos e possui a própria empresa de filmagem, a Motivity Pictures. Ele nos ajudou inúmeras vezes com vídeos sobre a mensagem da Conexão entre Amor e Respeito. Embora David confesse que, comparado com os irmãos, tenha enfrentado mais dificuldades com a criação que recebeu, ele também afirma ser meu maior fã. Há pouco tempo David me pediu para falar a um grupo de seus amigos casados sobre como serem bons pais. Ele achava que os amigos estavam errando o alvo e me disse: "Pai, sei que, se você se sentar com eles e lhes ensinar, eles vão ouvi-lo. Eles precisam saber o que você tem a dizer".

Trabalhando para o Ministério Amor e Respeito, Joy atua falando sobre a importância vital da sabedoria nos relacionamentos. Esse trabalho, disseminado

entre sua própria geração, alcança todos os Estados Unidos. O *site* <loveandrespectnow.com> fornece muitas doses da sabedoria de Joy. Recentemente, produzimos juntos uma série em vídeo chamada Illumination Project [Projeto Iluminação]. Como pai e filha, compartilhamos *insights* com jovens adultos, de idade entre 18 e 35 anos, sobre como pôr em prática a Conexão entre Amor e Respeito nos relacionamentos. Oramos para que nossa transparência, em favor da qual compartilhamos nossos defeitos e tudo o mais, possa ajudar outras pessoas.

**A VEZ DELES**

*Jonathan:* Como psicólogo clínico, costumo ouvir clientes relatarem ter recebido uma criação ruim, inadequada ou até mesmo voltada para o mal. Tudo isso me deixa muito triste e indignado. Em contrapartida, também ouço clientes expressarem a esperança e o desejo de agir diferente, de mudar o

legado que receberam. Querem conhecimento, ferramentas e sabedoria. Essa é uma das razões pelas quais apoiei meu pai na produção deste livro. As outras são mais pessoais.

Quando penso no que caracteriza bons pais, penso nos meus. Será que sou tendencioso? Sim. Mas eles criaram essa tendência positiva com base no amor e nos esforços que nos dedicaram. Eles eram perfeitos? Não, e sei que, à medida que eu crescia, houve momentos em que achei que estavam bem longe da perfeição. Contudo, tenho certeza de que minha tendenciosidade vai envelhecer e amadurecer, como um vinho caro, conforme os anos se passarem e minha esposa e eu criarmos nossa própria família, procurando beber da sabedoria deles.

Para terminar, devo dizer que meu pai tinha dúvidas quanto a escrever este livro em vista dos erros que notava em si mesmo. Qual foi minha resposta? "Que nada! Deixe isso para lá. Você e mamãe foram muito bons. Até mais: vocês queriam seguir a Cristo e fazer

o que parecia melhor. Sei que o livro influenciará outras pessoas. Escreva-o!". Endossei esta obra de todo o coração, com base nos esforços e na dedicação de meus pais a nós como filhos e no impacto que, acredito, este material terá sobre outras pessoas. Sendo mais específico, este livro é um reflexo da sabedoria e do discernimento de meu pai. Agradeço a ele e à minha mãe.

*David:* Creio que, para o meu pai, escrever este livro foi a empreitada mais difícil que ele já experimentou depois do câncer de mama de nossa mãe. Por dois anos, enquanto trabalhava neste material, seu nível de introspecção sobre os métodos de criação de filhos provocou grandes quantidades de dor e até de arrependimento. Tentou expor meticulosamente todas as lutas que ele e mamãe suportaram como pais, bem como seus erros e imperfeições.

Com frequência, enfrento dificuldades relacionadas à maneira como fui criado. A verdade é que tenho os melhores pais do mundo. Como isso é possível?

A leitura deste livro revelará os muitos erros que cometemos como filhos e como os pais cometem erros ainda maiores ao lidar com suas crias.

Meu pai escreveu este livro não porque intencione livrar a cara, mas porque está interessado na preservação dos relacionamentos entre pais e filhos.

*Joy:* Enquanto todo mundo busca uma fórmula para a família perfeita, a próxima geração de pais e mães, muitos dos quais são meus amigos e colegas, precisa conhecer, por meio das ideias e do texto de meu pai, este relato da experiência que ele teve com minha mãe. Você não apenas terá acesso a uma tonelada de sabedoria e dicas, como também ouvirá histórias sobre os erros de meus pais (não se preocupe, estou bem!). Minha esperança é que, nestas páginas, você se

veja livre como pai ou mãe, à medida que se esforça para não estragar demais seu filho. Lembre-se: não existe família perfeita, mas este livro lhe proporcionará algumas ferramentas imprescindíveis.

Como Jonathan, David e Joy mencionaram, escrevi sobre os altos e baixos da jornada que Sarah e eu trilhamos na criação de filhos. Tive o desejo de compartilhar incidentes desanimadores para deixar claro que:

- Não existe *família perfeita*; esse termo é quase um oximoro! Imaturidade, irresponsabilidade e impiedade são garantia de imperfeição.
- Há esperança para você; portanto, não desista. Anime-se ao ler nossas histórias. Classificamos muitos de nossos relatos negativos como *encorajamento* às avessas, de modo que você possa

enxergar o lado positivo naquilo que Deus está fazendo em sua família.

- Existe um plano para criar os filhos do jeito de Deus, mesmo que, em alguns momentos, nossos filhos busquem seguir os próprios caminhos. O segredo é seguir esse plano a todo custo. Quando o fizer, creio que será bem-sucedido aos olhos de Deus. Este livro é minha humilde tentativa de explicar esse plano.

# Introdução
# *A Conexão entre Amor e Respeito funciona na criação dos filhos?*

Todos nós já passamos por isso…

Estamos na fila do caixa do supermercado, lutando para tirar as compras do carrinho enquanto nosso filho de 5 anos (isto é, com idade suficiente para saber das coisas) tem um ataque de nervos porque dissemos que não lhe compraríamos uma barra de chocolate. Para piorar as coisas, já deitado no chão aos chutes e gritos, Júnior berra em volume suficiente para que o açougueiro cortando bifes no balcão do fundo do mercado possa ouvir: "Você não gosta de mim!".

Envergonhados, pegamos a criança no colo e dizemos alto e bom som em seu ouvido: “Rapazinho, você está sendo muito mal-educado. Levante-se e pare com isso. Agora!”. É claro que tal atitude apenas intensifica os gritos do garoto e, na hora em que sairmos pela porta da frente, estaremos totalmente constrangidos, derrotados e desanimados… de novo.

O que realmente está acontecendo nesse caso, além do fato de Júnior não ter conseguido o que queria? Por que as coisas saem do controle tão depressa?

O mesmo acontece quando Kelli faz 18 anos e quer a chave do carro, mas papai e mamãe dizem: “Esta noite não, Kelli. Sinto muito”. A moça retruca, dizendo algo como: “Não acredito nisso! Vocês não se importam comigo. Preciso do carro! Vocês disseram que eu podia dirigir! Esta família me odeia!”.

Tais expressões sobre não ser amado, não receber a atenção dos pais ou mesmo ser alvo do ódio dos familiares têm sido usadas por filhos e filhas desde o início dos tempos. Nossa prole parece ter nascido

com a habilidade de nos manipular quando não consegue o que quer, mas será que as reclamações são sempre manipulação? E se uma criança realmente não se sentir amada? Às vezes é difícil separar as coisas.

Todavia, situações como as que descrevemos levam papai e mamãe a pensar por que o filho não aceita um "não" razoável como resposta. Em momentos assim, os pais se sentem desconsiderados e desrespeitados. Por que isso acontece tantas e tantas vezes?

Quero apresentar-lhe uma estratégia para criar seus filhos, seja qual for a idade deles. A fim de ajudá-lo a elaborar essa estratégia, seguem dois princípios básicos a serem compreendidos e aplicados a todas as idades e estágios:

1. Os filhos precisam de amor.
2. Os pais precisam de respeito.

O relacionamento entre pais e filhos é tão fácil, e tão difícil, quanto amar e respeitar.

Ao se ver frustrado diante de uma criança que não obedece, o pai não declara: "Você não me ama!". Em vez disso, conclui: "Você está sendo desrespeitoso". Pai e mãe precisam sentir-se respeitados, especialmente durante os conflitos. Quando chateado, o filho não resmunga: "Você não me respeita". Em vez disso, fecha a cara e diz: "Você não me ama". O filho precisa sentir-se amado, especialmente durante as discussões.

A boa notícia é que, quando se sentem amados, os filhos são motivados a reagir positivamente a seus pais, enquanto estes, sentindo-se respeitados, são energizados a ter uma afeição amorosa por seus filhos. Se essas necessidades são satisfeitas, coisas boas acontecem na família.

É claro, porém, que o oposto acontece com muita frequência. Um filho não amado reage negativamente, de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai. O pai que se sente desrespeitado reage negativamente, de uma forma que parece

desamorosa ao filho. Podemos dizer que toda ação negativa na família implica uma reação negativa igual e oposta. Essa dinâmica dá origem ao Ciclo Insano da Família: sem amor, o filho reage sem respeito; sem respeito, o pai reage sem amor.

A Bíblia aborda essa necessidade de amor sentida pelo filho e a necessidade de respeito experimentada pelos pais? Sim.

Os pais desejam o respeito que as Escrituras afirmam claramente lhes ser devido, e precisam dele. "Honra teu pai e tua mãe" (Êx 20.12) é uma das muitas passagens em que os filhos são instruídos a honrar e respeitar seus pais. E os filhos desejam o amor e a compreensão que as Escrituras ensinam que os pais devem lhes dar, e precisam deles. Tito 2.4, Efésios 6.4 e Colossenses 3.21 são apenas alguns exemplos em que as responsabilidades dos pais são mencionadas e descritas.

Ao pesquisar as Escrituras, encontrei algo que serviria bem a muitos pais, algo que até mesmo

revolucionaria o relacionamento entre pais e filhos. Mas uma coisa é ter uma teoria teológica; outra bem diferente é fazê-la funcionar, especialmente na severa provação diária que é a criação de filhos. Como todo pai e toda mãe sabem, filhos — de crianças de colo a adolescentes — nem sempre são respeitosos ou honrosos, e nem sempre é fácil ser amoroso diante do filho que se mostra desrespeitoso. O desafio evidente é: como mostrar amor a um filho em idade pré-escolar, sobretudo quando ele resolve dar chilique bem no meio da fila do caixa do supermercado, fazendo que nos sintamos humilhados e desrespeitados? Ou, ainda, como um pai lida com a filha adolescente que grita: "Você é o pior pai do mundo" enquanto faz um drama digno de peça da Broadway?

Enquanto criávamos três filhos, Sarah e eu passamos por isso muitas vezes. Lembro-me bem como é vencer uma batalha mas, ao mesmo tempo, perceber que poderia estar perdendo a guerra. Como pais,

Sarah e eu não somos perfeitos. Veja a história a seguir, narrada por ela.

Certo dia, enquanto eu conversava com Jonathan, meu filho mais velho, ele disse: "Mamãe, você queria uma família perfeita e não conseguiu!". Fiquei surpresa. Eu nunca dissera isso, mas obviamente havia comunicado aquela verdade de modo não verbal. Tendo crescido num lar disfuncional e determinado a fazer as coisas de modo diferente, percebi, naquele momento, que desejava algo impossível de obter. Mais tarde, lágrimas me encheram os olhos quando, sozinha, refleti sobre as palavras de meu filho. Era comum eu pedir a Deus que compensasse meus erros, mas, em contrapartida, será que não estava pedindo que ele me desse filhos perfeitos? Como você lerá neste livro, não somos pais perfeitos, nossos filhos não são perfeitos e não existe família perfeita! Anime-se... Estamos todos no mesmo barco!

Durante a fase de pesquisa para a elaboração deste livro, procurei em toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, passagens pertinentes à criação de filhos… e encontrei muitas. Compartilho esses textos com você e dou muitas ilustrações pessoais — coisas

que aprendi com meus erros e acertos. E eu lhes garanto que meus filhos adultos, hoje na casa dos trinta anos, assinaram embaixo de tudo que compartilho aqui: as partes boas, as ruins e as feias!

Sendo assim, qual é a estratégia?

Este livro trata do poder transformador do amor e do respeito entre pais e filhos.

Você aprenderá a:

- Perceber que o amor e o respeito são necessidades básicas da família.
- Interromper o Ciclo Insano da Família.
- Criar filhos com base em seis parâmetros bíblicos, resumidos no acrônimo C-U-I-D-A-R, que vão energizar seus filhos.
- Disciplinar o desacato e ignorar a infantilidade.
- Ser a pessoa madura da relação, uma vez que criar filhos é tarefa reservada apenas a adultos.
- Trabalhar em equipe, levando em conta o gênero da criança.

- Ser amoroso aos olhos de Deus, seja qual for a reação de seu filho.

Criar filhos é um empreendimento de fé. À medida que os criamos "para Cristo", sabemos que "o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar" (Ef 6.8).

Talvez você seja como muitos pais com quem tenho conversado, que se sentem derrotados e prontos para desistir. Escrevi este livro para ajudar você a aguentar firme. Se seus filhos são pequenos, ainda há muito pela frente; se são adolescentes, você ainda tem bastante tempo para melhorar seu relacionamento. E, se já são crescidos, estas verdades são atemporais, uma vez que a condição de pai e mãe é permanente.

A Conexão entre Amor e Respeito pode, e de fato irá, funcionar na família. Deixe-me mostrar por que… e como.

PARTE

# 1

# O Ciclo Insano da Família



Como pai, notei algumas coisas interessantes nas Escrituras. Por um lado, vi o mandamento dado aos filhos para que *honrem* pai e mãe. Por outro, porém, não existe um mandamento para que eles *amem* pai e mãe.

De maneira similar, vi que os pais não recebem ordem para *honrar* seus filhos, mas são ordenados a *amá-los* (cf. Tt 2.4). O "amor" citado nessa passagem é *phileo*, o amor fraternal, mas não há mandamento para que os pais devotem aos filhos o amor *ágape*, isto é, o amor incondicional de Deus.

Concluí que Deus colocou o amor ágape no coração dos pais em benefício do filho.[1] Contudo, embora esse amor seja naturalmente do tipo ágape, o pai, quando está frustrado ou irado, pode parecer não amigável e, então, o filho pode não se sentir amado.

Assim, o filho reage negativamente, de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai.

Lá está ele: o Ciclo Insano da Família! Quando não se sentem amados, os filhos tendem a reagir de uma maneira que parece desrespeitosa ao pai. E, quando se sentem desrespeitados, os pais tendem a reagir de uma maneira que parece desamorosa ao filho. E o ciclo vai se repetindo, continuamente, às vezes o dia inteiro… a não ser que algo seja feito para interrompê-lo.

Nos três primeiros capítulos, aprenderemos como perceber ocasiões que promovem o Ciclo Insano da Família. E, possivelmente o mais importante: compartilharei algumas estratégias para neutralizar tais situações antes que elas se tornem um giro completo para dentro da insanidade.

# todos seríamos ótimos pais!

1

Era um dia quente durante o verão de 1986. Voltávamos para casa em nossa *van*, ao final de um período de férias refrescantes e agradáveis. Tudo se mostrava calmo enquanto nos deleitávamos na alegria de poder estar juntos — até os últimos trezentos quilômetros. De repente, Jonathan (10 anos), Davi (8 anos) e Joy (4 anos) começaram a discutir sobre isto e aquilo e, a despeito de nossos pedidos do tipo "Parem já com isso", as batalhas verbais continuaram até que estacionamos em um parque para fazer um lanche. Nossa esperança era que a disputa acabasse, mas aparentemente isso não iria acontecer. Jonathan continuou a perturbar Joy, e David simplesmente resmungava com os dois. Finalmente, quando os decibéis e a tensão alcançaram níveis elevados demais, Sarah se cansou. Levantou da mesa de piquenique e

anunciou: “Eu desisto!”. Então, simplesmente saiu e foi até outra mesa para ficar sozinha. Naquele instante, cerquei as crianças e as levei ao banheiro.

Ainda sentada, Sarah notou um grupo de motoqueiros que havia parado para descansar à sombra e beber um pouco. Ela viu aquelas pessoas com tatuagens, coturnos e coletes *jeans* subirem em suas motos, ligarem os motores e então saírem rapidamente. Naquele momento, ela pensou: “E se eu simplesmente dirigisse rumo ao pôr do sol e deixasse esse fardo da criação de filhos para trás?”. Sarah não queria de fato abandonar a família, mas sentia-se tão desanimada em sua condição de mãe que chegou àquele pensamento fugaz e irracional — e aquilo a assustou.

Voltei com as crianças, coloquei-as na *van* e fui até Sarah; então, ela começou a compartilhar seus sentimentos. Em resumo, ela havia chegado ao limite. Olhando para longe, permanecemos em silêncio por um tempo que pareceu uma eternidade (durou

provavelmente cerca de um minuto). Era hora de o homem da família falar. Eu queria tentar aliviar a situação com um pouco de humor e dizer algo do tipo: "Nem ouse ir embora sozinha! Me leve com você!". Mas a expressão no rosto de Sarah me impediu de fazer isso. Quietos e extenuados, voltamos para o carro. Pude ver que ela estava realmente ferida no fundo da alma. Com os ombros caídos e lágrimas nos olhos, disse: "Simplesmente não está funcionando. Me sinto um enorme fracasso".

Tentei dizer algumas palavras de conforto, mas ela estava entorpecida. Naquele momento, minha esposa se sentia completamente derrotada; e, verdade seja dita, eu também experimentava algo muito parecido.

Recentemente, conversamos sobre aquele episódio e Sarah confessou: "Com exceção de você, nunca mencionei essa história a nenhum de meus amigos até pouco tempo atrás. Sentia-me culpada demais por ter chegado ao extremo de cogitar desistir".

Tenho certeza de que você tem histórias semelhantes a essa do Ciclo Insano da Família Eggerichs. Lembro-me de uma jovem mãe que compareceu a uma palestra sobre o Ciclo Insano da Família. No final, essa jovem veio até a frente e me disse que naquele dia as coisas haviam ficado realmente insanas com seus três filhos e que, no meio de toda a confusão, ela perguntara ao filho de 9 anos, um dos principais transgressores: "Você quer conhecer Jesus?". Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou: "Porque, se você não parar com isso, você *vai vê-lo* agora mesmo!".

É claro que aquela mãe não estava planejando nada drástico, mas ela se via no limite do limite e precisava dizer algo que deixasse isso claro, assim como Sarah se sentira durante a fração de segundo em que cogitou montar em uma Harley-Davidson e deixar a família na poeira. Todos nós sabemos como é esse sentimento. Se as crianças cooperassem, tudo seria muito fácil. Mas todo pai e toda mãe sabem que as

coisas não são assim tão simples. Com muita frequência, os pais não conseguem imaginar o que de fato está acontecendo quando um filho se comporta mal, e parece que, não importa o que façam, tudo faz a criança se comportar ainda pior.

Sendo assim, qual é minha sugestão? Primeiro, seja o que for — uma disputa grande ou pequena, uma explosão dramática ou talvez uma choradeira que simplesmente não cessa —, não tenha medo de admitir: "O Ciclo Insano da Família está começando a girar".

Preste atenção no diagrama do Ciclo Insano da Família apresentado no início da Parte 1: sem amor (ou sem aquilo que entende por amor), seu filho reage negativamente. Quando ele não coopera ou se comporta mal, você se sente desrespeitado. Com isso, você pode (e em geral é o que acontece) reagir negativamente, de uma maneira que parece ainda mais desamorosa ao seu filho. Então, é natural que ele reaja piorando o comportamento desagradável: o

choro manhoso, a demora em executar alguma coisa… enfim, tudo que puder fazer para que você saiba que ele não está se sentindo amado — e isso vai piorando cada vez mais.

Em relação àquela nossa viagem de férias, não creio que as crianças não estivessem se sentindo amadas; elas estavam simplesmente sendo crianças que haviam ficado presas dentro de um carro por tempo demais. Eram irmãos em um conflito típico: Jonathan queria ler seu livro, Joy queria a atenção de Jonathan, Jonathan ficou irritado porque Joy não o deixava em paz. David se aborreceu porque estava tentando desenhar, mas Joy batera no cotovelo dele e estragara o desenho.

O problema foi que eles não responderam a nossos insistentes esforços de fazê-los parar. Sarah e eu nos sentimos desrespeitados e não tínhamos muita certeza de como lidar com a situação. Quando as crianças não dão ouvidos aos pais, eles se sentem desrespeitados.

Desde aquela viagem, descobrimos que existem três perguntas a fazer quando o Ciclo Insano da Família começa a rodar:

1. Meu filho não está se sentindo amado?
2. Estou me sentindo desrespeitado?
3. Como poderei criar meus filhos do jeito de Deus, aconteça o que acontecer?

Nesta seção sobre o Ciclo Insano da Família, analisaremos as duas primeiras perguntas. A terceira e importantíssima pergunta será avaliada nas Partes 2, "O Ciclo Energético da Família", e 3, "O Ciclo Recompensador da Família". Sendo assim, vamos escavar um pouco mais fundo a fim de investigar quando e por que um filho pode deixar de sentir-se amado e quanto e por que vocês, pais e mães amorosos, podem sentir-se desrespeitados.

Em relação à primeira pergunta, "Meu filho não está se sentindo amado?", quero enfatizar que, em muitos casos, a criança não necessariamente sente falta de

amor. É possível que ela esteja agindo mal por irresponsabilidade ou egoísmo infantil, ou mesmo por pura provocação. Ela está infeliz por não conseguir o que quer e age com o intuito de que você saiba disso. Em contrapartida, há momentos em que, do ponto de vista do filho, falta um pouco de amor ou pelo menos alguma atenção. Ele pode estar demonstrando isso de maneira infantil e atrapalhada, mas tudo que ele quer é amor. Você é a principal fonte de amor dele. Ele precisa desse amor e, de uma forma ou de outra, o buscará.

Deixe-me ilustrar. Um dia, quando tinha quase 5 anos, Joy estava choramingando, afirmando que agia daquele jeito por estar doente. Queria que me deitasse com ela e, embora eu tivesse de trabalhar na preparação de um sermão, deixei a irritação de lado e decidi atendê-la, pelo menos por alguns minutos. Enquanto estávamos deitados ali, ela disse:

— Me dá um abraço.

Eu respondi:

— Então é isso o que você quer. Você só precisa de um pouco de amor.

Nunca vou me esquecer da resposta que ela deu:

— É claro que sim, e você devia saber disso.

Dei-lhe um abraço — vários, na verdade — e ela foi instantaneamente "curada". Alguns minutos depois, e bem feliz, saiu correndo para brincar.

Naquele dia, aprendi uma coisa que me ajudou em muitas outras ocasiões enquanto criava Joy e seus dois irmãos, David e Jonathan. Aprendi a importância de fazer a primeira pergunta: "Meu filho não está se sentindo amado?". Mas também comecei a compreender outra pergunta que se formava em minha alma durante aqueles primeiros anos: "Estou me sentindo desrespeitado?". Era comum eu me sentir afrontado, mas não estava seguro da legitimidade de tais sentimentos, já que eu deveria ser o adulto maduro. Fiquei pensando se não estava sendo simplesmente egoísta e melindroso. Talvez as crianças estivessem apenas agindo como crianças, e

eu, por minha vez, estivesse concentrado demais em mim mesmo, além de estar sendo muito sensível.

Naquela primeira volta do Ciclo Insano da Família, quando o filho age de maneira não muito positiva, devemos evitar o reflexo condicionado que nos leva a pensar: "Esta criança não está agindo de maneira respeitosa. As crianças devem obedecer a seus pais. Preciso dar um basta nisso!". Os pais sabem instintivamente que os filhos devem respeitá-los. A maioria de nós conhece o quinto mandamento: "Honra teu pai e tua mãe" (Êx 20.12). O apóstolo Paulo fez eco ao mandamento de Deus em Efésios 6.1-2, quando escreveu: "Filhos, obedeçam a seus pais […]. 'Honra teu pai e tua mãe'".

Com todo esse aparato bíblico em defesa da autoridade parental, podemos nos sentir pressionados a garantir que nossos filhos sejam obedientes, e então reagimos de maneira severa demais ou ficamos frustrados e irritados. Esse é um exemplo de como os pais podem dar início ao Ciclo Insano da Família em

razão de uma reação exagerada ao fato de as crianças simplesmente agirem como crianças. Nossa rigidez e negatividade são percebidas como falta de amor por parte delas, que, então, se sentem julgadas injustamente; agora, entramos no Ciclo Insano da Família.

Assim que você admitir para si mesmo: "Sim, sinto-me desrespeitado", poderá perguntar-se: "*Devo* me sentir desrespeitado?". Essa é uma pergunta crucial a que você deve responder apenas depois de muita reflexão. Todo pai e toda mãe devem evitar ofender-se com uma criança que não tem intenções desrespeitosas. Irresponsabilidade não é o mesmo que desrespeito. É claro que não vou negar que ações irresponsáveis podem parecer desrespeitosas. Por exemplo: você instrui seu filho a ser cuidadoso com a caneca de leite, mas, por alguma razão, o pequeno cotovelo do garoto derruba o copo. É um momento crítico. Você pode se sentir desrespeitado. "Por que a criança não foi mais cuidadosa?" Mas esse é o

momento certo para repetir o velho ditado: “Não chore pelo leite derramado”. Sim, a criança fez uma bagunça, mas crianças sempre serão crianças. Às vezes irresponsáveis, sim, mas não confunda isso com desrespeito.

“Mas você não faz ideia de quantas vezes ao dia eu preciso limpar leite derramado!” Sim, faço. Sarah e eu criamos três filhos, e todos tinham um talento especial para derramar leite. Reagimos de maneira perfeita todas as vezes? Não. De fato, Sarah se lembra de sua oração recorrente: “Senhor, ajuda-me a reagir com sensatez”.

Aliás, assim como a criança pode reagir por pura infantilidade, e não porque não esteja se sentindo amada, há ocasiões em que pais e mães costumam reagir por impaciência, frustração ou pura exaustão. Limpar mais uma vez a bagunça gerada pelo leite derramado pode nos levar ao limite. Naquele instante, talvez não nos sintamos desrespeitados, mas ainda assim agimos de maneira negativa. O importante é

lembrar que, quer nos sintamos desrespeitados, quer estejamos simplesmente cansados de limpar o leite derramado, nossas reações ásperas são vistas por nossos filhos como falta de amor… e, assim, fazemos girar o Ciclo Insano da Família.

Em tais momentos, precisamos fazer esta simples oração: "Senhor, ajuda-me a reagir com sensatez". Nossas reações refletem nossa natureza pecaminosa, mas o coração se acalma quando pedimos a ajuda de Deus. Como pais, precisamos mostrar compaixão semelhante à que o salmista descreveu ao comparar a compaixão do Senhor com aquela que um pai precisa ter com seus filhos (cf. Sl 103.13). O Senhor é nosso modelo de como mostrar compaixão.

Se você assistiu ao filme *Hook: A volta do Capitão Gancho*, talvez se lembre da cena em que Peter Banning (representado por Robin Williams) está em um avião com seu filho Jack e fica frustrado ao vê-lo irritando todo mundo ao redor. Finalmente, Peter diz:

— Mas que #$%*& há com você? Quando vai parar de agir como uma criança?

— Mas eu *sou* uma criança — responde Jack, ao que o pai devolve:

— Então cresça!

Embora a cena seja supostamente engraçada, não é um bom exemplo de como criar bem um filho. Tive um pai que era mais ou menos como o personagem de Robin Williams e sei, por experiência, como uma criança pode ser provocada e irritada — e, por causa do comportamento desamoroso dos pais, sentir-se depreciada.

Uma dessas ocasiões ainda está bem viva em minha mente. Quando eu tinha mais ou menos 3 anos, vi meu pai tentando estrangular minha mãe. Corri até ele e comecei a golpeá-lo com meus pequenos punhos. Ele me bateu na cabeça e eu caí sentado, chorando. Ele largou mamãe e, mais tarde, ela também chorou. Esse episódio, assim como outros,

costumavam me levar a perguntar a mim mesmo, ainda pequeno: “Meu pai me ama?”.

Muitas vezes, com meu pai continuando a reagir comigo de maneiras que eu considerava desamorosas, fui desrespeitoso. Não entendia toda a dinâmica do que estava acontecendo, mas de fato desejava fazer meu pai enxergar que eu carecia de seu amor tranquilizador. Isso raramente aconteceu. Durante minha infância, meu pai me deixava desnorteado e eu me sentia rejeitado.

Ainda pequeno, eu sentia que nunca conseguia fazer nada certo. Quando tentava ajudá-lo com algum projeto em casa e falhava, isso o deixava extremamente incomodado. Ainda posso ouvir suas palavras soando em meus ouvidos: “Você é um inútil! Se eu quiser que alguma coisa seja feita, tenho de fazê-la eu mesmo!”.

Não é surpresa que eu tenha molhado minha cama até os 11 anos de idade, e eu teria me fechado completamente para ele se minha mãe não tivesse

entrado em cena. Quando eu a procurava com minha mágoa, minha frustração e raiva, ela costumava dizer: "Bem, seu pai não sabe como ser pai porque, quando ele tinha 3 anos, o pai dele morreu. Ele cresceu sem pai e, por isso, não sabe como ser um".

De algum modo, essa resposta pareceu me ajudar a atravessar a infância; mas, quando entrei na adolescência, minha mãe pôde ver claramente que minha vida em casa com meu pai estava prejudicando meu desenvolvimento. Ela procurou um jeito de me enviar para uma escola militar. Meu pai não protestou (presumo que agiu assim porque previa muitas discussões comigo na fase da adolescência). Então, dos 13 aos 18, frequentei a escola militar e, aos 16, depositei minha fé em Cristo como meu Senhor e Salvador, recebendo-o em meu coração. Passei a entender e a acreditar que "Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam" (Rm 8.28).

Em razão de minhas próprias feridas, sou capaz de entender as lutas e as necessidades internas de um

filho que não se sente amado. Minha mãe era bastante amorosa, e isso fez toda a diferença para mim quando criança, mas, por causa do modo como meu pai me tratava, posso me identificar com os muitos filhos que não se sentem compreendidos nem amados e que nunca quiseram de fato ser desrespeitosos.

Infelizmente, nem sempre, como pai, coloquei em prática essa empatia. Para ilustrar isso, vamos avançar no tempo, até o dia em que eu, já pastor, falei em um acampamento cristão de verão. Estava prestes a proferir a mensagem da noite quando meu filho David, que tinha cerca de 10 anos, começou a se comportar mal porque queria fazer algo para o que não tínhamos tempo naquele instante. Lembro-me claramente de ter pensado: "Essa criança está me desafiando de propósito. Está sendo desrespeitosa em retaliação por não conseguir o que quer".

Levei David até o carro, onde esperava convencê-lo com argumentos lógicos. Ele se sentou no banco de trás, e eu me sentei no da frente. Tentei fazê-lo falar,

mas só obtive silêncio frio, o que fez que me sentisse ainda mais desrespeitado. Finalmente, irritado, gritei com ele a fim de fazê-lo parar com aquela afronta, mas aquilo apenas o deixou ainda mais convencido de que eu era injusto e agia de maneira desamorosa. David olhava para fora, pela janela, sem manifestar qualquer remorso ou pedido de desculpa, apenas silêncio, o que nos deixou em um beco sem saída. Eu pregaria dali a alguns minutos, de modo que levei David até o auditório, onde me dirigi à plateia da melhor maneira que pude, sentindo-me um completo hipócrita pelo modo horrível como criava meus filhos. O que é fascinante nesse episódio é que, embora eu me lembre dele vividamente, David não se lembra de nada disso e não acredita que isso o tenha prejudicado. Parece que nossos filhos nem sempre retêm muito daquilo que, por culpa, desencavamos de nossas lembranças, mas o que eles de fato relembram como injusto ou ferino, nós não lembramos de modo algum. Bem-vindo à criação de filhos!

Agora, enquanto reflito sobre aquela cena em que explodi com David, não me parece que o que ele sentia era falta de amor. Talvez só quisesse passar um tempo comigo e se via ignorado. Se eu tivesse abordado a situação com essa compreensão, será que aquele conflito teria sido evitado? Difícil dizer. David poderia ter reagido com teimosia, especialmente naquela idade. Mas uma coisa é certa: minha explosão de raiva, acusando-o de ser desrespeitoso, não o ajudou a abrir o coração para mim.

Compartilharei aqui muitos outros incidentes em que minha esposa e eu erradamente causamos constrangimento aos nossos filhos por coisas que, na época, consideramos desrespeitosas. Enquanto Sarah e eu discutíamos essas situações do passado, ela observou: "Fico pensando que, por vezes, poderíamos ter pegado mais leve e tentado decodificar a situação. De fato, lembro que, com muita frequência, eu imediatamente reagia de maneira brusca. Não esperávamos para pensar primeiro e responder mais

tarde. Não esperávamos alguns minutinhos para organizar as ideias e acalmar as emoções".

Concordo. Acho que, às vezes, nós atirávamos, então apontávamos e depois nos preparávamos. Na maior parte do tempo, éramos muito impulsivos. Lembro-me de ter dito: "Deveríamos lidar com essas situações mais do jeito de minha mãe. Ela ficava quieta e pensativa antes de falar ou agir".

Naquela noite no acampamento com David, eu poderia tê-lo decodificado melhor, mas na época não sabia o que sei hoje. O que tive de aprender, por tentativa e erro, é que a criação dos filhos é apenas para adultos. Como pais, precisamos decodificar a criança e fazer o primeiro movimento. Decodificar é uma arte e, no capítulo 2, vamos escavar um pouco mais fundo sobre como fazer isso.

# da Família, passo 1: *Decodifique*

Quando tinha seus vinte e poucos anos, meu filho David foi juiz da liga infantil de beisebol. Um dia, o pai de um dos jogadores apareceu bêbado em pleno campo. O filho dele, de 8 anos, procurava uma lente de óculos que perdera ali. Enquanto caminhava em direção ao campo, o pai começou a gritar com o menino por ter perdido a lente.

David pediu tempo no jogo e foi até o meio do campo, acompanhado de outras pessoas, para procurar o objeto. Contudo, o pai continuava a gritar ameaças e obscenidades ao filho. Então, fechou o punho e atingiu o menino no rosto. O garoto caiu. E o pai, ainda no estupor da bebida, virou-se e saiu cambaleando antes que alguém tivesse tempo de confrontá-lo.

O rapazinho ficou ali, atordoado. Então, sentou-se, lutando para conter as lágrimas. Estava determinado a não chorar. Imediatamente, David foi até ele e o abraçou, dizendo gentilmente: "Não se preocupe. Você não perdeu a lente de propósito. Nós vamos encontrá-la. Tudo vai ficar bem". O menino desatou a chorar.

Fiquei com o coração partido quando David me relatou isso, e ainda sinto o mesmo todas as vezes que conto essa história. No instante em que David o tocou, o menino começou a chorar. Seu jovem espírito respondeu ao amor.

Você lembra como é ter 8 anos? Naquele momento, o menino estava confuso. Reconhecia que não era bom perder a lente dos óculos. Sabia que não o fizera de propósito, mas nessa idade não se consegue compreender claramente esse tipo de coisa. Afinal, ele devia ter feito alguma coisa errada para que o pai ficasse tão aborrecido. Ele não tinha ideia de como os outros se sentiam. Até onde sabia, as pessoas

pensavam igual a seu pai. Ah, quanta insegurança aquele menino deve ter sentido!

## UM ESPÍRITO OPRIMIDO É UM ESPÍRITO DEPRIMIDO

Você pode perguntar: "Mas o que essa triste história tem a ver com a decodificação, isto é, a primeira tarefa dos pais para permanecer fora do Ciclo Insano da Família?". É certo que o pai bêbado não estava em condições de decodificar qualquer coisa ou pessoa. Mas eu uso esse episódio como exemplo para enfatizar quão intensamente os filhos precisam de nosso amor e como devemos sempre buscar decodificá-los e também decifrar a situação, ainda que nos sintamos desrespeitados. A primeira pergunta em qualquer situação deve ser: "O que está acontecendo? Qual é o problema?". O problema aparente foi a perda da lente dos óculos da criança, mas o fato de o pai ter ralhado com o filho e depois batido nele tornou a questão evidente: o menino vivia a opressão do sentimento que afirmava: "Meu pai não me ama".

Assustado e culpado por ter perdido a lente dos óculos, o menino foi atingido por uma dor ainda maior: a de um espírito deprimido pelos gritos e um coração partido pelo soco que levara. Ele fora criado por Deus para ser amado, mas ninguém o amava — era assim que se sentia. Fora planejado para ser valorizado e tratado como alguém digno. Assim, o garoto conteve as lágrimas. Se chorasse, as coisas poderiam piorar. Todo mundo poderia se voltar contra ele. Sentia-se sozinho e assustado. Queria alguém que pudesse confortá-lo.

Então, uma mão lhe foi colocada sobre o ombro e um braço o envolveu. Ouviu a voz suave de um adulto: "Não se preocupe. Você não perdeu a lente de propósito. Nós vamos encontrá-la. Tudo vai ficar bem". O menino desatou a chorar. Aquilo era amor. Aquilo era respeito. Todo espírito humano anseia por amor e respeito e clama: "Alguém me ama? Sou importante para alguém?".

O autor de Provérbios destacou que "a alegria do coração transparece no rosto, mas o coração angustiado oprime o espírito" (Pv 15.13) e também fez uma pergunta tocante: "O espírito deprimido, quem o levantará?" (Pv 18.14).

A história do pequeno e maltratado jogador de beisebol apresenta uma tragédia extrema e cruel que consideramos difícil de imaginar. Eu a conto não por julgar que você tenha qualquer semelhança com aquele pai, mas porque o menino serve de lembrete sobre quão terno, vulnerável e precioso é o espírito de uma criança.

Não se pode ignorar a gravidade da situação de uma criança de espírito oprimido e desolado. Em Colossenses 3.21 o apóstolo Paulo adverte: "Pais, não irritem seus filhos". Por quê? "Para que eles não desanimem." O verbo "desanimar" é especialmente significativo,[1] pois descreve com precisão o que ocorre quando o espírito de uma criança é oprimido. O desânimo se revela nos ombros caídos, no

semblante abatido, na expressão facial que diz: “Qual o propósito disso tudo?”.

Não é preciso atacar uma criança para oprimi-la. É possível fazer isso com palavras duras, olhares severos ou mesmo admoestações bem-intencionadas, do tipo “Por que você não tem notas melhores, como sua irmã?”. Devemos sempre nos resguardar de ficar irados ou irritados a ponto de fazer murchar o espírito de nossos filhos — ou seja, desanimá-los. Eles podem sentir-se perplexos, confusos em relação à maneira de nos agradar. Quando se veem com o espírito esmagado, acabam se fechando para nós. Quando desanimam, perdemos o vínculo com seu coração afetuoso.

### MINHA MÃE ACHAVA QUE EU ESTAVA IRRITADO O SUFICIENTE PARA MATAR MEU PAI

Um espírito oprimido, porém, não é o único perigo. Outra manifestação de um filho que não se sente amado é a ira. Algumas crianças não murcham com

tanta frequência quanto explodem. Elas revidam como se sua sobrevivência emocional dependesse disso. Como Paulo afirmou, alguns filhos podem ser provocados à ira (cf. Ef 6.4, RC), e lembro-me de diversas ocasiões em que meu pai me deixou irado. Hoje, olhando em retrospecto, tenho certeza de que não foi sua intenção. Na verdade, era um homem de boa vontade, mas tinha um temperamento volátil — e eu conseguia irritá-lo.

Um episódio merece destaque. Certa vez, entrei na cozinha, onde minha mãe estava trabalhando, peguei uma enorme faca de açougueiro da gaveta e disse a ela que ia matar meu pai, que estava na outra sala. Embora estivesse fazendo toda a cena de um machão, na verdade eu blefava. Estava irritado, mas não pretendia matá-lo.

Mamãe, é claro, não tinha como saber e entrou em pânico. Nunca a tinha visto tão fora de si, e seu olhar traumatizado me assustou. Percebi que mais um

pouco eu a empurraria do penhasco emocional. Quando ela exigiu que lhe entregasse a faca, consenti.

Lembro-me que meus pais nunca falaram comigo sobre o episódio — presumo que ela nunca o tenha mencionado a meu pai. Também não perguntou: "Filho, o que está sentindo? Acha que não nos importamos com você? Fale conosco". Fico pensando no que teria acontecido se meu pai tivesse percebido minha atitude extrema e dito algo como: "Posso ver que está triste comigo. Vamos conversar sobre como magoei e irritei você. Preciso buscar seu perdão". Enquanto repasso essa cena na mente, não consigo lembrar qual foi o problema que me levou à ira, mas aquilo se tornou O Problema: não me senti amado e mostrei desrespeito. O silêncio de meu pai apenas reforçou a ideia de que o que eu sentia realmente não importava.

Tanto o espírito oprimido do filho em Colossenses 3.21 quanto o espírito irado do filho em Efésios 6.4 são alvos de atenção,[2] mas, dos dois casos, o que

envolve ira pode ter resultados mais trágicos. Filhos não amados podem apresentar um espírito inflamado, queimando de ira, ou podem esconder sua revolta e deixar que ela se condense no fundo de seu ser, transformando-se em algo que explodirá quando eles forem levados ao limite. Não raro, os noticiários trazem histórias sobre alguém — normalmente um adolescente — que leva uma arma para a escola e abre fogo, matando aleatoriamente colegas de classe e professores. A maioria dos filhos irados não chega a esse extremo, mas o potencial está sempre presente. Os pais não são diretamente responsáveis por tal carnificina. Como veremos na Parte 3, os filhos podem fazer as próprias escolhas a despeito da influência dos pais. Todavia, o apóstolo Paulo adverte claramente: "Pais, não irritem seus filhos" (Ef 6.4). Como pais, devemos atentar para esse conselho. Embora não sejamos responsáveis pelos pecados de nossos filhos (cf. Ez 18.1-3,20), as Escrituras também ensinam que os pecados dos pais podem afetar uma

família até a terceira e a quarta gerações (cf. Êx 20.5). O modo como criamos os filhos é importante e pode ter repercussões de curto e longo prazo.

## TUDO BEM, VAMOS RELAXAR UM POUCO

Agora que todos estamos assustados diante da ideia de destruir emocionalmente um filho, mandando-o direto para a prisão — e dali para o inferno —, vamos respirar fundo e relaxar. (A boa notícia, como minha mãe costumava dizer, é que na prisão ele pode ler a Bíblia, enquanto na escola não!)

Incidentes que podem desanimar ou provocar nossos filhos acontecem o tempo todo. Os filhos acabam se sentindo carentes de amor e nós acabamos nos sentindo desrespeitados e verdadeiros fracassados por novamente estragar tudo. Para nossa decepção, um problema pequeno parece se transformar em algo muito maior. Quando o Ciclo Insano da Família começa a girar, o incidente — qualquer coisa sobre a qual vocês discordem — está em vias de transformar-

se “no problema”. Lembre-se: o primeiro passo para decodificar é *discernir* o que está acontecendo em dois níveis:

1. O que está se passando no coração do meu filho?
2. O que está se passando no meu coração, de verdade?

Quando o espírito de um filho é oprimido ou explode, o pai deve se perguntar: “Meu filho não está se sentindo amado?”. Quando o espírito do pai é oprimido ou explode, esse pai deve se questionar: “Estou me sentindo desrespeitado?”.

Se o comportamento de um filho tem irritado ou perturbado o pai de alguma forma, este deve tentar dar um passo para trás, analisar a situação e perguntar a si mesmo: “Por que isso me chateia e por que meu filho está chateado? Por que um problema aparentemente simples se transformou em uma questão muito maior?”. Isso pode começar com o filho fazendo bagunça, recusando-se a ir para a cama

ou deitando-se mais tarde do que o horário combinado, mas logo se transforma em outra coisa que bate fundo no coração do filho, do pai ou de ambos.

## EXEMPLOS DE COMO DISCERNIR ENQUANTO DECODIFICA

Quando uma questão se torna O Problema, é fundamental entender que, em geral, uma coisa está se passando no espírito do filho e outra completamente diferente no espírito do pai. Mas o resumo é este: o filho não se sente amado e o pai se sente desrespeitado. Vamos analisar três cenários diferentes para praticar o discernimento de como um problema passa a ser O Problema.

Ao ser informada de que deve parar de brincar a fim de tirar uma soneca, a menina de 4 anos se consome em um ataque de ira, corre até a caixa de brinquedos e pega um urso de pelúcia ou uma boneca. A mãe corre atrás dela, agarra-lhe o braço e grita: "Não! Chega de

brincadeira. Você vai dormir agora!". Pega a menina, que berra e esperneia, e a leva para o quarto. Depois de colocá-la na cama e recuperar o fôlego, a mãe murmura consigo: "Por que isso é sempre tão complicado? Por que ela não coopera de vez em quando?".

O problema — é hora de tirar uma soneca e a brincadeira deve cessar por um tempo — tornou-se O Problema: mamãe se sente frustrada e exausta. Então, surge um pensamento passageiro: "Por que minha filha não respeita minhas instruções? Por que não me ouve?". Enquanto isso, a pequena garota se compadece de si mesma e grita do quarto: "Você não me ama!"; depois chora até pegar no sono.

Ou imagine um pai que repreende o filho de 10 anos por jogar bola na sala. Poucos dias atrás, ele dissera ao menino que não jogasse bola dentro de casa. Quando o garoto afirma "Esqueci", o pai grita: "Você não se esqueceu! Não minta para mim, senão você vai ver só!".

Quando o filho, deprimido e triste, se joga no sofá, a questão não é jogar bola dentro de casa. O Problema tem a ver com amor e respeito: o pai está gritando com o menino porque na sala há abajures caros e a bola pode quebrá--los. O pai havia advertido o filho alguns dias atrás e não aceita o "Esqueci". Acha que seu filho não está sendo sincero, que está agindo desonestamente. Sentindo-se desconsiderado e desrespeitado, o pai explode. Sentindo-se maltratado e não amado, o filho desanima. Quase às lágrimas, o garoto fica no sofá, crendo que o pai é maldoso, alguém que o acusa falsamente de mentir.

Outro exemplo: a mãe grita com a filha de 15 anos que não arruma o quarto, e a filha grita de volta, ainda mais alto. Nessa hora, o problema não é mais o quarto bagunçado. A filha se sente provocada porque está sendo tratada como criança pequena a quem se ordena que arrume o quarto. E a mãe? Sente-se totalmente desrespeitada porque é a terceira vez na semana que ela lembra à filha que deve arrumar o

quarto. Sua adolescente não lhe obedece, mas a Bíblia não diz claramente: "Filhos, obedeçam aos seus pais"? Não é surpresa que mamãe esteja correndo atrás dela, repreendendo-a por seu desrespeito e, aparentemente, sendo ainda mais afrontada à medida que o Ciclo Insano da Família gira.

Essas são três cenas típicas. Você pode ter passado por algo semelhante com seu filho esta manhã ou na noite passada. Elas retratam o que é criar filhos. O primeiro passo na decodificação é prestar atenção ao espírito oprimido ou explosivo de seu filho. A seguir, pergunte a si mesmo: "Meu filho não está se sentindo amado?". Ao mesmo tempo, você deve ser capaz de discernir que talvez o *seu* espírito esteja deprimido ou explodindo também. Ao reconhecer isso, deve perguntar a si mesmo: "Estou me sentindo desrespeitado?".

### NÃO TENHA MEDO DE ADMITIR QUE ESTÁ SE SENTINDO DESRESPEITADO

Como pai, não tenha vergonha de admitir: "Sim, estou realmente me sentindo desrespeitado". Alguns pais acreditam que, por serem os adultos da relação, devem ter controle total e jamais admitir que existe algo errado. É muito melhor que você reconheça (decodifique) o que está acontecendo e o admita. Você *está* irritado, sentindo-se desrespeitado, talvez experimentando o que Sarah vivenciou naquela parada para descanso quando as coisas em nossa família ficaram feias: "Simplesmente não está funcionando. Me sinto um enorme fracasso".

Assim que reconhecermos que estamos no Ciclo Insano da Família, o que fazer? Bem, vamos voltar e olhar nossos três exemplos, seguindo a ordem inversa, da adolescente para a criança pequena.

Converso frequentemente com pais que enfrentam conflitos com seus adolescentes mas não sabem exatamente por quê. Eu me identifico com esses pais porque me lembro de situações semelhantes quando nossos três filhos eram adolescentes. Você vê sua filha

desanimada ou irritada e pensa: "O que há de errado aqui? Os filhos devem honrar seus pais em vez de tratá-los assim!". Sua filha está pisando em seu calo — outra vez.

A primeira tentação é voltar lá e repreender a garota pelo desrespeito, mas você já sabe que isso não vai funcionar. *Agora é a hora de decodificar o que está acontecendo com sua adolescente*. É o momento de perguntar: "Ela está sendo desrespeitosa, imatura ou egocêntrica?". Em geral, os adolescentes estão mais preocupados com seus desejos e vontades e menos interessados nos desejos e vontades dos outros.

Portanto, ainda que seja difícil, você deve dar um passo para trás e perguntar a si mesmo: "Minha filha está agindo de maneira típica da idade e da fase pelas quais está passando?" (Em outras palavras, a imaturidade e o egocentrismo que ela está mostrando neste exato momento são característicos de jovens de sua idade?). Se você for honesto, a resposta será:

“Provavelmente… Bem, na verdade, com certeza é isso”.

A próxima pergunta a fazer é: “Sou capaz de manter a calma, ou vou logo presumindo que minha filha está sendo deliberada e malignamente desrespeitosa?”. Respire fundo e lembre a si mesmo que, por meio desses episódios com os pais, os adolescentes vão amadurecer e aprender a ser altruístas, e não egocêntricos.

Admito que não é fácil fazer essas perguntas quando nos sentimos desrespeitados. Mas, se você quiser lidar positivamente com a situação e sair do Ciclo Insano da Família, então deve tentar. O simples fato de você se sentir ofendido não significa que seu adolescente está enviando a mensagem: “Eu não o respeito!”. Não seja apressado em concluir que a cama desarrumada e as roupas espalhadas pelo chão significam que sua filha não dá a mínima para o que você diz ou pensa. É muito melhor dar a ela o benefício da dúvida.

A garota de 15 anos talvez tenha tido a intenção de arrumar o quarto, mas se distraiu com a mensagem de texto de uma amiga sobre o lindo menino que acabou de ingressar na escola e já é o novo amor de sua vida. E, é claro, uma mensagem levou a várias outras — todas elas muito mais interessantes que pendurar blusas ou colocar a roupa suja no cesto. Sim, a filha foi bastante irresponsável (ou seja, imatura e egocêntrica), mas isso não necessariamente a torna desrespeitosa.

Esteja certo de que sinto sua dor quando lembro como eram as coisas em casa, não muitos anos atrás. Quando minha filha era adolescente, eu vivia na certeza de que, se nossa vizinha de 3 anos entrasse no quarto de Joy, a menininha poderia se perder na bagunça e, então, seria necessário chamar os bombeiros e aguardar dois dias até que ela fosse encontrada. Naquela época, eu considerava a ideia de pregar cabides no chão para dar a impressão de que tudo estava pendurado. Mas, adivinhe só! Hoje, uma

jovem adulta bastante madura e capaz, Joy não vive daquela maneira — pelo menos não na maior parte do tempo. (Quando vem passar o Natal conosco, ela torna a se comportar como naquela época!)

Por acaso estou dizendo que você precisa ignorar o desprezo de seu filho por suas regras? Não. Obviamente, quando sua adolescente for irresponsável, imatura ou egocêntrica, você deve lidar com ela com firmeza e da maneira mais paciente possível. Se você já tiver feito um acordo com sua filha e ela estiver ciente de suas expectativas sobre a arrumação do quarto, você deve lembrá-la disso e deixar que ela explique por que ainda não o fez. Se já falou com ela sobre as consequências da desorganização, relembre-a de quais são (diminuir tempo ao celular, por exemplo). Se você chamar a atenção para essas consequências, então é você quem passa a dar as cartas. (O capítulo 6 contém mais informações sobre como lidar com a irresponsabilidade.)

Um princípio básico que Sarah e eu usávamos era dar a nossos adolescentes a chance de crescer e agir responsavelmente por conta própria. Quanto mais você respeitar o crescente senso de independência de seu adolescente, mais ele se sentirá amado. À medida que os filhos entram na adolescência, eles precisam de amor, sim, mas também se mostram cada vez mais carentes de respeito. Deixar claras suas expectativas como pai e fazer valer as consequências é uma maneira respeitosa de tratar o adolescente. Evitar reagir diante da irresponsabilidade de seu filho não apenas é desrespeitoso com ele como impede que a confiança entre vocês se desenvolva. Os adolescentes logo aprendem que amor se soletra R-E-S-P-E-I-T-O. Você não se lembra de ter perguntado a seus pais (ou de ao menos pensar) algo como: "Por que você não respeita minhas ideias? Por que não confia em mim?" (Para mais detalhes, veja o capítulo 11.)

E quanto ao menino de 10 anos que jogou bola na sala de casa — de novo? Se você tem um menino na

pré-adolescência, então pode facilmente se ver naquela cena. Mas, em vez de gritar e ameaçar impedi-lo de fazer algo mais tarde, pare, recomponha-se e reconheça que os motores do Ciclo Insano da Família estão começando a se aquecer. Não deixe que a embreagem se solte e eles acelerem, roncando rumo à ação. *Decodifique imediatamente.*

Sim, você o lembrou da ordem de não jogar bola dentro de casa. Ele se esqueceu e fez aquilo por mero impulso? Talvez. Estava tentando desafiar e desrespeitar você? Pouco provável. O que ele fez foi irresponsável — concentrado nos próprios interesses e na diversão de jogar bola? Certamente! Sim, ele precisa de uma reprimenda firme e de disciplina, mas gritar com ele e dizer que ele é mentiroso só dará continuidade ao Ciclo Insano da Família.

E o que dizer da menina de 4 anos que queria continuar brincando em vez de tirar uma soneca? Minha tendência é ser bastante condescendente com mães de pré-escolares em momentos assim. A filha

fujona exige que a mãe a persiga, a segure e a leve para a cama. O que mais essa mãe pode fazer? Desistir, ceder e deixar que a criança faça o que quer? Não, ela deve vencer essa batalha de vontades.

Essa mãe deve sentir-se culpada porque a filha reluta em dormir? Provavelmente não. Deve sentir-se desrespeitada porque a filha não ouviu o pedido inicial, para que parasse de brincar e fosse dormir? De modo nenhum. A filha estava sendo nada menos que uma menina de 4 anos. Infantil, sim. Desrespeitosa, não.

Será que essa garotinha sentiu falta de amor enquanto chorava até pegar no sono? Talvez, mas o mais provável é que estivesse em um surto de autocomiseração. Lembre-se de que ela tem apenas 4 anos e é um pouco teimosa. Ela gosta que as coisas sejam feitas do jeito dela, e não conseguir o que quer não é exatamente o mesmo que não ser amada.

O que quero destacar é isto: ao decodificar o que está acontecendo com seu filho, não conclua de

imediato que ele está sendo deliberadamente desrespeitoso quando deixa de arrumar a cama, quando a bola voa pela sala ou quando não coopera na hora de tirar uma soneca. Seja qual for a faixa etária, se erroneamente concluir isso, você com certeza se sentirá ofendido e ultrajado. Existe total possibilidade de que uma reação irada seja um exagero. Então, seu filho não se sentirá amado e reagirá de uma maneira que poderá lhe parecer ainda mais desrespeitosa. É nesse ponto que o problema — ser bagunceiro, jogar bola de modo descuidado, não tirar uma soneca — tende a se tornar O Problema, e o Ciclo Insano da Família engata a primeira marcha.

### NO CALOR DA BATALHA, PERMANEÇA CALMO

Sua reação desamorosa e a resposta abatida ou irada de seu filho são dois ingressos para um passeio no Ciclo Insano da Família. Isso é que é drama! Sim, a primeira reação mais indicada é presumir que o filho está, infelizmente, sendo imaturo e egocêntrico, mas

não necessariamente desrespeitoso. Devemos nos esforçar ao máximo para não:

- Gritar com nossos filhos pelo fato de eles estarem gritando.
- Mentir para eles sobre a disciplina que receberão por mentir.
- Explodir de raiva com eles, ainda que se joguem no chão para demonstrar raiva.
- Dizer "Você é o pior filho do mundo!" ao ouvir que *nós* somos os piores pais do mundo.
- Enfurecê-los a ponto de eles desanimarem (ainda que nos sintamos enfurecidos e a ponto de desanimar).
- Sentir pena de nós mesmos diante das manhas e das manifestações de autocomiseração da parte deles.
- Ser irracionais diante da irracionalidade deles.
- Igualar as palavras e ações tolas manifestadas por eles com nossa própria falta de sabedoria e

paciência.

Veja o que quero dizer: se você personalizar toda ação imatura, egocêntrica e irresponsável de seu filho como sendo desrespeito, estará fazendo um mal julgamento mais vezes do que deveria, e sua rigidez fomentará o Ciclo Insano da Família. Do nada, o lar parecerá cheio de furor.

A solução está no amor e no respeito. Não devemos privar nossos filhos de amor quando sentirmos que eles nos privam de respeito. Além disso, não devemos ser desamorosos a fim de motivá-los a serem respeitosos, assim como eles podem ser desrespeitosos para nos motivar a ser amorosos. Criar filhos é definitivamente uma tarefa apenas para adultos. Devemos derramar nossa maturidade sobre os conflitos diários na família. No calor da batalha, devemos permanecer calmos, frios e controlados.

Decodificar é nossa primeira tarefa importante, mas existe um segundo passo vital que devemos dar

praticamente ao mesmo tempo. Devemos *neutralizar* a situação fazendo algumas coisas bastante óbvias para garantir a nossos filhos que os amamos independentemente do que aconteça. Isso nem sempre é fácil, mas é possível com a ajuda de Deus. No próximo capítulo, explicarei por que e como fazer isso.

# da Família, passo 2: *Neutralize*

3

No capítulo 2, analisamos o primeiro passo para interromper o Ciclo Insano da Família: decodificar o que está acontecendo tanto em seu filho quanto em seu próprio espírito. Vimos como um problema pequeno pode rapidamente, às vezes em um piscar de olhos, tornar-se O Problema: o filho não se sente amado, e você, muito provavelmente, se sente desrespeitado.

Por mais importante que seja decodificar, esse é apenas o primeiro passo para interromper o Ciclo Insano da Família. Todos nós já vimos filmes de suspense em que uma bomba-relógio marca o tempo restante para explodir, de modo que o herói tem apenas alguns segundos para cortar o fio certo. Pouco antes da chegada do segundo final, ele neutraliza a

bomba e desativa o dispositivo de detonação. Uau! Catástrofe evitada!

Em um sentido real, os pais enfrentam situações de neutralização diversas vezes ao dia. Devemos não apenas decodificar a razão da instabilidade emocional na família, mas também neutralizá-la. O que, porém, podemos fazer para interromper as reações negativas da criança ou do adolescente que enervam a família inteira? Nesse contexto, como abrandar nossa própria negatividade a fim de não provocar essa instabilidade?

Deus criou os filhos de modo a precisarem de amor. Infelizmente, a natureza pecaminosa as leva a reagir de forma desrespeitosa quando não se sentem amadas. Nesses momentos, Deus nos chama a tentar neutralizar os gritos e lamentos que estão prestes a vir à tona. Deus criou os pais de modo a precisarem de respeito. Infelizmente, a natureza pecaminosa os leva a reagir de forma desamorosa quando se sentem desrespeitados. Devemos neutralizar nossa impulsividade potencial e nosso desejo de retaliar.

Como? Uma vez que tenha decodificado a situação e percebido que o Ciclo Insano da Família começou a girar, existem cinco atitudes que você pode tomar. Falei sobre algumas delas no capítulo 2, mas aqui elas estão em um tipo de "formulário de estratégia" para lhe oferecer uma sequência de ações no caminho da decodificação para a neutralização.

- Peça um intervalo.
- Não presuma de imediato que se trata de desrespeito.
- Esclareça a cada familiar como funciona o Ciclo Insano.
- Reafirme a seu filho o amor que sente por ele.
- Dê espaço para a imperfeição.

Às vezes você terá de atuar nesses cinco pontos. Em outros casos, pedir um tempo já é suficiente. Naturalmente, uma sugestão pode se sobrepor a outra, mas todas são úteis para ajudar você a neutralizar o Ciclo Insano da Família.

## PEÇA UM INTERVALO QUANDO A INSANIDADE COMEÇAR A CRESCER

A passagem de Provérbios 17.14 descreve a neutralização de maneira bem interessante: "Começar uma discussão é como abrir brecha num dique; por isso resolva a questão antes que surja a contenda". Quando uma discussão começa a esquentar, interrompa o conflito — imediatamente! Então, depois que todo mundo estiver calmo, retorne ao problema.

Ao conversar com outros pais e analisar nossas próprias situações familiares, convenço-me de que muitos de nós experimentamos conflitos desnecessários porque deixamos que a insanidade vá de mal a pior. Todos já tivemos momentos assim, não é? A solução bíblica (e prática) é abandonar a discussão antes que ela exploda. Uma criança precisa ir para o quarto, sentar-se em uma cadeira ou afastar-se de alguma maneira para que possa se acalmar. Crianças mais velhas conseguem ficar quietas por dez

minutos até se recompor, e o mesmo é verdadeiro em relação a nós, adultos. Quando Sarah escoltava as crianças queixosas até a cama para um intervalo, costumava dizer: "Eu adoraria ir para o meu quarto! Por favor, mande-me para o meu quarto para eu ter um pouco de paz e tranquilidade". Elas nunca entenderam seu desejo, mas todo pai a compreende, e tal intervalo pode evitar que a irritação se transforme em fúria.

Eu costumava dizer às crianças: "Precisamos esfriar os motores". Quando estávamos muito acelerados, sabia que não trataríamos o problema de modo saudável. Precisávamos nos acalmar e conversar de maneira amorosa e respeitosa para que pudéssemos ouvir uns aos outros. Ao usar o intervalo, tentava deixar claro para as crianças que, dali a alguns minutos, todos ouviríamos as preocupações de cada um. Tínhamos uma regra muito séria: eles precisavam falar de maneira respeitosa e nós tínhamos de

conversar com eles de maneira amorosa. O que é justo é justo.

Para ilustrar melhor, devo dizer que nossos filhos têm um "tanque de amor" e nós temos um "tanque de respeito". Os filhos dispõem de um tubo de ar que leva ao seu tanque de amor. Quando pisamos nesse tubo (ou quando os filhos acham que assim fizemos), eles podem reagir de maneira desrespeitosa no calor do momento. Fazer um intervalo os ajuda a esfriar a cabeça e a começar a falar de maneira respeitosa.

De modo recíproco, como pais nós temos um tubo de ar que vai até nosso tanque de respeito. Quando os filhos pisam em nosso tubo de ar, não há proveito nenhum em gritar e espernear por achar que nos trataram injustamente. Precisamos nos acalmar e conversar de maneira amorosa para neutralizar a situação e impedir que o Ciclo Insano da Família comece a girar. Esse seria um bom momento para orar "Senhor, ajuda-me a reagir com sensatez".

Outra passagem para se memorizar e trazer à mente é Provérbios 10.12: "O ódio provoca dissensão, mas o amor cobre todos os pecados". Toda vez que tubos de ar estiverem sendo pisoteados, lembre-se de que *você é o adulto*. Sendo a parte mais madura, você tem uma habilidade maior de escolher entre detonar a bomba de sentimento *ou* neutralizá-la de imediato.

Gostaria de lhe fazer uma pergunta bastante pessoal: você já agiu de cabeça quente com seus filhos? A Bíblia nos diz: "O homem irritável provoca dissensão, mas quem é paciente acalma a discussão" (Pv 15.18). Existem dias que podem fazer um pai normalmente cheio de calma e paciência sentir-se prestes a perder ambas. Você perde o autocontrole, e isso é problema seu, não de seus filhos. Eles podem acender o pavio, mas você tem a opção de impedir que ele queime ou de deixá-lo queimar até que todo mundo esteja dentro do Ciclo Insano da Família.

Verdade seja dita: em uma família, a insanidade se intensifica e piora por causa da imaturidade dos pais,

não da imaturidade das crianças. Não é que nossos filhos nos deixem irritados, mas sim que as ações deles podem revelar nossa personalidade ardente. Precisamos criar um novo padrão de funcionamento: ser pacientes, fazer um intervalo para nos acalmar e neutralizar a insanidade.

Pedir um intervalo talvez seja tudo que você precisa fazer. Às vezes é simples assim. Jackson, nosso neto de 2 anos, já está aprendendo. A mãe dele me enviou a seguinte mensagem: "Jackson simplesmente me entregou um pedaço do trilho do trenzinho de brinquedo e disse: 'Quebrado. Pilha'". Eu lhe disse que aquilo não poderia ser consertado com pilhas e perguntei se ele o havia quebrado. Ele disse que sim e que precisava de um intervalo. Perguntei: 'De quanto tempo?'. Ele disse: 'Três minutos'. Quem dera criar filhos fosse sempre assim tão fácil!".

## NÃO PRESUMA APRESSADAMENTE QUE SE TRATA DE DESRESPEITO

É claro que nem sempre é assim tão fácil. Suponha que você tenha conseguido pedir um intervalo, mas ainda se sinta bastante irritado e certamente desrespeitado. Enquanto esfria, você precisa analisar a situação como um todo. Como vimos no capítulo 2, seu filho foi irresponsável, sem dúvida, mas isso não significa que foi desrespeitoso. Lembre-se sempre disto: *irresponsável não é o mesmo que desrespeitoso*.

Ainda que nossos filhos possam ser teimosos e resistam à nossa instrução, não devemos concluir que eles estão sempre prontos a nos desafiar. As crianças vivem o momento. Elas não acordam de madrugada para arquitetar maneiras de nos enlouquecer.

Devemos ver nossos filhos como bem-intencionados, ainda que nem sempre sejam bem-comportados. Os pais devem continuamente fazer esta pergunta a si mesmos: "Esta é uma situação em que meu amor deve se sobrepor à ofensa?". Na maioria das vezes, a resposta é "sim", e o Ciclo Insano da Família provavelmente não começará a girar.

Quando meus filhos eram crianças e tinham pequenos conflitos, muitas vezes eu pedia um intervalo, apartava-os e acalmava-os. Em geral, o intervalo resolvia o problema e, dez minutos depois, eles estavam juntos de novo, brincando no quintal. Tudo ia bem sempre que eu tinha a sensibilidade de não me intrometer demais na briga deles. Eu seguia o conselho de Provérbios 26.17: "Como alguém que pega pelas orelhas um cão qualquer, assim é quem se mete em discussão alheia".

Tenho certeza de que você entendeu a ideia. Seria tolice pegar um cão pelas orelhas e puxá-las com força. Por que fazer isso figurativamente com seus filhos?

Mas tenho de admitir que houve momentos em que, insensatamente, fiz o Ciclo Insano da Família girar de novo ao me intrometer, durante um intervalo, para "pegar o cão pelas orelhas". Isso acontecia porque achava que as crianças estavam brigando em desrespeito direto às minhas instruções. Eu

personalizava a contenda deles, entendendo que minha autoridade não importava. Projetava sobre meus filhos a falsa crença de que eles haviam desconsiderado as instruções apenas para desafiar minha liderança e minhas regras. Naqueles momentos, eu revertia para o modo da escola militar, onde, no último ano, recebi a patente de capitão — o segundo em comando da unidade. Nessa função, eu tinha a responsabilidade de, como líder, treinar os novatos e garantir que mantivessem o decoro. Os cadetes obedeciam às minhas ordens e me respeitavam porque eu poderia dificultar a vida deles caso não obedecessem.

Houve tempos em que eu, subconscientemente, esperava de meus filhos o mesmo respeito que recebia dos cadetes. Tive de aprender que uma família não é uma escola militar. Em um dia muito estressante, presumi insensatamente que eles estavam me desrespeitando, embora não estivessem nem pensando em mim, mas simplesmente discutindo ou

brigando um com o outro. Diante do comportamento deles, imaginei algo que, na verdade, não existia. Piorei as coisas ao começar a lhes dar um sermão, e a única coisa que consegui foi reiniciar a disputa. Esqueci-me do sábio conselho de Provérbios 20.3: "É uma honra dar fim a contendas, mas todos os insensatos envolvem-se nelas".

## Esclareça a cada familiar como funciona o Ciclo Insano

Tudo bem, mas o que dizer sobre as ocasiões em que as crianças são desordeiras, descuidadas e rudes e você se sente desrespeitado e reage negativamente, fazendo que elas se sintam magoadas e não amadas? Todo mundo pode ficar um pouco tonto quando o Ciclo Insano da Família começa a girar, mas será que não há nada de positivo que você possa fazer? Sim, há. Esse é um momento perfeito para ensinar a seus filhos os princípios básicos do Ciclo Insano da Família. Primeiro, neutralize a insanidade pedindo perdão por

perder a calma e, então, comente: "Sabe, acabamos de entrar no Ciclo Insano da Família". A seguir, na linguagem que funcionar com seu filho, explique que, sem amor, um filho reage sem respeito, e, sem respeito, um pai reage sem amor. O resultado é o Ciclo Insano da Família, e ninguém fica feliz.

Que idade a criança deve ter para que possa ser ensinada sobre como funciona o Ciclo Insano da Família? Minha opinião é que ela deve ser capaz de argumentar logicamente com os pais e explicar sua motivação. Muitas crianças estão prontas aos 6 ou 7 anos; outras podem levar um pouco mais de tempo. Você conhece seus filhos e saberá dizer. Se eles já são adolescentes ou mesmo adultos, as diferenças de gênero também se torna uma peça essencial do quebra-cabeça do relacionamento. Os filhos podem falar de forma ríspida e abrupta com suas irmãs de maneiras que parecem desamorosas, e as filhas podem provocar seus irmãos usando palavras desrespeitosas e um tom condescendente. Ambos precisam entender

que não é apenas *o que* dizem, mas o *modo* como dizem, que faz as coisas enlouquecerem entre eles. (Para mais detalhes, veja o capítulo 11.)

Quando ensinar os rudimentos do Ciclo Insano da Família a seus filhos, comece explicando que aborrecimentos e dias ruins podem perturbá-los e irritá-los — e levá-los a não se sentirem amados. Nessas ocasiões, as pessoas são capazes de dizer ou fazer coisas que parecem rudes ou desrespeitosas, o que, por sua vez, perturba os que estão ao redor, que então acabam se sentindo não amados e desrespeitados. Às vezes você pode ser rígido com seus filhos e dar a impressão de que não se importa com o que sentem, e isso só faz que se sintam ainda pior, de modo que respondem com mais rudeza e ira, e assim todos se envolvem no Ciclo Insano da Família.

Em seguida, diga-lhes que vocês podem se juntar para pôr um fim na insanidade. Eles podem compreender a ideia de que, às vezes, nós parecemos

ser rudes, desrespeitosos ou desamorosos quando nem de longe queremos ser assim.

Os filhos são capazes de entender que pais e filhos podem "pisar no tubo de ar uns dos outros" sem de fato querer fazê-lo. O tubo de ar deles leva a um "tanque de amor"; nosso tubo de ar leva a um "tanque de respeito". Eles precisam de amor tanto quanto precisam de ar para respirar; da mesma forma, nós precisamos de respeito. Quando não recebemos amor ou respeito suficientes, podemos cruzar um limite e começar a falar de maneira desrespeitosa ou desamorosa, e o Ciclo Insano da Família começa a girar.

À medida que explicamos essas ideias, podemos perguntar à criança: "Como podemos fazer o Ciclo Insano da Família parar de girar depois que ele já estiver em ação?". Os filhos gostam de oferecer soluções. Você se surpreenderá com as respostas.

Aos mais velhos, podemos dizer algo assim: "Tenho dificuldade de atender à sua inquietação quando você

se mostra rude. Vamos nos acalmar e entender o que está acontecendo aqui. Preciso que fale comigo de maneira respeitosa. Não quero que nenhum de nós enlouqueça. Você está disposto a conversar respeitosamente de modo que eu possa ouvir como se sente?". Eles podem aprender a confirmar diante de nós sua boa intenção e diminuir a negatividade.

Uma mãe ajudou os filhos a aplicar a conversa respeitosa em seu relacionamento. Ela escreveu:

> Nossos três filhos mais novos têm idade muito próxima e costumam discutir por coisas bem bobas. Um dia, coloquei os meninos e Amy sentados e falei com eles sobre o Ciclo Insano da Família. Conversamos por cerca de dez minutos, o que equivale a milhões de bilhões de anos de tempo infantil. Hoje de manhã, meu filho Isaiah disse: "Mamãe, o Ethan e eu estamos no ciclo feliz. Estamos sendo legais um com o outro". Prosseguiu dizendo que às vezes era bonzinho só porque queria ser "mais maduro" que Ethan. Eu ri um pouco e disse que estava tudo bem; às vezes faço a mesma coisa.

Ensinar a nossos filhos como funciona o Ciclo Insano da Família e como o amor e o respeito podem interrompê-lo — ou pelo menos diminuir sua velocidade — não é algo que acontece em um único dia. De fato, é algo que você precisará fazer continuamente à medida que eles crescem, da pré-escola até o ensino médio, e além. Nesse sentido, veja a si mesmo como o treinador que repetirá a informação e praticará as habilidades.

### REAFIRME A SEU FILHO O AMOR QUE SENTE POR ELE

Sabemos que o amor que temos pelos filhos ainda é forte, mas, no momento, talvez eles não sintam esse amor. Em especial com filhos pequenos, podemos assustá-los muito e nem nos dar conta disso. As crianças são sensíveis e podem interpretar nossa reação negativa como ressentimento ou mesmo ódio. Sabemos que devemos morrer por nossos filhos, mas eles podem estar pensando que temos planos de nos livrar deles, caso seja possível.

Será que estou dando muito peso às reações negativas dos pais? Talvez. Mas não se esqueça de que neutralizar é basicamente tomar um processo negativo e tentar transformá-lo em algo o mais positivo possível. As crianças são mais auditivas que crédulas, o que significa que acreditam no que ouvem. É importante que, quando tivermos de repreendê-las, reafirmemos nosso amor por elas de maneira verbal e física. Tais reafirmações de amor neutralizam bem depressa o Ciclo Insano da Família, sobretudo com crianças mais novas.

Assim como o Aba Pai nos reafirma seu amor, devemos reafirmar nosso amor a nossos filhos. Precisamos seguir o exemplo do Senhor em Romanos 8, quando ele inspirou o apóstolo Paulo a escrever: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (v. 31); "em todas estas coisas somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou" (v. 37); nada "será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (v. 39). As palavras de

Deus para nós são importantes; assim devem ser nossas palavras para nossos filhos.

Uma pergunta, contudo, permanece. Ao reafirmar o amor que temos pelos filhos, devemos suprimir nossos reais sentimentos? Creio que podemos comunicar nossa frustração de maneira controlada, temperada com palavras amorosas de reafirmação. De fato, quando declaramos nosso amor, isso nos amolece. As palavras afetam nosso espírito, impedindo a perda de controle. Podemos, por exemplo, olhar nos olhos deles e dizer com sentimento real:

"Embora eu o ame demais, estou chateado por você ter me ignorado depois de eu ter dito o que precisava ser feito."

"Olha, você sabe que a amo, mas o que você fez é inaceitável."

"Eu o amo, mas estou muito desapontada. Você não arrumou sua cama, não se vestiu nem veio tomar café da manhã na hora certa. Esta já é a terceira vez seguida. Suba para seu quarto, arrume sua cama e vista-se. Sinto muito, mas você terá de tomar café frio."

Contudo, vamos encarar os fatos. Por mais que nos esforcemos para tentar temperar nossa negatividade, nossos filhos podem ficar ofendidos. E às vezes nós simplesmente estragamos tudo. Nesses momentos, um pedido de desculpas pode curar uma ofensa, como a carta deste pai ilustra lindamente:

Quando meu filho tinha cerca de 4 anos, ele queria me ajudar a servir o sorvete de sobremesa. Não me animei muito com a ideia porque o sorvete estava duro. Mas coloquei-o em pé em uma banqueta junto ao balcão da cozinha, abri a embalagem e lhe dei uma colher. Ele a colocou no pote, mas não conseguiu ir muito fundo e, ao tentar movê-la para baixo e para o lado, um punhado de

> sorvete saiu voando pela cozinha e aterrissou no chão. Com impaciência, peguei a colher de sua mão, fiz algum comentário do tipo "Eu sabia que isso ia acontecer" e continuei fazendo aquilo sozinho. Sem dizer uma palavra, ele desceu da banqueta e foi para a sala de estar, agindo como se não se importasse. Mas o Senhor me ajudou a perceber que eu deveria ter deixado que ele segurasse a colher, ter colocado minha mão sobre a dele e o ajudado. Fui até ele imediatamente e pedi desculpas, explicando que havia agido mal. Ele desatou a chorar, colocou os braços em volta do meu pescoço e me perdoou.[1]

À primeira vista, essa dupla de pai e filho não parecia estar no Ciclo Insano da Família. Será que estava? Vemos o crescimento da dor emocional no menino, que explodiu quando o pai lhe pediu perdão. Papai não apenas neutralizou a situação: ele drenou a ferida e a negatividade do coração do filho. Um pedido de perdão é uma cirurgia cardíaca.

Quando erramos como pais, devemos dois pedidos de desculpas: um a nossos filhos e outro ao Senhor. Ferimos o coração de nosso Pai celestial quando deixamos de criar os filhos como ele nos chama a

fazê-lo. Podemos confessar a ele nossa incapacidade e, então, pedir perdão aos filhos. Quando, por exemplo, provocamos nossos filhos à ira ou os irritamos a ponto de eles desanimarem (cf. Ef 6.4; Cl 3.21), devemos buscar o perdão deles, logo depois de dizer ao Senhor que erramos — de novo.

A boa notícia é que nosso Pai celestial é perdoador, assim como nossos filhos. Um pai escreveu: "A maioria dos erros que os pais cometem pode e será perdoada pelo filho se este perceber amor sincero da parte dos pais". O importante é que ofereçamos perdão da mesma forma que o pedimos. Sabemos que as crianças podem parecer desrespeitosas ainda que não tenham a intenção de sê-lo. Devemos nos certificar de que não vamos nos apegar a qualquer ofensa que possamos ter sentido pelo mau comportamento delas. Devemos seguir adiante. Se abrigarmos sentimentos ocultos, apenas alimentamos a insensatez com nosso espírito implacável em relação

aos filhos — que, afinal de contas, só estão sendo crianças.

### Dê espaço para a imperfeição

Enquanto eu explicava minha estratégia de neutralização, você talvez tenha pensado: "Bem, tudo isso parece muito bom, Emerson… Quem dera fosse assim tão simples! Mas o que fazer quando os filhos simplesmente não querem ouvir… quando eles são de fato desrespeitosos… quando a neutralização não funciona?".

Durante a preparação deste livro, meu filho Jonathan mencionou:

— Lembro-me de que nós éramos um pesadelo.

Eu respondi:

— Sim, em alguns momentos sua mãe e eu desejamos que aquilo tudo fosse apenas um sonho ruim.

Mas o sonho ruim era real. Crianças serão sempre crianças — todos os dias e de todas as maneiras.

Admito que a neutralização nem sempre funciona, não apenas por causa da imaturidade da criança, mas também por causa da natureza humana, pecaminosa e avessa a cooperar. Na parábola de Jesus sobre o filho pródigo, o pai tenta neutralizar as coisas com o filho mais velho, que se irrita e fica enciumado quando o progenitor dá uma festa completa para o mais novo, com bezerro cevado, música e dança. O filho mais velho se aborrece, em atitude de desafio. Ele havia ficado ali obedientemente ao lado do pai, realizando fielmente seu trabalho todos os dias, durante anos, mas não recebera nenhuma festa. Agora, seu irmão baderneiro chega em casa com a vida desgraçada e recebe as boas-vindas como se fosse um herói. A despeito dos apelos do pai, o irmão mais velho, de forma provocativa, recusa-se a juntar-se à festa. Tudo é tão injusto! Parecia que tudo que papai havia conseguido fazer fora colocar gasolina na chama da insensatez, fazendo de si mesmo um fracasso.

Não concordo. O pai agiu com amor. Ele sempre amou os dois filhos e continua a fazê-lo. Mas tem de se regozijar porque um deles "estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado" (Lc 15.32).

A parábola de Jesus destaca de maneira dramática uma verdade que todos os pais conhecem: os filhos são criaturas voluntariosas, plenamente prontas para arquear as costas e colocar a língua para fora. Devemos perceber que isso é característico. Sim, podemos dar o benefício da dúvida e não rotular os filhos como desrespeitosos, mas, quando tentamos acalmá-los, eles podem se tornar mais negativos e, *de fato*, desrespeitosos. Podemos tentar assegurar-lhes nosso amor e pedir desculpas por sermos desamorosos, mas eles não darão atenção a isso, preferindo permanecer no modo de desrespeito e falta de perdão. Na melhor das hipóteses, ainda haverá tensão. O Ciclo Insano da Família talvez não esteja rodando fora de controle, mas as faíscas estão voando.

Enquanto trabalhava neste capítulo, perguntei a cada um de meus filhos: "Você consegue se lembrar de algum episódio em que se sentiu negligenciado, incompreendido, estúpido, fora de controle ou desanimado e mamãe e eu não conseguimos neutralizar a situação?".

Joy respondeu: "Às vezes eu estava bastante frustrada por determinado assunto e você ficava fazendo perguntas retóricas, como: 'Por que nós todos não agradecemos juntos agora?'. Em momentos assim, minha vontade era jogar alguma coisa pela janela!".

Jonathan respondeu: "Independentemente do que você dissesse ou fizesse, em alguns momentos eu me sentia como o pior pecador do mundo e, se você ficasse sabendo, teria me odiado. Eu igualava o conhecimento de Deus sobre mim com o seu conhecimento. Sentia uma vergonha imensa e, por um período, endureci o coração. Lembro-me de como me desprezava e tinha medo de vocês e de Deus, desejando que nunca tivesse nascido como

filho de pastor, ainda que soubesse que seu amor era incondicional".

David lembrou que a tensão reinou diversas vezes porque ele se "sentia incompreendido".

Esses comentários ilustram que, por mais que sejamos amorosos e sinceros na tentativa de neutralizar a negatividade, as coisas nem sempre dão certo. Exageramos, fazemos uma aplicação ruim ou simplesmente não conseguimos entender o que nossos filhos realmente necessitam. É comum que eles não conheçam a si mesmos, não estejam preparados para receber nosso conselho ou, ainda, não estejam dispostos a isso. Durante a criação de nossos filhos, não me lembro de um único dia em que não tenha havido algum tipo de ataque de raiva.

A natureza pecaminosa — deles e nossa — se mostrará regularmente e se transformará em rixas, desacordos, mal-entendidos ou em comportamentos típicos do Ciclo Insano da Família e que precisam ser neutralizados. Com base em nossa experiência como

pais, Sarah e eu podemos dizer que talvez sejamos muito rígidos e nossos ideais sejam tão exigentes que não ficamos relaxados e calmos o suficiente quando surgem os momentos imperfeitos.

Vamos encarar os fatos. O paraíso não existe mais. Não há como ter uma família perfeita nesta terra. Ainda que pudéssemos alcançar a perfeição, será que ficaríamos satisfeitos? Não estou muito certo disso. Eva tinha o paraíso, mas ainda assim quis mais, e todos nós pagamos o preço desde então.

Isso não faz de nós pais ruins, mas apenas destaca que todo filho precisa do Salvador que morreu por seu pecado, porque todo filho tem uma natureza pecaminosa e age impiamente. A boa notícia é que Deus usa os momentos negativos para falar ao coração de nossos filhos sobre sua natureza rebelde e teimosa.

Sarah se lembra de sentir-se culpada quando criança por sua atitude em relação à mãe, que a criava sozinha. Sua consciência lhe abriu os olhos para a

necessidade de um Salvador. Descanse seguro de que o Espírito Santo está sempre trabalhando e que a consciência falará de acordo com o tempo perfeito de Deus. Você nunca sabe quando seu filho finalmente entenderá quanto carece do Senhor Jesus.

Enquanto isso, o processo de criação de filhos prossegue, e quando o desrespeito é um problema evidente, devemos seguir para o Plano D — que significa disciplina, algo que defino como processo positivo, não negativo. Existe uma linha tênue entre neutralizar e disciplinar, e você pode cruzá-la muitas vezes por dia. Você tenta neutralizar a situação, mas quando os filhos deixam de cumprir as regras claramente estabelecidas e são deliberadamente desrespeitosos, você precisa confrontá-los, corrigi-los e, se necessário, aplicar consequências lógicas e concretas. E, mais uma vez, assim como acontece em muitas situações de neutralização, você deve incentivá-los com seu amor e recompensar a obediência, quando for o caso. (Veja o capítulo 7.)

## VOCÊ PODE MIGRAR DA NEUTRALIZAÇÃO PARA A ENERGIZAÇÃO

Devemos nos desesperar? Devemos desistir? Certamente que não. Nunca jogamos a toalha. Nunca! Os pais mais bem-sucedidos reconhecem que dão, em média, três passos à frente e um para trás. Sabem que, embora falhem, podem se recuperar. Entendem que, quando dão espaço para a imperfeição, são capazes de chegar mais perto de seu ideal em vez de se afastar dele.

Entender como funciona o Ciclo Insano da Família e como decodificar e neutralizar pessoas e situações é um processo que trará mais paz a seu lar. Mas as coisas podem ficar ainda melhores! É possível sair da defensiva em relação ao Ciclo Insano da Família e partir para o ataque ao motivar sua família com amor e respeito. Na Parte 2, "O Ciclo Energético da Família", explicaremos como fazer isso.

PARTE 2

# O Ciclo Energético da Família



Nos próximos capítulos, quero mostrar como usar o poder da Conexão entre Amor e Respeito para colocar sua família no Ciclo Energético, segundo o qual o amor dos pais estimula o respeito dos filhos, e o respeito dos filhos estimula o amor dos pais.

Não é à toa que um dos Dez Mandamentos instrui os filhos a honrar pai e mãe. "Honrar" é sinônimo de "respeitar". Se há uma coisa que motiva um pai a amar um filho é receber o respeito desse filho. E, naturalmente, Deus colocou no coração dos filhos o desejo de responder ao amor positivo de seus pais. Como mostraremos, a maior parte da responsabilidade de fazer o Ciclo Energético girar e continuar girando recai sobre os pais, no sentido de influenciar e energizar o relacionamento pai-filho. Nós somos os adultos dessa relação.

Para mostrar como criar filhos do jeito de Deus, conforme estabelecido na Bíblia, uso o acrônimo C-U-I-D-A-R:

**C**onceder, de modo que as necessidades básicas de seu filho sejam atendidas (cf. Mt 7.9-11; 2Co 12.14).

**U**sar de discernimento, a fim de que seu filho não fique irritado nem desanimado (cf. Ef 6.4; Cl 3.21).

**I**nstruir, para que seu filho venha a conhecer e aplicar a sabedoria de Deus (cf. Pv 4.1; Ef 6.4b; 2Tm 3.15).

**D**isciplinar, com vistas a garantir que seu filho seja capaz de retificar decisões ruins (cf. 1Rs 1.5-6a; Ef 6.4b; Hb 12.9).

**A**poiar, de modo que seu filho possa desenvolver os dons concedidos por Deus (cf. 1Ts 2.11).

**R**ogar a Deus em oração, para que seu filho experimente o toque e a verdade do Senhor (cf. 2Sm 12.16; 1Cr 29.19; Mt 19.13).

Quando nos empenhamos em C-U-I-D-A-R, energizamos e motivamos nossos filhos — na maioria das vezes. Vamos descobrir por quê.

# Nem pouco, nem muito

4

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Em uma manhã de Natal, quando eu tinha 8 anos, fui até a sala de estar, onde os presentes cercavam a árvore cheia de enfeites. Meus olhos viram imediatamente a silhueta de um robô! Sim, um robô, brilhante e prateado, quase da minha altura. Minha mente viajou a centenas de quilômetros por hora. Onde estaria o controle remoto que me permitiria fazê-lo andar, falar e realizar qualquer tarefa que eu desejasse?

Foi então que vi que meu robô estava embrulhado em papel celofane e tinha a cabeça e os braços de papelão. “Desembrulhe e tire o papelão”, insistiu minha mãe, animada, mas eu não queria fazer aquilo. Eu queria um robô! Então, ela disse: “Seu presente está aí dentro”.

Mal sabia ela quão desapontadoras suas palavras soaram para mim. Então, enquanto inspecionava o suposto robô, vi que ganhara um trenó de neve. Com bastante habilidade, mamãe preparara uma caixa de papelão de modo que parecesse uma cabeça. Atou braços de papelão às alças do trenó, criando um objeto com aparência de robô. Minha imaginação fez o restante. Diante dos olhos de mamãe, meu espírito murchou como um balão de gás perfurado. Eu queria um robô real, que se movesse, com um botão liga-desliga, e não um trenó idiota. Meu semblante descaiu, e sei que minha infelicidade entristeceu mamãe. Daquele dia em diante, ela se certificou de não fazer nada para elevar minhas expectativas além da realidade.

Naquela manhã, aprendi uma dolorosa lição: nem sempre conseguimos o que queremos. É uma lição que todos os pais devem ensinar a seus filhos. As crianças não podem nem devem receber sempre o que desejam. Todo excesso torna uma coisa boa em ruim.

Como Provérbios 25.16 diz: “Se você encontrar mel, coma apenas o suficiente, para que não fique enjoado e vomite”.

Salomão reforçou vividamente o que todos nós já sabemos: existe uma diferença real entre o que precisamos e o que queremos. E os pais também sabem que dar o que seu filho precisa é muito menos complicado que tentar satisfazer os desejos dele. Até mesmo pais de poucas posses querem dar aos filhos o que eles precisam: quantidade suficiente de comida, roupas, abrigo e cuidados médicos. Deus colocou no coração dos pais o desejo de prover os filhos, e todos sabemos a dor que é não seguir os instintos dados por Deus e deixar de cumprir suas responsabilidades.

A provisão é algo central nos ensinamentos de Jesus. Lembra-se de quando Cristo incentivou os discípulos a continuarem a pedir, buscar e bater à porta de Deus levando a ele seus pedidos? Os discípulos podiam ter tamanha certeza de que seu Pai celestial responderia que Jesus usou uma comparação que eles certamente

entenderiam: “Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir um peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião?” (Lc 11.11-12).

Jesus não esperava resposta a essas perguntas retóricas. Ele sabia que seus ouvintes reconheceriam esta verdade universal: os pais dão aos filhos o que eles precisam, e não algo venenoso ou prejudicial. Os pais se sentem na obrigação de prover, fazendo isso com atenção constante. (Naturalmente, criar filhos é algo que pode nos exaurir. Com o primeiro filho, temos um cuidado quase perfeito, esterilizando em água fervente a chupeta que caiu no chão… Já no quarto filho, você simplesmente esfrega a chupeta na perna da calça *jeans* — uma vez só!)

Ao discorrer sobre cuidado e compaixão, as Escrituras usam muitas analogias parentais. Por exemplo: “Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou?” (Is 49.15). Paulo falou sobre conceder atenção

especial aos tessalonicenses "como uma mãe que cuida dos próprios filhos" (1Ts 2.7).

Infelizmente, o amor dos pais nem sempre funciona de maneira natural. Alguns de fato negligenciam os filhos, fazendo que se sintam abandonados ou não amados. Tentamos nos convencer de que tal comportamento é típico apenas dos não cristãos, mas isso não é verdade. Quando pastoreei em East Lansing, no estado de Michigan, ouvi falar de um estudante da Universidade Estadual de Michigan cujos pais se divorciaram quando ele era bem pequeno. O pai se mudou para o outro lado do país e nunca fez contato com nenhum membro da família, enquanto a mãe fazia o que lhe era possível para educar o filho. Na época em que o rapaz crescia, viviam um dólar acima da linha de pobreza. Na realidade, apenas sobreviviam. Contudo, o que entristeceu profundamente aquele rapaz foi o fato de mais tarde descobrir que seu pai se entregara a Cristo pouco depois de se mudar, ganhara bastante dinheiro

e, por fim, começara a lecionar para uma grande classe de escola dominical, com a nova esposa. Sentindo um amargo desânimo, o universitário me perguntou: "Como ele podia crer em Deus e ser negligente comigo e com minhas necessidades?".

De fato, como era possível? O apóstolo Paulo usava palavras fortes para falar de quem negligenciava os próprios familiares: "Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente" (1Tm 5.8). Paulo estava dizendo que o pretenso seguidor de Cristo que deixa de atender às necessidades da família é pior que um infiel. Quando deixamos de satisfazer as demandas do próprio lar, negamos a fé que afirmamos ter.

Alguns amigos nossos passaram por tempos bastante difíceis. Quando perguntei como estava o marido, a esposa escreveu em resposta: "Deus proveu e nos ajudou muito em termos financeiros, dando a Jeff um emprego de lavador de janelas, algo que nunca vimos

meu esposo fazer. Mas sou grata por um marido que põe o orgulho de lado e faz o que é necessário pela família. É difícil acreditar que um cara com diploma de mestrado esteja nessa posição, mas Deus sabe de tudo, e confiaremos nisso".

Jeff fez o que tinha de fazer. O verdadeiro seguidor de Cristo não tem outra opção.

### Os pais precisam fornecer o que é necessário; mas o que dizer sobre os desejos?

Neste ponto você talvez esteja pensando: "Tudo bem, Emerson, entendi. Conceder a um filho o que ele precisa é algo fundamental, e estou comprometido a fazer isso, mas o que dizer sobre os desejos? Existe uma enorme diferença entre necessidades, que são simplesmente inegociáveis, e desejos, que na verdade são bastante negociáveis. De fato, meus filhos são muito hábeis em transformar suas vontades em necessidades!".

Entendo essa luta. As crianças são negociadoras impressionantes, razão pela qual precisamos ser claros em relação àquilo em que cremos sobre provisão; do contrário, seremos facilmente persuadidos. Como todo pai sabe, é bem possível que uma criança fique mimada. Assim atesta a versão bíblica de Eugene Peterson *A Mensagem* (MSG) em Provérbios 29.15: "Adolescentes mimados envergonham os pais". O fato é que os filhos nem precisam chegar à adolescência. Filhos mimados de qualquer idade podem envergonhar seus pais, além de deixá-los loucos.

Portanto, a primeira pergunta que talvez tenhamos de fazer é: "Por que estou concedendo aquilo que meu filho deseja? Qual é meu propósito com isso?". Por exemplo, se atendemos ao pedido de um filho porque cremos que é desamoroso ou cruel dizer "não", isso certamente vai mimá-lo.

No fim, devemos fazer o que parece ser o melhor (cf. Hb 12.10). Dizer "sim" àquilo que um filho quer pode ser um ato amoroso, mas, em certos casos, pode

ser mais amoroso dizer "não", tendo como objetivo ensinar a criança a postergar a gratificação, preparando-a para a vida real. Como aprendi naquela manhã de Natal, nem sempre conseguimos o que queremos.

É claro que existem momentos apropriados e razoáveis para conceder os desejos de seu filho. Quando você fizer isso de maneira sábia, ele se sentirá amado e estimulado a lhe mostrar respeito. Veja a seguir algumas boas razões para conceder os desejos de seus filhos.

*Primeiro, concedemos para mostrar nosso amor e nosso espírito de generosidade.* Um homem me escreveu contando que crescera em uma família que não dispunha de muitos recursos, mas seu pai fazia o possível com o que tinha:

> De vez em quando, ele levava a família para "passeios surpresa". Normalmente íamos a uma lanchonete ou ao cinema. Ele só dizia que entrássemos no carro. Não sabíamos aonde estávamos indo até

chegarmos ao local. Vez ou outra, ele também perguntava, nas manhãs de sábado, se meu irmão e eu gostaríamos de jogar boliche, dar algumas tacadas de golfe ou fazer qualquer outra coisa. Esses eram ótimos momentos juntos, só nós três.

A história desse homem revela um importante princípio para todos os pais: deixe que a generosidade produza um senso de família; isso leva a "ótimos momentos juntos". A generosidade costuma produzir reciprocidade, pela qual os dois lados se sentem amados, respeitados e renovados. Como Provérbios 11.25 afirma: "O generoso prosperará; quem dá alívio aos outros, alívio receberá".

Existe todo tipo de maneira de conceder coisas a seus filhos. Você pode ser criativo e cheio de surpresas, ou pode apenas fazer algo simples. De fato, o tempo com seu filho é o maior dos presentes. Seus presentes não precisam custar nem um centavo sequer. Um passeio no parque ou uma caminhada juntos pode ser um presente inestimável. O que

importa é que seu ato de conceder diga: "Eu te amo porque te amo, simples assim!".

Quando eu tinha 9 anos, minha mãe dava aulas de acrobacia e sapateado e, como resultado, ganhava um dinheiro extra. Depois de receber o pagamento, ela às vezes ia ao meu quarto e dizia: "Aqui. Estou com esta nota de um dólar e não quero guardá-la. Espere aí, tenho mais outro dólar de que não preciso. Olha, apareceu mais um!". Certa vez, ela fez isso até chegar à quantia de dezoito dólares, enquanto nós dois ríamos. Lembro-me daquela risada. Sentime conectado a ela. Isso acontecia à parte do Natal e dos aniversários; era tão somente uma ocasião do tipo "Porque te amo. Simples assim!".

*Segundo, podemos conceder para motivar nossos filhos a nos mostrar respeito*. Não estou falando sobre suborno. Refiro-me a dar-lhes com graça e amor e, então, apelar a eles que expressem gratidão respeitosamente. Embora não possamos forçar gratidão e respeito, podemos fazer esse apelo. Podemos lhes dizer: "Estou

dando isso a você porque quero dar. Contudo, quero que aprenda a responder com respeito àqueles que dão alguma coisa a você, e também a ser verdadeiramente agradecido".

Ao ensinar seus filhos a mostrar respeito em razão daquilo que você lhes dá, você pode estabelecer um exemplo poderoso do respeito que você mostra a Deus por aquilo que ele lhe tem dado. Às vezes, quando reservo tempo para desfrutar a bondade de Deus, digo a Aba Pai: "Como posso ignorar-te e deixar de agradecer-te se tu continuas dando-me coisas de modo tão amoroso? Obrigado, Senhor, por seres tão bom para mim. Perdoa-me pelas vezes que não sou bom para ti. Ajuda-me a demonstrar apreço por teus muitos presentes".

Com o passar dos anos, tentei transmitir minha atitude de gratidão a nossos filhos, mostrando-lhes de todas as maneiras possíveis que "toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes" (Tg 1.17). Conforme Deus concede coisas a

nós, nossos filhos podem observar nossa profunda gratidão a ele e, assim, temos esperança de que desenvolvam atitude similar. Quando, por exemplo, agradecemos ao Senhor pela refeição noturna, nossos filhos podem ouvir nosso coração expressar uma gratidão autêntica não apenas pela comida, mas também pelas muitas bênçãos derramadas sobre nós. Talvez os vejamos agradecendo a Deus de coração também.

Acredito igualmente que, ao darmos coisas a nossos filhos, nosso espírito de gratidão e doação pode motivá-los a não pecar. Um rapaz na casa dos vinte anos me disse: "Na adolescência, não fui atrás de uma vida de pecado porque sabia que isso partiria o coração de meus pais e avós, todos muito bons e amorosos. Eles eram tão bondosos e generosos que eu não suportava a ideia de agir de maneira que os depreciasse ou magoasse. Eles haviam depositado muita coisa em mim; como eu poderia fazer um saque tão grande contra eles?". O rapaz se mostrou

respeitoso porque sabia o que é respeito e de onde ele vem. Mais uma vez, não há garantia de que um filho vá reagir dessa maneira, mas nosso espírito de generosidade tende a fazer brotar tais atitudes.

*Terceiro, o generoso ato de dar coopera para que nossos filhos descubram o valor que eles têm para nós e para Deus.* Eles precisam nos ouvir dizer que lhes damos coisas não porque mereçam nossos presentes, mas porque os valorizamos de modo imensurável. A partir disso, podemos defender a ideia apresentada por Jesus sobre nosso Pai celestial: "Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?" (Mt 6.26).

Mas (e esse é um *grande* mas) será que pode ocorrer de presentearmos com boas intenções, a fim de manter a família dentro do Ciclo Energético da Família, e nossos filhos acabarem mimados? É claro que sim. Dar qualquer coisa a alguém — adulto ou criança — inclui o risco de minar o caráter e o

fundamento espiritual dessa pessoa. Enquanto Moisés ensinava a Lei aos israelitas no deserto, ele continuamente advertia os pais de que a guardassem no próprio coração e no de seus filhos. Ele não queria que eles se esquecessem de Deus assim que chegassem à Terra Prometida, cheia de leite e mel, e começassem a desfrutar cidades que não construíram, casas cheias de tudo que havia de melhor, vinhas e oliveiras plantadas por outros (cf. Dt 6.1-12; 8.7-14). O fato de um indivíduo ser mimado não o ajuda a lembrar-se de Deus e da vontade divina para sua vida.

Conceder em excesso pode fazer os filhos se tornarem extremamente egoístas. Lemos em Provérbios 30.15 que "duas filhas tem a sanguessuga", que dizem constantemente: "Dê! Dê!". Devemos nos prevenir contra a ideia de que nossos filhos venham a deixar de servir a Cristo para atender "a seus próprios apetites" (Rm 16.18).

Quando cedemos aos desejos de nossos filhos, eles rapidamente passam a nos ver não como pais

amorosos, mas como gênios da lâmpada, prontos a conceder-lhes desejos assim que forem apresentados. Eles podem manifestar respeito superficial apenas para conseguir mais doces; entretanto, quando não obtêm o que desejam, esse "respeito" se dissolve. Os israelitas desfrutaram a grande bondade de Deus, mas no fim se rebelaram contra ele (cf. Ne 9.25-26). Nossos filhos podem fazer a mesma coisa. Como é triste e irônico quando a generosidade dos pais resulta em crianças egocêntricas e malcomportadas.

A maioria das crianças sabe como dar um jeito. Se gritos e berros não funcionarem, a manipulação criativa pode resolver. Talvez você tenha ouvido uma história similar à desta menina de 11 anos que pediu à mãe dez dólares para dar a uma amiga de seu time de basquete. A garota disse à mãe:

— A mãe dela abandonou a família para ficar com outro homem dois anos atrás, e ela vive sozinha com o pai.

Tocada pela bondade da filha, a mamãe rapidamente tirou uma nota de dez dólares da carteira, dizendo:

— Aqui está, querida. Mas diga-me uma coisa: sua amiga está sempre precisando de dinheiro?

— Ah — respondeu a menina —, só quando ela não consegue o suficiente para as despesas depois de vender as joias da loja de presentes que o pai dela tem no *shopping center*.

## O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL: FAZER O QUE LHE PARECE MELHOR

Uma vez que nenhum de nós deseja mimar os filhos, existe uma fórmula para que evitemos conceder demais? Existe alguma maneira infalível de saber se devemos ou não dar ao filho um celular de última geração, ou aquele *banana split* triplo, ou o tênis de grife, ou uma educação com todas as despesas pagas em uma universidade de primeira (cuja mensalidade não é apenas astronômica, mas está em outra galáxia)? Não, não acredito que exista uma fórmula, mas existe

um princípio bíblico: "Quando éramos crianças, nosso pais faziam o que para eles *parecia* o melhor. Mas Deus está fazendo o que é melhor para nós. Está nos treinando para que possamos viver de acordo com seu santo propósito" (Hb 12.10, MSG).

Sim, existe certa quantidade de adivinhação e conjectura na criação de filhos, mas creio que Hebreus 12.10 assegura que nós, seguidores de Cristo, podemos confiar nele como nosso guia para fazer o que é melhor à medida que tentamos lidar com as muitas decisões relacionadas à criação de filhos e que parecem brotar diariamente. Conforme o Senhor nos instrui naquilo que sabe ser o melhor, ele confia que usaremos quantidade significativa do bom e velho bom senso na instrução de nossos filhos.

Portanto, à medida que procuramos dar a nossos filhos "o que parece ser o melhor", devemos classificar as necessidades e os desejos e tomar algumas decisões. Perceba que Hebreus 12.10 diz que "nossos pais nos disciplinavam [...] segundo *lhes* parecia melhor".

Sempre são os pais que devem tomar as decisões, e não os filhos, que têm uma maravilhosa habilidade de transformar desejos em necessidades!

Nossos filhos podem protestar quando decidimos pelo oposto do que desejam e podem agir de maneiras que soam desrespeitosas. Uma abordagem favorita é a de provocar sentimentos de culpa: "Você está sendo injusto, cruel e egoísta". Tenha em mente que, na maioria dos casos, você não está sendo egoísta; seus filhos é que estão. Você não tem de ceder às preferências deles. Eles podem acusá-lo de ser o pior pai do mundo, mas não há nada moralmente errado em dizer "não". É você quem dá as ordens, de acordo com "o que parece melhor" — para os filhos, para a família toda e, às vezes, para além disso.

Gosto muito do que um rapaz me disse: "Meus pais se importavam com minhas necessidades físicas. Eram pessoas doadoras que demonstravam um espírito de generosidade mesmo quando os recursos

eram limitados. Ao mesmo tempo, eram firmes ao dizer que o que eu queria não era o que eu precisava".

Esse rapaz conseguia aceitar um "não" de seus pais, mas muitas crianças são incapazes disso. Sendo assim, o que dizer ao filho que berra "Você nunca me dá nada! Você é o pior pai do planeta!"? Não existe resposta absoluta para isso; depende dos pais e de como eles interagem com seus filhos. Quando ouvia esse tipo de comentário de um de meus filhos, eu dizia: "Se eu sou o pior pai do mundo, então sou o número um, e sempre quis ser o número um em alguma coisa. Obrigado!". De alguma maneira, isso funcionava. Eles não tinham certeza se eu estava sendo sarcástico ou se de fato estava feliz por estar sendo chamado de "o pior pai do planeta", de modo que ficavam mudos.

Outra abordagem à acusação de pior pai do mundo veio de uma mãe que disse: "Honestamente, acho que eu nem sequer daria uma resposta a isso. A criança sabe que se trata de um exagero, então eu deixaria a

coisa por ali. Não consigo pensar em uma resposta que não levasse o pai a uma discussão fútil. Mais tarde, quando a criança se acalmasse, talvez eu mencionasse a declaração que ela havia feito".

Toda vez que os filhos fizerem comentários exagerados, a chave é não perder a calma. Você sabe que não é o pior pai do mundo, e seus filhos também sabem. Pelo menos diga algo como "Sinto muito por você se sentir dessa maneira. Você continua não podendo ir, e, se estou dizendo 'não', é porque amo você".

Acima de tudo, você deve começar a dizer "não" se estiver frequentemente dizendo "sim" apenas para manipular a criança e conquistar o favor dela… Em outras palavras, se a estiver subornando. Ouvi de uma mãe que frequentemente chegava em casa, depois do trabalho, trazendo um presente para a filha; e, sempre que saíam, comprava o que a menina queria. Essa mãe presenteava para ser querida e manter a filha feliz. Mas o suborno garante apenas a existência de uma

criança manipulada e mimada. Ele nunca produz amor genuíno, amizade ou felicidade. O Pregador fala claramente: "O suborno corrompe o coração" (Ec 7.7).

É fato é que, às vezes, é bastante tentador dizer "sim" simplesmente para ter um pouco de paz. As crianças são adeptas da ideia de gritar alto e berrar bastante para obter o que querem. Aos 15 anos, uma moça confessou que era bastante simples conseguir de seu pai o que ela queria: "Com o passar dos anos, a única coisa que eu precisava fazer era chorar por tempo suficiente e gritar em volume adequado e papai me dava o que eu queria. Ele tinha medo do conflito e, então, cedia, e eu sabia que acabaria assim, por isso insistia; mas eu estava errada em fazer aquilo".

Essa franca confissão é um bom exemplo de como um filho egoísta e exigente se acalmará depois de receber o que deseja. Os pais que cedem a isso estão em busca de paz, mas essa paz é temporária. A criança sabe conduzir o jogo. Ela aprendeu a ser gratificada

*agora*, de modo que se acalma… até a próxima ocasião. Você pagará o mesmo preço todas as vezes que entrar em qualquer loja que venda coisas que seu filho quer, pois você está sempre alimentando o egoísmo, em vez de matá-lo.

Se você está cansado desse jogo, mude a tática. Em vez de simplesmente esperar pela próxima cena na loja de brinquedos, onde será manipulado mais uma vez, estabeleça como prioridade ensinar seu filho a postergar a satisfação do desejo. Antes de sair, tenha uma breve conversa e explique as regras: nada de implorar por brinquedos ou outras coisas que ele ache que possa querer; senão, haverá consequências. Então, vá fazer suas coisas. Quando você e seu filho chegarem a uma loja cheia de "desejos", adivinhe o que ele fará? Testá-lo, é claro. Quando os pedidos e os choros começarem, você dirá "não" *e manterá sua palavra*. Se os pedidos continuarem, saia da loja e vá para casa, a fim de aplicar a consequência à criança. (Leia mais sobre isso no capítulo 7.) Confie em mim.

O verdadeiro presente que você pode dar a seu filho não é a satisfação da vontade dele, comprando outro brinquedo, mas ensiná-lo a *postergar* essa satisfação, deixando de obter o que deseja. Lembre-se: se seu filho não tiver autocontrole, é você quem será controlado.

### CONCEDA SEM FAVORITISMO

Seja honesto. Embora a maioria de nós diga que ama os filhos de maneira igual, podemos "gostar" de um filho mais que de outro em diferentes idades e estágios. Se um filho o está perturbando neste exato momento, você tem de lutar para não ser injusto e dar menos a esse filho. Se há um filho de que é mais fácil gostar, você deve permanecer alerta para não lhe mostrar favoritismo.

Cuidado. O favoritismo não produzirá um relacionamento mais próximo com aquele a quem você favorece, uma vez que o "favorito" sabe, lá no fundo, que você não age de maneira justa. O filho

favorecido não apenas tirará vantagem disso como também aprenderá a desconfiar dessa sua falha de caráter. Na verdade, agir com favoritismo resulta em estrago em dobro.

Além disso, o favoritismo destrói o relacionamento entre irmãos. O fato de Isaque ter favorecido Esaú e de Rebeca ter favorecido Jacó provocou uma inimizade profunda entre aqueles dois irmãos, sem mencionar o problema que cada filho teve com o genitor que não o favoreceu (cf. Gn 25.19—28.9). Quando Jacó beneficiou José em detrimento dos outros filhos (ato simbolizado pela concessão do manto colorido), tal atitude levou à venda de José como escravo e resultou em um longo período de dor para todos os envolvidos (cf. Gn 37).[1]

Tenha uma coisa em mente: agimos com favoritismo de maneira consciente ou não. Devemos enfrentar as situações à medida que elas surgirem. Não estou falando, por exemplo, de privar de privilégios a criança que mostrou desobediência e recompensar

com justiça outro filho que agiu obedientemente. Refiro-me a mostrar parcialidade e discriminação de qualquer tipo no longo prazo. O favoritismo é um julgamento horrível e injusto contra o valor intrínseco do filho não favorecido; é também uma traição ao caráter do favorecido.

Siga Jesus como modelo. Ainda que, entre os discípulos, houvesse os mais próximos, ele não agia com favoritismo. Amou a todos igualmente. Observe também o que Paulo disse a Timóteo sobre liderar o rebanho em questões práticas: "Procure observar essas instruções sem parcialidade; e não faça nada por favoritismo" (1Tm 5.21).

**C**onceder é o primeiro passo para guiar seus filhos na direção de Deus. Boa porção da felicidade futura deles virá do fato de saberem como se contentar, e, na maioria das vezes, eles aprenderão isso ao observar seus pais passarem privações (até mesmo deliberadamente) por bons motivos. Desde os 4 anos até a vida adulta, Sarah, minha esposa, cresceu em

uma casa muito pequena enquanto Martha, sua mãe, lutava para criar os filhos com um salário pequeno, depois de um divórcio indesejado. Martha não reclamava, nem deixou de honrar o que diz Provérbios 3.9: "Honre o SENHOR com todos os seus recursos e com os primeiros frutos de todas as suas plantações".

Sarah se lembra claramente de ver sua mãe dar o dízimo, entregando dez por cento de cada cheque magro que recebia como pagamento e, então, exclamar: "Pronto! Todas as contas do mês foram pagas. Glória a Deus! Já que sobraram alguns centavos, posso tomar uma xícara de café no trabalho". Quando criança, Sarah não se dava conta de que era considerada pobre. Ela simplesmente aprendeu a lidar com a adversidade e adaptou-se ao alegre espírito de contentamento de sua mãe. Martha deixou para a filha uma herança maior que o dinheiro: ensinou-lhe como confiar que Deus

proveria o necessário e como devolver a ele em gratidão.

Ao definir as necessidades e os desejos de sua família, tenha em mente que a melhor coisa que podemos dar aos filhos é o exemplo intangível de fé na providência de Deus para todas as necessidades, de acordo com suas riquezas em Cristo Jesus. Não há presente maior que você possa dar a seus filhos!

# Coloque-se no lugar deles

5

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Como a maioria dos pais, Sarah e eu "aprendemos na prática", e isso certamente inclui a próxima letra em nosso acrônimo: **U**sar de discernimento. Quando nosso filho David estava no quinto ano, Sarah e eu lutávamos para entender o desinteresse dele em conversar conosco e abrir o coração a fim de que pudéssemos dar-lhe todo tipo de conselhos maravilhosos e sábios. Sarah se recorda de tê-lo buscado na escola depois do primeiro dia de aula e perguntado:

— Como foi seu dia?

— Bom.

— O que você fez?

— Nada.

— Não aconteceu nada emocionante?

— Não.

No segundo dia de aula, foi mais ou menos a mesma coisa.

— David, como foi seu dia?

— Bom.

— O que você fez?

— Nada.

— Aconteceu alguma coisa emocionante?

— Nã-nã-não.

Terceiro dia:

— David, como foi seu dia? Alguma coisa emocionante?

— Não…

No quarto dia, David olhou para sua mãe e disse de maneira gentil, mas firme:

— Mamãe, *vou* dizer uma coisa: todo dia é igual. Se algo mudar, você vai ficar sabendo.

Como Sarah costuma dizer, ela gostaria de ter podido aprender isso no quinto ano — no quinto ano escolar de David. Ela de fato reduziu o

interrogatório de vinte perguntas, mas, de vez em quando, tentava provocar nosso filho e fazê-lo falar, e tinha poucos resultados.

De vez em quando ela me dizia: "Não entendo o David. Ele não fala comigo como quero que fale". Naquele tempo, ainda não tínhamos muito claras as diferenças no modo como filhos e filhas falam com os pais. As meninas, por exemplo, costumam falar de seus sentimentos mais frequentemente que os meninos, incluindo tópicos que abordam como elas se sentiram durante o dia. Com base em minhas observações, esse comportamento se inicia bem cedo. Em geral, os meninos não se lembram de detalhes das conversas e das experiências que vivenciam, nem as compartilham com tanto entusiasmo como as garotas. Era perfeitamente normal para Sarah perguntar "Como foi seu dia?" e era perfeitamente normal para David não querer falar sobre aquilo. (Veja mais sobre isso e outras diferenças de gênero no capítulo 11.)

Mais tarde, quando David era mais velho e nós estávamos ensinando sobre a Conexão entre Amor e Respeito em congressos sobre vida conjugal, Sarah descobriu que uma forma importante de criar vínculos com o filho não é confrontando-o com perguntas diretas, mas apenas estando com ele, fazendo alguma atividade de que ele goste, "lado a lado".

## O QUE SIGNIFICA "ENTENDER" SEU FILHO OU SUA FILHA?

As diferenças entre meninos e meninas foi apenas uma das muitas coisas que Sarah e eu aprendemos na prática à medida que procurávamos entender nossos filhos. Ter consciência dessa diferença de gêneros ajuda bastante, mas é apenas parte de uma definição mais ampla:

Entender um filho é conhecer os estágios de desenvolvimento pelos quais ele passa e mostrar-lhe empatia em todos eles.

Um fato óbvio que os pais costumam ignorar é que os filhos, não importa a idade, são pouco desenvolvidos e ainda imaturos. Dizendo de maneira simples, eles precisam crescer. Afinal, ainda não são crescidos! Por isso, devemos reconhecer que um filho — de criança de colo a adolescente — irá, como diz a Bíblia, falar como menino, pensar como menino e raciocinar como menino e, obviamente, fazer "coisas de menino" (1Co 13.11).

Minha mãe costumava se lembrar de uma conversa que tivera comigo quando eu estava no primeiro ano, algo que ilustra o modo infantil de raciocinar. Ela me perguntou:

— Quando sua professora pede que vocês soletrem palavras de uma lista, ela pula de um aluno a outro?

Com toda a seriedade, respondi:

— Não, ela fica parada no lugar.

Os filhos pensam primeiro literalmente. São crianças cujos comentários e modos podem provocar um sorriso na face dos pais. O famoso artista de televisão Art Linkletter disse muito bem: "As crianças dizem as coisas mais incríveis!". Elas de fato o fazem, e precisamos registrar essas "coisas" em nossas lembranças para contá-las e compartilhá-las no futuro.

Contudo, a infantilidade pode se tornar frustrante quando os filhos fazem coisas que nos irritam e, então, nós os decepcionamos quando perdemos a paciência. Em momentos assim, precisamos nos lembrar de uma coisa: infantil significa "imaturo, irresponsável e tolo". Precisamos perguntar a nós mesmos: "O que espero de meu filho? Quero que ele deixe de agir de forma infantil?". Embora esse comportamento nos chateie e canse, e às vezes possa parecer desrespeitoso, a criança ou o adolescente não tem má intenção. Precisamos desenvolver um espírito

de discernimento comparável ao espírito de generosidade que discutimos no capítulo anterior. Do contrário, podemos ter uma compreensão terrivelmente errada acerca de nossos filhos — e o Ciclo Insano da Família certamente começará a rodar quando os provocarmos sem necessidade.

Vemos a seguinte advertência em Efésios 6.4: "Pais, não irritem seus filhos". O texto de Colossenses 3.21 avisa: "Pais, não irritem seus filhos, para que eles não desanimem". Creio que, nesses versículos, Paulo está desafiando particularmente os pais (os homens), porque eles podem exagerar na correção e parecer muito exigentes. Contudo, embora as mães sejam tipicamente mais compreensivas que os pais, essas advertências das Escrituras também servem para elas.[1]

O primeiro passo para entender seus filhos é discernir quanto eles precisam se sentir amados. Parece simples? Tenham muito cuidado, mamãe e papai, pois o mero fato de amarem profundamente seus filhos não significa que eles vão automaticamente

revelar um espírito de discernimento ou uma disposição para entendê-los. Se houver pouco entendimento, a criança pode se sentir mal compreendida, não aceita ou não amada. É por isso que não devemos sequer ousar recusar a devida atenção a passagens como Efésios 6.4 e Colossenses 3.21.

Pôr em prática tais passagens, no entanto, é algo muito mais fácil de dizer do que fazer. Ironicamente, os pais, que deveriam ser mais maduros que seus filhos, muitas vezes são culpados de agir de modo exatamente oposto. Vamos colocar a questão da seguinte maneira: se irrito meus filhos constantemente e os levo a desanimar, não os estou criando com maturidade. A verdadeira maturidade busca servir ao outro, e não o contrário. Muitos pais pensam que criar filhos é uma questão não somente de levá-los a entender o que os próprios genitores querem, mas também de garantir que façam isso de maneira respeitosa. Sarah e eu aprendemos, muitas

vezes da forma mais dolorosa, que é exatamente o oposto: é amando e entendendo nossos filhos que os motivamos a ser obedientes e respeitosos. Às vezes, isso pode parecer impossível, mas funciona no longo prazo.

Lembre-se de que a pergunta fundamental é sempre esta:

Como posso entender meus filhos de modo que se sintam amados e também sejam motivados a agir respeitosamente comigo?

## COMO PROVOCAR SEUS FILHOS INADVERTIDAMENTE

Pense comigo sobre como nós, adultos, podemos cruzar a linha e frustrar nossos filhos. Quando a Palavra de Deus diz que não devemos provocá-los à ira nem os irritarmos (Ef 6.4; Cl 3.21), entende-se que devemos saber onde está esse limite. Veremos a

seguir algumas maneiras pelas quais podemos cruzar a linha — mais facilmente do que imaginamos.

*A agressividade e a propensão a contato corporal* podem facilmente nos fazer cruzar a linha. Não estou dizendo que você nunca deva disciplinar seus filhos nem os pegar pela mão (veja o capítulo 7). Estou falando de perder a paciência ou a calma e ser bruto demais com eles, tanto verbal quanto fisicamente. É fácil elevar a voz para garantir que eles escutem e agarrá-los firmemente e sacudi-los na tentativa de fazê-los obedecer. Alguns filhos têm de suportar coisas muito piores. Tenho muitas cartas de pais que relatam abusos sofridos na infância e conheci, por experiência, o medo, a frustração e a raiva ao ver meu pai abusar verbalmente de minha mãe. Mas, seja em que nível for, linguagem dura e tratamento áspero provocam e irritam qualquer filho; por fim, o filho se fechará para esse pai.

*O descumprimento de promessas* é algo que pode fazer os pais cruzarem a linha, mesmo quando creem haver

uma boa desculpa para não cumprir o prometido. Um dos piores cenários é o da criança que espera um pai que nunca volta. Um amigo meu lembra-se vividamente de quando sua mãe saiu de casa depois de ter prometido que voltaria em duas semanas. Durante meses ele olhou pela janela, com o coração disparando cada vez que via um carro azul como o dela passando pela rua. Ele relembra: "Teria sido melhor ouvir 'sou alcoólica e não voltarei, mas a vovó vai cuidar de você'". Em vez disso, o coração daquele menino de 8 anos foi partido pela falsa promessa de sua mãe.

Qualquer promessa quebrada — deixar de comparecer a uma apresentação ou a uma partida de futebol, ou não trazer um brinquedo depois de uma viagem de negócios —, por menos prejudicial que possa parecer, pode irar e desanimar seu filho. A questão é clara: cumpra a qualquer custo as promessas que fizer a seus filhos. Assim afirmam as Escrituras:

“Como nuvens e ventos sem chuva é aquele que se gaba de presentes que não deu” (Pv 25.14).

Quando você simplesmente não conseguir cumprir um compromisso, devido a circunstâncias que fujam de seu controle, peça perdão e procure compensar sempre que possível. Veja a seguir um *e-mail* encontrado em meus arquivos, o qual escrevi para Joy, então com 11 anos, depois de não ter realizado um passeio que havíamos planejado juntos:

Querida Florzinha,

Minha agenda foi preenchida nesta tarde, das 15 às 17 horas. Mas no fim das contas será até melhor. Como você não terá aula na próxima segunda-feira, mamãe e eu decidimos que nesse dia podemos fazer três coisas: ir ao clube, almoçar fora e fazer compras. Peço desculpas por forçá-la a esperar vários dias a mais. Aos 11 anos, isso pode ser frustrante. Mas não há dúvida de que agora temos algo pelo que esperar ansiosamente.

Joy me disse que não se lembra de como reagiu ao bilhete, mas o fato é que aquilo fez que se sentisse um pouco melhor. Qualquer mensagem escrita ou contato verbal com um pedido de desculpas garantirá às crianças que você está ciente do que fez e se importa com seus sentimentos.

*Insultos e xingamentos* frequentemente nos levam a ultrapassar os limites, mesmo quando ocorrem em tom de brincadeira, "só por diversão". E se, ao sentir-se irritado ou irado, você usar um nome ofensivo para seu filho, é certo que isso causará danos à criança. O termo *inútil*, que meu pai usou em relação a mim diversas vezes, foi outra razão para que eu fechasse meu espírito a ele durante anos. Sei que, se estivesse vivo hoje, papai pediria desculpas. Creio que, no fundo de seu coração, ele não queria reagir daquela maneira, mas suas reações me desanimavam.

Digo mais uma vez: *nunca* chame seus filhos de alguma coisa ofensiva, ou eles desanimarão. Fico surpreso diante das emoções que brotam de mim

enquanto escrevo isso. O costume de dar apelidos negativos aos filhos *não é* uma coisa nada boa. O fato é que "a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade" (Tg 3.6).

*Acusações falsas ou precipitadas* podem ser particularmente prejudiciais. Quando Joy era adolescente, entrei na sala no instante em que ela e o namorado lutavam no chão por pura diversão, mas foi algo que me acendeu todas as luzes vermelhas na mente. Chamei-a de lado em particular (pelo menos tive o bom senso de fazer isso) e tentei explicar como esse tipo de contato próximo poderia despertar sexualmente um rapaz. Joy ficou surpresa e envergonhada. Para ela e o namorado, o que fizeram fora estritamente inocente e divertido, e tudo que ela conseguiu ouvir foi que eu a estava culpando por algo que de fato não estava acontecendo. Joy explodiu em lágrimas iradas e ficou aborrecida comigo por um bom tempo.

Errei ao confrontar minha filha? Isso é passível de discussão (eu estava apenas tentando ser um pai que ajuda). Mas o que não está aberto a debate é que eu poderia ter lidado com a questão de maneira diferente. Poderia ter dado um passo para trás e perguntado a mim mesmo: "Como Joy vai se sentir se eu disser alguma coisa neste momento? Devo deixar isso para lá? O que Sarah aconselharia?". Mais tarde, minha esposa disse que eu havia feito um grande estrago e que ela precisara intervir bastante para que Joy me perdoasse.

Para ilustrar um pouco mais o impacto que esse incidente teve sobre Joy, quando pedi a meus filhos crescidos que me dessem exemplos de como eu havia pisado na bola no decorrer dos anos, ela rapidamente se lembrou do sermão por causa da luta na sala. Fiquei envergonhado pela segunda vez e novamente senti todo tipo de dúvida sobre quão legítimas eram minhas abordagens quanto à criação de filhos. Felizmente, hoje eu e Joy temos uma amizade

completamente aberta de pai e filha. Quando compartilhei com ela minha culpa e lhe revelei o peso que carregava no coração pelo modo como a havia ferido, Joy disse: "Pai, não deixe de enxergar todas as coisas que você fez direito. Além disso, se pretende ajudar pais a aceitarem a graça de Deus, você precisa aceitar a graça dele e o meu perdão também".

Acusações falsas ou precipitadas podem ser especialmente dolorosas para adolescentes, porque eles estão tentando entender a si mesmos e tornar-se independentes. Entretanto, seja qual for a idade, acusar falsamente um filho, sem ter ciência de todos os fatos, é uma maneira segura de irritá-lo. As Escrituras colocam muito bem essa questão: "Tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se" (Tg 1.19). Em outras palavras, ouça com atenção e informe-se da realidade antes de falar ou agir. Há um sábio conselho em Provérbios 18.13: "Quem responde antes de ouvir comete insensatez e passa vergonha".

Pelo fato de ter incluído uma enorme seção sobre "ouvir com atenção e cuidado" em minha tese de doutorado sobre a família, achei que conhecia todos os princípios básicos, mas meus filhos me ensinaram muito mais que qualquer pós-graduação poderia ter feito.

Por exemplo, "ouvir corretamente" significa, em geral, olhar direto nos olhos dos filhos. Quando tinha por volta de 3 ou 4 anos, Joy pegava meu rosto e o voltava na direção dela, dizendo: "Papai, olhe para mim". Quando tentavam me dizer algo e me pegavam olhando para longe, meus meninos eram mais propensos a dizer: "Você não está nem sequer ouvindo. Não se importa com o que estou dizendo!". Eu poderia até achar que os ouvia, mas eles eram as pessoas mais aptas a me mostrar quanto eu havia estragado as coisas.

David me diz hoje que, na infância, sentia que eu estava sempre tentando explicar os motivos de minhas conversas com ele. Ele sabia que eu queria entendê-lo,

mas ele raramente sentia que eu o entendia. Essa é uma das "perdas" que me doem. Tanto Sarah como eu acreditamos ter cometido um enorme erro nessa área. Nossa tendência era reagir com insensatez. Era presumir que sabíamos, em vez de nos assegurar de que de fato sabíamos. Era dar respostas rápidas em vez de dizer: "Deixe-me pensar sobre isso por alguns instantes".

Ouvir é uma arte e, mesmo hoje, ainda estou aprendendo. Uma coisa descobri: criar filhos não é tanto fazê-los entender nossas instruções, conselhos ou orientações, mas sim tentar entendê-los, isto é, saber como se sentem e o que estão tentando nos dizer.

Talvez você possa aprender com o que compartilho sobre nossos erros. O que seus filhos precisam e desejam é que você procure entendê-los, e não há melhor maneira de começar do que ouvindo.

*Expectativas, pedidos ou exigências irracionais* são outros erros que levam a cruzar a linha e que podem

ser facilmente cometidos pelos pais, porque não estão conscientes de que, muitas vezes, os filhos não conseguem realizar o que lhes pedem. Às vezes os pais não veem as coisas através dos olhos dos filhos porque estão ocupados demais tentando fazer da vida dessas crianças sua razão de ser. Um pai atua como técnico do time de futebol de sua filha e, pelo fato de ela ser sua melhor jogadora, insiste cruelmente que a garota tenha um bom desempenho. Embora afirme que está fazendo isso para o bem dela, na verdade quer apenas satisfazer sua necessidade de ser alguém importante. A menina se cansa da pressão constante e, por fim, recusa-se a jogar, fazendo o pai explodir de raiva por algo que ele vê como desrespeito. Ela se fecha em ira e ressentimento.

Muitas voltas do Ciclo Insano da Família podem ser atribuídas ao fato de esperarmos de nossos filhos mais do que eles podem realizar. Quando os forçamos para além de seu nível de amadurecimento, eles podem (e muitas vezes o fazem) explodir em ira (cf. Ef 6.4) ou

desanimar-se em derrota (cf. Cl 3.21). Uma mulher me escreveu relatando que sempre quis ser a "filhinha do papai": "Contudo, por mais que eu me esforçasse para ser perfeita, ele jamais disse uma vez sequer que tinha orgulho de mim, e nem ao menos me abraçou… Por mais que eu fizesse, nunca era bom o suficiente para ele. Por fim, passei a fingir que aquilo não importava. Isolei-me dele".

Existem muitas maneiras de cruzar a linha e irritar seu filho. Uma boa recomendação nesse sentido é a de pesar suas palavras ou ações com perguntas:

"O que estou prestes a dizer soa amoroso para meu filho?"

"Estou tentando ver as coisas através dos olhos dele?"

"Consigo me lembrar de como eu era na adolescência?"

O simples fato de parar e fazer uma dessas perguntas já é um bom começo, mas existem mais coisas a aprender sobre a irritação; e, para a maioria dos pais, há outra grande pergunta a ser respondida.

### COM QUE FACILIDADE VOCÊ "ENTREGA AS CHAVES"?

Ser emocionalmente maduro e não fazer coisas que provocam e irritam os filhos é um desafio, mas o que dizer daqueles momentos em que *eles* nos provocam e irritam? No calor da batalha, devemos permanecer calmos e controlados. Como Provérbios 17.27 coloca: "Quem tem conhecimento é comedido no falar, e quem tem entendimento é de espírito sereno".

É nossa responsabilidade sermos emocionalmente controlados, nunca verbalmente cruéis. Temos de aguentar o tranco. Nós somos os adultos. Estamos dirigindo o carro, por assim dizer, e não devemos entregar a chave ao ceder à nossa própria forma de comportamento infantil.

Com que facilidade seus filhos provocam e irritam você? Veja a seguir algumas perguntas em que você pode refletir.

*Tenho a tendência de presumir ou prejulgar?* Em outras palavras, você dá muita importância quando seu filho desobedece, se atrasa ou se comporta mal em diversos aspectos durante o dia? Você suspeita que ele fica acordado até tarde da noite elaborando planos de como fazer seu sangue ferver?

Muitos pais ficam irritados ao prever como seus filhos serão desrespeitosos em certas situações. Uma mãe antevê: "Eu sabia que ela ignoraria minhas instruções sobre fazer a lição de casa. Ela faz isso para me irritar. Estou ficando cansada de não ser levada a sério. Que falta de respeito!".

Os pais afirmam: "Se nossos filhos realmente nos respeitassem, eles nos escutariam! É claro que ficamos irritados. Não é certo ficar chateado?". Em muitas situações, a resposta mais objetiva a essa pergunta é "não". Você está tirando conclusões precipitadas sobre

o comportamento de seu filho, um comportamento bastante normal, para falar a verdade. Você deve lidar com isso, mas não em meio à irritação e à raiva. E nem sempre espere o pior de seus filhos.

*Qual é meu grau de impaciência… de verdade?* Essa é a outra face da moeda das expectativas. Esperamos que nossos filhos ajam com maturidade, que não nos frustrem, que sejam sempre cooperativos e assim por diante. Quando não agem assim, perdemos a paciência e, por causa de nossa ira, rapidamente gritamos: "Pare de chorar! Você nunca vai crescer?". Ou aquela velha receita: "Por que você não é como sua irmã mais velha?" (ou qualquer outra pessoa). E é claro que, da irritação para a ira desenfreada, é um pequeno passo.

Quando David tinha 11 ou 12 anos, prensei-o contra a parede por reclamar de alguma coisa; aquele foi o ápice de minha frustração com ele por sua agressividade durante toda a manhã de sábado. Foi um apertão que não o machucou, mas que lhe

chamou a atenção. Contudo, eu exagerei e estava errado. Perdi a calma. Nunca fizera algo assim e jamais repeti; sabia que aquilo era um problema *meu*. Sentime horrível. Disse a ele que sentia muito e pedi que me perdoasse.

O interessante é que perguntei a David se ele se lembrava desse meu erro. Ele respondeu: "Não, não me lembro de você me empurrando contra a parede. Lembro-me de uma ocasião em que você me pegou e me levou para o porão. No caminho, agarrei aquela estante larga e alta, de madeira, que ficava encostada na parede e a derrubei. Ainda me orgulho daquilo". Sorri e agradeci ao Senhor por fazê-lo lembrar-se de sua ousadia e de esquecer-se de minha perda de controle.

Ainda me recordo claramente daquela cena em que manifestei minha impaciência e ira. Demonstrei maior imaturidade que David, uma vez que, afinal de contas, eu era o adulto e ele, a criança. Em minha irritação, eu "entreguei as chaves".

*Responsabilizo meus filhos por meu bem-estar emocional e minha felicidade?* Minha autoimagem sobe ou desce baseada em minha conduta? Sinto-me bem comigo mesmo quando eles são "bons"? Sinto-me mal quando eles são "maus"? Já aconselhei muitas mães que admitem ter sutilmente atribuído aos filhos a responsabilidade por seu senso de valor próprio. Isso costuma levar a um de dois resultados ruins: essas mães cedem às exigências de seus filhos para levá-los a comportar-se bem ou guardam ressentimento em relação a eles por "fazê-las" sentir-se mal quanto à maneira ruim como os criam.

Oro para que você não caia nessa armadilha, mas, se acredita já estar nela, fique sabendo que pode escapar. Seu senso de valor próprio não deve vir de seus filhos, mas do valor que Cristo lhe dá. Os filhos podem nos afetar emocionalmente, mas eles nunca devem ser capazes de determinar nossa autoimagem — que deve depender de um relacionamento saudável com Deus. (Leia mais sobre essa verdade no capítulo 13.)

*Estou ocupado demais para meus filhos?* Alguns pais estão de tal modo envolvidos em seu mundo adulto — cheio de metas, listas de afazeres, telefonemas a dar, *e-mails* a responder, constante troca de mensagens e outras tantas coisas — que se irritam quando os filhos querem um pouco de seu tempo. Anos atrás, ouvi um palestrante que contou a história de um pai que, atrás de portas fechadas no escritório de casa, mantinha-se muito ocupado, trabalhando para cumprir um prazo. Esse pai começa a ouvir o filho de 3 anos chutando a porta levemente. Ele tenta ignorar o barulho, mas finalmente diz de modo severo:

— Jason, saia já de trás dessa porta! Papai está tentando trabalhar.

Tudo fica silencioso por alguns segundos; então, o pai ouve um choro suave. Abre a porta e encontra Jason no chão, choramingando.

— O que você quer? — pergunta o pai.

Com o lábio tremendo, o menininho gagueja:

— Eu só… queria… dizer… eu… amo… você.

O grande filósofo Sócrates disse: “Cuidado com a sequidão da vida ocupada”. Quando você está tão ocupado a ponto de até mesmo a menor interrupção conseguir irritá-lo, tal atitude pode facilmente levar seus preciosos filhos a não se sentirem nem amados nem compreendidos.

## MOSTRE EMPATIA E FAÇA O QUE LHE PARECER MELHOR

No início deste capítulo, eu disse que usar de discernimento com os filhos é a habilidade de conhecê-los e mostrar-lhes empatia qualquer que seja o estágio de desenvolvimento em que eles estejam. Por *mostrar empatia* quero dizer ir além de uma declaração que diga simplesmente “Isso foi muito ruim”. Mostrar empatia significa compartilhar dos sentimentos ou pensamentos do outro, especialmente quando ele está ferido ou triste. Você tenta se pôr no lugar do outro e, nesse caso, o lugar é ocupado por sua filha em idade pré-escolar, seu filho no ensino

fundamental ou seu adolescente. Você é capaz de mostrar empatia por seu filho porque pode se lembrar de como se sentia quando era jovem, quando se achava diferente, tirava uma nota ruim, perdia uma partida ou qualquer outra coisa pela qual seu filho esteja passando.

Claro que mostrar empatia da maneira correta nem sempre é fácil. A boa criação implica mostrar suficiente empatia, mas sem exagero. Empatia demais pode sustentar e alimentar sentimentos de ira ou autocomiseração. No pior caso, podemos ser tão empáticos que acabamos racionalizando e justificando comportamentos ruins que podem vir a se transformar em manipulação habitual e até em mentiras.

Não é um chamado fácil de ser cumprido. Mais uma vez, precisamos confiar no Aba Pai enquanto fazemos o que nos parece melhor (cf. Hb 12.10). Essa foi uma virtude salvadora para mim e Sarah: tão somente confiar em Deus. Sei que parece simplista, mas, com

muita frequência, era a isso que nós recorríamos (e ainda o fazemos). Instintivamente, como pais seguidores de Cristo, sabíamos que nossa mais profunda motivação para entender nossos filhos se baseava na compreensão que nosso Pai celestial tinha de nós como seus filhos. De fato, Jesus ensina que o Pai celestial tem por nós sentimentos ainda mais intensos que os que temos por nossos filhos (cf. Mt 7.7-11). Por causa do amor do Pai por nós, Sarah e eu nos sentíamos compelidos a tratar nossos filhos da maneira como o Senhor nos tratava. Quando falhávamos, era porque havíamos desviado nossos olhos dessa verdade.

Assim como o Senhor mostra empatia por nossas lutas, também devemos mostrar empatia pelas lutas de nossos filhos. O texto de Hebreus 4.15 é o nosso guia: "Pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado".[2]

O que acontece se deixarmos de compreender nossos filhos e de mostrar-lhes empatia?

Quando você pisar na bola, busque o perdão. No livro *Amor e Respeito*, afirmo que as palavras mais poderosas em qualquer casamento são: "Sinto muito. Você me perdoa?". Essas mesmas cinco palavras se aplicam à criação de filhos. Quando deixamos de entendê-los, quando ultrapassamos o limite e os irritamos, podemos dizer coisas como estas:

"Sinto muito. Fiquei irado e pensei coisas erradas. Eu estava enganado. Por favor, você me perdoa?"

"Falei antes de saber de toda a história. Estraguei tudo. Peço desculpas."

Seja o que for que você queira dizer, certifique-se de que seus filhos entendam um "Você me perdoa?" dito por um pai pesaroso. Se você raramente disser isso, eles também vão notar. Sarah comentou: "Dizer 'Eu estava errada; por favor, perdoe-me' sempre foi importante para mim como mãe. Só consigo me lembrar de duas ocasiões em que minha mãe admitiu

que estava errada. Eu a amava demais, mas queria ouvi-la dizer 'Sinto muito' porque eu sabia que havia ocasiões em que ela de fato se equivocava".

Em resumo: nossos filhos se sentem aceitos e amados quando pedimos desculpas por cruzar a linha… E esse é sempre um bom ponto de partida rumo à compreensão.

# 6 Não muito. Apenas o suficiente de "coisas desse tipo"

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Muitos anos atrás, quando eu servia como pastor, um rapaz me escreveu para contar sobre como era viver, na década de 1960, em uma casa que ficava no final de uma longa rua sem saída. As pessoas costumavam entrar ali de carro apenas para bisbilhotar, e casais jovens costumavam estacionar por ali. A área de retorno era pequena, e os motoristas passavam por cima do jardim, derrapando os pneus e deixando sulcos no gramado. Certo dia, esse rapaz estava com seu pai arrumando o gramado (de novo!) e disse, irritado:

— Puxa, será que não podemos bater nesses caras?

O pai deu de ombros e disse:

— Na verdade, não.

Quando o moço perguntou "Por quê?", o pai respondeu:

— Existem coisas muito mais importantes que a grama.

O rapaz não entendeu o que o pai quis dizer e levou o assunto adiante.

— O que, por exemplo?

A resposta veio em sete palavras que causaram um impacto poderoso sobre sua vida:

— Bondade, fraternidade, amor… e coisas desse tipo.

Anos depois, ao escrever esse relato em uma carta, o rapaz encerrou assim: "Suponho que isso soe como uma história engraçada, mas ela provocou um efeito duradouro sobre mim. Aquele ensinamento me abriu os olhos. Além disso, meu pai deixou claro que me amava, mas também tinha clareza quanto à extrema importância de ser um exemplo de caminhada com Cristo".

Quando pronunciou aquelas palavras que permaneceram com seu filho por toda a vida, duvido que o pai tenha pensado: "Oh, aqui está uma ótima oportunidade de instruir meu filho incutindo-lhe sabedoria". Muito provavelmente, não estava pensando em Efésios 6.4, que diz: "Criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor"; ele estava pondo essa passagem bíblica em prática, e esse é o melhor tipo de ensinamento que um pai pode dar. Os filhos prestam atenção quando perguntam "Por quê?" e recebem *insights* do coração humilde de um pai.

Momentos assim com nossos filhos revelam aquilo em que realmente cremos. Hoje vivemos em um mundo de tentações extremas e cinismo crescente em relação às coisas de Cristo. Se realmente formos pais piedosos, vamos nos pôr muito acima de todas as outras influências à medida que buscarmos ensinar aos filhos "bondade, fraternidade, amor… e coisas desse tipo".

## PARA SEU FILHO, VOCÊ É O PROFESSOR MAIS IMPORTANTE

Ninguém é mais importante que os pais quando se trata de transmitir verdades aos filhos. Como diz Provérbios 1.8: "Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe". Depois de todo esse tempo de ministério, porém, sei que muitos cristãos não estão completamente convencidos de que são os professores mais importantes de seus filhos. Afinal, pessoas bem treinadas ensinam essas crianças e jovens — na escola, na igreja, na quadra de esportes. É tentador pensar: "Posso confiar que outros instruirão meus filhos melhor do que eu. Meu trabalho é cuidar deles, sustentá-los, amá-los, apoiá-los… isso não é importante?".

Sim, tudo isso é muito importante, mas não é suficiente. É necessário fazer mais — e é por isso que os pais recebem o mandamento de criar seus filhos segundo "a instrução e o conselho do Senhor". A palavra grega traduzida por "instrução" em Efésios 6.4

está relacionada àquilo que se transmite ao filho como ensinamento, advertência ou encorajamento. De acordo com Paulo, essa instrução verbal deve vir dos textos inspirados da Bíblia. Quando escreveu a Timóteo, Paulo disse ao jovem pastor: "Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça" (2Tm 3.15-16).

Paulo se referia em parte aos textos do Antigo Testamento, que foram passados a Timóteo por sua mãe, Eunice, e sua avó, Loide, mas também estava pensando nas palavras e nos ensinos de Jesus, que afirmou: "Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus'" (Mt 4.4). Como seguidores de Cristo, cremos em uma visão de mundo reveladora, segundo a qual o Aba está presente e nos falou primeiramente por meio de seu Filho. É por isso que Paulo escreveu em

Romanos 10.17 que "a fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo". Se mantivermos Cristo no centro do coração, não deixaremos de criar nossos filhos na instrução do Senhor Jesus. Levaremos o coração deles ao coração de Cristo.[1]

## O QUE DEVEMOS ENSINAR?

Creio que nosso ensinamento envolve duas grandes áreas.

Primeiro, ancoramos nossos filhos nas verdades salvadoras de Deus. Que privilégio é poder procurar maneiras de compartilhar o plano de salvação com nossos filhos! Se não soubermos como levá-los a Cristo, os irmãos que trabalham com crianças na igreja dispõem de diversas ferramentas que podem nos mostrar como fazê-lo. Não há maior alegria que levar os próprios filhos a Cristo. Mas, quer nós mesmos lhes expliquemos a mensagem do evangelho, quer alguém da igreja o faça, não há nada,

absolutamente nada, mais importante para a eternidade. Que proveito há se ensinarmos nossos filhos a serem bem-sucedidos no mundo ao mesmo tempo que perdem a alma (cf. Mt 16.26)?

Quando se entregou a Cristo, aos 53 anos, minha mãe tinha lágrimas no rosto e segurava uma Bíblia enquanto dizia: "Toda a minha vida estava bem aqui, e ninguém nunca me falou sobre um relacionamento pessoal com Cristo". Mamãe está no céu, mas sei o que ela diria a todos os pais: "Ensinem seu filho nas 'Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus' (2Tm 3.15). Não deixem que ele chegue aos 53 anos sem saber!" (Veja o capítulo 9, onde conto sobre quando minha filha Joy entregou-se a Cristo, aos 5 anos.)

Segundo, instrua-os a comportar-se sabiamente na vida cotidiana. Salomão iniciou o livro de Provérbios com estes ensinamentos: "Eles ajudarão a experimentar a sabedoria e a disciplina; a compreender as palavras que dão entendimento; a

viver com disciplina e sensatez, fazendo o que é justo, direito e correto" (Pv 1.2-3).

As palavras de Salomão especificam muitas qualidades de caráter e competências. Quando instruímos nossos filhos em vários assuntos, devemos chegar ao *porquê*, explicando a razão por trás dos ensinamentos. Por exemplo, não mentimos, trapaceamos nem roubamos não apenas porque fazer isso é errado, mas também porque machuca o coração de Deus, que nos ama. Essas atitudes minam nosso relacionamento com os outros e prejudicam nossa reputação. Eu costumava dizer às crianças: "Quando Deus diz 'não', ele está dizendo 'não se machuque'". O que parece certo no momento pode levar à morte no longo prazo (cf. Pv 14.12). Podemos perguntar a nossos filhos: "Você sabe quais são as últimas palavras de um idiota por trás do volante? 'Cuidado!'".

"Mas, Emerson, sinto-me tão incapaz de instruir meus filhos sobre as Escrituras. Não tenho conhecimento bíblico — nenhum diploma em ética e

moralidade, nenhuma formação nos demais assuntos que podem surgir. As perguntas de meus filhos não têm fim." Eu entendo. Meus filhos tinham (e ainda parecem ter) perguntas sem fim, e todos os diplomas que obtive nem sempre ajudaram. (Na verdade, sempre achei que sou instruído além da minha inteligência.)

No entanto, existem várias coisas que todo pai pode fazer quando se trata de criar os filhos segundo "a instrução e o conselho do Senhor" (Ef 6.4).

## Que a palavra de Cristo habite ricamente em vocês

A Bíblia não diz nada sobre pais formados em seminários com o objetivo de ensinar os filhos. Uma mãe pobre e sem instrução de uma tribo da África pode instruir seus filhos nas coisas de Cristo. Ela talvez não saiba ler, mas, ao ouvir as palavras de Cristo sendo pregadas e deixá-las fixar morada em sua alma,

torna-se, aos olhos de Deus, o melhor canal para a instrução de seus filhos.

Quando o apóstolo Paulo instruiu os pais em Colossenses 3.21, dizendo: "Pais, não irritem seus filhos, para que eles não desanimem", estava dando prosseguimento ao que dissera nos versículos 16 e 17, sobre deixar que a palavra de Cristo habite ricamente em nós. Paulo alertou que, quando as palavras de Cristo enchem o coração dos pais, eles se tornam meios naturais para "a instrução e o conselho do Senhor" (Ef 6.4). Observei que, quando os pais se deleitam no Senhor e meditam em sua verdade, ela se derrama à medida que eles se comunicam com os filhos. Digo a todos os pais: "Se as palavras de Cristo vivem em você, jamais se julgue mal preparado para instruir seus filhos. Você é o professor favorito de Cristo, o recurso fundamental de que o Senhor se vale para implantar a instrução dele em seus filhos. Erga-se! Você é o vaso de Cristo!" (No Apêndice A, você

encontrará ideias sobre o que dizer a seus filhos à medida que lhes ensina sobre Amor e Respeito.)

Também existem professores piedosos e sábios que podem ajudar a reforçar sua instrução parental. Não hesite em recorrer à igreja local, a escolas e acampamentos cristãos para consolidar o que você ensina em casa. A igreja pode causar um enorme impacto por meio de seus muitos programas de desenvolvimento bíblico infantil. Além disso, pode oferecer apoio espiritual para você como pai, à medida que você mantém comunhão e estuda com crentes que tenham a mesma mentalidade.

### VIVA O QUE ENSINA

Na história do pai e filho que faziam reparos no gramado, vimos que o poder do exemplo é incalculável. Como um pai me disse: "Vejo em meus filhos que minha instrução é inútil a não ser que eu dê exemplo do que lhes digo".

A beleza disso é que quase diariamente surge alguma oportunidade de ensinar aos filhos aquilo em que acreditamos (e por que acreditamos). Veja esses desafios como ocasiões de ensino em que você pode revelar seu coração ao coração de seu filho. Um aluno do ensino fundamental, por exemplo, tem dificuldade com a lição de casa e finalmente pergunta à mãe se ela poderia fazê-la em lugar dele. Ela se opõe, dizendo:

— Isso não daria certo.

— Mas, mamãe — implora o menino —, você poderia pelo menos *tentar*!

A mãe pode até esconder um sorriso, mas ela precisa fazer o filho saber que a honestidade é sempre melhor que a trapaça. Afinal, ele não gosta quando os amigos trapaceiam nos jogos. Também a professora não gosta quando os alunos agem de má-fé com ela e, mais importante, trapaceiam contra eles mesmos.

É fato que nossos filhos captam muito mais aquilo em que cremos e, em menor grau, o que lhes

ensinamos. Depois do culto na igreja, um menino disse ao pastor:

— Quando eu crescer, vou lhe dar algum dinheiro.

— Puxa, obrigado — responde o pastor. — Mas por quê?

— Porque meu pai diz que você é um dos pregadores mais miseráveis que já tivemos.

Tome cuidado com o que diz. Seus filhos estão vendo e ouvindo, e é comum que entendam tudo ao pé da letra.

### NAS OPORTUNIDADES DE ENSINO, FAÇA O QUE PARECER MELHOR

À beira do divórcio, Steve e Jackie separaram um fim de semana para participar de um retiro cuja abordagem era a Conexão entre Amor e Respeito. Eles encararam aquela ocasião como "a última chance" de salvar o casamento e, de fato, fizeram algum progresso. Em casa, esforçando-se para colocar o relacionamento de volta nos trilhos, assistiam a

alguns vídeos conjugais relacionados a Amor e Respeito na companhia do filho de 5 anos. O casal continuou nesse processo de cura e, depois de um tempo, Jackie, a esposa, me enviou um *e-mail*, dizendo: "Estava no carro com meu filho e provavelmente suspirei alto sem perceber. Matthew falou: 'Mamãe, se você está se sentindo triste, então precisa fazer o que Sarah disse no vídeo e ser mais agradecida!'. Eu lhe disse que ele estava certo e conversamos sobre todas as coisas pelas quais podíamos ser gratos naquele dia".

Isso é que uma oportunidade de ensino! E, nesse caso, a criança de 5 anos foi quem mais ensinou.

Às vezes os momentos de ensino podem ser desagradáveis, e é preciso ter coragem para confrontar seu filho com a verdade, falando de maneira amorosa e respeitosa. Quando meu filho David tinha 14 anos, fui em sua direção enquanto ele jogava beisebol no computador. Pude ver que estava frustrado e perguntei: "O que aconteceu? Você perdeu?". Irado,

David me expulsou dali. Aquilo foi mais uma manifestação de sua frustração do que uma mostra de raiva, mas ainda assim fiquei chocado. David jamais me dispensara daquela maneira (e nunca o fez de novo). Não disse nada, mas, um pouco depois, escrevi-lhe um bilhete sobre o que havia acontecido:

> Querido David,
>
> Às vezes as coisas acontecem bem depressa e nos pegam desprevenidos… Agimos de maneira impulsiva quando estamos irritados. Podemos deixar que as emoções — e não o coração e a mente — nos controlem. Será que, em ocasiões como essas, podemos dizer: "Estou me sentindo frustrado e irritado. Gostaria de enfiar o pé nesta tela"? Creio que sim. Podemos recorrer às palavras para expressar o que estamos sentindo, sem deixar que esses sentimentos se manifestem de maneira explosiva por meio de atitudes como empurrar outra pessoa.

Aquele incidente serviu de oportunidade de ensino quando tentei fazer o que parecia melhor. Ainda que você não se sinta confortável em escrever bilhetes a

seus filhos, o importante é tirar proveito de ocasiões desse tipo, fazendo o que Hebreus 12.10 ensina e instruindo seus filhos como você considera melhor. (Leia mais sobre isso no capítulo 7.)

### UMA PALAVRA SOBRE INSTRUÇÕES ACERCA DE *RESPEITO*

Assim como buscamos aprender a ser pais amorosos, nossos filhos precisam aprender a ser filhos respeitosos. Um pai escreveu: "Comecei a lidar bem de perto com meus filhos (10 e 12 anos), ensinando-os a tratar um ao outro com respeito e bondade, ainda que achem que o outro 'não mereça'. Também os oriento a ser respeitosos com a mãe, não importa o que acontecer. SEM EXCEÇÕES".

Ele prosseguiu, dizendo: "Em vez de dizer 'Parem com isso' quando estão brigando, eu os interrompo e pergunto individualmente se aquele comportamento foi respeitoso. Para meu espanto, um deles diz: 'Não, não foi' e, às vezes, toma a iniciativa de desculpar-se

com o outro. Sim, eles ainda brigam (como acontece entre irmãos), mas já é diferente. Eu os pego dizendo coisas do tipo: 'O que você disse não foi legal. O que foi que eu fiz?' e 'Papai, acho que feri os sentimentos da mamãe. O que eu fiz?'".

"O que eu fiz?" é uma ótima deixa para um momento de ensino. Estimule a criança a pensar no que aconteceu e no que foi dito. Ao mesmo tempo, ajude-a a reconhecer qual foi a atitude desrespeitosa e como é possível evitá-la da próxima vez. (Veja também o Apêndice A.)

### O QUE DIZER SOBRE MUITA OU POUCA INSTRUÇÃO?

Cometi o erro do excesso de instrução. Não é que eu tenha me aproximado de meus filhos e lhes enfiado a Bíblia garganta abaixo diariamente, mas hoje eles dizem em uníssono que exagerei ao escrever tratados sobre questões que, na época, eu considerava "minicrises". Minhas palestras por escrito os envergonhavam mais do que os iluminavam. Embora

concordem que eu tentava ser justo e equilibrado e que demonstrava empatia, sentiam que eu os sobrecarregava com informação. Eu poderia ter aberto caminhos até o coração deles se tivesse escutado mais e pregado menos.

Mas e quanto ao outro lado da moeda: informação de menos? Sim, porque muitos pais deixam de dar instrução clara e justa até mesmo sobre as questões mais simples da vida. Por acaso seus filhos dizem (talvez com frequência): "Você não me ensinou isso! Não é culpa minha!"? Uma mãe comentou: "Tenho esse problema com Mark, e ele costuma estar certo… Ele é nosso terceiro filho, e acabo me esquecendo do que disse ou deixei de dizer a cada um deles".

Sei como Mark se sente porque isso acontecia comigo quando eu era pequeno. Amava meu pai, mas ele tinha problemas de comunicação comigo, especialmente se eu tentava ajudá-lo com tarefas pela casa.

Uma tarefa frequente era consertar a bomba do filtro da piscina, que precisava estar em ordem porque minha mãe dava aulas de natação. Meu pai ficava embaixo da bomba, como um mecânico embaixo do carro, e às vezes me pedia que lhe desse uma "chave Allen" ou uma "chave de boca". Ele nunca havia me mostrado a aparência daquelas chaves e falava rápido enquanto eu ficava ali em pé, nervoso por não conseguir encontrar a chave ou realizar o que ele pedia. Do alto de meus 8 anos, procurava fazer o melhor que podia para encontrar o que ele queria, mas costumava voltar de mãos vazias ou simplesmente responder: "Não sei o que é isso".

Bufando e reclamando, meu pai saía de debaixo da bomba e, enquanto levantava para pegar aquilo de que precisava, dizia: "Você é tão inútil quanto um cachecol no verão". Durante muitos anos, não entendi direito o significado dessa frase, mas realmente compreendia a palavra *inútil*. Totalmente envergonhado e irritado, simplesmente eu ia embora,

sentindo-me não apenas inútil, mas uma enorme decepção para meu pai.

Em contrapartida, uma mãe escreveu:

> Quando Matthew, nosso filho mais velho, tinha 3 anos, tivemos de fazer a manutenção do cortador de grama. Meu marido estava trabalhando nisso sob os olhares do menino quando precisou de uma chave de fenda. Allen explicou a nosso filho as diferenças entre as chaves. Matthew foi até a caixa de ferramentas e voltou com a chave certa! Allen lhe agradeceu, ao que Matthew respondeu: "Ei, papai, você precisa de mim!". Aprendi com meu marido a sempre incluir os filhos em nossas atividades. Isso consome tempo quando eles são pequenas, e no início costuma demorar mais que o normal (sem contar a bagunça), mas a autoestima de nossos filhos, seu senso de pertencimento e o fato de se saberem respeitados e amados valem a pena.

A paciência amorosa desse pai também enfatiza a importância do ensinamento realizado com o tom de voz e o jeito corretos. Se seu tom de voz e sua expressão demonstrarem que você considera seu filho

um idiota, ele vai se sentir estúpido e carente de amor (e provavelmente não aprenderá muita coisa). Hostilidade e crítica jamais funcionam na instrução de humanos.

## O CÉREBRO ADOLESCENTE FINALMENTE SE DESENVOLVE

Embora crianças mais novas sejam ensináveis, a cena pode mudar quando chegam à adolescência. Quando criança, e especialmente na adolescência, nossa filha Joy não costumava sentar-se a meus pés clamando: "Papai, ensine-me! Ensine-me!". Contudo, ao chegar aos 20 anos, ela despertou de seu transe adolescente e hoje apela a mim para que lhe sirva de mentor. Talvez você já tenha ouvido este comentário: "Quando eu tinha 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal suportava o velho por perto. Mas, quando cheguei aos 21, fiquei surpreso ao ver quanto ele havia aprendido em sete anos".[2]

Pesquisas recentes sobre o desenvolvimento cerebral[3] ajudam a explicar por que os adolescentes podem ser tão dramáticos, irracionais e pouco razoáveis, embora pensem saber de tudo. Parece que o cérebro dá grandes saltos de desenvolvimento durante a adolescência, tornando-se mais interconectado e ganhando poder de processamento e habilidades de tomada de decisão. Mas, a despeito desse progresso, nessa faixa etária o cérebro ainda confia mais em suas funções emocionais que no racional. Isso ajuda a explicar por que os adolescentes podem se achar os "sabichões" e, ainda assim, fazer coisas estúpidas e perigosas.

Depois de ler um artigo recente sobre o desenvolvimento cerebral nos adolescentes, Joy me enviou esta mensagem:

> Isso me chamou a atenção... Esclarece um pouco a montanha-russa de emoções e decisões irracionais que o adolescente toma. Também cria empatia. Eu sentia as coisas com tanta intensidade quando estava

no ensino médio… Nos momentos em que você ou mamãe mostraram empatia pelo drama que eu estava vivenciando, tive vontade de me abrir mais para vocês. A empatia permite que os filhos tenham um sentimento de segurança, de modo que os pais tenham a chance de expressar um pensamento racional passível de ser compreendido. "Podem" é a palavra-chave.

A arrogância e a presunção adolescentes normalmente diminuem quando eles enfrentam a vida de peito aberto e, ao mesmo tempo, veem "quanto seus pais cresceram". Nesse meio-tempo, os pais devem tentar permanecer calmos e aguentar o tranco enquanto os instruem.

## Peça ajuda a Deus constantemente

Nosso último princípio é provavelmente o mais importante: orar sem cessar enquanto segue cumprindo o chamado de Deus para criar seus filhos na instrução do Senhor. Essa é uma tarefa imensa, e encontro conforto em saber que ele nos ajudará a obedecer àquilo que nos ordena fazer — se pedirmos.

Falaremos mais sobre oração no capítulo 9, mas, quando se trata de instruir os filhos, a súplica eficiente pode ser um simples "Senhor, dá-me sabedoria neste momento!", sempre que estivermos com dificuldades para reagir em determinada situação. E, é claro, orar no início de cada dia da criação dos filhos é uma atitude sempre sábia.

## UMA ORAÇÃO PEDINDO ORIENTAÇÃO AO INSTRUIR

*Senhor, dá-nos sabedoria para encontrar o equilíbrio correto enquanto instruímos nossos filhos: nem muito a ponto de afastá-los, nem pouco a ponto de eles ficarem sem orientação. Ajuda-nos a viver o que ensinamos, permitindo que tuas palavras habitem ricamente em nós. Dá-nos percepção e coragem para usar as oportunidades de ensino de acordo com aquilo que parecer melhor.*

# Confronte, corrija, conforte

7

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Quando eu tinha 9 ou 10 anos, deixei minha mãe e minha irmã Ann trancadas fora de casa.

Faz tanto tempo que esqueci a razão de ter feito isso. O que me lembro é de elas terem batido na porta, pedindo que eu a abrisse, mas recusei-me ao vê-las pela janela. Estava aborrecido por algum motivo e, àquela altura, elas também estavam. O interessante é que, ao me ver na janela, mamãe não gritou diante de meu comportamento desrespeitoso. Em vez disso, depois de vários pedidos educados para que eu abrisse a porta, ela se virou e foi até o carro com minha irmã. Então, foram para algum lugar.

Trinta minutos depois, elas voltaram. Notei o carro descendo a rua, mas o que vi em seguida me tirou o fôlego. Um carro de polícia a seguiu até nossa casa!

Comecei a suar frio. Mamãe talvez tivesse dado uma queixa e o policial quisesse me prender! Naquele momento, destranquei a porta e, ao passar por mim, ela falou de maneira bem tranquila: “Há alguém na calçada que quer falar com você”. Mamãe não perdeu a estribeira nem se enfureceu, dizendo algo como: “Menino, você está em uma enrascada!”. Ela foi até a outra sala e ficou esperando que eu fosse conversar com nosso visitante. Eu fui.

Enquanto caminhava até a viatura policial, avistei uma espingarda apoiada no painel; nessa hora, arrepios correram por minha espinha. Então, vi um homem enorme; usava um chapéu e estava sentado atrás do volante. O tal homem saiu do carro e eu fiquei ali, tremendo, olhando para cima e para baixo. Media pelo menos 1,90 metro de altura, mas, para mim, parecia ter 3 metros!

Com uma voz grossa, ele perguntou: “Você sempre tranca sua mãe e sua irmã fora de casa? Que tipo de

homem é você? Planeja fazer isso de novo? Creio que não, estou certo? Quer ver minha espingarda?".

Muito envergonhado, eu disse que nunca mais faria aquilo e, sim, eu queria ver a espingarda. De alguma maneira, naquela conversa, enquanto estávamos ali sentados olhando para a espingarda do policial, ele fez que eu me sentisse um homem e entendesse que homens não fazem esse tipo de coisa.

Nunca mais deixei minha mãe trancada fora de casa. Homens de verdade não fazem isso.

Relato esse pequeno drama da minha infância para ilustrar o óbvio: as crianças precisam de disciplina. Apesar do claro mandamento bíblico para que os filhos honrem pai e mãe (cf. Êx 20.12), isso nem sempre ocorre. De fato, parece que os filhos nascem para desobedecer (cf. Rm 3.23; Gl 3.22). Embora possamos amá-los com ternura ao **C**onceder, **U**sar de discernimento e **I**nstruir, nosso amor afetuoso pode ser insuficiente para motivá-los a obedecer em todos os aspectos.

Diante disso, o que fazemos?

## DISCIPLINA *NÃO É* PUNIÇÃO

Quando se trata de filhos, Efésios 6.4 ordena claramente aos pais que os eduquem "com a disciplina amorosa que o próprio Senhor aprova" (NBV). A palavra grega traduzida por "disciplina" é *paideia* e implica a noção de "corrigir". Devemos corrigir nossos filhos para o bem futuro, e não apenas apontar erros do passado. Disciplinar envolve ajudar a criança a reparar, alterar e melhorar suas escolhas e conduta. Nesse sentido, nós a estaremos treinando a fazer a coisa certa e justa.

Embora a reprovação produza tristeza (*paideia* em Hb 12.5,11), disciplina *não é* punição. A disciplina coloca a criança de volta nos trilhos. Devemos nos esforçar ao máximo para enviar uma mensagem positiva de correção e indicar à criança um caminho melhor, sem aquele clima de "Você vai ver só!".

Nem todo comportamento que irrita o pai é um delito. As crianças são infantis, imaturas e propensas a fazer coisas irritantes que não configuram desacato desrespeitoso. Parte do processo é discernir a diferença, certificando-nos de que aquele incidente é realmente motivo de disciplina.

David lembra que, aos 9 anos, seu sonho era tornar-se jogador profissional de beisebol. Ele viu alguma coisa na televisão que ensinava a pegar um pedaço de fita adesiva e desenhar uma zona de *strike* e decidiu pôr isso em prática no fundo de nossa garagem, cujas paredes eram de alumínio. David não avaliou que cada arremesso deixaria um amassado notável. Na cabeça dele, ninguém se importaria com as imensas marcas no alumínio, e lá se foram cerca de quinze arremessos. Ao recordar que aquele episódio não o deixara muito encrencado, ele justifica: "Vocês perceberam como o beisebol era importante para mim e, inocente, fiz o que fiz. Estupidez? Sim, mas não foi algo intencionalmente errado".

Enquanto David e eu recordávamos esse incidente, eu lhe disse: "Lembro-me muito bem disso. Fiquei muito triste. Fiquei arrasado! Pensei nisso por semanas. Dos quinze arremessos, você errou apenas dois!".

Evidente que nem sempre é fácil decidir de imediato o que é desobediência e o que é falta de juízo típica da infância. No capítulo 4, apresentei um importante princípio de criação de filhos, construído em cima da verdade de Hebreus 12.10, sobre pais (e mães): "Nossos pais nos disciplinavam por curto período, segundo lhes parecia melhor". Com base nesse texto, entendemos que criar filhos do jeito de Deus costuma nos deixar sem fórmulas absolutas, levando-nos a tomar decisões subjetivas na hora de disciplinar. Mesmo assim, Sarah e eu extraímos muito conforto de Hebreus 12.10, cientes de que não havia problema em ter aqueles sentimentos de incerteza à medida que pesávamos os prós e os contras. Podemos ter paz de

espírito, embora não ouçamos nenhuma voz do céu dizendo: "Este é o caminho; siga-o" (Is 30.21).

Mas sejamos honestos: disciplinar os filhos não é divertido — nem para eles, nem para nós. Aprendemos em Hebreus 12.11 que "nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza". Não é prazeroso para os filhos ser alvo de censura ou reprimenda, e para o pai, cansado por ter de repetir a correção daquilo que parece ter ocorrido pela milésima vez, costuma ser desafiador, exaustivo ou ainda pior. Se a disciplina causa todo esse desconforto e infelicidade, por que se importar com ela?

A principal resposta vem de nosso Pai celestial: "O Senhor disciplina a quem ama" (Hb 12.6; cf. tb. Pv 3.12). O autor de Hebreus prossegue, fazendo esta pergunta retórica: "Ora, qual o filho que não é disciplinado por seu pai?" (Hb 12.7). Por consequência, então, um pai disciplina porque ama seu filho.

Resumo: nós disciplinamos porque nos importamos.

## NOSSO PLANO PARA DISCIPLINAR OS FILHOS *COM AMOR*

Enquanto Sarah e eu criávamos nossos filhos, procurando na Bíblia aquilo que ela tinha a dizer sobre disciplina, fazíamos o que acreditávamos ser o chamado de Deus para nós, ao mesmo tempo que deixávamos os resultados nas mãos dele. Tentávamos ser o mais amorosos e justos quanto possível, de modo a não desanimá-los. Quando a disciplina tinha de ser aplicada, buscávamos ouvir o coração deles e, ao mesmo tempo, permanecer em nossa posição. Como todos os pais, Sarah e eu nos arrependemos de muitos erros. Hoje, nossos filhos nos dizem que tinham dificuldade com a culpa e a vergonha de serem os "filhos do pastor". Nossas tentativas de discipliná-los com graça e perdão às vezes não davam certo. Por outro lado, acertamos em alguns casos. Jonathan,

nosso filho mais velho e hoje psicólogo clínico cristão, escreveu isto quando tinha 36 anos:

> Meus pais me influenciaram tremendamente em questões como criação de filhos, educação formal e fé. Suponho que as coisas eram um pouco diferentes pelo fato de termos crescido no lar de um pastor e todo mundo saber tudo sobre nós, mas, de modo geral, tivemos uma infância normal, com pais amorosos e bons. Hoje valorizo a sabedoria e o discernimento que eles demonstraram em nossa criação. Por causa deles, creio que um pai deve ser uma autoridade e uma influência na vida da criança. As regras devem ser claras e discutidas abertamente. A disciplina deve acontecer quando necessário, mas nunca ser motivada por raiva. Não me lembro de ver nossos pais nos disciplinando tomados por raiva. Eles ficavam com raiva? É claro que sim. Mas sempre esperavam e tomavam decisões em conjunto. Quando de fato nos disciplinavam, afirmavam que faziam aquilo por amor. Para uma criança, não é fácil engolir uma coisa dessas e, em muitas ocasiões, eu disse: "Ah, tá bom!". Mas hoje valorizo a conduta que tiveram.

Qual era nossa conduta? Nós tentávamos:

1. Criar regras claras e justas.

2. Confrontar e corrigir sem ira.
3. Aplicar as consequências quando necessário.
4. Recompensar a obediência e reafirmar o amor, a despeito do que acontecesse.

Aprendemos que, caso a criança tenha menos de 2 anos, é mais proveitoso distraí-la do que aplicar-lhe disciplina (algo que está um pouco além de sua compreensão). Se, por exemplo, a criança estiver chateada, dizer algo assim costuma funcionar: "Olha só o que o patinho está fazendo no seu livro!". Isso pode redirecionar suas emoções e atenção. Acima dos 2 anos, porém, as crianças já não se distraem tão facilmente; você precisa de regras simples e limites — em outras palavras, discipline *como lhe parecer melhor*.

### CRIE REGRAS CLARAS E JUSTAS

"Criar regras" pode soar legalista, até mesmo totalitário. Para tudo na vida, porém, há regras. Lemos, por exemplo, em 2Timóteo 2.5: "Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como

vencedor, se não competir de acordo com as regras". Jogos não podem ser disputados sem regras. Do mesmo modo, no lar estabelecemos normas bem definidas e razoáveis que dão a direção e garantem que o jogo seja justo. Toda regra que criarmos para nossos filhos deve ser clara e justa. E não presuma que eles as conhecem: a instrução deve preceder a disciplina — sempre!

Se não estabelecermos regras para nossos filhos, eles o farão em nosso lugar. Por exemplo, se você permite que a criança fale de maneira desrespeitosa, está deixando que ela crie sua própria regra, que diz: "Não há problema em usar linguagem desrespeitosa". As regras são inevitáveis, quer sejam suas, quer sejam de seus filhos.

Ao estabelecer normas para sua família, tenha em mente que a base para todas as boas leis é a regra de ouro: Trate os outros como você deseja que eles tratem você. Com base nisso, desenvolvi o que chamo de princípio "se-então".

*Se* você abrir alguma coisa, *então* feche. *Se* você ligar alguma coisa, *então* desligue. *Se* você fizer bagunça, *então* arrume. *Se* você destrancar alguma coisa, *então* tranque. Você pode, por exemplo, dizer a seu filho: "Se alguém abrir o cadeado da sua bicicleta e não trancá-lo de novo e ela for roubada, como você vai se sentir?". A criança sabe que ficará triste e pode facilmente entender que, se abrir o cadeado da bicicleta do irmão e ela for roubada, o irmão também ficará chateado. É simplesmente justo que tratemos os outros como queremos que eles nos tratem. O que chama a atenção aqui é que Deus nos planejou para vivermos segundo a regra de ouro, e as crianças entendem isso naturalmente. (Mas, como toda mãe pode atestar, os pais ainda precisam ser lembrados disso. Enquanto Sarah e eu trabalhávamos neste capítulo, ela rapidamente destacou que, bem no dia anterior, eu deixei uma porta do armário aberta e esqueci de tampar o pote de pasta de amendoim — de novo!)

Nunca é demais enfatizar a necessidade de dizer aos filhos o *porquê* atrás de qualquer regra. Nunca tente fugir da responsabilidade, dizendo simplesmente: "Porque eu mandei". Esse tipo de abordagem de mão de ferro não apenas é desamoroso como intelectualmente indolente — e só vai gerar mais problemas de disciplina. As regras devem soar legítimas ao coração dos filhos, e não opressoras.

Tínhamos dois tipos de regras: as inegociáveis e as negociáveis.

### Regras inegociáveis são exatamente isso: inegociáveis

Conforme Sarah e eu nos lançávamos à tarefa de criar filhos, decidimos desde o início que, independentemente do que a cultura dissesse, as regras bíblicas são imutáveis. "Diga sempre a verdade" era uma de nossas regras inegociáveis, que buscamos ensinar tão logo nossos filhos chegaram à idade em que podiam entender (em geral, por volta dos 2

anos). Não era coincidência que nossas regras inegociáveis refletiam os Dez Mandamentos. E, pelo fato dessas normas serem baseadas na lei divina, não dependiam de faixa etária nem de fase. Não importava a idade nem o estágio de desenvolvimento em que se encontravam. Eles aprendiam diariamente que nós não mentimos, não trapaceamos, nem roubamos. Por quê? *Se* quisermos ser indivíduos confiáveis, a quem as pessoas amam e respeitam, *então* não mentiremos para elas, não roubaremos algo delas, nem as trapacearemos. Nenhuma exceção. E *por que* não devemos mentir, roubar ou trapacear? Como não queremos que as pessoas mintam para nós, nos roubem ou nos trapaceiem, não devemos fazer essas coisas a elas. Regra de ouro.

Outra regra inegociável em nosso lar dizia: *Se* quisermos ser indivíduos dos quais os outros querem estar perto, *então* não explodiremos de raiva, não destruiremos coisas nem feriremos pessoas. Ensinamos que, como família, temos tolerância zero

em relação a quebrar coisas e ferir pessoas deliberadamente. Sim, fomos benevolentes com nossos filhos quando eles eram pequenos e tinham ataques de nervos ocasionais, mas eles logo aprenderam que o comportamento irado era inaceitável e deveria ser interrompido. Além disso, uma vez que não queremos que os outros nos machuquem, por que os machucaríamos? Regra de ouro.

Eis mais uma regra que extraímos dos Dez Mandamentos: "Não fazemos coisas que ferem o coração de Deus, mas, em vez disso, sempre tentamos mostrar nosso desejo de confiar nele e obedecer-lhe". Por exemplo: *Se* amamos a Deus, *então* não tomamos o nome dele em vão. Em vez disso, agradecemos a Deus pelos bons momentos, assim como pelos não tão favoráveis. Procuramos servi-lo, e não maldizê-lo. E, quando o honramos, ele nos honra. Deus também aplica a regra de ouro.

Com base no mandamento divino, criamos diretrizes ou regras para ajudar nossos filhos a nos honrar e nos respeitar como pai e mãe. Nós lhes dizíamos: "Esperamos respeito. Assim como nós os respeitamos, desejamos que nos respeitem. Não somos rudes com vocês, por isso vocês não devem ser rudes conosco. O que é justo é justo".

Mesmo diante de regras inegociáveis, devemos mostrar graça e perdão quando nossos filhos erram, embora precisemos nos manter firmes. Mostrar graça nunca significa considerar certa uma coisa errada (cf. Is 5.20). Em vez disso, confessamos nossos erros e começamos de novo, porque regras inegociáveis não mudam — sobrevivem ao teste do tempo.

## O QUE É UMA REGRA NEGOCIÁVEL?

As regras negociáveis não estão talhadas em pedra como os Dez Mandamentos. Elas mudam à medida que a criança se desenvolve e passa pelas várias fases de crescimento e maturidade. A regra negociável se

baseia na idade e no estágio de desenvolvimento da criança.

Normas negociáveis não se encaixam perfeitamente na classificação "se--então" da regra de ouro. A melhor maneira de estabelecê-las e aplicá-las é dizendo: "Isso é melhor para você e para todos nós pela seguinte razão…". As crianças vão para a cama naquele horário porque precisam dormir. Comem verdura porque precisam de nutrientes. Telefonam para dizer onde estão para que não nos preocupemos.

Quantas regras negociáveis uma família deve ter? Cada família tem suas peculiaridades. Tínhamos regras em relação à hora de chegar em casa, de ir para a cama e de assistir televisão; também havia normas instruindo a usar roupas limpas, comer de maneira saudável, ser pontual com a lição de casa, usar o cinto de segurança, usar um tom de voz *adequado*… E a lista prosseguia, de acordo com o que parecia necessário e justo. Todas as diretrizes se baseavam em

nosso desejo de fazer aquilo que nos "parecia melhor" por uma boa razão.

Com certeza não queríamos ter regras demais — isso nos transformaria em ditadores que aplicam um legalismo sufocante e farisaico por meio de regulamentos humanos (cf. Cl 2.22). Mas também não queríamos nos tornar pais indulgentes que assumem uma posição contrária às regras porque são tão "livres em Cristo" que chegam a ignorar a lei de Cristo (cf. 1Co 9.21).

Sarah e eu tínhamos nossa própria norma para estabelecer regras negociáveis: "Nunca mude uma regra ou abra uma exceção com base na reclamação emocional da criança". Esforçamo-nos para nunca transmitir esta mensagem: "Reclame em volume alto e por tempo suficiente e a regra será modificada ou totalmente desprezada".

As regras negociáveis, é claro, são negociáveis, e exceções ocasionais podem beneficiar todos os envolvidos. ("Tudo bem, você pode ficar acordado até

mais tarde e assistir à participação da equipe de ginástica nas Olimpíadas.") Momentos assim criam lembranças. Mas, quando a exceção à regra se torna a regra, então temos um problema: deixamos de criar um filho alegre para formar uma criança chorona. As crianças descobrem isso rapidamente e concluem que, se insistirem em nos irritar, abriremos mão da regra. A consistência é fundamental. Não se pode exigir o cumprimento de uma regra em um dia ("Arrume cada um a sua cama antes do café da manhã") e ignorá-la no dia seguinte ("Tudo bem. Deixe que eu arrumo sua cama. Você está atrasado para a aula").

Uma boa estratégia é ser um "ditador benevolente" durante a maior parte da infância de seus filhos; depois, assuma uma abordagem mais *democrática* à medida que chegarem à adolescência. Sempre que for possível e prático, permita que eles ajudem a elaborar as regras da família. Seu objetivo de longo alcance é mover-se do controle para o conselho.

Mas o que acontece quando os filhos se mostram incontroláveis?

## CONFRONTE E CORRIJA SEM IRA

Como sabemos, filhos nem sempre seguem regras. Sejam quais forem suas diretrizes, você terá de impô-las. Isso significa confrontar e corrigir seus filhos quando eles quebrarem ou ignorarem uma regra, e também quando se esquecerem de cumpri-la. A disciplina inclui repreensão e correção, assim como evidências de amor (Pv 13.1; 27.5).

Quando as regras são desobedecidas de maneira consciente ou negligente, é fundamental que você confronte e corrija sem ira e sem aquele tom condescendente, como se estivesse falando com um idiota — isso apenas sabota o que você está tentando fazer. Como seus filhos aprenderão a respeitá-lo se você os trata com ira e sem amor? Assim dizem as Escrituras: "O tolo logo explode de raiva por qualquer

motivo, mas o homem sábio nunca perde a cabeça" (Pv 12.16, NBV).

O que fazer, porém, em uma situação em que demonstramos amor, a regra é justa e, mesmo assim, a criança é desrespeitosa e desconsidera a regra? Nós confrontamos, corrigimos e vencemos — para o bem-estar de nosso filho e de toda a família. Não devemos ser cegos ou surdos para o desrespeito habitual. A criança precisa nos ouvir dizer em tom cortês: "Você está sendo desrespeitoso e desobediente. Você conhece a regra". Infelizmente, há casos em que as regras simplesmente aguçam a rebeldia de crianças mais resolutas. Diante disso, Deus nos revela que devemos disciplinar e, nesse tipo de situação, dizemos calmamente: "Nada de bom lhe acontecerá se você continuar falando de modo rude. Você precisa tomar a decisão, neste momento, de falar com educação e pedir desculpas por seu desrespeito; do contrário, sofrerá as consequências". (Falarei mais sobre consequências adiante neste capítulo.)

Os filhos podem aprender que não há problema em protestar contra uma regra, contanto que sejam respeitosos. Podemos informá-los de que serão mais persuasivos se procurarem expor seu ponto de vista de maneira educada, ainda que estejam tristes. Podemos ensinar-lhes: "Você é capaz de aprender a transmitir seus sentimentos e opiniões de maneira respeitosa, e será muito melhor para você agir assim".

Com crianças pequenas, a melhor forma de confrontar uma afronta é fazendo um "intervalo" com elas. Quando seu filho falar de maneira desrespeitosa em um ambiente público, esforce-se para agir com calma e dignidade e afaste-o da situação. Com a criança menor, fique de joelhos e fale com ela face a face sobre o que aconteceu. "Você acabou de chamar sua irmã de estúpida. Isso é desrespeitoso. A mamãe e o papai não falam assim e não vamos permitir que você fale dessa maneira. Está entendendo?" Sempre assegure à criança: "Se estiver se sentindo frustrada

com alguma coisa, venha até mim e diga o que está acontecendo. Vou tentar ajudá-la".

Devemos nos importar o suficiente para confrontar e corrigir. A indiferença é desamorosa. Veja o exemplo de um pai que escreveu sobre uma ocasião em que teve de confrontar o filho que tinha sido desrespeitoso com a mãe: "Mudei a maneira de criar Sammy. Quando ele era rude com Karen, desobedecendo à instrução dela para que estudasse piano, eu normalmente não me envolvia. Naquela ocasião, porém, levei-o a seu quarto e, pela primeira vez, disse-lhe: 'Não posso tolerar ninguém usando palavras desrespeitosas ao falar com sua mãe. Isso vale para vizinhos, amigos e, especialmente, filhos dela. Se continuar fazendo isso, será por sua conta e risco'". Esse pai despertou para a necessidade de confrontar a rudeza e foi bem-sucedido.

Ao considerar a aplicação de qualquer um desses exemplos, tenha em mente que, na maioria das vezes, o relacionamento determina a reação. O que quero

dizer é que, se estivermos sempre confrontando e nos esquecermos de nutrir o relacionamento, estaremos fazendo mais saques que depósitos e, assim, levaremos essa relação à falência. Eis um exemplo positivo: a mãe que dedica ao menos dez minutos de seu tempo para ver seus dois filhos brincando de bola (algo que energiza os meninos de uma maneira que as mães nem sempre entendem) está fazendo um grande depósito em seu relacionamento com eles. As correções que essa mãe fizer posteriormente serão mais bem recebidas, como no momento em que tiver de orientar os filhos a pararem de conversar a fim de que consigam dormir. O pai que leva a filha para jantar fora, só os dois, também está fazendo um depósito e, quando tiver de confrontá-la sobre a arrumação do quarto, ela provavelmente será mais receptiva. Em geral, o relacionamento positivo que você tem com seu filho determina a resposta positiva de seu filho a você (ou seja, você lhe mostra amor, e

ele lhe mostrará respeito — o Ciclo Energético da Família).

Se formos para cima de nossos filhos todas as vezes que eles não reagirem a isso ou àquilo, vamos frustrá-los. Pense em aplicar Provérbios 19.11 a seu estilo de criação de filhos: "A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas".

Ao mesmo tempo, não reprima todos os sentimentos negativos. Nossa filha me revelou que se lembra de muitas vezes que Sarah e eu ficamos chateados e manifestamos tal sentimento. "Aquilo foi significativo para mim", disse ela. "Os pais não devem ser robôs."

Sim, Sarah e eu ficamos irritados muitas vezes, mas sempre tentamos pôr Efésios 4.26 em prática: "'Quando vocês ficarem irados, não pequem'. Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha". Nosso credo diz: "Precisamos primeiramente controlar a nós mesmos para então controlar nossos filhos. Precisamos ter domínio próprio para então disciplinar

nossos filhos". É fato que alguns dias foram melhores que outros, mas, como Provérbios 24.16 ensina, continuamos nos erguendo, sempre buscando o ideal: ficar de cabeça fria, calmos e controlados ao confrontar e corrigir. Houve momentos, porém, em que o confronto e a correção não foram suficientes e tivemos de recorrer às consequências.

### Aplique as consequências quando necessário

Aplicar as consequências é uma ideia bíblica: "Quem cometer injustiça receberá de volta injustiça, e não haverá exceção para ninguém" (Cl 3.25). Esse princípio se aplica facilmente à criação de filhos: o mau comportamento habitual deve ser exposto às consequências. Sim, da mesma forma que Deus estende misericórdia, graça e perdão, nós também devemos fazê-lo, mas isso não absolve o filho das consequências de seu mau comportamento — o que também vale entre Deus e nós.

Para alguns pais, é tentador dizer: “Simplesmente não sei o que fazer”. Isso é o mesmo que enfiar a cabeça na areia. Todo tipo de ajuda está disponível. Basta procurar no Google algo como “disciplina positiva” e pronto: surgem inúmeras informações excelentes e criativas. Também existem pessoas piedosas e sábias na igreja (e talvez na escola de seu filho) que podem não só ajudá-lo como também orar por você e pela criança. Tenha humildade e peça ajuda. O mau comportamento não é exclusivo de seu filho, e você não está sozinho.

Ao procurar coisas que possam funcionar para você, tenha em mente que consequências apropriadas se encaixam em duas categorias: naturais e atribuídas. E também lembre-se de que a aplicação das consequências nunca deve significar punição. Você precisa ser capaz de dizer com sinceridade: “Faço isso porque o amo, não para puni-lo”.

## Consequências naturais: deixe a natureza seguir seu curso

Se, em um acesso de raiva, a criança jogar o *video game* no chão e ele quebrar, a criança deve aprender que tem o poder, juntamente com a gravidade, de destruir seus pertences. Ao fazer isso, a natureza pode ensinar-lhe uma lição: jogue alguma coisa no chão com bastante força e ela provavelmente se quebrará. Mas é aqui que um dos pais deve entrar em cena. Quando a criança destrói seu *video game* durante um ataque de raiva, adeus *video game*. A mamãe e o papai não vão comprar outro. Na melhor das hipóteses, o dinheiro da substituição virá da mesada *da criança* — isto é, se houver mesada.

Pagar pelos erros com o próprio dinheiro é sempre uma boa lição. Nos Estados Unidos, por exemplo, há casos em que, quando um jovem motorista bate o carro da família, os pais o responsabilizam pelo pagamento dos custos adicionais com a seguradora. A contribuição não precisa ser excessiva, mas um

sacrifício suficiente para ensinar que os erros podem custar bastante. As companhias de seguro não dizem "Está tudo bem", e os pais também não deveriam dizê-lo.

Molhei a cama até os 11 anos de idade. Penso que isso se estendeu por tanto tempo porque mamãe deixou de aplicar as consequências naturais. Quando ela o fez, eu parei. Costumava sair da cama molhada e, então, chamar minha mãe. Ela trocava os lençóis, me dava um pijama seco e eu me enfiava embaixo das cobertas novamente. Então, chegou a noite em que chamei por minha mãe e ela não veio. Eu chamei: "Mãe! Mãe!" por um período que imagino ter sido de meia hora, mas não houve resposta.

Levantei-me, fui até a cama dela e a chacoalhei.

— O que você quer? — perguntou ela mansamente.

— Molhei a cama e você precisa me ajudar — choraminguei.

Mamãe me disse onde ficavam o pijama e os lençóis secos e falou que não me ajudaria daquela vez.

— Você pode cuidar disso sozinho.

Em apenas alguns minutos, aprendi que era plenamente capaz de mudar os lençóis e trocar de pijama e que, se não o fizesse, sofreria as consequências naturais de ficar deitado no molhado pelo resto da noite. A natureza dá seu jeito! Aquela consequência não era convidativa. Alguma coisa acendeu em meu cérebro e parei de molhar a cama — imediatamente. (Mais tarde, descobri que uma vizinha já tinha dito à minha mãe que tentasse essa estratégia, mas ela hesitou em seguir o conselho — até aquela noite fatídica que mudou minha vida.) Experimentar as consequências naturais de molhar a cama foi um presente muito valioso. Até então, tinha muita vergonha de receber amigos para dormir e também de dormir fora de casa, pois sabia que me molharia e os amigos ririam de mim. Sofrer as consequências naturais me deu motivação para mudar e, assim, ganhei a liberdade. Deixei de ser escravizado por aquele comportamento. Até aquela noite, mamãe

achava que, ao me ajudar, estava demonstrando amor. Ela finalmente percebeu que aquilo não era verdade. Encarou os fatos e passou pela breve dor de permitir as consequências naturais, de modo que eu pudesse experimentar a alegria do amadurecimento.

Em muitos casos, as consequências naturais podem ser disciplina suficiente, mas é bem possível que você tenha de criar ou atribuir uma consequência para ajudar seu filho a aprender uma lição importante.

### AS CONSEQUÊNCIAS ATRIBUÍDAS DEVEM SER SEMPRE LÓGICAS

Algumas pessoas usam a expressão "consequências lógicas", mas prefiro dizer "consequências atribuídas", porque são recursos disciplinares criados para se encaixar na situação das crianças. Realmente concordo que as consequências atribuídas devem ser lógicas, isto é, precisam fazer sentido para os pais e para o filho. (É fato que a criança talvez não entenda

sua lógica, mas você deve "fazer o que lhe parece melhor".)

Baseadas na severidade da infração, as consequências atribuídas à criança podem ser qualquer coisa, desde ir para o quarto, fazer tarefas extras ou perder alguns privilégios. Para crianças pequenas, há quem recomende um minuto de intervalo para cada ano de idade, o que não é uma regra ruim. Para uma criança de 2 anos, permanecer sentada e quieta durante dois minutos pode parecer uma eternidade, e deve ser suficiente.

É importante reforçar a consequência mediante a explicação do motivo que a gerou. Veja um exemplo de uma nota que um pai escreveu para o filho de 10 anos: "A maneira como você tem falado com sua mãe é inaceitável. Ela é minha esposa, e eu a amo. Também amo você. Na verdade, me importo tanto com você que esse comportamento prejudicial precisa parar, pois está prejudicando a todos. Como consequência, no sábado você cortará a grama e

recolherá as folhas caídas. Depois disso, me ajudará a limpar a garagem. Com amor, Papai".

Ao atribuir uma consequência, você precisa se manter firme. Uma mãe escreveu: "Tento considerar o momento e também o futuro. Se coloco meus filhos de castigo por alguma razão, sei que preciso me manter firme, ainda que tenha o coração pesado, porque é certo que eles vão extrair alguma coisa daquilo".

Lembro-me bem de uma situação em que Jonathan tinha 16 anos e se julgava muito sábio. Falava alto e de maneira desrespeitosa, e certamente não pararia se eu não o confrontasse. Assim, atribuí uma consequência simples: "Já que você se recusa a parar, aqui está o trato: cada comentário incômodo e desrespeitoso em alto volume lhe custará um dólar de sua mesada". Estava claro que Jonathan havia entendido, mas algo dentro dele se rebelou e ele fez quatro comentários inaceitáveis, ou seja, ficou me devendo quatro dólares. Irritado, empurrou o envelope e me disse que

aquilo era estupidez e que eu não sabia criar filhos, além de me lançar muitos outros insultos. Continuei contando em voz alta, mas ele não me levou a sério. De fato, a conta chegou aos 23 dólares. Naquele momento, ele se acalmou o suficiente para perceber sua estupidez e notar que não estava no controle, nem estaria em um futuro próximo. Jonathan conhecia a regra sobre linguagem desrespeitosa e sofreu as consequências de sua tolice bem onde doía: no bolso!

Quer as consequências sejam naturais, quer sejam atribuídas, não permita que se tornem excessivas. Quando, por exemplo, em um ato distraído, uma criança em idade pré-escolar deixa a bicicleta caída na rua e o vizinho passa com o carro por cima, tal perda faz essa criança sentir dor e tristeza suficientes. Ela precisa de sua empatia e de algumas ideias sobre como poderá conseguir o dinheiro para comprar uma bicicleta nova. Colocar uma adolescente de castigo por um mês por ter chegado em casa depois da hora

combinada é disciplina em excesso não apenas para ela, mas para você também.

Aplicar a disciplina é a tarefa mais difícil para os pais. Por essa razão, devemos nos dedicar a este axioma da criação de filhos: *Aplicarei estas consequências porque amo demais meus filhos para deixar que eles ignorem de modo consciente e proposital aquilo que sabem ser a coisa certa.*

O que dizer da criança que responde respeitosamente à consequência? Sarah e eu tentamos nos concentrar na quarta parte de nosso plano de disciplina: recompensar a obediência e reforçar o amor.

## DIANTE DA OBEDIÊNCIA, ELOGIE E RECOMPENSE

Muitos pais enfrentam problemas de disciplina porque se concentram na correção do comportamento negativo, mas dão pouca importância à necessidade de propiciar à criança uma "dose de prazer" por sua obediência. A criança

desanima e pensa: “Para que tudo isso? A mamãe e o papai continuam me achando ruim”.

Quando o assunto é recompensa, gráficos costumam fazer maravilhas entre as crianças mais novas. Muitos pais recorrem a um sistema de controle que indica em que grau a criança obedece a cada item de uma lista de regras (arrumar o quarto, fazer a cama, escovar os dentes...). A recompensa resulta da quantidade de apontamentos positivos: pode ser um pirulito, um chiclete, um reconhecimento significativo para a criança. O valor monetário não é importante; o reconhecimento é que tem papel motivador. Pense nisto: a criança que nunca é recompensada por obedecer às regras da família se assemelha ao trabalhador que nunca recebe seu salário.

Uma palavra de cautela: sempre enfatize o *porquê* de qualquer recompensa. A motivação para obedecer não deve estar vinculada a nenhum tipo de prêmio, visto que a obediência é, naturalmente, a atitude correta. Qualquer recompensa é apenas um bônus.

Embora não recompensemos todo ato positivo, precisamos fazer nossos filhos sentirem-se bem em relação ao bom comportamento se quisermos que eles se sintam mal em relação ao comportamento ruim. Lembre-se: se tudo que a criança vê é negatividade, isso só produzirá mais negatividade. Tente elogiar a qualidade de caráter mostrada por seu filho durante o momento da disciplina ou logo depois. Procure dizer coisas como: "Gosto do seu autocontrole", "Aprecio seu respeito", "É muito sábio de sua parte pensar em como se sair melhor da próxima vez" (não se esqueça de notar se da próxima vez ele de fato se sairá melhor), "Obrigado por atender a meu pedido sem reclamar. Isso é muito honroso".

### INDEPENDENTEMENTE DO QUE ACONTECER, REAFIRME SEU AMOR

O último e mais importante passo em nosso sistema de disciplina é reafirmar o amor que temos por nossos filhos depois de a disciplina ter sido aplicada. Sarah e

eu sempre tentamos trabalhar como uma equipe ao enfatizar os seguintes pontos:

- "Por que temos regras? Porque os amamos e queremos o que é melhor, justo e seguro para vocês e para toda a família."
- "Por que confrontamos e corrigimos vocês? Porque os amamos e não queremos que se desviem do que é certo e necessário."
- "Por que às vezes existem consequências para vocês? Porque os amamos demais para permitir que ignorem nossas regras e correções. Isso não seria o melhor nem para vocês nem para nós."

Nenhuma família vive de acordo com a "disciplina perfeita" que produz "filhos perfeitos". Disciplinar é fazer o que "parece melhor" em cada situação, sempre tentando criar os filhos da maneira como Deus espera. Compartilhei nosso sistema com vocês porque ele funcionou na maior parte das vezes. Sempre que

disciplinar seus filhos, tente lembrar-se de fazer uma oração semelhante a esta:

*Querido Senhor, ajuda-me a não ser nem cruel, nem permissivo; firme, mas não severo demais; justo e consistente. Acima de tudo, ajuda-me a disciplinar com amor.*

# 8 Prepare seus filhos para que sejam bem-sucedidos e não desanimem

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Quantas vezes você apoiou seu filho nesta semana? Apoiar significa encorajar, inspirar, reforçar, animar. Cada letra de C-U-I-D-A-R representa algo importante a fazer como pai, mas Apoiar é uma ação que pode se perder no meio das grandes atividades diárias que nos atropelam e da tendência natural de corrigir os erros do filho na tentativa de ajudá-lo a melhorar.

Uma das ilustrações mais claras de como um pai deixou de apoiar seu filho vem da história de George Brett, um dos principais batedores profissionais de beisebol de todos os tempos, jogador do time do Kansas City Royals. Em 1980, Brett conseguiu a

pontuação .390 e venceu seu segundo campeonato de rebatidas da Liga Americana. Seguiu para casa depois da temporada e a primeira coisa que seu pai disse foi: "Você tem coragem de me dizer que não conseguiu apenas mais cinco acertos?". O pai não estava contente com .390; queria que o filho tivesse chegado a .400. Como sempre, estava mais preocupado com o que George não havia feito. "Sempre fui comparado com meus três irmãos mais velhos", lembra-se George, "e de fato nunca recebi aquele tapa nas costas que diz: 'Você é ótimo'. Jamais recebi de meu pai algo desse tipo."

## O Senhor criou os filhos de modo a precisarem de apoio

Cuidado com a armadilha que pode impedi-lo de dar o apoio de que seus filhos tão desesperadamente necessitam: você pode estar ocupado demais com críticas e perfeccionismo. Muitas cartas que recebo de filhos adultos refletem essa falha da parte dos pais:

"Meu pai era muito crítico. Ele passava um minuto incentivando uma pessoa apenas para que ela pudesse suportar os próximos 59 minutos em que ele a desprezaria."

"Eu era excelente nos esportes, mas meu pai compareceu a apenas um dos meus jogos de basquete."

"Meu pai nunca assistiu aos *shows* da minha banda, embora eu fosse o principal percussionista."

Pode parecer que os homens estão sendo retratados como os que menos apoiam seus filhos, mas as mães também precisam ter cuidado. Uma jovem esposa me escreveu:

Só conheci a mãe do meu esposo depois do casamento. Ela é agradável comigo, mas com relação ao filho é bem diferente: mostra-

se fria, distante, calada, arredia. Rapidamente reconheci nela muito do comportamento gélido de meu marido. Ele me explicou que ela sempre o tratara como inferior à filha. Nada que ele fizesse era suficientemente bom, não recebia nenhum elogio ou estima. A mãe era negativa, às vezes até mesmo má.

No coração de todo filho existe um buraco que precisa ser preenchido pela afirmação amorosa da mãe e do pai. O apoio é fundamental para que os filhos sejam bem-sucedidos neste mundo. O Senhor planejou todos os filhos de modo que carecessem de incentivo.

Os filhos precisam nos ouvir dizer: "Você consegue fazer isto! Você pode ser aquilo!". Anseiam escutar: "Veja o que você conseguiu, o que você se tornou. É isso aí! Deus está usando você!".

A falta de apoio pode levar a problemas de disciplina. Nossos filhos podem estar reagindo contra nós não por serem maus, mas porque se sentem desanimados e fracassados. Será que não precisamos

inspirá-los gentilmente ou dar-lhes encorajamento em situações desafiadoras? Será que não devemos encorajá-los a desenvolver os dons que receberam de Deus? As Escrituras nos dão uma resposta clara: "Sim!".

### A LÍNGUA DE UM PAI PODE DESTRUIR... OU INSPIRAR

Até mesmo uma leitura despreocupada dos textos do apóstolo Paulo mostra que ele conhecia o valor do apoio. Quando pensa nisso, você percebe que cada carta que ele escreveu incluiu palavras de conforto, incentivo e inspiração. Paulo se via no papel de pai, lembrando aos cristãos em Tessalônica que ele estivera no meio deles "exortando, consolando e dando testemunho", para que vivessem "de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória" (1Ts 2.12). Em 1Tessalonicenses 5.14, o apóstolo dá à igreja um conselho que pode ser facilmente aplicado aos filhos: "Advirtam os ociosos, confortem os

desanimados, auxiliem os fracos, sejam pacientes para com todos".

Paulo sabia da fragilidade dos filhos quando advertiu os pais de não irritarem ou amargurarem sua descendência para que ela não se sentisse desestimulada ou desanimada (cf. Cl 3.21). Os pais podem dizer coisas incrivelmente insensíveis e cruéis — fato que minha caixa de correio pode atestar.

Uma filha se lembra de ter ouvido o pai dizer: "Você não vale a pólvora que seria usada para explodir seus miolos".

Outra carta revelou: "Quando eu estava procurando um emprego, ele disse: 'Quem contrataria você?'".

Houve também a filha que disse o que o pai alcoólico lhe afirmara: "Nenhum homem vai nem mesmo querer tocar você ou olhar para você… Nenhum homem vai amar você, jamais".

Com toda a certeza, como Tiago adverte, "a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade […] [que] contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o

curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno" (Tg 3.6). As Escrituras têm muito a dizer sobre a necessidade de refrearmos a língua. Veja apenas dois exemplos: "Quem guarda a sua boca guarda a sua vida, mas quem fala demais acaba se arruinando" (Pv 13.3); "Quem é cuidadoso no que fala evita muito sofrimento" (Pv 21.23).

Mas as Escrituras também nos ensinam como usar a língua de maneiras que edificam, abençoam e… apoiam: "As palavras agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos" (Pv 16.24); "A palavra proferida no tempo certo é como frutas de ouro incrustadas numa escultura de prata" (Pv 25.11).

A autora Margie Lewis fala sobre um pai que, certa noite, recebeu um telefonema da filha, que estava na faculdade. A moça fora expulsa por violar as regras da instituição. Depois de um longo silêncio, ele disse: "Bem, Cindy, acho que é melhor você pegar o próximo avião para casa". Ele fez uma pausa, tentando

pensar em uma maneira significativa de transmitir a lição que ela precisava aprender. Finalmente, concluiu: "Lembre-se: quando você se coloca longe de uma imagem, normalmente são as linhas escuras que dão a ela caráter e beleza".[1]

Que declaração sábia e cheia de esperança! Com serenidade, esse pai demonstrou que podemos amar, inspirar e apoiar um filho que não esteja vivendo de acordo com nossas expectativas.

O apoio eficiente pode resultar de algo tão simples quanto uma atitude mais positiva com os filhos. Não estou falando de ser fantasioso ou ingênuo, mas de conseguir lidar com o problema, comunicar um plano para seguir adiante e instilar nos filhos a crença de que eles são capazes de vencer a crise. Como seguidores de Jesus Cristo, sabemos que sempre há um caminho a trilhar. Mais uma vez, podemos seguir a orientação de Paulo, que, mesmo preso, via suas circunstâncias como contribuições para o bem do evangelho e de seu Senhor Jesus Cristo (cf. Fp 1.12-21). Sempre existe o

lado positivo; basta procurá-lo. Lembro-me da história da mulher que ouviu que era tão otimista que seria capaz de ver algo bom até no próprio diabo. Ela respondeu instantaneamente: "Bem, ele é persistente!".

Quando olho para trás e vejo como Sarah e eu tentamos incentivar nossos filhos, posso pensar em três grandes áreas em que concentramos nossos esforços:

- Encorajá-los na vida cotidiana.
- Incentivá-los em suas particularidades e talentos.
- Estimulá-los a se tornar quem podem ser e a realizar o que podem fazer.

A seguir veremos algumas observações, histórias e sugestões relacionadas a cada uma dessas três áreas fundamentais.

## ENCORAJE SEU FILHO NAS COISAS COMUNS DA VIDA, E ELE SABERÁ ENFRENTAR DESAFIOS E TEMORES

Encorajar um filho significa simplesmente aproximar-se dele, especialmente quando estiver desanimado, e dar-lhe esperança, conforto e afirmação em meio a uma realidade que nem sempre faz sentido. A maioria dos pais faz isso de maneira bastante natural quando seus filhos são pequenos ou muito jovens, mas, à medida que outros filhos chegam, os mais velhos podem ter dificuldades por se sentirem perdidos na confusão. Isso aconteceu com nosso filho do meio, David, quando ele tinha cerca de 7 anos. O irmão mais velho, Jonathan, o ignorava, e a irmã mais nova, Joy, recebia a maior parte da atenção por ser o bebê da família. Percebi que David se sentia excluído. Certa vez, enquanto passeávamos por algumas lojas de presentes durante férias na Disney World, vi um cofrinho de vidro em forma de urso em cujo peito estava gravado o nome "David".

— David, veja aquele cofrinho em forma de urso — disse eu. — Vou comprá-lo para você. Você é o

ursinho especial do papai. Ninguém mais é meu ursinho especial, só você.

David ficou radiante. Até o final daquele dia (e em muitos outros dias depois), ele continuou perguntando:

— Sou o seu ursinho especial? Ninguém mais é?

Aquele cofrinho em forma de urso ainda ocupa uma prateleira do meu escritório. Tenho certeza de que o ursinho significou muito para David quando ele era pequeno e precisava de apoio, mas agora estou certo de que é mais significativo para mim. A questão é: conheça as necessidades de seus filhos. Esteja ciente de seus interesses, preocupações e especialmente dos desafios ou problemas que a vida está lançando sobre eles. Há dezenas de maneiras de apoiá-los: uma simples palavra ou um tapinha nas costas; um presente modesto, mas especial (como um urso de brinquedo); ou talvez um passeio exclusivo, só vocês dois. Não precisa ser algo elaborado ou caro. O que eles precisam é de você — seu interesse, sua

preocupação, seu *tempo*… qualquer coisa que lhes transmita que o papai ou a mamãe estão dizendo: "Amo você. Estou do seu lado. Você é importante para mim".

Às vezes você pode lhes dar apoio mesmo se parecer que não precisam disso. Minha mãe era boa comigo nessa questão. Um bom exemplo disso aconteceu quando me matriculei no oitavo ano da escola militar. No início, ficava todo animado ao folhear o catálogo, admirando os diferentes uniformes, as formações de marcha, os rifles e as espadas. Quando cheguei, esperava ter uma grande aventura, mas, depois de algumas semanas, fui tomado pela saudade e, por telefone, implorei à minha mãe que ela me deixasse desistir e voltar para casa. Peguei-a totalmente de surpresa. Meu pai, como sempre, não se envolveu. No entanto, em vez de ceder a meus pedidos lacrimosos, ela me disse que sabia que aquilo era difícil para mim, mas que eu deveria aguentar. Também afirmou que pensaria em alguma solução.

Então, minha mãe ligou para o comandante da escola militar, o coronel Bailey, e pediu seu conselho. Depois daquele telefonema, o coronel Bailey foi encontrar-se comigo pessoalmente. Não me deu um sermão; em vez disso, apoiou-me de maneira simpática, assegurando-me de que o que eu estava sentindo era bastante normal e logo passaria. Disseme que não desistisse, mas vivesse um dia de cada vez e analisasse o que aconteceria. Conversou comigo de homem para homem, dizendo: "Essas são coisas pelas quais temos de passar para nos tornarmos homens".

Para um menino de 13 anos e com saudades de casa, não foi nada fácil ouvir o conselho do coronel Bailey. Ao mesmo tempo, fiquei aliviado ao saber que tanto minha mãe como o coronel haviam mostrado empatia e que meus sentimentos não eram nada fora do comum. Apeguei-me àquilo, deixei para trás a saudade de casa e permaneci na escola. Até hoje sou extremamente grato por mamãe não ter permitido que sua natureza de cuidadora lhe derretesse o coração

de modo a ceder a meus apelos chorosos. Ela teve coragem de buscar o auxílio de alguém com conhecimento de causa e, assim, conseguiu me apoiar durante um momento crucial da vida, ajudando-me a superar meus medos. Eu precisava aprender a não desistir ao ser oprimido por algo que eu não podia controlar. Permaneci na escola militar por cinco anos e me formei com muitas honras — foi uma experiência que Deus usou para estabelecer o curso de minha vida.

Conto essa história para encorajar os pais em uma questão bastante delicada: quando permitir que o filho desista? Talvez seja possível recorrer ao conselho de uma pessoa instruída e empática que ajude você e seu filho a superarem a crise. Pode ser embaraçoso pedir conselhos, mas o orgulho momentâneo deve dar lugar àquilo que é melhor para seu filho. Se isso significa procurar um vizinho, um amigo, um membro da igreja, o pastor de jovens ou qualquer outra pessoa, assim seja. Como o Pregador disse, "não

há nada novo debaixo do sol" (Ec 1.9). Tudo que possamos experimentar à medida que criamos nossos filhos já aconteceu a outros pais, em algum lugar, em alguma época. Devemos a nós mesmos e a nossos filhos a exploração desses recursos.

## Quando devemos permitir que um filho desista de algo?

Se a desistência de algo tornar-se uma opção relevante, em que condições ela deve ser permitida? Sarah e eu não seguimos uma regra rígida em relação a isso na criação de nossos filhos; tudo dependia do que se tratava: abandonar uma equipe esportiva, voltar do acampamento antes do término, deixar de entregar jornais e revistas na vizinhança — lidamos com tudo isso e muito mais. De fato, tínhamos um objetivo geral: nossos filhos deveriam terminar o que haviam começado e, se realmente desistissem, isso deveria ocorrer em um ponto de transição natural, como o final do campeonato ou do ano escolar. O

abandono de uma atividade não deveria acontecer por impulso, e não era permitido choramingar ou resmungar como forma de manipulação para nos levar a tomar uma decisão precipitada.

Tenha em mente que as crianças são diferentes e que suas necessidades e capacidades individuais devem ser levadas em conta. Contudo, honrar compromissos é uma lição importante que todos os filhos devem aprender.

Jonathan entregava jornais enquanto cursava o segundo ano do ensino médio. Ele cumpriu seu compromisso fielmente até o penúltimo ano, quando uma grande quantidade de atividades escolares começou a tomar seu tempo. Então, Jonathan sentiu que deveria desistir da entrega de jornais, embora a atividade lhe rendesse um bom dinheiro. Concluímos que ele não estava sendo irresponsável mas que, de fato, queria ser mais responsável em outras áreas, mais importantes. As crianças (assim como os adultos) podem ficar sobrecarregadas e, nesse caso, algumas

coisas devem ser abandonadas — para o bem de todos os envolvidos.

Dito isso, convém destacar que os filhos nem sempre querem ser responsáveis e, se puderem, escolherão o caminho mais fácil da desistência. O trabalho dos pais é ajudá-los a enxergar a importância de terminar o que foi iniciado, aproveitando a ocasião para apoiá-los e incentivá-los a crescer — talvez um pouco, talvez muito (como foi o meu caso na escola militar).

À medida que os filhos crescem e enfrentam desafios diferentes, sempre tente explicar, de acordo com o nível de entendimento, por que você os apoia ao fazerem coisas difíceis ou desagradáveis. Você pode dizer algo como: "Sempre há situações difíceis, coisas que não queremos fazer. Sabemos disso porque adultos também precisam enfrentar um monte de situações complicadas. Nós o estamos apoiando e o encorajando a perseverar para que você possa crescer

em sabedoria e força e estar mais bem preparado para o futuro".

É especialmente importante apoiar e incentivar seus filhos quando eles fracassarem. É nessas horas que precisamos entrar e agir como líderes de torcida. Os pais são aqueles que podem ver o que há de bom nos filhos, mesmo quando o mundo inteiro parece tê-los abandonado. Somos aqueles que devem lhes dizer: "Você é confiável. Você é honesto. Acreditamos em você. Deus está do seu lado, e nós também!".

## INCENTIVE SEUS FILHOS EM SUAS PARTICULARIDADES E TALENTOS

Procure estar atento à maneira como Deus criou cada um de seus filhos: com temperamento singular e alguns dons espirituais e interesses bastante próprios. Observe-os e faça comentários que reforcem o que você vê neles. Por exemplo: "Mamãe e eu ficamos felizes ao ver como você gosta de pessoas e adora ter gente ao redor", "Vemos que você realmente tem o

dom da misericórdia e cremos que Deus lhe deu esse dom. Você se importa com os sentimentos dos outros", "Você se interessa bastante por coisas mecânicas e tem aptidão para lidar com elas. Isso é fantástico!".

Atente também às situações em que você os "pega" fazendo uma coisa da maneira correta e diga-lhes isso. Não considere que as boas escolhas que eles fazem sejam algo apenas corriqueiro; reforce-as com elogios e observações positivas. "Kelly, muito obrigada por se sentar e conversar com a vovó enquanto eu fazia minhas tarefas. Você abençoou o coração dela, e o meu também." Um pai percebe que seu filho tem habilidade para evitar e resolver conflitos enquanto brinca com os amigos, então lhe diz: "Ontem notei que você fez um acordo com Ben para brincarem com um jogo de tabuleiro por um tempo e depois brincarem de forte apache, que é sua diversão favorita. Gosto de como você lida com coisas assim". Uma mãe observa a filha resolver um problema com uma amiga

sem que esta fique magoada. Em seguida, a mãe faz este comentário: "Querida, vi como você fez as pazes com Chelsea. Ela estava bastante chateada, mas você propôs uma maneira de serem amigas novamente. Fiquei realmente impressionada!".

É claro que há momentos em que você deve disciplinar ou corrigir seus filhos se eles estiverem agindo de maneira desrespeitosa ou imprudente, mas, mesmo nesses casos, é possível ser encorajador. Se um menino de 9 anos xinga a irmã de coisas feias, papai pode intervir e dizer: "Jeremy, sei que você quer crescer e se tornar um homem honrado. Homens honrados não xingam as pessoas de nomes feios".

Esses exemplos reconhecem o caráter do filho, assim como seus dons e aptidões. Estimular traços de caráter como diligência, honestidade, solicitude, retidão, altruísmo, perseverança, docilidade e respeito vão realmente ajudar nossos filhos a desenvolver tais virtudes. Lembre-se: de modo geral, as crianças se tornam aquilo que cremos que elas podem ser.

Quando estava na pré-escola, nosso Jonathan saiu de sua classe da escola dominical aparentando estar envergonhado. Ele havia trazido da classe um carrinho de brinquedo com o qual estava brincando. Pude perceber que ele sabia que aquilo era errado, por isso expliquei: “Este brinquedo não pertence a você. Não pegamos coisas que não nos pertencem. Devemos ser sempre honestos. Somos homens íntegros. Vamos levar o brinquedo de volta”. Jonathan não conhecia o significado pleno de palavras como “íntegro”, mas continuei reforçando-as sempre que possível, elogiando-o em momentos em que ele demonstrava integridade e honestidade. Anos depois, Jonathan e David, seu irmão mais novo, tiveram uma discussão sobre o que havia acontecido em determinado evento. David tinha total convicção de que estava certo ao chamar Jonathan de mentiroso, ao que Jonathan respondeu: “Eu não sou mentiroso. Sou um homem íntegro, e sempre serei”.

Tenha Provérbios 20.11 em mente: "Até a criança mostra o que é por suas ações; o seu procedimento revelará se ela é pura e justa". Isso certamente se aplica também às meninas. As crianças de fato mostram quem são por meio daquilo que fazem e da maneira como agem. Quando elas se distinguirem pela boa conduta, deixe-as saber disso. É muito fácil comentar apenas aquilo que precisa de correção: "Sente-se ereta", "Não encha a boca", "Diga 'obrigado'" — a lista é interminável. Desenvolva outra lista, a de afirmações positivas: "O que você fez foi maravilhoso", "Fico feliz por ver que você gosta de ajudar", "Obrigado por responder com tanto respeito", "Amo sua atitude", "Ótimo trabalho". Trabalhe em frases apropriadas para cada criança, de acordo com idade, gênero e aspecto no qual ela mais precisa de apoio. (Veja o capítulo 11, sobre a diferença entre criar meninas e meninos.)

Tome nota: é difícil resistir a um estímulo oferecido de maneira autêntica e sincera, e incentivos assim

realmente influenciam seus filhos, ainda que eles pareçam não notar. Acredite em mim: eles *estão* notando e vão se lembrar do que você diz.

### ESTIMULE-OS A SE TORNAR QUEM PODEM SER E A REALIZAR O QUE PODEM FAZER

O que você espera que seus filhos se tornem quando crescerem? Faça essa pergunta aos pais e receberá todo tipo de respostas. A mãe de dois meninos briguentos poderia simplesmente sorrir e dizer: "Bem… neste momento, estou concentrada em desejar que eles sobrevivam para poder crescer". Outros pais responderiam com descrições detalhadas daquilo que julgam que seus filhos deveriam ser e fazer.

Em seu excelente livro *Como realmente amar seu filho*, o dr. Ross Campbell identifica como substituição um tipo comum de amor impróprio: tentar viver a própria vida ou realizar os próprios sonhos por meio da vida do filho. Por exemplo: "Uma mãe faz isso ao conduzir sua filha [ou filho] a

situações em que ela deseja estar".[2] Isso não é apoio nem encorajamento, mas manipulação do pai ou da mãe para atingir os próprios intentos.

Ouvi de uma mãe que se enfureceu quando a professora do jardim de infância da filha escolheu outra criança para o papel principal de uma pequena peça teatral que a classe apresentaria. Estava dolorosamente óbvio que a verdadeira questão não era a menina, mas o ego dessa mãe. Infelizmente, sua reação individualista ensinou à filha a lição errada: quando "perder" alguma coisa, você deve ficar ofendida e irada, em vez de aprender a melhor lição, que é ceder com graça e apoiar os outros.

Em geral, garantimos a nós mesmos que jamais agiremos dessa forma, mas ainda vale a pena fazer a pergunta: qual é nossa verdadeira motivação ao incentivar nossos filhos a fazer determinados esforços? Alguns pais estão tão preocupados com os sentimentos dos filhos quanto a aceitação e popularidade que se tornam obcecados por orquestrar

o sucesso deles. Queremos que nossos filhos tenham coragem para lidar com a vida de maneira confiante, como Deus deseja? Ou os estamos manipulando a fim de que se saiam bem aos olhos do mundo e se sintam satisfeitos consigo — ou, ainda pior, para que possamos nos sentir em paz em relação a nós mesmos? Não são poucas as crianças que falham porque percebem que o apoio dos pais é manipulação, não motivação.

Alguns pais tentam motivar seus filhos a serem bem-sucedidos em áreas que nada têm a ver com as habilidades e aptidões naturais dessas crianças. É muito comum que os pais queiram que os filhos tenham êxito em questões em que eles próprios falharam, o que, de maneira bem estranha, pode fazer que os pais se sintam melhor em relação a si mesmos.

Conheço uma mulher que ouviu de seu pai que ela "não daria muita coisa na vida" por não se sair bem em assuntos que ele considerava importante, incluindo matemática. A mulher terminou se casando

e se tornou uma profissional bem-sucedida no ramo filantrópico, conhecida por sua extraordinária compaixão pelos necessitados. Será que essa profissional extremamente talentosa extraiu de sua própria experiência aprendizado suficiente para que se tornasse boa mãe e esposa? Não. De fato, o ciclo continua. Agora ela tem um filho com pouca desenvoltura em matemática e grandes habilidades sociais. De maneira muito semelhante àquilo que seu pai fazia, essa mãe implica com as notas do filho em matemática e ignora o talento óbvio que ele tem para interagir com pessoas e responder às necessidades humanas.

Em contrapartida, temos o outro cenário, em que um pai que realmente se sobressai em determinada área, como música, carreira acadêmica ou esportes, espera que o filho tenha os mesmos talentos. Precisamos ser sensíveis aos filhos, vendo-os como seres singulares, e não como nossos clones, que precisam ser incentivados nas áreas pelas quais se

interessam. Fazer algo diferente se revelará um tiro pela culatra — às vezes, apenas muito mais tarde na vida. Aconselhei um dentista que me confessou: "Sou um rapaz de 19 anos no corpo de um homem de 40. Aos 19, decidi ser dentista porque meu pai era dentista. Aos 40, sou dentista porque um menino de 19 anos e seu pai decidiram isso por mim. Me sinto horrível".

A Bíblia é bastante clara. Todos nós temos determinados dons (cf. Rm 12.6-8; 1Co 12). Como pais, devemos estimular os dons que vemos em nossos filhos, assim como Paulo incentivou Timóteo a não negligenciar o dom espiritual de que dispunha (cf. 1Tm 4.14; 2Tm 1.6). Sim, bons conhecimentos em matemática e na língua nativa são muito importantes, mas ainda mais importante é a maneira como Deus dotou cada um de nós. Logo no início da vida de cada filho, devemos buscar conhecer o projeto de Deus para ele e conduzi-lo em conformidade com isso.

Sinta-se encorajado pelo que a Bíblia diz e continue dizendo a seu filho que você tem confiança de que "aquele que começou boa obra [nele] vai completá-la até o dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). Creia que Deus chamou seus filhos e instilou neles o desejo de servir a seu reino. Deixe seus filhos saberem que você está orando por eles, "para que o nosso Deus os faça dignos da vocação e, com poder, cumpra todo bom propósito e toda obra que procede da fé" (2Ts 1.11). Confie que Deus plantou uma semente no coração de seu filho e que você pode regá-la. Acredite que Deus tem planos para seu filho e deseja cumpri-los; reforce isso sempre que tiver oportunidade.

Quando tinha 10 anos, Joy mostrou ter habilidades empreendedoras ao iniciar, por sua conta, um pequeno negócio na vizinhança. Nós a encorajamos e a ajudamos a distribuir panfletos. O material, produzido pela própria Joy, apresentava a idade dela e informações de contato, além dos dizeres: "Estou disponível para fazer coisas que podem ajudar você:

levar seu cachorro ou gato para passear, alimentar seus animais de estimação, regar suas plantas, ajudar a trazer compras do mercado, varrer sua varanda ou degraus da entrada, cuidar de seus filhos pequenos enquanto você faz alguma coisa… Gosto de ajudar!". Joy conseguiu vários trabalhos por meio desse modesto anúncio e hoje mostra o mesmo tipo de iniciativa em seu trabalho no Ministério Amor e Respeito. E, sim, ela ama muito o que faz, embora não leve mais cachorros para passear (mas ainda mata plantas!). De fato, ela me disse recentemente: "Às vezes me pego pensando que aquelas atividades eram mais lucrativas que meu atual trabalho com você!".

Incentivo você a aumentar e aperfeiçoar seus esforços para elogiar e apoiar seus filhos, mas busque sempre o equilíbrio. Os elogios podem se tornar exagerados, especialmente se você estiver concentrado no desempenho dos filhos. Jonathan se lembra de que desejava algumas doses a mais de realidade e de crítica construtiva: "Eu sabia que não era de fato *tão* bom

assim". David destacou que o elogio tem efeito limitado quando a criança sabe que é apenas isso que ela vai ouvir: "Se você disser 'Muito bem!' toda vez que eu fizer *qualquer coisa*, isso não significa nada".

Tome a decisão de ser um pai que apoia seus filhos porque crê que Deus lhes deu talentos e dons espirituais para os propósitos dele. Assim como o Senhor deseja nos usar, ele deseja usar nossos filhos. Que alegria estimular nossos filhos cristãos a manterem viva a chama dos dons que Deus lhes concedeu (cf. 2Tm 1.6) e a não enterrarem seus talentos (cf. Mt 25.14-28)!

Durante a criação de meus filhos, havia em casa uma placa de madeira onde se lia a seguinte máxima:

*É preciso enxergar o bem onde apenas Deus pode enxergá-lo.*

Isso vem de uma ideia mais ampla, segundo a qual pessoas encorajadoras veem o bem em nós e identificam nossos talentos antes mesmo que nós os reconheçamos. O fato de elas crerem em nosso potencial desperta coragem e confiança para que desenvolvamos aquilo que enxergam em nós. Isso é apoio — e esse é o verdadeiro amor dos pais.

# 9 Ore com a confiança de que Deus o ouve e fala com seus filhos

Ame seus filhos ao C-U-I-D-A-R deles.

Embora Rogar seja a última palavra do nosso acrônimo, está longe de ser o princípio menos importante na criação de filhos à luz dos intentos de Deus. **R**ogar significa pedir ou suplicar de maneira humilde e intensa. Como pais, temos o privilégio de orar rotineiramente por nossos filhos, sobretudo nas ações descritas em C-U-I-D-A-R:

- Ao **C**onceder, ore para que Deus ajude seu filho a ter *um coração agradecido*.
- Ao **U**sar de discernimento, ore para que Deus ajude seu filho a ter *um coração calmo e tranquilo*.

- Ao **I**nstruir, ore para que Deus ajude seu filho a ter *um espírito ensinável*.
- Ao **D**isciplinar, ore para que Deus ajude seu filho a *experimentar um arrependimento verdadeiro*.
- Ao **A**poiar, ore para que Deus ajude seu filho a ter *coragem*.
- Ao **R**ogar, ore para que Deus ajude seu filho a ter *um coração confiante e obediente*.

Pais que creem em Jesus reconhecem suas limitações e precisam que Cristo realize o que são incapazes de fazer: abençoar, curar, mudar e fortalecer seus filhos. Pais cristãos experimentam grande conforto quando confiam no Senhor em oração e súplica. Nos Evangelhos, vemos pais levando seus filhos "a Jesus, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas" (Mt 19.13; cf. Mc 10.13; Lc 18.15). Em outros casos, vemos pais pedindo que Jesus cure ou restaure seus filhos. Veja alguns exemplos: o oficial do rei que pediu cura para o filho que estava à beira da morte (cf. Jo

4.46-49); o oficial da sinagoga que pediu a Jesus que restaurasse sua filha morta (cf. Mt 9.18-26); e o pai que pediu misericórdia por seu filho possuído por demônios (cf. Mt 17.14-18).

Em todas essas cenas bíblicas, pais pediram, de maneira intensa e humilde, que o Senhor tocasse e curasse seus filhos. Isso é rogar em sua forma mais emocionante, instrutiva e tocante. Assim como o Senhor deu as boas-vindas a esses pais e orou por seus filhos, ele dá boas-vindas a você e a seus filhos com as mesmas bênçãos, oferecendo-lhes o mesmo auxílio. Faça de Salmos 86.6 sua própria prece: "Escuta a minha oração, SENHOR; atenta para a minha súplica!".[1]

## EM PRIMEIRO LUGAR, ORE POR SI MESMO

Cada letra do acrônimo C-U-I-D-A-R também sugere um pedido de oração por nós mesmos à medida que buscamos a ajuda de Deus para criar os

filhos da maneira dele. Podemos orar assim: "Senhor, que possamos…

- **C**onceder generosamente.
- **U**sar de discernimento mostrando empatia.
- **I**nstruir com sabedoria.
- **D**isciplinar com justiça.
- **A**poiar de modo sensato.
- **R**ogar com fé."

Também podemos orar pedindo sabedoria para decodificar nossos filhos e a nós mesmos quando eles não se sentirem amados e nós nos sentirmos desrespeitados. Então, podemos orar por ajuda à medida que neutralizamos a insensatez. Assim, confiantes de que o Senhor nos ama e nos ouve quando rogamos, manteremos a decodificação e a neutralização em nossa lista de súplicas. Sugiro que você tome nota dos títulos das seções deste livro que o inspiraram e que ore com base neles, como: "Senhor,

ajuda-me a reafirmar a meu filho o amor que sinto por ele".

Está evidente que tudo isso é uma enorme demanda. Você vai falhar? É claro que sim e, quando isso acontecer, volte para Provérbios 24.16: "Pois ainda que o justo caia sete vezes, tornará a erguer-se". Seja confortado pelo fato de saber que o Ajudador — o Espírito Santo — está pronto a guiar e capacitar você. Todos os dias, Sarah e eu pedimos humildemente que o Espírito de Deus nos ajude. Sem ele, não poderíamos ter criado nossos filhos como Deus desejava, e ainda precisamos da sabedoria divina à medida que eles chegam à vida adulta.

Por favor, acredite em mim: seus filhos querem que você ore por eles, e negligenciar isso pode gerar um profundo efeito negativo. Um homem na casa dos sessenta anos atestou essa verdade ao me relatar: "Nunca ouvi meu pai orar". Enquanto conversava com esse homem, descobri que, durante toda a vida, ele se sentira desimportante e carente de amor

parental. As orações de seu pai poderiam ter feito enorme diferença, conforme ilustrado em uma carta que recebi de outro homem da minha igreja:

> Lembro-me de um dia, na época do ensino médio, ter acordado cedo para sair para correr às 6 horas. Encontrei meu pai ajoelhado na sala de estar, junto ao sofá. Mais tarde, naquele mesmo dia, perguntei-lhe o que havia acontecido e ele me disse que acordava todos os dias úteis às 5h30 para orar e ler a Palavra por uma hora. Não tinha ideia de que ele orava por nós. Tenho sido muito feliz por ter um pai que reconhece sua absoluta dependência do Senhor. O exemplo de meu pai é um lembrete e um desafio constante para mim.

Creio que aquele pai orava por coisas relacionadas a C-U-I-D-A-R, embora não conhecesse nosso acrônimo. Pais assim conhecem os versículos bíblicos relacionados à criação de filhos e transformam essas passagens em petições. Os pais poderão, por exemplo, se ver orando assim: “Senhor, por causa daquilo que o

Senhor me diz em Efésios 6.4 e em Colossenses 3.21, ajuda-me a não provocar nem irritar meus filhos". Esses pais sabem que, ao orar com base na Bíblia, Deus os ouve (cf. 1Jo 5.14-15).

## Usando a Bíblia para orar por nossos filhos

Não existe uma fórmula de oração para pais nem garantia de que Deus responderá exatamente como pedirmos. Contudo, a vontade de Deus pode ser conhecida na Palavra de Deus. Quando deparamos com uma passagem que fala sobre filhos, podemos transformar a Palavra em oração, confiando que Deus nos ouvirá rogar de acordo com sua vontade. Veja a seguir maneiras específicas de orar por seus filhos com base em passagens das Escrituras.

*Ore para que eles experimentem a fé salvadora em Cristo.* Salvação era algo essencial para o apóstolo Paulo. Ele considerou que a criação de um filho pode levá-lo à salvação eterna mediante a fé em Jesus Cristo (cf. 2Tm 3.15). Paulo sabia da absoluta importância

de orarmos pela salvação dos outros (cf. Rm 10.1), e devemos orar dessa maneira por nossos filhos, a fim de que encontrem o Cristo vivo e creiam nele. Deus deseja que todas as pessoas, especialmente nossos filhos, sejam salvas (cf. 1Tm 2.4; 2Pe 3.9). Essa deve ser nossa petição fundamental por nossos filhos, ao mesmo tempo que lhes permitimos vivenciar situações em que possam ouvir essas boas-novas.

Foi assim que o Senhor fez com nossa filha Joy. Ela conta como passou a crer em Jesus, aos 5 anos:

> Muitas pessoas pensam que crianças pequenas que vêm a conhecer o Senhor não têm de fato uma verdadeira experiência de conversão e que creem apenas pela maneira como foram criadas. Isso pode ser verdade para alguns. Eu era filha de pastor, e obviamente já tinha ouvido sobre Jesus. Mas, aos 5 anos, assistindo ao filme *Jesus* no gabinete da igreja enquanto meu pai trabalhava em um sermão ali perto, lembro-me especificamente de uma coisa que me ressoou no cérebro e no coração. O texto de Lucas 10.21 fala sobre como as verdades podem ser reveladas às crianças, o que significa que a história da redenção de Cristo é de fato bastante simples — e eu a entendi, aos 5 anos. Sabia que diante de mim estava um homem que

me amou tanto que foi capaz de morrer por mim. Também tive a compreensão de que não era perfeita, mas, mesmo assim, ele fez aquilo por mim por amor. Aquilo fazia sentido. E eu cri.

*Ore para que eles conheçam e amem a Bíblia.* Paulo trouxe à luz a função essencial da Bíblia quando escreveu: "Desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus" (2Tm 3.15). Ler histórias bíblicas para seu filho em espírito de oração, pedindo a Deus que o toque e lhe abra o coração, é uma linda maneira de "torná-lo sábio para a salvação" ainda com pouca idade. À medida que ele crescer, continue orando para que o Espírito de Deus lhe ilumine o coração para a verdade divina toda vez que ele ler a Bíblia e a ouvir sendo ensinada (cf. Ef 1.18).

Esforce-se continuamente para ser um exemplo de alguém que lê, estuda e aprecia as Escrituras. Minha pesquisa de pós-graduação entre filhos adultos de

famílias cristãs incluiu esta pergunta: “Que atividades específicas seu pai realizou que contribuíram para seu crescimento cristão?”. As respostas traziam expressões como “leitura bíblica diária”, “cultos domésticos em família”, “momentos devocionais comigo”, “memorização de versículos comigo”, “ele tinha momentos a sós com Deus”, e “fazia devocionais com orações todas as noites”.[2]

Suponha, porém, que você não tenha sido um bom modelo de leitura bíblica e de momentos devocionais. Não deixe a culpa derrubá-lo. Tenho minha própria história relacionada a isso. Não falhei em ler a Bíblia, uma vez que, nos vinte anos em que servi como pastor, eu a estudava trinta horas por semana. Falhei em não compartilhar com meus filhos os sentimentos profundos que eu experimentava com o que aprendia no estudo pastoral. Presumi que, se eles me viam no púlpito, expondo o coração e as emoções durante a pregação, aquilo tudo se derramaria sobre eles. Por inúmeras vezes, o Espírito de Deus refrigerou minha

alma enquanto eu estudava; chorei de alegria nessas ocasiões, mas meus filhos raramente viram isso. Ao tentar não sobrecarregá-los com as Escrituras, deixava de compartilhar com eles aquilo que as Escrituras falavam a mim e o modo como Deus me usava em meu gabinete para levar pessoas a Cristo.

Relato essa visão pessoal para incentivar você a expressar sinceramente a seus filhos aquilo que Deus tem dito a você por meio da Palavra. As crianças costumam se tornar fãs entusiasmados do time para o qual a mãe ou o pai torcem. O mesmo pode se confirmar se virem seus pais expressar verdadeiro amor e admiração pela Palavra de Deus, pela mensagem do pastor ou pelas respostas às orações. Seus filhos podem perceber o que você realmente valoriza ao notar o que de fato lhe causa entusiasmo, e é muito mais provável que ele queira seguir aquilo que papai e mamãe veem como "a coisa verdadeira". Ore para que seu coração se volte a seus filhos e que o coração deles responda positivamente (cf. Ml 4.6).

*Ore para que seus filhos experimentem o amor do Cristo que neles habita.* Muitos adultos testificam: "Pedi a Jesus que entrasse em meu coração, mas não aconteceu muita coisa depois disso". Deus deseja muito mais! Ao orar ao Pai pelos discípulos, Jesus pediu: "Que o amor que tens por mim esteja neles, e eu neles esteja" (Jo 17.26; cf. Ef 3.17,19).

Sempre que uma leitura bíblica se mostrava pertinente, Sarah e eu procurávamos transformá-la em oração por nossos filhos. Orávamos, por exemplo, para que as crianças permanecessem em Jesus, com base no que o apóstolo João escreveu: "Filhinhos, agora permaneçam nele para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda" (1Jo 2.28). Ou pedíamos que nossos filhos permitissem que o poder de Cristo neles os ajudasse a vencer as forças das trevas do mundo: "Filhinhos, vocês são de Deus e os venceram, porque aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo" (1Jo 4.4).

Incutir nos filhos uma fé autêntica faz toda a diferença. Uma mãe me escreveu para contar que, apesar de a zombaria a que seu filho autista era exposto no jardim de infância ainda ecoar no coração dele, agora, aos 10 anos, ele lida muito melhor com o assunto. E acrescentou:

> Sempre tentamos mudar os pensamentos dele, para que amasse aquelas crianças com o amor de Jesus, e buscamos ajudá-lo a entender que aquelas crianças não tinham o amor de Jesus no coração e precisavam dele. A vida de nosso filho mudou totalmente quando ele aceitou o Senhor no primeiro ano, e ele tem mantido essa visão desde aquela época.[3]

Quando Cristo habita o coração de nossos filhos, eles podem experimentar a verdadeira esperança da glória (cf. Cl 1.27). Devemos rogar a nosso Senhor que ajude nossos filhos a priorizá-lo e a desfrutar todos os benefícios de conhecê-lo. Procure

oportunidades de ajudar seus filhos a agir com fé em situações cotidianas.

*Ore para que você não seja empecilho ao crescimento da fé no coração de seus filhos.* Todos os pais precisam orar com fervor para que não minem a dependência do filho em relação a Cristo. Jesus usou palavras fortes contra isso: "Mas se alguém fizer cair no pecado um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar" (Mt 18.6). Uma das coisas que mais motivam Sarah e a mim a ajudar os casais é saber quão prejudicial é para a família quando mamãe e papai vivem dentro do Ciclo Insano. (Veja no capítulo 14 mais detalhes sobre isso.)

Uma mãe escreveu:

> Minha filha ligou e começou a reclamar da vida. Sugeri que ela precisava voltar-se para Deus a fim de encontrar respostas. Ela me disse que havia perdido muito de sua fé pelo modo como via nosso relacionamento conjugal. Fico triste por perceber como nossas filhas

(e suas relações afetivas) foram afetadas por aquilo que vivenciaram e aprenderam.

Compare isso com o testemunho deste pai:

Percebi que, quando tentei mostrar amor à minha esposa, evitei gritar ou me irritar e procurei ser mais apoiador (nada disso de maneira perfeita, vale dizer), meus filhos reagiram positivamente. Tenho tido mais conversas sobre Deus e a Bíblia com meu filho de 12 anos, o que é uma bênção incrível.

## SEUS FILHOS ESTÃO VENDO

Há várias coisas que podemos fazer para garantir que nossos filhos não apenas sejam alvo de nossas orações, mas também aprendam o que é de fato uma vida de oração.

*Não esconda seu modo de ir a Deus em oração.* Embora devamos orar em nosso quarto (cf. Mt 6.6), as crianças precisam saber que estamos no quarto. Ouvi a história de um pai que era policial. Todas as noites,

ao chegar em casa, ele trocava de roupa e, então, passava um tempo sozinho com Deus, em oração. As crianças sabiam que ele estava falando com Deus e que, depois, poderiam brincar com o papai. Que bela forma de encarar a oração. Ao mesmo tempo que precisava de Deus para fazer a transição para a vida familiar depois de um dia exposto ao crime, esse pai demonstrava que homens fortes também dependem de um Deus poderoso.

Sarah é um modelo de oração e gratidão. Em 2004, o oncologista deu-lhe o diagnóstico de câncer de mama. Depois de orar e obter a melhor orientação médica, Sarah decidiu que uma mastectomia dupla e a subsequente reconstrução seriam a melhor saída. Anos mais tarde, seu julgamento mostrou-se correto. Na época, porém, ela não sabia se viveria ou morreria, sobretudo pelo fato de, quatro anos antes, sua mãe ter morrido de câncer três semanas depois de receber o diagnóstico.

Centenas de pessoas estavam de olho em Sarah. Ela não ergueu o punho diante de Deus para perguntar: "Por que eu?". Em vez disso, perguntou: "Por que *não* eu?".

Então, em meio a seu câncer, Sarah fez algo notável. Como o rei Davi, ela agradeceu e louvou a Deus, um Deus que é todo amor e todo poder. Como família, observamos como Sarah buscava seu tempo sozinha com Deus todas as manhãs, ouvia suas músicas de louvor prediletas, falava com outros sobre a bondade de Deus e demonstrava paz interior permanente.

O exemplo de Sarah nos levou a examinar nosso coração: confiaríamos, agradeceríamos, louvaríamos e adoraríamos a Deus diante da possibilidade da morte?

Um amigo me falou sobre como a vida pregressa de seu pai e seus últimos anos de vida o influenciam até hoje:

> Sempre ao meio-dia, ele lia um capítulo das Escrituras. Dizia: "Pegue o livro". Não importava quem estava ali, ele lia um capítulo.

Também fazia uma pergunta no final. Já envelhecido e vivendo comigo, ia para seu quarto e, ali, se ajoelhava e orava. Não era de falar muito. Não discutíamos questões complexas. Mas papai tinha uma fé profunda que caracterizou boa parte de sua vida.

*Ore com seus filhos e ore por seus filhos*. Minha pesquisa junto às famílias incluiu perguntar aos filhos quais eram suas recordações de como seus pais oravam por eles. Eis alguns comentários: "Ele orava comigo e por mim, e estabeleceu um modelo de oração", "Orávamos juntos diariamente", "Orávamos antes das refeições e ele orava conosco à noite", "Ele está sempre orando por mim e conversando sobre a direção de Deus para minha vida".

Na companhia de nossos filhos, Sarah e eu tentávamos personalizar nossas orações em favor de cada um deles, de acordo com suas habilidades, interesses e personalidade. Quando Jonathan era mais novo, por exemplo, creio que tenhamos orado mais ou menos assim:

Senhor, nós te agradecemos pelo Jonathan. Agradecemos pela habilidade que tu lhe deste de praticar esportes e pela alegria que isso traz a ele e aos colegas de time. Damos graças por sua diligência em estudar para a escola e pelo que está aprendendo, e, particularmente, por seu interesse por História. Agradecemos por seu trabalho como entregador de jornais e por sua consistência em levantar cedo para trabalhar. Agradecemos pelo modo como ele serve a seus clientes.

Esse tipo de oração tinha tudo a ver com Jonathan, e ele gostava disso. Tente desenvolver orações personalizadas para cada um de seus filhos; isso será muito mais significativo que o velho e genérico "Senhor, abençoa as crianças hoje. Amém".

Quando nossos filhos eram menores, usávamos a rotina da hora de ir para a cama como oportunidade perfeita para as orações. Eles recebiam isso muito bem, porque era algo que lhes permitia ficar acordados mais alguns minutos.

Steven Curtis Chapman, com quem compartilhei o palco em um festival ao ar livre no Kansas, contou à plateia algo sobre seus filhos. Steven e a esposa estavam apressados para sair à noite, e ele estava tentando convencer os filhos a orar e ir para a cama. Uma vez que mamãe e papai se mostravam arrumados e prontos para sair, a excitação tomava conta da casa e as crianças faziam de tudo para protelar, orando "pelo mundo inteiro", por tudo que conseguiam lembrar. Finalmente, Steven disse com firmeza: "Vamos orar apenas pela família esta noite!".

*Não ore para eles*. Evite de todas as formas usar a oração como forma de mandar um recado à criança, para que ela tenha um bom desempenho. Lembre-se de que você está conversando com o Senhor, e não com seus filhos. Essa pode ser uma tática sutil, mas manipuladora, que fará seus filhos perderem o gosto pela oração.

*Compartilhe com seus filhos o que Deus ensina a você por meio de suas orações.* Leia a seguir uma história que

contamos várias vezes a nossos filhos ao longo dos anos. Com ela, nós lhes ensinamos que crer em Deus realmente funciona e que eles também poderiam confiar nele em suas necessidades.

Em 1975, quando eu havia acabado de sair do seminário, juntei-me a outro pastor no lançamento de um centro de aconselhamento cristão chamado The Open Door [A Porta Aberta]. Não cobrávamos pelos aconselhamentos, nem solicitávamos doações para a manutenção do centro. Em vez disso, agíamos como George Mueller, missionário inglês do século 18, cujo ministério em orfanatos levantou, na época, 1,4 milhão de libras, embora Mueller nunca tivesse contado suas necessidades a ninguém senão a Deus.[4]

No primeiro ano, estabelecemos um orçamento modesto e, mês a mês, as finanças funcionaram como um relógio. Estávamos entusiasmados e um tanto apreensivos, mas, pela fé, levantamos os recursos para o segundo ano. O apoio continuava vindo — até abril, quando ficamos setecentos dólares abaixo do

previsto, com contas que precisavam ser pagas. Tenho de confessar: fiquei bastante irritado, porque agora os críticos de nosso empreendimento de fé poderiam cacarejar sobre nosso fracasso.

Meu parceiro, mais velho em idade e na fé, sugeriu que orássemos, e assim fizemos, reconhecendo que Deus prometera satisfazer nossas necessidades e agradecendo a ele por ouvir nosso pedido por setecentos dólares. Também confessei minha imaturidade, ansiedade e ingratidão. Concluímos a oração agradecendo a Deus por sua fidelidade e expressando nossa confiança de que ele sustentaria nosso ministério da maneira que considerasse apropriada.

Então, fomos para casa.

No dia seguinte, de volta ao escritório, meu parceiro disse:

— Você se lembra daquela professora com quatro filhos e que se divorciou recentemente, a quem eu levei a Cristo?

— Sim — respondi.

— Bem — explicou ele —, na noite passada, ela bateu à nossa porta e me deu um cheque de seiscentos dólares!

Nós dois nos alegramos em oração por aquele presente totalmente inesperado. Com nossa fé reforçada, "lembramos" a Deus que precisávamos de mais cem dólares. Um pouco mais tarde, fui até a caixa de correio e encontrei um envelope em branco e sem selo. Havia quatro notas de vinte dólares e uma de dez. Faltavam apenas dez dólares para os setecentos.

Naquele mesmo dia, uma professora aposentada, já idosa, passou por lá e perguntou: "Meninos, vocês aceitam doações?". (Ela havia lido sobre o ministério em um jornal, mas nada fora mencionado sobre doações.) Dissemos que aceitávamos, e ela nos deu um cheque de dez dólares, explicando que recebia um salário fixo por mês mas ainda assim sempre tentava dar cinco dólares acima de seu dízimo para

organizações sérias. Enquanto ela se encaminhava até nosso escritório, o Senhor lhe falou ao coração: "Dobre o valor"!

Nós agradecemos àquela senhora profusamente e eu sorria de orelha a orelha, embora me sentisse um pouco envergonhado por minha ira e descrença na noite anterior. De fato, o Senhor havia me ensinado uma lição inesquecível sobre orar e confiar nele. É uma lição que tenho passado adiante a meus filhos, sempre explicando que Deus é poderoso e que, quando oramos, ele pode liberar esse poder. Embora tenha acontecido muito tempo atrás, essa história impacta nossa família ainda hoje, lembrando a todos nós do poder da oração.

O que Deus ensinou a você sobre confiar nele? Ao encontrar-se com Deus em oração, não contenha seu entusiasmo; deixe que ele transborde para o restante da família, como uma mãe fez:

Depois de muito tempo, comecei a orar e a frequentar a igreja. Hoje, não gosto de perder nenhum culto e me esforço para ler a Bíblia e entregar-me à orientação de Deus. Uma das orações que eu mais fazia era para melhorar minha compreensão do que havia acontecido em minha vida. Deus me conduziu ao livro *Amor e Respeito*, que respondeu à minha prece. O final do livro fala sobre a vida eterna e é tão inspirador que de imediato firmei um compromisso de viver plenamente para Deus.

Decidi me batizar. Liguei para toda a família e pedi que comparecessem, para testemunhar meu novo começo na vida. Outra resposta às minhas orações é que meus três filhos estão indo à igreja comigo. Quando liguei para meu mais velho, de 24 anos, ele compartilhou seu desejo de também ser batizado. Alegria e felicidade preencheram meu coração mais do que as palavras poderiam expressar. Esse meu filho voltará para o Iraque em aproximadamente um mês, para um segundo período no exército. Isso ajudou a diminuir a preocupação do meu coração. Deus também está trabalhando na vida de meus outros filhos.

Quando um pai tem fé autêntica e se deleita no Senhor, isso se torna contagioso!

## SUA VIDA DE ORAÇÃO REVELA AQUILO EM QUE VOCÊ REALMENTE CRÊ

Os textos bíblicos que orientam sobre como orar podem ajudá-lo a tornar contagiosa sua vida de oração. Memorize, por exemplo, o texto de Tiago 1.5-6: "Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida. Peça-a, porém, com fé, sem duvidar". Tiago insiste que realmente creiamos que Deus nos dará sabedoria para lidar com todas as provações, e isso certamente inclui aquelas relacionadas à família. Criar filhos é uma tarefa infindável e, não raro, estressante. Envolve muitas bênçãos, sim, mas também muitos problemas e provações. E, às vezes, os problemas podem parecer maiores que as bênçãos.

As palavras de Tiago não prometem que tudo será perfeito, mas sim que receberemos sabedoria para lidar com todas as situações. Deus nos dá sabedoria, mas perceba a importante condição: não devemos duvidar. A dúvida pode nos lançar na incerteza, na preocupação e na ansiedade — aquilo que Tiago

chama de mente dividida, que leva à instabilidade em tudo que se faz (cf. Tg 1.6-8). Lembra-se de Hebreus 12.9-10? Ao seguir a Cristo, devemos, em boa-fé, fazer aquilo que nos parece melhor e confiar na sabedoria dada por Deus.

Nos momentos problemáticos da criação de filhos, sua vida de oração revelará aquilo em que você realmente crê sobre o caráter de Deus. Você de fato quer a sabedoria que vem dele? Ao orar com fé clamando por sabedoria em todas as circunstâncias difíceis, você declara que crê não apenas que Deus está a seu favor, mas que ele ama você e seus filhos, não importa o que acontecer.

Seja qual for sua situação — casado com um cônjuge que ora com você; casado, mas lidando sozinho com grande parte da criação dos filhos; ou mesmo travando a batalha de todo pai ou toda mãe solteiros —, nunca deixe de orar. Devemos orar porque Jesus orou. Ele é nosso exemplo e nosso mestre no modo de orar — não de forma exibicionista, mas "em seu

quarto", isto é, em um lugar tranquilo onde você possa compartilhar suas necessidades, assim como seus louvores e gratidão (cf. Mt 6.5-6).

Sim, sempre existem ocasiões em que tudo parece agitado e caótico. Nessas horas, é simplesmente impossível ir para seu lugar tranquilo. Mas nunca negligencie a oração por estar *ocupado demais*. Ore em meio à correria, ao cuidar da fralda suja, do copo de leite derramado, da janela quebrada, do atraso para chegar em casa. Faça de Lucas 18.1-8 uma passagem a ser memorizada. Nessa passagem, Jesus conta aos discípulos a parábola da viúva persistente "para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar" (v. 1).

Minha avó é um exemplo de alguém que nunca desistiu de orar. Ao cuidar de sua família na região agrícola de Dakota do Sul, no início dos anos 1900, ela buscava a sabedoria de Deus, mesmo quando ele parecia não ouvir. Meu avô morreu durante a famosa epidemia de gripe de 1918, quando seu filho pequeno

— meu pai —, tinha apenas 3 meses. Meu pai cresceu vendo sua mãe viver por fé, orando em todas as situações pelas necessidades deles e crendo que, em todas as coisas, o Pai celestial trabalhava para o bem de sua família (cf. Rm 8.28). Durante a Depressão da década de 1930, minha avó vendeu a casa e deu o dinheiro para a Faith Home [Casa da Fé], orfanato cristão onde funcionava também uma escola bíblica. A despeito do exemplo e das orações de sua mãe, meu pai saiu de casa aos 18 anos, abandonando também a fé.

Durante anos, meu pai ficou longe da igreja. Mesmo depois de se casar e ter filhos, nunca falou conosco sobre Jesus Cristo. Nunca! Isso soa como se as orações de minha avó tivessem sido um fracasso total, mas não foi assim. Eu me entreguei a Cristo aos 16 anos e, dois anos mais tarde, o mesmo aconteceu com minha mãe, minha irmã e meu pai!

Depois de se entregar a Cristo aos 51 anos, meu pai expressou tristeza por ter se afastado da fé que sua

mãe lhe incutira e desperdiçado tanto tempo, mas se alegrava pela bondade de Deus derramada sobre todos os membros de nossa família por causa das súplicas de vovó. Já servindo no ministério, e sabendo um pouco sobre sua história, perguntei-lhe:

— Será que o fato de você ter resistido ao Senhor levou o Espírito de Deus a "pular você" e "cair" sobre mim por causa das orações da sua mãe?

Ele respondeu rapidamente:

— Com toda a certeza!

Então, em uma das mais significativas conversas que tivemos, ele completou:

— Eu realmente creio que o Senhor veio sobre você por causa das orações de sua avó por mim, às quais eu resistia. Não entendo essas coisas, mas senti em meu coração que o Senhor me tocou por causa das orações de minha mãe e das orações de outras pessoas que oravam com ela.

Nunca conheci minha avó. Ela foi para o céu antes de eu nascer. As orações que ela fez por seu filho

foram respondidas? Fazendo eco a meu pai, digo: "Com toda a certeza!". A história dela é um exemplo tocante de criação de filhos conforme o propósito de Deus, orando por sua família — em obediência ao mandamento de Cristo — e confiando na sabedoria do Pai celestial, qualquer que fosse o resultado.

# Como garantir o melhor para seus filhos

10

Bem, é hora de perguntar aos pais: o que tem mais impacto sobre seus filhos: o relacionamento que você tem com seu cônjuge ou o relacionamento que você tem com eles?

Uma vez que dedicamos seis capítulos às diferentes habilidades que podem melhorar nosso método de criação de filhos, seria muito fácil responder: "O que mais exerce impacto sobre meus filhos é o relacionamento que tenho com eles". Contudo, depois de aconselhar casais por mais de 35 anos, estou convicto de que o relacionamento que você tem com seu cônjuge — a força do seu casamento — influencia igualmente seus filhos. O casamento é o outro lado da moeda da criação de filhos.

O último profeta do Antigo Testamento foi Malaquias, que trouxe a palavra do Senhor aos judeus por volta do ano 430 a.C. Eles haviam voltado do cativeiro e o templo fora reconstruído, bem como os muros de Jerusalém. Os judeus tinham sido abençoados, mas, como de costume, já haviam começado a se afastar da adoração verdadeira e viviam em desobediência ao Senhor. Desprezo pelo matrimônio, casamento com descrentes e divórcio eram práticas cada vez mais comuns. Enquanto trovejava anunciando a insatisfação de Deus diante de tantos casamentos rompidos, Malaquias escreveu: "Não foi o SENHOR que os fez um só? Em corpo e em espírito eles lhe pertencem. E por que um só? Porque ele desejava uma descendência consagrada" (Ml 2.15).

A descendência consagrada era tão importante para o Senhor que ele não queria que os pais se separassem (cf. Ml 2.16). Deus sabe, muito além do que possamos imaginar, o tamanho do estrago que o divórcio pode provocar nas famílias e no reino dele.

Jesus fez eco a essa mesma verdade durante seu próprio ministério. Quando os fariseus tentaram colocá-lo em um beco sem saída, perguntando-lhe quando era justo um homem divorciar-se de sua esposa, Jesus voltou a Gênesis para enfatizar a sagrada importância do casamento: Deus criou macho e fêmea e, quando um homem deixa seu pai e sua mãe para se unir à esposa, os dois se tornam um só. Portanto, "eles já não são dois, mas sim uma só carne" (Mc 10.8).

No casamento, um homem e uma mulher se juntam formando uma unidade, e o ideal de Deus é que essa unidade seja refletida no estilo de criação de filhos. Como pai e mãe, nós *cooperamos*, *colaboramos* e *coordenamos*. *Somos uma equipe*. Como um marido me disse em uma carta, o casamento não é uma competição para ver quem tem as melhores ideias. "É um esforço em equipe. Um por todos e todos por um." Talvez o Pregador tenha dito de maneira ainda melhor: "É melhor ter companhia do que estar

sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas" (Ec 4.9).

Tanto Sarah como eu conhecemos a dor provocada pela falta de cooperação entre os pais. Em ambos os lares, isso levou ao divórcio (felizmente, meus pais se uniram novamente um ao outro). Sarah e eu, porém, firmamos o propósito de ser uma unidade coesa. Nós dois conhecíamos, por experiência, a verdade do ditado: "Juntos, permanecemos; divididos, caímos". Uma vez que nossos pais caíram, nos comprometemos a não deixar que isso acontecesse conosco nem com nossos filhos. No meu caso, por muitas noites chorei até a exaustão enquanto minha mãe e meu pai discutiam e brigavam. Sarah experimentou o mesmo tipo de ferida emocional.

Assim, desde a época em que nossos filhos eram bem pequenos, Sarah e eu reconhecemos a sabedoria que há no trabalho em equipe e nos concentramos em ser "uma só carne". Sempre concordamos? Não, mas distinguíamos entre unidade (um bloco unido e

harmonioso) e unanimidade (plena concordância, o tempo todo e em todos os aspectos). Apegamo-nos à crença de que, se concordássemos sempre, um de nós era desnecessário. Era comum fecharmos a porta e debater opiniões e ideias opostas sobre nossos filhos. Às vezes fagulhas voavam, mas sabíamos que Deus nos criara homem e mulher para que, juntos, chegássemos a ideias e *insights* melhores. Fazendo uma leve paráfrase de Provérbios 27.17, assim como o ferro afia o ferro, um cônjuge afia seu companheiro. Tínhamos plena certeza de que nossas diferenças levavam a decisões mais apropriadas.

Quando abríamos a porta, as crianças sabiam que não poderiam dividir papai e mamãe e que as coisas não seriam feitas do jeito delas. Nossos filhos são prova de que as crianças estão atentas à maneira como seus pais lidam com essas situações. Agora no papel de pai, Jonathan olha para trás e reflete sobre nossa parceria, observando que "vocês sempre aguardavam e tomavam decisões como um time". Joy relembra:

“Vocês realizavam um ótimo trabalho em equipe. Sabíamos que a tática de ‘dividir para conquistar’ não funcionaria, por mais que tentássemos aplicá-la sobre vocês”.

Outra passagem que inspirava nossa unidade era Marcos 3.25: “Se uma casa estiver dividida contra si mesma, também não poderá subsistir”. Devemos trabalhar visando à aliança; do contrário, podemos acabar como inimigos. Nas palavras de Eugene Peterson em *A Mensagem*, “Uma família que vive brigando se desintegrará”.

Uma esposa me escreveu sobre os desafios que enfrentava na criação de filhos: “Eu só queria que nós, como casal, fôssemos uma equipe. Sei que ele também deseja isso, mas penso que nós dois precisamos dar alguns passos para que isso aconteça”. Concordo e recomendo três passos.

## SEU CASAMENTO É MAIS IMPORTANTE QUE SEUS FILHOS

A ideia pode soar radical, mas creio que é a melhor maneira de garantir o melhor de Deus para seus filhos. Uma mulher que está vivenciando sua segunda separação escreveu: "Não sentia compromisso, parceria... Nunca senti que ele valorizava nosso casamento em particular — isto é, sem confundi-lo com a família em si —, ou mesmo que nosso relacionamento era prioritário (depois do relacionamento com Deus)".

O divórcio nunca será algo bom para os filhos.[1] É comum os pais me dizerem: "Amo meus filhos e não quero feri-los ou prejudicá-los. Sei como o divórcio de meus pais me afetou. Não desejo nunca quebrar o coração de meus filhos queridos…".

Concordo. Por essa razão, trabalhar juntos para formar uma equipe verdadeiramente amorosa e respeitosa é imperativo. Animosidade e divisão geram confusão emocional na criança. Jovens e adultos que viveram em lares divididos costumam ser deprimidos e ter dificuldade para confiar na construção de suas

próprias relações conjugais. Tanto o divórcio legal como o emocional ferem os filhos — partem o coração de nossos queridos.

Chega de coisas negativas. Como buscar o positivo? Podemos começar separando um momento para renovar nosso compromisso com os votos conjugais, o que significa que devemos voltar e começar renovando nosso compromisso com o próprio Deus. A parte final de toda Conferência Conjugal de Amor e Respeito enfatiza o Ciclo Recompensador: o amor dele mesmo sem o respeito dela; o respeito dela mesmo sem o amor dele. Vivemos nosso casamento (e a criação de filhos) do mesmo modo que vivemos para Cristo. Como escreveu um cônjuge depois de comparecer a uma conferência: "Chorei; chorei como um bebê, especialmente no final do evento, quando descobri que meu jeito de tratar o cônjuge é o modo como trato nosso amado Senhor e Salvador. Estou comprometida a quebrar a maldição que tem destruído nossa família há anos".

A carta de um marido diz:

> Busco encorajamento no Ciclo Recompensador, amando minha esposa a despeito do que acontecer, e percebo que a questão não é minha esposa, mas meu relacionamento com Deus. Temos dois adolescentes. Tem sido duro, mas entendo qual é meu papel e como tenho sido egoísta olhando apenas para minhas necessidades, em vez de atender às necessidades deles.

A ordem correta é: Deus primeiro, depois o casamento, e só então os filhos. Quando temos isso bem definido, coisas boas acontecem no coração dos filhos. Não é tão complicado; é o relacionamento humano de amor e respeito planejado por Deus. Os filhos se sentem muito mais amados quando sabem que os pais priorizam o compromisso de amar e respeitar um ao outro. Como uma mãe disse: "As crianças sorriem quando nos beijamos, abraçamos, brincamos e nos comportamos como mãe e pai que amam um ao outro e aos filhos. Reservar um minuto

aqui e ali para demonstrar amor mútuo põe sorrisos inesperados no rosto de nossos filhos. Eles adoram nos ver sendo amorosos um com o outro!".

Quando nossos filhos eram menores, às vezes eles queriam brincar enganando Sarah, ao que eu costumava comentar: "Parem de falar com a mamãe desse jeito. Ela é minha namorada. Quando crescerem, vocês sairão de casa, mas ela e eu continuaremos juntos. Na verdade, quando vocês saírem, vamos fazer a festa. Portanto, parem de falar de maneira desrespeitosa com minha mulher".

Quando perguntei a meus filhos, já adultos, que lembranças eles tinham daquele comentário, David respondeu: "Achei aquilo fantástico. Queria que vocês festejassem... pois era algo que nunca haviam feito". Joy concordou: "Eu pensei: 'Eles não vão festejar coisa nenhuma!'".

Tudo bem, talvez eles não tenham me entendido completamente. Eu estava tentando dizer: "Antes de mais nada, somos uma equipe e, portanto, não

mexam com minha garota. E, a propósito, sintam-se seguros e protegidos por isso". Joy ainda acrescentou: "Sempre víamos você e mamãe dançando na cozinha. Não existe uma pesquisa afirmando que os filhos se sentem mais seguros quando os pais têm afeição um pelo outro? Mesmo que não exista, acho que é pura verdade. Você pode se referir a mim como pesquisadora de campo".

É óbvio que, quando menciono a proximidade entre marido e mulher, não estou justificando pais que habitualmente deixam seus filhos com babás e vão atrás de prazeres egocêntricos apenas para si mesmos. Mas de fato quero desafiar e prevenir pais que talvez estejam se fixando em seus filhos à custa de seu casamento. É possível que, inadvertidamente, coloquemos nossos filhos em um pedestal, como ídolos. E, quando os adoramos, nós os profanamos. Embora creia que Sarah e eu jamais tenhamos caído nessa armadilha, me lembro de uma vez ter dito, quando as crianças eram menores: "Você acha que

podemos ficar juntos, só nós dois, e não conversar sobre as crianças — pelo menos por algum tempo?".

Sarah lembra que, na época, recebeu esse comentário como uma revelação. Até aquele momento, ela nunca se dera conta de que negligenciava nossa relação ao apresentar seus relatórios diários sobre as crianças. Ela sempre se sentia entusiasmada com aquelas conversas: "Não é isso que pais e mães devem fazer?". Mas o que eu disse a fez pensar: "Puxa! Claro que ele tem a própria vida e deseja passar uma parte dela comigo. Ele quer um tempo em que estejamos a sós. As crianças crescerão e sairão de casa, e nós ficaremos para trás. Precisamos manter acesa a chama do casamento".

Ouço uma advertência gentil nas palavras de Sarah: nunca devemos concluir que temos de escolher entre a criação dos filhos e o casamento. Não se pode colocar o casamento em pausa até que os filhos cresçam e vão embora. O plano de Deus é uma estrutura familiar com dois papéis: o de cônjuge e o

de pai/mãe. As dificuldades e os inconvenientes de tentar equilibrar o casamento e a criação de filhos são onerosas, mas possíveis na força do Senhor.

O ponto crucial é este: a melhor coisa que um pai pode fazer por seus filhos é amar a Deus e à mãe deles, e a melhor coisa que uma mãe pode fazer por seus filhos é reverenciar a Deus e respeitar o pai deles.[2]

### Acreditem nas boas intenções um do outro

Sejam quais forem suas diferenças, a maioria dos cônjuges tem boas intenções em relação ao parceiro. Por boas intenções quero dizer isto: o desejo profundo de fazer o bem para o outro. É fato que nem sempre conseguimos agir dessa maneira. No jardim do Getsêmani, quando Jesus saiu para orar, três de seus discípulos, que deveriam vigiar, acabaram dormindo. Nosso Senhor lhes disse: "O espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Quando escreveu sobre suas lutas contra a carne, o apóstolo Paulo também capturou a realidade das boas

intenções cujo resultado prático se mostra ruim: "Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo" (Rm 7.19). Todos nós sabemos do que Paulo está falando. Você ou seu cônjuge podem querer fazer a coisa certa, mas não fazem; você ou seu cônjuge podem querer parar de fazer coisas erradas, mas não param. Quando seu cônjuge deixa de agir de acordo com as boas intenções que tem, você precisa garantir que sua própria definição de boas intenções inclua a ideia de que pessoas bem-intencionadas não desejam causar nenhum dano. Elas não desejam mal a ninguém.

Contudo, no dia a dia da relação de troca que é o casamento, e no estresse da criação de filhos, é fácil começar a pensar que o cônjuge não se interessa por seu bem-estar. Seu cônjuge pode se mostrar negligente, esquecido, descuidado ou ferino e, como resultado, você se torna magoado ou irado o suficiente para dar o troco. O estresse e a negatividade crônicos puxam os dois para baixo, e ambos duvidam

das boas intenções um do outro. Os cônjuges precisam se lembrar de dar um ao outro o benefício da dúvida.

Tenho o costume de perguntar a casais em aconselhamento: "Seu cônjuge é uma pessoa bem-intencionada?". Ambos respondem rapidamente: "Sim". Muitos casais me disseram posteriormente que essa pergunta havia revolucionado seu casamento. Reconhecer que, lá no fundo, eles sabem que ambos têm boas intenções, a despeito de tudo que esteja acontecendo, os coloca em um caminho positivo rumo ao trabalho em equipe, embora ainda tenham de lidar com fortes diferenças e aborrecimentos.

Confie nas boas intenções de seu cônjuge; senão por outra razão, faça-o em favor de seus filhos. Como é triste quando os filhos veem a boa intenção da mamãe e também a do papai, mas mamãe e papai não conseguem vê-las um no outro.

Costumam me perguntar como concilio as noções de boas intenções e depravação humana. Cada parte

de nosso ser está infectada pelo pecado, assim como uma tintura permeia cada gota de um copo d'água. Porém, e este é um enorme *porém*, somos feitos à imagem de Deus e podemos agir de acordo com nossas boas intenções. Podemos desejar fazer o que é certo e de fato fazê-lo até certo grau.[3] É o reconhecimento desse desejo no cônjuge que pode promover o trabalho em equipe. Embora maridos e esposas possam ser descuidados e desagradáveis de vez em quando, é melhor não acreditar que sejam mal-intencionados. Eles são simplesmente humanos. Podem conhecer a Cristo, mas nem sempre fazem o que sabem que deveriam fazer (cf. Rm 7.19).

Quando se busca trabalhar como equipe, diversas aflições e embaraços surgem no fluir da vida diária conjunta. Muitas vezes, a mãe fica sobrecarregada pelas demandas dos filhos. Nesses momentos, ela pode parecer crítica, até mesmo desrespeitosa. Marido, deixe-me alertá-lo: ela não está usando as crianças como pretexto para lhe mandar mensagens

de desaprovação e desrespeito. Quando sua esposa reclamar, dê a ela o benefício da dúvida. Ela não está tentando ser irritante ou crítica. Ela de fato deseja trabalhar em equipe. Quando se afasta por achar que ela o está humilhando, você deixa de ver a necessidade que ela tem da força e do apoio que você pode dar. Decodifique a boa intenção e o bom coração dela. Ela se importa. Não personalize a situação como sendo um ataque contra você.

Às vezes, porém, uma esposa pode errar no modo como expressa seus sentimentos negativos. Em certa família, o marido propôs fazer um estudo bíblico com os filhos, mas a esposa vetou a ideia diante de todos. Disse que aquilo levaria muito tempo e que poderia entediar as crianças. O que ficou evidente é que ela estava simplesmente tentando proteger as crianças da tendência do marido de ser prolixo e enfadonho, com visões bem extremas sobre o que dizem as Escrituras. Infelizmente, ela perdeu uma oportunidade de apoiar

e encorajar as boas intenções de seu marido quanto a liderar a família espiritualmente.

O que ela poderia ter feito de diferente? Poderia ter ficado quieta no momento em que ele propôs a ideia e depois, em particular, ter sugerido o uso de passagens menores das Escrituras e a definição de um limite de tempo, algo apropriado para a idade das crianças. A esposa precisa esforçar-se para dar ao marido o benefício da dúvida, confiando nas boas intenções dele, especialmente quando ele tentar fazer a coisa certa.

**Um estudo de caso sobre pais que mostram boas intenções um ao outro**

Veja a seguir um exemplo de como Jim e Cathie presumiram a boa intenção de cada um a despeito dos sérios problemas que enfrentavam na criação dos filhos. Jim me enviou uma correspondência para relatar que já fazia mais de um ano que estavam praticando a arte do amor e do respeito quando sua

filha de 19 anos voltou para casa após uma viagem missionária de cinco meses. Antes de a moça viajar, eles concordaram que, em seu retorno, se apressariam para matriculá-la em uma faculdade, a fim de que sua apólice de seguro-saúde não fosse alterada. Se ela optasse por não cursar a faculdade, teria de trabalhar em tempo integral e providenciar seu próprio seguro. A moça estava em casa havia apenas alguns dias quando Cathie mencionou por alto que, se a filha precisasse de uma limpeza nos dentes ou alguma outra coisa, "nós cuidaríamos do assunto". Jim achou que aquilo não parecia estar de acordo com o que haviam combinado e expôs o que pensava. O motor do Ciclo Insano foi ligado e, então, "tudo desabou". Cathie sentiu que Jim estava sendo desamoroso, e ele achou que ela havia ignorado o acordo e estava tentando impor o que fariam com a filha.

Cathie não se sentiu amada, Jim sentiu-se desrespeitado, e ambos começaram a "velha dança". Pelo fato de Cathie aparentemente ter desconsiderado

a opinião de Jim, ele tentou ficar na defensiva, calado, evitando entrar em uma guerra de palavras — o tipo de confronto no qual, nos termos dele, ela sempre lhe dá "uma surra". Mas Cathie continuou indo atrás de Jim, e ele percebeu que tinha de dar o primeiro passo e abrir seu coração, por mais difícil que isso lhe parecesse (afinal, era um homem típico). Ele explicou que se importava com a filha, mas achava que Cathie estava tomando decisões contrárias àquilo que haviam decidido, passando por cima dele em vez de trabalhar com ele. Jim enfatizou que amava as duas e não queria se colocar entre a esposa e a necessidade que ela (como toda mãe coruja) sentia de proteger a filha.

Cathie respondeu que não teve a intenção de assumir o controle. Eles se beijaram e saíram cada um para seu trabalho. "Eu estava tentando praticar o amor", escreveu ele, "mas, na realidade, ainda não me sentia respeitado. Tinha esperança de que, com o tempo, meu humor mudaria e eu acabaria cedendo, ainda que a contragosto."

Jim sentiu que havia feito sua parte para consertar o estrago, mas admite que "o verdadeiro esforço veio dela, mais tarde". Ele estava no meio de um dia horrível, lidando com falhas em equipamentos e com pessoas que queriam sua atenção, quando ela ligou para saber como ele estava. Ele expressou sua frustração com tantos problemas e ela mansamente tentou encorajá-lo. Naquele exato momento, recebeu outro telefonema, ao qual Jim atendeu, achando que a ligação de Cathie fora encerrada. Minutos depois, a segunda ligação terminou e, quando estava prestes a guardar o celular, Jim pôde ouvir uma voz. Era Cathie, orando com fervor por ele. Por alguma razão, a ligação dela não fora concluída. Cathie estivera orando por ele durante todo aquele tempo.

Jim concluiu sua carta dizendo que não tinha certeza de que tudo havia se resolvido naquele dia, mas o dia começara com Cathie aparentemente desrespeitando os desejos dele e terminara com a esposa destruindo o mau humor que o abatera e enchendo-o de confiança

e respeito. “Fiquei surpreso ao vê-la me respeitar daquele modo. Ela conhece o segredo do respeito, e estou começando a me recuperar.”

Que grande história de boas intenções postas em prática! Eles tiveram um problema e quase deixaram de enxergar o que realmente havia no coração um do outro. Como teria sido fácil para ela ter se sentido ferida e não amada. Como teria sido fácil para ele interpretá-la mal, considerando-a desrespeitosa. Mas circunstâncias incomuns — como o fato de Jim, sem querer, ouvi-la orar ao telefone — o fizeram enxergar claramente as boas intenções de Cathie. Aquela foi uma ocasião muito feliz para ele.

Compartilho essa história como um recurso para nos lembrar de que precisamos confiar nas boas intenções de nosso parceiro, ainda que nem sempre as vejamos tão claramente quanto Jim viu naquele dia. Do contrário, o trabalho em equipe pode ser minado em meio a desacordos extremos apenas porque imaginamos que o cônjuge esteja mal-intencionado.

Se queremos formar uma verdadeira equipe, precisamos demonstrar amor e respeito privando-nos de rotular o cônjuge de maldoso. E isso nos leva ao terceiro passo.

## FALE COM AMOR E RESPEITO

É comum eu receber cartas de esposas que dizem precisar de respeito tanto quanto o homem. Com toda a certeza. Todos nós precisamos igualmente de amor e respeito. Em meu livro *Amor e Respeito*, discorro sobre o desejo da mulher por receber estima da parte do marido, que é a maneira amorosa de ele respeitá-la. Um homem não pode honestamente dizer "eu te amo" a uma mulher se não a estimar e respeitar.

Em contrapartida, por mais que as mulheres precisem de respeito, quando se trata de questões mais profundas do coração, você pode apostar seu último tostão que tais assuntos giram em torno do amor. Nenhum filme termina com o rapaz abraçando sua mulher e dizendo: "Eu respeito você de todo o

meu coração!". De fato, fizemos a seguinte pergunta a sete mil entrevistados: "Quando está em conflito com a pessoa com quem tem um relacionamento afetivo, você se sente não amado ou não respeitado?". Resultado: 72% das mulheres afirmaram sentir-se não amadas, enquanto 83% dos homens disseram sentir-se desrespeitados.

Uma pesquisa realizada por Shaunti Feldhahn, relatada em seu clássico *Somente para mulheres*, mostrou claramente que, questionados sobre o que seria pior — ser deixado sozinho e sem amor ou ser desrespeitado e visto como incapaz —, 80% dos homens disseram não suportar a ideia de ser desrespeitados e vistos como incapazes.[4]

Em suma, se você quer trabalhar em equipe na criação de filhos, certifique-se de que o que você diz soa amoroso aos ouvidos de sua esposa ou respeitoso aos ouvidos de seu marido.

Uma maneira infalível de promover o trabalho em equipe com a esposa é elogiando seu empenho no

cuidado dos filhos. Anos atrás, quando nossos três filhos eram pequenos, eu disse a Sarah: "Se tivesse de fazer seu trabalho, eu estaria na prisão!". Mais tarde, ela comentou: "Aquilo me deixou muito feliz! Não o fato de que você terminaria na prisão, mas a percepção de que entendeu como ser mãe pode ser difícil. Me senti muito amada e estimada".

A verdade é que, agora que nossos filhos são adultos, está claro que devo dar a Sarah o crédito por tudo que ela fez como mãe. Embora eu me comprometa como pai, ela se lança sem amarras ao papel de mãe. Sarah está muito acima de mim quando o assunto é o cuidado de filhos.

A esposa é naturalmente equipada com um instinto de cuidado e identifica rapidamente o que perturba os filhos. É sábio o marido que deixa a esposa aconselhar e tomar as rédeas nessas situações. Ele não reage negativamente às sugestões dela. O homem que recebe amorosamente os relatos, as contribuições e até mesmo as reclamações de sua mulher conta com

uma esposa motivada e entusiasmada com o relacionamento deles e com o trabalho em equipe. Mas, se o marido ficar ofendido com o que julga ser desdém para com ele, deixará de valorizar o coração amoroso da esposa e verá falhar seu trabalho em equipe.

Amor e respeito, no entanto, funcionam em ambos os sentidos. É sábia a mulher que percebe a importância de ouvir as opiniões do marido em vez de sutilmente desvalorizá-las ou ignorá-las. Isso pode acontecer muito facilmente em situações relativas à criação de filhos, pois as esposas são tão nutridoras e amorosas com a família que podem não perceber que estão sendo vistas como desrespeitosas pelo marido.

Em que circunstâncias um homem se sente desrespeitado na família? Em um estudo bíblico para casais baseado na Conexão entre Amor e Respeito, as esposas queriam saber o que fazia o homem se sentir desrespeitado em casa. Uma resposta bem

significativa se destacou: “O fato de minha esposa não valorizar minha opinião sobre questões familiares”.

A seguir apresentarei uma carta enviada por uma esposa que enfrentava um sério conflito com o marido por causa do iminente casamento de sua filha e o custo de todo o evento. Não estava muito claro quem pagaria o que, e o marido tinha a impressão de que todo mundo simplesmente ignorava sua opinião e ninguém o respeitava. Sempre que apresentava as despesas à esposa, a tendência dela era pensar que essa era a única preocupação dele, o tempo todo, o que a levava a desligar-se da conversa ou ficar na defensiva. Dizia: “Ela é minha única filha, e quero que tenha uma bela cerimônia de casamento”, o que só aumentava a tensão. Por fim, essa esposa percebeu que aquilo não estava funcionando e decidiu agir respeitosamente. Ela escreveu:

> Olhei para a situação do ponto de vista dele e concordei com tudo que ele estava dizendo. Pedi desculpas e lhe disse que estava errada

pelo modo como vinha lidando com aquilo. Expliquei minha posição, isto é, a de ter de atender aos dois lados. Conversamos sobre o orçamento e chegamos a um acordo sobre qual seria nossa contribuição. Ele se acalmou imediatamente e conseguimos discutir de maneira clara e racional, sem que aquilo se transformasse em uma guerra. Em outros tempos, eu tentaria fazê-lo se acalmar dizendo que o amava e ele diria: "Eu sei disso! Mas você me despreza!". Ele não usa a palavra "desrespeitar", mas sim "desprezar". Nunca entendi por que a iniciativa de afirmar meu amor por ele não era suficiente. Depois que tudo passou, ficamos mais próximos. Senti como se fôssemos *uma equipe trabalhando unida* para solucionar o problema.

Uma equipe! Ela entendeu! Ela percebeu que parecera desrespeitosa e fez o ajuste. Muitas esposas não pretendem ser desrespeitosas, mas não entendem que seu marido é "azul" enquanto elas são "rosa". Os maridos são bem--intencionados, mas eles veem, pensam e sentem de maneira diferente das mulheres em relação a muitas coisas. Com o progressivo entusiasmo daquela esposa pelo evento iminente, sua visão "cor-de-rosa" do mundo a consumia à medida que ela pressentia a felicidade da filha no grande dia.

Ela se desligava da conversa ou entrava na defensiva porque não conseguia entender o fato de ele ser incapaz de mudar sua "atitude mimada e infantil" em relação ao dinheiro e simplesmente cooperar e desfrutar toda a experiência, como ela planejava fazer.

A resposta era simples e, felizmente, a esposa por fim conseguiu enxergá-la. O marido não era mimado nem infantil; a visão azul que ele tinha da coisa toda era diferente da visão rosa da mulher. Ele não estava errado; era apenas diferente. A acusação que ele tanto repetia — "Você me despreza" — finalmente penetrou nela. Eles conseguiram interromper o Ciclo Insano, e tudo deu certo. Assim que ele percebeu que era ouvido, e não desprezado, eles puderam se juntar e trabalhar naquilo que mais o preocupava: o orçamento.

Os pontos fortes e as vulnerabilidades do marido são complementares aos da esposa: a força de um equilibra a fragilidade do outro. Se esperam formar uma equipe, então devem trabalhar juntos, com amor

e respeito incondicionais.[5] Devem mesclar o rosa dela e o azul dele para formar o lilás de Deus, isto é, ser dois que se tornam um: uma equipe comprometida a viver a vida conjugal como Cristo deseja.[6]

Deus nos planejou para termos duas visões distintas. Em vez de usar uma abordagem do tipo "perder ou ganhar" para tentar provar que o parceiro está errado, aprendam a discordar preservando as boas intenções e busquem uma solução em que os dois saiam ganhando. O fato de eu às vezes discordar de Sarah não significa que ela esteja errada e eu, certo. Nós adotamos um axioma bem simples: errado não, apenas diferente. Então, seguimos em frente, visando mesclar nossas opiniões para o bem da equipe e, mais importante, do restante da família.

Lemos em Eclesiastes 4.9 que é melhor sermos dois do que um, mas perceba também a sabedoria contida nos versículos 10 a 12:

> Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! E se dois dormirem juntos, vão manter-se aquecidos. Como, porém, manter-se aquecido sozinho? Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se.

Não posso dizer quem está certo quando você e seu cônjuge discordam. Posso afirmar com convicção que seus filhos sofrerão as consequências de longo prazo se vocês não conseguirem se unir para colocar Deus em primeiro lugar e, abaixo disso, priorizar um ao outro. Acreditem nas boas intenções um do outro, ajam e falem com amor e respeito e mesclem suas visões rosa e azul para gerar um lilás celestialmente nobre.

*Rosa e azul: errados não, apenas diferentes.* Isso pode ser tão importante quanto qualquer outro princípio no projeto de Amor e Respeito para sua família. É tão significativo que existe ainda muito mais a aprender sobre rosa e azul e como criar seus filhos de acordo

com o gênero de cada um. Meninos e meninas precisam de abordagens distintas, como o próximo capítulo explicará.

# azul
# 11

Para mim, este é um dos mais intrigantes capítulos de todo o livro, por causa de minha fascinação pelo modo como Deus nos criou machos e fêmeas. A masculinidade e a feminilidade se manifestam bem cedo. Uma criança do sexo oposto pode parecer uma estranha. Uma vez ouvi isto: "Amamos estas crianças, mas, Deus nos ajude! Se elas não têm os mesmos cromossomos XX ou XY que nós, parece que estamos atravessando um país estrangeiro sem dispor de um mapa".

Creio que descobri informações fundamentais relacionadas a amor e respeito que explicam esses cromossomos masculinos e femininos e nos ajudam a criar filhos rosa e azul, que são iguais, mas não idênticos. Geneticamente, sabemos que meninos e meninas são diferentes.[1] É importantíssimo que os

pais prestem atenção a essas características rosas e azuis em seus filhos, que estão enraizadas no plano de Deus para o homem e a mulher (cf. Mt 19.4). Um grande número de pesquisas confirma a obra criativa de Deus. As meninas, por exemplo, precisam ser queridas e se conectar socialmente; os meninos precisam ser respeitados.[2] Minha amiga Shaunti Feldhahn, excelente pesquisadora, descobriu um padrão inegável enquanto fazia pesquisas para seu livro *For Parents Only* [Apenas para pais]: as meninas tendem a precisar sentir-se amadas e os meninos, sentir-se respeitados.[3]

Em minha opinião, infelizmente alguns pesquisadores não interpretam os meninos corretamente. Meninas em idade pré-escolar, por exemplo, interagem revezando-se umas com as outras vinte vezes mais que os meninos. Estes são vinte vezes mais agressivos ao agir e competir com outros, sem se preocupar com conflitos, e, ao brincar, defendem fortemente seu território.[4] Para um número

expressivo de pesquisadores, essas descobertas caracterizam as meninas como gentis e os meninos como agitados ou até violentos. Essa mesma informação, porém, poderia ser interpretada da seguinte forma: os meninos gostam de desenvolver suas habilidades de modo a defender e proteger agressivamente o inocente, preocupando-se bem pouco com a própria vida, sobretudo se o conflito for entre o bem e o mal.

Um amigo meu tem um restaurante que fornece alimentação para meninos e meninas com idades entre 5 e 8 anos. Ali, ele criou a Sala da Princesa. Quando as meninas entram na sala, elas se atropelam ansiosas por colocar os vestidos, usar as coroas, andar de salto e agitar as varinhas. Elas desejam ser a princesa amada e especial. Quando os meninos chegam à sala, porém, não mostram nenhum interesse pelo que há ali. Mas, assim que se viram para sair, veem as espadas de plástico alinhadas na parede

de entrada. Uau! Eles pegam as espadas e a diversão começa.

Algumas pessoas, especialmente mães, sentem-se desconfortáveis com o fato de meninos se interessarem por armas. A meu ver, esses filhos se imaginam defendendo de maneira honrosa sua fortaleza contra um invasor do mal (e, mais tarde, protegendo amorosamente a donzela em perigo). Nenhum menino consegue verbalizar plenamente esse sentimento, mas isso está em seus genes. Precisamos ver esses garotos como pessoas que buscam ser nobres, não como indivíduos potencialmente violentos ou desejosos de ferir os outros.

É preciso ver as crianças como pessoas bem-intencionadas, embora tenham suas particularidades; são iguais, mas não idênticas. Uma adolescente olha para a vida através de suas lentes rosa quando o assunto é amor, e um adolescente olha através de suas lentes azuis quando se trata de respeito. Aprovamos a necessidade de amor da menina, mas temos a

tendência de ver a necessidade de respeito do menino como arrogância.

Como cristãos, devemos reconhecer o projeto de Deus. À medida que meninos e meninas se tornam homens e mulheres que se casam, eles precisam pôr em prática Efésios 5.33. Nesse versículo, aprendemos que uma esposa precisa se sentir amada independentemente de sua amabilidade, e que um marido precisa sentir, no fundo de seu coração, que é respeitado por ser quem é, ainda que falhe em ser respeitável o tempo todo e de todas as maneiras. Esse princípio é tão importante para a criação de filhos quanto para o casamento. Precisamos entender por que nossos filhos e filhas desanimam e reagem — eles quando se sentem desrespeitados, e elas quando não se julgam amadas. *O homem está no menino, e a mulher está na menina*. Nenhum dos dois está errado; são apenas diferentes.

O que quero dizer sobre amar meninas e respeitar meninos? Bem, o que eu *não* quero dizer é que

meninas não precisam de respeito e que meninos não precisam de amor. Falaremos mais sobre isso adiante, mas, por ora, convido você a observar comigo dois relacionamentos essenciais que podem revolucionar seu modo de criar os filhos.

## O RELACIONAMENTO MÃE-FILHO: O RESPEITO DELA

As mães sempre me dizem que a prática do respeito as tem levado a um novo nível de conexão significativa com seus filhos. Depois de comparecer a uma de nossas conferências sobre vida conjugal, uma mãe me escreveu contando que havia decidido começar a usar a conversa de respeito com seu filho:

> Quando meu filho me apresenta suas ideias, eu digo: "Respeito o que você tem a dizer" ou "Respeito a maneira como lidou com aquela situação", ou ainda "Respeito muito sua iniciativa de fazer e concluir as coisas". Isso tem feito meu filho sorrir como nunca vi. Conversamos mais sobre respeito em eventos esportivos e sobre ter uma postura respeitosa pelo adversário. Meu filho sempre soube que

eu o amava. Agora, sabe que eu o respeito, e também respeito suas ideias — algo que antes eu não fazia muito bem.

Outra mãe relatou uma conversa que teve com o filho de 7 anos, um clássico exemplo de quão importante é mostrar respeito a alguém do sexo masculino.

MÃE: Eu respeito você.

FILHO: esboçando um sorriso carinhoso)

MÃE: Você sabe o que significa isso?

FILHO: (rápido movimento de cabeça de um lado para o outro, sinalizando que não)

MÃE: Bem, significa que tenho orgulho de você, que o considero uma pessoa honrada e que penso que você é um homem forte.

FILHO: (sentado mais ereto, com um sorriso acanhado) Obrigado, mãe.

MÃE: O que você mais gosta de ouvir? Que tenho orgulho de você e que acho que você é um homem forte, ou que o amo?

FILHO: Orgulho e forte.

Esse menino sabe que a mãe o ama, mas respeito é algo novo, e ele adora isso!

A conversa de respeito funciona com o filho homem, não importa quantos anos tenha. Ao dizer isso, porém, não me refiro à manipulação ou ao esforço por fazê-lo agir de determinada maneira. A conversa de respeito funciona com seu filho porque ela satisfaz a necessidade de respeito impregnada no espírito de todo homem. Sim, você o ama, mas a melhor maneira de comunicar seu amor é mostrando respeito ao espírito de seu filho, um espírito precioso para Deus. Às vezes ele não conseguirá ser a pessoa que deve ser, mas ainda assim precisará de respeito. Talvez você nem sempre sinta que ele merece ser

respeitado, mas é nesses momentos que ele mais precisa disso.

Veja a seguir sugestões comprovadamente eficazes para conversas de respeito entre mães e filhos.

**Preste atenção ao que ele está dizendo**

Uma mãe compartilhou o seguinte relato sobre seu filho de 9 anos:

> Esta semana, recebi o mais lindo cartão de Dia das Mães, feito à mão. E você ficaria surpreso ao ler o que dizia a primeira linha do texto: "Fico feliz por você me respeitar". O restante do cartão falava sobre ser agradecido por eu cuidar das roupas dele e como sou boa em matemática, mas o comentário sobre respeito estava no topo.

Veja também o testemunho desta mãe:

> Certa noite, enquanto colocava as crianças na cama, meu filho de 5 anos me olhou com tristeza e, bem no meio do meu monólogo sobre quanto eu o amava, disse: "Mamãe, você se orgulha de mim?".

Chocada, expressei imediatamente que, claro, eu tinha orgulho dele. Ele perguntou, desconsolado: "Então por que não me diz isso sempre?". Desde então, tenho procurado segurar meu desejo de agarrá-lo e levantá-lo do chão, amassando suas bochechas com beijos. Em vez disso, ponho a mão em seu ombro e digo que tenho orgulho dele. Ele responde enchendo o peito e dizendo: "Obrigado, mamãe!", com um movimento de cabeça. E vai embora sentindo-se mais valorizado do que se eu tivesse beijado seu rosto por meses a fio.

Os meninos clamam por respeito. Quem dera as mães ouvissem com atenção o que eles estão dizendo. Uma mãe escreveu:

Descobri com meus meninos que raiva e controle os enfureciam e, no fundo, faziam que se sentissem desrespeitados. Mesmo sendo ainda bem novos, posso ver que é isso o que eles querem de mim. Quando sou encorajadora e paciente, quando compreendo seus erros e sou gentil na correção e elogiosa em relação ao seu caráter, nosso lar parece muito mais pacífico. Estou tentando não derrubar a casa com minha língua!

Essa mãe "sacou a real", e isso introduz nosso próximo ponto.

**Simplesmente esteja com ele… e fale menos!**

Estar ao lado do marido e não falar com ele é uma possibilidade que causa espanto para muitas esposas em nossas conferências. Isso também funciona com os filhos. Uma mãe escreveu dizendo que conseguiu perceber que seus filhos, já na puberdade, precisavam de uma abordagem diferente: as canções de ninar haviam cessado; a necessidade de conforto quando se feriam fisicamente era bem menor; o senso de que "pertenciam a ela" estava se dissipando. Ela se lembrava de ter lido em um livro de James Dobson que conversar com meninos enquanto realiza uma tarefa poderia ser eficiente, por isso decidiu deixar que eles a vissem preparar biscoitos.

Ela não lhes pediu ajuda; simplesmente começou a preparar a massa dos biscoitos, tomando cuidado para falar pouco ou quase nada. Depois de um tempo, eles

quiseram ajudar. Enquanto trabalhavam juntos enrolando as porções de massa em açúcar com canela, ela descobriu o que se passava na mente deles. Em pouco tempo, começaram a falar sobre a família, sobre coisas que a avó deles fizera quando pequena, sobre os sonhos deles — e até mesmo sobre o que havia acontecido na escola!

Quando as dez dúzias de biscoitos foram tiradas do forno, mãe e filhos estavam em sintonia. Ela encerrou assim sua carta: "Foi uma tarde recompensadora, um ótimo momento de reconexão. Naquela mesma noite, meu filho, com quase 12 anos, me pediu que o colocasse na cama! Ele deve ter sentido as mesmas coisas que eu. Tudo porque separei um tempo para desacelerar e deixar que ele fosse simplesmente quem é".

Percebeu? *O filho de 12 anos* quis que a mãe o colocasse na cama para dormir. Mesmo durante a puberdade, quando a afeição dos meninos parece

estar desaparecendo, atividades conjuntas podem despertar a ternura e o amor que eles têm pela mãe.

Costumo ouvir mães que fazem muitas perguntas a seus filhos. Uma delas chegou em casa e foi indagar ao filho de 4 anos como foram as coisas com a babá:

— Vocês brincaram?

— Sim, mamãe.

— De quê?

— De esconder coisas.

— O que vocês esconderam?

— Brinquedos.

— Que tipo de brinquedos?

— Os meus brinquedos.

— Sissy também brincou?

— Sim, mamãe.

— Vocês encontraram todos os brinquedos?

— Sim, mamãe… Você pode parar de falar agora, por favor?

Essa mãe típica, com suas perguntas típicas, descobriu que seu típico rapaz não estava de fato

interessado naquilo que, para ele, era história antiga. Esse desinteresse, e até mesmo antipatia, por perguntas continua à medida que os meninos ficam mais velhos.

Em muitos casos, quando as mães falam menos, os filhos falam mais. Há momentos, é claro, em que a mamãe *deve* falar, especialmente para expressar respeito pelos filhos.

**Expresse respeito por seu filho**

Você não pode simplesmente pensar em ser mais respeitosa com seu filho; você deve expressar respeito por ele constantemente, o que, eu lhe asseguro, será muito mais agradável para ele do que suas perguntas. Uma mãe compartilhou:

> Ainda estou maravilhada por ver como o simples uso de palavras como *respeito*, *apreço* ou *admiração* parecem fazer grande diferença com meu marido e meus filhos. Espero ansiosamente por aquilo que o Senhor tem guardado para minha família. Estou sendo continuamente desafiada a ser respeitosa e a escolher palavras

respeitosas. É difícil, especialmente depois de tentar me proteger com palavras erradas.

Outra mãe me disse:

Ao me dirigir a meu filho, procuro ter certeza de que ele sabe quão importante é o respeito ao lidar com todo mundo. Também me certifico de que ele sabe quanto valorizo e respeito seus sentimentos, assim como o fato de ele estar disposto a compartilhá-los. Aprendi que preciso mostrar-lhe respeito ainda que ele tenha "apenas 11 anos". Escolho as palavras com cuidado. Não quero jamais que ele se sinta menosprezado. Estou sempre atenta para não deixar que minhas palavras o desanimem.

Mãe, esteja ciente de que pode esmagar o espírito de seu filho não apenas com palavras, mas também com seu olhar e seu tom de voz, mesmo que você ache que está "apenas tentando ajudá-lo a aprender". Muitas mães sentem tanto amor por seus filhos que isso as deixa cegas para a necessidade que o menino tem de

respeito. A mãe presume que o filho precisa saber a profundidade do amor que ela tem por ele. Mas ela deve reconhecer que, embora o ame, pode aparentar estar desgostosa dele. Ao corrigi-lo, por exemplo, pode parecer desdenhá-lo.

Uma mãe escreveu:

> Até recentemente, ao disciplinar meu filho mais velho, eu costumava usar uma postura autoritária. Funcionou? É óbvio que não. Fiquei frustrada e tenho orado em busca de uma resposta sobre como entender meu filho e suas necessidades como jovem. Bem, elas não são muito diferentes das de meu marido. Meu filho gosta de respeito, e sua reação tem sido positiva e menos frustrante para mim.

Essa verdade influenciou a mãe de um rapaz de 15 anos. O moço a deixou surpresa, perplexa e maravilhada:

Meu filho começou a usar uma nova técnica de controle nos últimos tempos. Ele achava que podia externar suas opiniões gritando a plenos pulmões e, então, esperava que eu passasse a ver as coisas do jeito dele e as aceitasse como corretas. Tentou isso em relação a compras e saídas com os amigos, apenas para citar alguns exemplos. Eu costumava dizer-lhe calmamente que, até onde me lembrava, eu era a mãe e ele era o filho, e não o contrário. Tentei dar sugestões quanto à maneira de conversar comigo de modo que eu fosse mais responsiva a suas ideias. Tudo terminava em uma enorme guerra verbal. Ele se sentia horrível, e eu também. Nas últimas vezes que veio até mim exigindo coisas aos berros, tudo que eu disse foi: "Respeito o fato de você vir me pedir alguma coisa e quero ouvir o que está dizendo; assim, vou poder tomar uma boa decisão. Acho que não consigo tolerar essa gritaria... Isso me parece muito desamoroso". Ele normalmente teria continuado a falar alto, a despeito de como eu lhe respondesse, mas, dessa vez, se segurou um pouco e foi para seu quarto. Voltou logo depois e expôs seus planos. Fiquei perplexa e, ao mesmo tempo, muito animada.

Ela falou uma palavra que jamais usara, e isso mexeu com o rapaz. Essa palavra foi "respeito".

Uma mãe de filhos adultos escreveu:

Ao falar com meus filhos por telefone, em vez de terminar nossa conversa com um "Eu te amo", como sempre fazia, resolvi dizer: "Eu respeito… (um comentário personalizado para cada situação)". Um dos filhos ficou quieto e, então, respondeu: "Obrigado, mãe", o que realmente me tocou o coração. Outro filho, que é mais distante de nós em termos emocionais e espirituais, também ficou quieto por um instante e, então, disse: "Eu te amo", algo que raramente me diz. Foi incrível.

Expressar respeito aos filhos é uma prática que produz enorme alegria às mães. Embora isso não seja uma fórmula, de fato leva a conexões mais frequentes com filhos.

Toda mãe diz que respeita seu menino. Por que outra razão ela o confrontaria e desejaria compreensão mútua e conexão com ele? Mas as mães precisam dar um passo para trás e observar como conversam com os filhos. Não são poucas as mães que, aos olhos dos filhos, estão sempre bravas com eles. Os meninos traduzem isso por meio do filtro do respeito e se fecham. Se, por um lado, as filhas são mais propensas

a entender que a mãe está frustrada, por outro, os meninos não discernem isso tão bem. Além disso, pelo fato de o menino não fazer muita cena nem chorar (ao contrário do que pode ocorrer com as garotas), a mãe pode achar que o filho está se tornando insensível para com ela, de modo que passa a usar palavras de desaprovação com maior frequência. Em vez de amolecer o coração, ele o retrai ainda mais. Quando a mãe discerne quão negativa ela se apresenta e corrige isso, o relacionamento com o filho muda para melhor.

Uma mulher escreveu: "Estou me esforçando para elogiar e respeitar meu marido na frente de nossos filhos, e todos os quatro estão cada vez mais orgulhosos!"

## O RELACIONAMENTO PAI-FILHA: O AMOR DELE

Não é novidade que um pai deve amar sua filha de maneira especial. Diferentemente de muitas mães que talvez não tenham consciência da necessidade de falar

de modo respeitoso com seus filhos, a maioria dos pais sabe da necessidade que as filhas têm do amor paterno, pois a esposa lhe ensina isso. E por que a mãe ensina o pai dessa maneira? Porque espera que ele faça à filha aquilo que foi significativo para ela quando menina — e ainda o é hoje.

Você já deve ter ouvido que "a melhor maneira de amar uma filha é amando a mãe dela". Esse é um conselho excelente. Se a filha vir seus pais constantemente em pé de guerra no Ciclo Insano, ela pode começar a acreditar que seu pai também não a ama.

Um traço fundamental que os pais devem entender sobre filhas — e mulheres — é que elas tendem a personalizar o que lhes é dito e, provavelmente o mais importante, como é dito. Se precisar corrigir ou confrontar sua filha, faça-o de maneira gentil. Nenhum pai jamais deseja rejeitar sua filha. Contudo, quando um pai aparenta estar castigando uma menina, ela pode facilmente achar que ele está

dizendo: “Na verdade, eu não a amo”. Nós, pais, precisamos nos perguntar: “Será que, ao corrigir ou confrontar minha filha, estou passando dos limites e fazendo-a sentir que não é amada ou que é criticada injustamente?”.

Quando ela fracassar, será extremamente dura consigo mesma, por isso você precisa destacar seus pontos positivos e dizer-lhe que gosta muito de ver como ela é receptiva a suas instruções. Incentive-a a aprender com os erros, mas não os enfatize tanto. Esse seria um erro imensamente maior que qualquer outro que ela possa cometer.

É comum eu receber cartas de esposas que dizem precisar de respeito tanto quanto de amor. Amy, de 13 anos, concorda, dizendo que está bastante segura do amor incondicional de seus pais, mas que também precisa de respeito e gosta de ouvir quando seu pai lhe diz: “Bom trabalho!”. Todavia, Amy prossegue: “A questão é qual dos dois (amor ou respeito) é indispensável. Sem dúvida, eu não poderia viver sem

o amor dos meus pais. Está mais para uma necessidade que para um desejo".

As observações de Amy sobre amor e respeito me dizem que as filhas respondem primeiramente à afirmação de quem elas são como pessoas. As filhas apreciam elogios sobre seu desempenho, mas, se os pais só as elogiam quanto a isso, então, de modo intuitivo, elas sentirão que somente serão aceitas e amadas se apresentarem bons resultados.

A maioria das filhas pondera: "Será que papai me ama pelo que sou, independentemente do que acontecer?". É por isso que as palavras mais prejudiciais que um pai pode dizer à filha são: "Ninguém conseguiria amar você". É difícil acreditar que um pai seja capaz de dizer uma coisa dessas à filha, mas tenho muitas cartas de mulheres me contando que foi justamente isso que lhes aconteceu.

Ao relacionar-se com sua filha, tenha em mente que o cérebro feminino é "equipado" com aptidões especiais: ser bastante verbal, conectar-se

profundamente com os amigos, neutralizar conflitos e apresentar "uma capacidade quase psíquica de ler expressões e tons de voz relacionados a emoções e estados de espírito".[5] Deus deseja que os pais não apenas entendam esse precioso projeto divino, mas também lidem bem com ele. Veja a seguir algumas coisas de que os pais devem se lembrar ao criar suas filhas.

## Desde a infância, as mulheres querem olhá-lo nos olhos

De acordo com especialistas, durante os primeiros três meses de vida uma menina aumenta suas habilidades de contato visual e observação facial em mais de 400%, o que não ocorre nos meninos. Quando faltam expressões faciais, as meninas se tornam confusas e se afastam. Meninas pequenas também são mais sensíveis à voz humana do que meninos. A percepção que têm de si mesmas está conectada a quão bem elas são ouvidas pelos adultos.

De fato, meninas de 1 ano se mostraram mais capazes de mostrar empatia por serem mais responsivas a pessoas que aparentam estar tristes ou machucadas.[6]

Ao descrever a filha de 10 meses, uma mãe declarou: "Para ela, brincar é o ato de eu me deitar de costas para que ela possa subir em minha barriga e pressionar seu nariz contra o meu enquanto me olha nos olhos, rindo cheia de alegria".

À medida que as filhas crescem e se tornam jovens mulheres, depois esposas, a necessidade de olhar nos olhos continua e amadurece. Sábio é o pai e o marido que devolvem o olhar.

**O amor é a língua nativa de sua filha**

Expressões de amor ocupam o que há de mais íntimo em sua filha, e ela anseia ouvi-las desde o início. Aqui está um exemplo de um pai que faz a filha sentir-se a menina dos olhos dele. Quando ela estava com cerca de 4 anos, eles se envolveram em um desafio do tipo "eu te amo mais". Papai havia acabado de dizer à

pequena: “Eu te amo até o fim do mundo e voltando”. A resposta dela foi: “Eu te amo até quase chegar em Deus!”. Ao relatar o episódio, esse pai comentou: “Isso me deixou teologicamente surpreso. Ela me venceu de lavada!”. Não importa se sua florzinha tem 4 ou 40 anos: o amor é a linguagem que ela ouve melhor.

Quão diferente e triste é a carta de uma filha adulta que se lembra do pai, “emocionalmente frio e distante”, sentado na igreja duas vezes por domingo, ouvindo a Palavra de Deus. A recordação prossegue: “Eu não me lembro de estar sentada no colo dele, com ele segurando minha mão ou me dizendo que me amava. Aquilo era muito angustiante para mim”.

**Não peça que ela esconda os próprios sentimentos**

Quando nossos filhos eram menores, Sarah e eu dizíamos: “Chore baixinho”. Não tínhamos problemas com algumas lágrimas, mas nada de choros e gemidos fora de controle, especialmente em

público. Recentemente, perguntei a Joy: "Quais são suas lembranças quanto a pedirmos que chorasse baixo?". Ela respondeu:

> Eu odiava aquilo. Às vezes saíamos da linha, mas eu também sentia que meu choro era ignorado e que minha tristeza não era reconhecida, embora isso provavelmente não fosse verdade. Lembro-me de odiar ouvir a frase "Chore baixo, estamos em público", porque chorar é algo que nos toma todo o corpo e é difícil esconder.

Joy ouvia nosso pedido para controlar o choro como "Esconda seus sentimentos". Você pode aprender com esse nosso erro. Posso certamente afirmar que um pai nunca deve dizer à filha: "Pare de chorar!". Meninas, assim como suas mães, sentem as coisas com profundidade, e chorar é parte da maneira como Deus as capacita a livrar-se de seus fardos.

## Decodifique o drama de sua filha adolescente

Muitos pais concordariam que a palavra *drama* parece estar impressa na testa de suas filhas adolescentes. O pai precisa reconhecer que, por vezes, sua adolescente explode com palavras dramáticas de desacordo e protesto não porque esteja tentando ser desrespeitosa com ele, mas porque se sente secundária. A causa subjacente de sua "comoção emotiva" é que ela precisa de amor reconfortante. Ela espera que o pai a ame a despeito de seu aparente desrespeito.

Penso no pai que se compromete a levar a filha de 13 anos ao *shopping center*, mas surge um imprevisto no trabalho e ele tem de cancelar o programa. Infelizmente, ele não tem muito tempo para explicar, por isso manda apenas um torpedo com as palavras "Desculpe, querida… Talvez outro dia". Mas sua filha contava com aquilo e, irritada, responde: "Isso SEMPRE acontece! Você NUNCA cumpre o que promete!!!".

Se o pai interpretar o surto dramático da filha como uma crítica pessoal, de duas, uma: ou ele se afastará

dela emocionalmente, na tentativa de impedir que o conflito se avolume, ou explodirá de raiva diante de tais declarações extremas. Seja como for, ele pode passar a impressão de que não se importa com ela, mas não é isso o que vai no fundo de seu coração. A filha realmente precisa do amor dele, embora tenha reagido de maneira imatura (o que pode facilmente parecer desrespeitoso).

Se o pai entender a decepção e a frustração da filha, eles podem resolver a questão. Mas, se tentar ensinar com severidade, dizendo: "Você não pode falar dessa maneira!", ela se convencerá ainda mais de que não é a menina dos olhos dele e pode desenvolver uma "ferida paterna" que permanecerá por toda a vida.

Entender as diferenças entre rosa e azul é importante, mas o que dizer das diferenças entre azul e azul e rosa e rosa? Pais e filhos têm seus próprios desafios de linguagem e comunicação, assim como mães e filhas.

## ROSA OU AZUL: ELA PRECISA DE AMOR, ELE PRECISA DE RESPEITO

Recebi uma carta de um pai que tem um filho, Matt, com pós-graduação, e uma filha, Amy, que está no nível superior. Esse pai descreveu habilmente como amor e respeito funcionam com filhas e filhos.

Amy enfrentava um ano difícil, não com os estudos, mas com as outras moças com quem morava. Quando ela foi para casa passar as férias de Natal, seu pai lhe disse que se orgulhava de como ela se relacionava com as outras meninas, tentando amá-las a despeito do que estava acontecendo. Ela gostou das palavras dele, mas ainda parecia incomodada e relutava em voltar.

Então Amy conversou com a mãe, que lhe disse que ambos, papai e mamãe, a apoiavam e a amavam, "independentemente do que tenha acontecido". Foi como se alguém tivesse disparado um *flash* brilhante. Amy, que até então estava temerosa de voltar para o semestre seguinte, agora se sentia totalmente apoiada

e entusiasmada. De fato, seu pai afirmou mais tarde: "É como se nosso amor por ela (Amy sabe que pode contar com isso) fosse um campo de força remoto dentro do qual ela pode se sentir segura. Por saber que a amamos e que oramos por ela, ela pode corajosamente confrontar suas irmãs em Cristo".

Na mesma carta, esse pai reproduziu uma conversa que teve ao telefone com o filho mais velho, que trabalha em um grande ministério paraeclesiástico em uma região distante do país. Enquanto conversavam, o pai disse ao filho como se sentia orgulhoso dele e quanto o respeitava. Quando o filho perguntou sobre os motivos daquilo, o pai comentou que ele poderia estar ganhando 50% a mais por ter se formado na pós-graduação com altas honrarias, mas havia escolhido usar seus talentos para servir ao Senhor. O pai prosseguiu e mencionou várias outras coisas: a habilidade do filho para cuidar do carro, seu serviço constante na igreja, o apoio que dava aos missionários. Enquanto o pai falava, o filho

permanecia quieto do outro lado da linha. A carta continua: “Depois que enumerei as coisas pelas quais me orgulho dele, pude perceber que ele estava chorando. Enquanto o elogiava, não me dei conta de quanto aquilo tudo significaria para ele. Foi uma lição para minha esposa e para mim. Então, ela decidiu escrever-lhe uma carta, falando sobre por que se orgulhava dele e o que admirava nele”.

Esse pai ainda complementou, afirmando que pôde perceber que seus dois filhos adultos ainda precisam de apoio dos pais, mas agora trata-se de um apoio diferente. “Matt sabe que o amamos, mas isso não importa tanto assim para ele. Ele precisa saber que temos orgulho dele e que o admiramos. Amy sabe que temos orgulho dela, mas isso não importa tanto assim para ela. Ela precisa saber que a amamos.”

Quais gêneros vivem em sua casa? Eles estão recebendo o que precisam?

Como vimos, o Ciclo Insano da Família pode ser decodificado e neutralizado. Você pode C-U-I-D-A-R

para entrar no Ciclo Energético da Família, mas existe mais um passo crucial para os pais que seguem a Cristo. O Ciclo Recompensador da Família traduz o real significado da criação cristã de filhos, e tem pouco a ver com seus filhos. Vamos falar dele na sequência.

PARTE 3

# O Ciclo Recompensador da Família



Como vimos, o Ciclo Insano da Família gira quando os filhos não se sentem amados e os pais não se sentem respeitados. Ao discutir o Ciclo Energético da Família, vimos como o acrônimo C-U-I-D-A-R fornece um plano para a criação de filhos do jeito de Deus e para que o Ciclo Insano não entre em ação. Mas… e se você tentar viver plenamente os princípios de C-U-I-D-A-R e, ainda assim, seus filhos não cooperarem?

Ainda que venhamos a **C**onceder amorosamente a nossos filhos, eles talvez nem sempre nos recebam com gratidão e respeito.

Embora tentemos **U**sar de discernimento com nossos filhos, eles ainda assim se irritam e nos acusam de sermos desamorosos. Apesar de nos esforçarmos diligentemente para **I**nstruir nossos filhos, eles nem

sempre serão receptivos a nossas orientações (às vezes serão qualquer coisa, menos isso).

A despeito de todas as nossas tentativas de **D**isciplinar nossos filhos de maneira sensata e justa, às vezes eles nos acusarão de sermos injustos e desamorosos.

Ainda que façamos de tudo para **A**poiar nossos filhos, ainda lhes podem faltar coragem e confiança em certos momentos.

E, embora nos empenhemos em **R**ogar fielmente por nossos filhos, não existe garantia de que eles venham a obedecer a Deus e a confiar nele.

Nenhum sistema é à prova de falhas; nenhum diagrama é perfeito. É por isso que o Ciclo Recompensador da Família é o aspecto mais importante da aplicação do conceito de Amor e Respeito na família. Nestes capítulos, você verá que a criação dos filhos tem mais a ver com seu relacionamento com Cristo do que com o relacionamento que você tem com eles. Aqui, você

aprenderá a confiar completamente no Senhor Jesus e nunca desistir… nunca!

# Os filhos do jeito de Deus

# 12

## Criar filhos para Cristo: nosso maior chamado

O que isso significa? A figura que representa o Ciclo Recompensador da Família, na abertura da Parte 3, declara: "O amor de um pai mesmo sem o respeito de um filho…". Quero expandir esse conceito e torná-lo ainda melhor: "O amor de um pai por Jesus Cristo e pelo filho, mesmo sem o respeito do filho…". Como pais, devemos criar os filhos "para" Jesus Cristo, independentemente das escolhas que eles vierem a fazer. Criar um filho do jeito de Deus significa criá-lo "para" Cristo, ainda que esse filho não corresponda a nossas expectativas.

Como "criar filhos para Cristo"? Nestes capítulos sobre o Ciclo Recompensador da Família, espero mostrar a você que não estou me referindo a um jargão espiritual etéreo. "Criar filhos para Cristo"

representa uma abordagem completamente diferente. Significa ter consciência de Cristo em tudo que fazemos com e por nossos filhos — este é o maior chamado de Deus aos pais.

A Bíblia nos fala sobre "criar filhos para o Senhor"? Em Colossenses 3.15-24, Paulo instrui todos os crentes a terem consciência da presença de Cristo conosco em nossa vida diária. Devemos deixar que "a paz de Cristo seja o juiz em [nosso] coração" e ser "agradecidos [a Deus]" (v. 15). Precisamos deixar que "habite ricamente em [nós] a palavra de Cristo" (v. 16). E "tudo o que [fizermos], seja em palavra ou em ação, [façamos] em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai" (v. 17).

Resumidamente, devemos fazer o que fazemos e dizer o que dizemos "como ao Senhor" (cf., p. ex., Ef 5.22). Essa é uma maneira forte de expressar a ideia de que tudo que fazemos deve ser feito não apenas "por causa do" Senhor, mas "para" ele (cf. Mt 25.40). O Senhor está ativamente presente. No contexto geral

de Colossenses 3.15-24, Paulo aplica essa poderosa verdade à vida conjugal e familiar (especialmente os v. 18-21). Em tudo na vida, e particularmente como cônjuges e pais, devemos nos elevar acima da dimensão horizontal e estar em contato com o relacionamento vertical que temos com o Pai celeste por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Devemos fazer o que fazemos "como para o Senhor" (v. 23) porque "é a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo" (v. 24). A propósito, em uma passagem paralela (cf. Ef 5.18—6.9) essas mesmas verdades são proclamadas. Não se trata de uma questão trivial.

De fato, criar filhos "como para o Senhor" significa que, em um sentido mais profundo, este livro sobre criação de filhos tem pouco a ver com os filhos. Dizendo de outra forma, nossos filhos são secundários. Este livro não é sobre criação de filhos centrada nos filhos, mas sobre criação de filhos centrada em Cristo. Embora nos importemos com nossos filhos e os amemos mais que a própria vida, ao

C-U-I-D-A-R deles devemos nos importar com Cristo acima de tudo. Muito mais que estar atentos aos sentimentos de nossos filhos, devemos ter uma consideração reverente pelos sentimentos de Cristo, aquele a quem, em última instância, desejamos agradar.

As próprias Escrituras dizem que devemos amar a Cristo mais do que amamos nossos filhos. Jesus disse: "Quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10.37). Sim, nós nos concentramos nos filhos e na criação deles, uma vez que isso é inevitável; mas nos concentramos ainda mais em Cristo ao criar nossos filhos, uma vez que isso é incomparável.

Entretanto, se queremos nos assegurar de que estamos criando filhos para o Senhor, devemos estar cientes de quem somos nele. Em termos mentais e emocionais, é necessário agarrar e estimar a verdade sobre nosso valor eterno para o Senhor. Precisamos, por exemplo, ouvir o que Cristo diz acerca de nosso

valor. “Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?” (Mt 6.26). Devemos reconhecer, individualmente, a visão eterna que Deus tem de nós e o valor incalculável que ele nos atribui. A pergunta fundamental é: o valor que temos em Deus realmente influencia nosso casamento e nossa maneira de criar filhos?

Ao analisar as palavras que Jesus usou para descrever o que fez por mim, fico impressionado. Ele me resgatou, me perdoou, me deu vida eterna, me amou e me preparou um lugar (cf. Mt 20.28; 26.28; Jo 3.16; 15.9; 14.2). Ao deixar a palavra de Cristo habitar plenamente meu coração, tenho um vislumbre de sua aceitação graciosa, da justificação eterna que ele me ofereceu e do apreço inestimável que tem por mim. Convido você a reconhecer isso também — neste exato momento. Lembre-se de que não fizemos jus a nenhuma dessas bênçãos. Não

somos merecedores de nenhuma das dádivas de Cristo; podemos apenas recebê-las e deixar que essas verdades afetem a maneira como criamos os filhos.

Quando ignoramos que nosso valor e nossa verdadeira identidade estão em Cristo, e não em nossos filhos, corremos o risco de desanimar. Foi o que aconteceu com a mãe que escreveu as palavras a seguir:

> Um dos meus problemas é que, quando as crianças se comportam mal ou não agem como acho que deveriam, sinto como se esse comportamento fosse um reflexo e uma extensão de mim. Suponho que isso tenha algo a ver com orgulho ou seja uma característica pessoal minha… O que você acha? Tenho a sensação de que isso me desgasta, me paralisa e, então, me sinto derrotada. Faz algum sentido?

Os comentários dessa mãe fazem total sentido para Sarah e para mim. Já passamos por isso. Sarah se lembra de nosso primeiro ano na criação de filhos:

“Eu queria que Jonathan se comportasse perfeitamente no berçário da igreja. Contudo, aos 3 meses de idade, ele não era ‘perfeito’, e chorava todos os domingos; eu me sentia um fracasso”.

Por mais engraçado que esse episódio no berçário pareça agora, ele é bastante representativo do que sentimos como pais à medida que o tempo passa e as questões vão ficando cada vez mais sérias. Conforme cresciam, nossos filhos faziam o que as crianças fazem: agiam de maneira imperfeita. Nossas razões para esperar que tivessem um comportamento perfeito eram sinceras (queríamos protegê-los das consequências de escolhas ruins), mas ficávamos profundamente desanimados quando suas atitudes nos levavam a questionar nosso valor como pais e até mesmo como cristãos. Observando de perto as muitas escolhas erradas feitas por nossos filhos, Sarah e eu nos sentávamos tristes e quietos enquanto ponderávamos sobre o que fizéramos errado. Qual foi nossa falha ao ajudar nossos filhos a fazer as escolhas

corretas? O que havia de errado em nosso modo de criá-los? Por que não tínhamos conseguido orientá-los melhor quando enfrentaram provações e tentações?

Passamos por algumas noites escuras em que tivemos de lidar com sentimentos aflitivos, como acontece com muitos pais. Nessas ocasiões, nos perguntávamos: "Vamos deixar essa situação nos derrotar e nos impedir de criar nossos filhos do jeito de Deus, enquanto nos afundamos em autocomiseração?". A boa notícia é que tal reflexão nos levava não apenas a procurar meios de melhorar o modo como criávamos nossos filhos, mas, mais importante, nos fazia examinar nossa identidade em Cristo. Ao confessar nossos erros e defeitos a Deus, permitíamos que ele nos lembrasse de seu amor, de que ele é por nós e fará todas as coisas cooperarem para o nosso bem.

Se deixássemos que a falta de obediência, a irresponsabilidade e a pecaminosidade de nossos

filhos — comportamentos "normais" que tentávamos corrigir — definissem nossa verdadeira identidade…

- Nosso senso de valor próprio dependeria de quão "bons" nossos filhos se mostrassem em cada situação. Para que nos sentíssemos bem conosco, nossos filhos deveriam ter um bom desempenho. Obviamente, isso não era justo para nós — muito menos para eles.
- Nós os responsabilizaríamos por nosso senso de paz, em vez de deixar que a paz de Cristo governasse nosso coração.
- Deixaríamos que as palavras deles a nosso respeito determinassem como nos sentiríamos em relação a nós mesmos, em vez de confiar que as palavras de Cristo definissem nosso senso de valor próprio.

Com o passar do tempo, Sarah e eu deixamos humildemente que as Escrituras criassem um novo roteiro em nosso coração e mente, e você deve fazer o mesmo. Qual é seu roteiro interior? Você já assumiu

sua posição em Cristo? Percebe que tem valor porque ele assim afirma, e não por qualquer coisa que você ou seus filhos fazem ou deixam de fazer?

Ao conversar com gente dos mais diversos lugares, encontro muitas pessoas que se sentem derrotadas como pais por causa do comportamento de seus filhos (ou do que eles se tornaram). O que estou prestes a compartilhar com você não apenas lhe refrescará a alma como também o capacitará a criar os filhos como Deus deseja — ou pelo menos a fazer algum progresso nessa direção.

## Você vale Jesus para Deus

Todos nós que cremos em Cristo como Salvador temos um "passaporte para o céu", por assim dizer, no qual está escrito: "Por causa de Jesus Cristo, este é um filho adotivo de Deus que foi perdoado, aceito, aprovado, justificado e aperfeiçoado". Como Jesus é o Filho de Deus, somos filhos e filhas adotados por Deus. Estamos na família de Deus para nunca ser

abandonados. Essa é nossa verdadeira identidade. Somos filhos amados de Deus — filhos por quem ele tem sentimentos eternos de compaixão. Será que cremos que é isso o que Deus sente por nós, mesmo quando não é isso o que sentimos por nós mesmos? Deveríamos crer! Esse é o significado de fé.

Você entende isso? Compreende o que significa "ser amado por Deus" — um refrão usado dezenas de vezes na Bíblia para referir-se a todos os que creem? No início, Sarah e eu levamos algum tempo para compreender essa verdade (e, de certa forma, ainda não terminamos), mas, quando o fizemos, isso afetou tremendamente nosso modo de criar os filhos. A verdade de Deus estava ali presente para os momentos mais obscuros. Tivemos de crer no que todos os pais cristãos devem crer: valemos Jesus para Deus! A Bíblia declara: "Vocês foram comprados por alto preço" (1Co 6.20; 7.23). Qual preço? "Pois vocês sabem que não foi por meio de coisas perecíveis como prata ou ouro que vocês foram redimidos [...], mas, pelo

precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito" (1Pe 1.18-19). Fomos comprados pelo sangue de Cristo. A vida dele pela nossa.

Por favor, junte-se a mim e a Sarah e diga: "Sim, eu *valho* Jesus para Deus. Quando Deus diz que tenho valor, significa que *eu tenho valor!*".

Estou bem ciente de que, nas dificuldades da vida diária, nossos sentimentos se contrapõem e minam nossa confiança no verdadeiro valor que temos para Deus. Mas, tão logo saibamos de nosso valor para Deus, cessamos de tentar encontrar nosso valor próprio nos filhos. Sim, hoje eles nos dão razões para nos alegrar e amanhã podem nos causar dor e tristeza, mas em nenhum momento eles determinam nosso valor e nossa importância como seres humanos redimidos. Como crentes em Cristo, imprimimos nossa identidade ao modo como criamos nossos filhos; a realidade de quem somos não deriva do modo como os criamos.

Como certa mãe me disse, "Nossos filhos não podem curar nossas feridas; só Deus pode fazê-lo". Ela percebeu quão prejudicial era sua atitude em relação aos filhos quando esperava que eles produzissem nela uma autoimagem saudável. Ela se deu conta de que havia tentado responsabilizá-los por seu bem-estar. Essa mãe queria fazer da obediência dos filhos o suporte para que sua autoestima se mantivesse em pé.

Outra promessa bíblica confirma que valemos Jesus para o Pai: nossa herança eterna. "Assim, você já não é mais escravo, mas filho; e, por ser filho, Deus também o tornou herdeiro" (Gl 4.7). Mas o que significa "herdeiro"? "O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Rm 8.16-17). Aí está! "Co-herdeiros com Cristo"! "Tudo é [nosso], e [nós somos] de Cristo, e Cristo, de Deus" (1Co 3.22b-23).

Fiz esse breve comentário sobre o valor do cristão aos olhos de Aba Pai para demonstrar que nós, pais cristãos, dispomos de um documento vivo e divino — os oráculos de Deus — que nos diz quem somos aos olhos dele (cf. Hb 5.12). Na lida diária da criação de filhos, devemos crer na verdade de Deus, mesmo que não "sintamos" isso.

É preciso crer que uma autoimagem bíblica dá aos pais cristãos uma paz efetiva em meio às provações diárias — um benefício bastante prático a nós e a nossos filhos. Assim, ainda que o cachorro destrua o canto do sofá, nosso filho pequeno caia da escada e quebre um braço ou nosso rapaz acabe com o carro, podemos caminhar com a certeza de que, de alguma maneira própria de sua sabedoria soberana, Deus está sempre agindo em todas as coisas para o bem daqueles que o amam (*memorize* Rm 8.28). Não, não esperamos paz perfeita o tempo todo; haverá dias frustrantes e fatigantes. Contudo, se tão somente pedirmos, porções da paz de Deus suavizarão as

arestas que podem ter se formado em nossa conduta e que poderiam cortar e ferir nossos filhos.

Criamos os filhos como para Cristo por causa de nossa identidade nele, mas também criamos os filhos para Jesus por outra razão. Uma recompensa eterna nos espera, e nada se compara a ela. Paulo desejava que todos os cristãos, incluindo os pais, soubessem que "receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo" (Cl 3.24).

## "Muito bem, servo bom e fiel!"

Todos os pais cristãos um dia se colocarão diante do Senhor perante o tribunal de Cristo (cf. 2Co 5.10; Rm 14.10). O modo como criamos nossos filhos fará parte desse julgamento. Não seremos julgados pela conduta deles conosco, mas por nossa conduta com eles. Ouviremos a humilde e verdadeira avaliação de Deus sobre nossas ações e reações a nossos filhos.

Esperamos poder ouvir um “Muito bem!” e receber a recompensa do Senhor.

Por isso é tão importante que, na criação dos filhos, voltemos os olhos para o Senhor mais do que para eles. De fato, assim diz Jesus em Mateus 25.40: “Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”. Por sua vez, Paulo orienta em Efésios 6.7-8: “Sirvam aos seus senhores de boa vontade, como servindo ao Senhor, e não aos homens, porque vocês sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar”. O apóstolo estava dizendo que você receberá de volta do Senhor aquilo que fizer para ele, e isso certamente inclui a criação dos filhos (assunto que o próprio Paulo abordou alguns versículos antes, em Ef 6.4). Tudo que você fizer como mãe ou pai é importante, mesmo que seu filho o ignore. É disso que trata o Ciclo Recompensador da Família. Deus nunca ignora você!

Pais que se sentem desanimados podem reconhecer que o que eles fazem é importante para Deus; *nada é desperdiçado*. Dar amor a um filho desrespeitoso é uma atitude que Deus leva em conta, ainda que a criança se recuse a apreciar. Esses esforços aparentemente infrutíferos são importantes para Deus porque esse é o tipo de serviço que ele recompensa. Em outras palavras, quando nossos filhos se recusam a seguir nossas orientações mas ainda assim os amamos, o Senhor nos recompensa como pais.

Quais são as recompensas? Recebemos algumas delas na terra, mas teremos um incrível galardão no céu. Jesus quer nos dizer: "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!" (Mt 25.23). O que seria esse "pouco"? Certamente inclui aquilo que Paulo descreveu como o chamado de Deus aos pais, que representamos pelo acrônimo C-U-I-D-A-R. Quando você toma a decisão de criar filhos do jeito de Deus, os dividendos não têm fim. Jesus lhe

está propondo um acordo: faça umas poucas coisas nesta vida terrena e obterá muitas coisas na eternidade celestial.

Já pensou no que significará "participar da alegria do seu Senhor"? Será um júbilo sem medida! Pense em sua formatura, no dia de seu casamento, aniversário, aniversário dos filhos, férias de verão, promoções, aposentadoria, bons momentos em geral. Como seria se, a cada hora, de cada dia, você experimentasse, de uma só vez e com toda a intensidade, a glória e a alegria de todas essas ocasiões? Quando você "participar da alegria do seu Senhor", a intensidade será trilhões de vezes maior.

Imagine a cena em que os cristãos sobem ao céu e se colocam diante de Cristo. Para um pai, ele diz: "Muito bem. Você deu amor a seu filho desrespeitoso. Eu vi. Você está prestes a ser recompensado por todos aqueles atos de amor".

Como pais que seguem a Cristo, temos o privilégio de viver cientes do desfecho disso tudo, isto é, o

cumprimento da vontade de Cristo e a ocasião em que o ouviremos dizer: "Muito bem, servo bom e fiel". Isso é agradar a Cristo por nosso modo de criar os filhos. Em outras palavras, a criação de filhos é uma ferramenta e um teste para que aprofundemos e demonstremos o amor, a reverência, a confiança e a obediência que temos em relação a Jesus Cristo.

E como nos saímos nesse teste? Como isso tudo funciona na batalha diária? Os próximos três capítulos tratarão dessas perguntas. Primeiro, precisamos pedir a ajuda de Deus para fazer o impossível: amar nossos filhos *incondicionalmente.*

# o que acontecer, nós os amamos, aconteça o que acontecer



Não somos meu marido e eu que estamos no Ciclo Insano, mas nossos quatro filhos e eu! Sei que, quando respondo negativamente ao que eles fazem, eles respondem negativamente a mim. Cheguei a um ponto em que os amo como mãe, mas não gosto deles. E isso tem puxado todos nós para baixo. Precisamos de ajuda para sair do Ciclo Insano da Família.

A mãe que escreveu essa carta não está sozinha. Outra mãe comentou:

Certa vez, enquanto dirigia acompanhada de três filhos pequenos, todos chorando, *eu mesma* comecei a chorar e exclamei: "Onde é que fui me meter?!". Deus falou tão claramente comigo que quase tive de encostar o carro. Ele disse: "Não foi você! Eu a coloquei aí!". Aquilo

foi libertador. Agora, quando percebo que estou quase no fim das minhas forças, digo: "Senhor, isso foi ideia *tua*. Socorro!".

Essa mãe de três pequeninos usou a abordagem correta. Todos nós precisamos de ajuda. Ao se ver no cruzamento da Avenida do Fim das Forças com a Rua do Estresse (que mais parece um beco sem saída), o seguidor de Cristo pode voltar-se para aquele que o auxilia: o Espírito Santo. De fato, Deus espera que dependamos dele. Se não o fizermos, nos sentiremos indefesos e perdidos. No que se refere ao cuidado da família, o salmista adverte contra a autoconfiança absoluta: "Se não for o SENHOR o construtor da casa, será inútil trabalhar na construção" (Sl 127.1).[1]

Outra passagem à qual muitas famílias recorrem é Josué 24.15: "Eu e a minha família serviremos ao SENHOR". Quando Sarah e eu nos casamos, usamos esse versículo na cerimônia. Nosso filho Jonathan e sua esposa, também chamada Sarah, fizeram a mesma

coisa. Temos duas placas com essa inscrição em nossa casa. Joy já disse que ficará com elas quando partirmos desta terra.

Voltar-se para o Senhor em busca de ajuda, procurar servi-lo… Está claro o que devemos fazer. Mas, como isso funciona no calor da batalha diária, quando o Ciclo Insano da Família nos arrasta para baixo? Uma maneira de descrever a busca pela ajuda de Deus (especialmente quando seus filhos se mostram irresponsáveis ou mesmo desrespeitosos) é olhar logo acima dos ombros deles e ver Jesus, pronto para dar-lhe paciência, força, coragem, perseverança — seja o que for que você precise naquele momento. Então, faça uma oração simples, indo direto ao ponto: "Ajuda-me, Jesus!".

No instante em que clamamos a ele por ajuda, o Senhor já fica satisfeito. Ao nos dar força para amar nossos filhos, ele sorri. Quando amamos nossos filhos, mostramos nosso amor ao Senhor. Isso é criar filhos como para ele.

Quando Cristo declarou: "Sem mim vocês não podem fazer coisa alguma" (Jo 15.5), ele falou sério. Nem sempre é possível dar amor perfeito a um filho desobediente, desrespeitoso e provocador. Você não usa um uniforme azul estampado com uma grande letra S. Sua natureza humana não é capaz de amar perfeitamente. Adicione exaustão a essa mistura e o Ciclo Insano da Família girará em velocidade supersônica: sem amor, um filho reage sem respeito e, sem respeito, um pai reage sem amor. Ninguém fica feliz.

A pressão só aumenta quando percebemos que devemos amar nossos filhos como Cristo nos ama: *incondicionalmente*. Quando converso com esposas e maridos, pais e mães, costumo ver que "amor e respeito incondicionais" é algo difícil de vender, especialmente entre esposas, que têm sido culturalmente condicionadas a "respeitar o marido somente quando ele merecer". Mas não é isso que

significa *incondicional*, quer se trate do amor conjugal, quer se refira ao amor parental.

## O VERDADEIRO SIGNIFICADO DE *INCONDICIONAL*

Por *incondicional* quero dizer que não há condição que me faça ser desamoroso ou desrespeitoso. Em outras palavras, se sou desamoroso ou desrespeitoso, não o faço por causa de situações criadas por outros. Eu *escolho* ser duro, independentemente das circunstâncias.

Como um pai admitiu: "Nossa tendência é ser como Cristo quando as crianças estão comportadas e severos quando elas são desobedientes". A maioria de nós se identifica com essa declaração, mas sabemos que isso está bem distante do amor incondicional; na verdade, é o exato oposto. Não podemos dizer: "Eu amaria meus filhos de modo irrestrito se eles simplesmente se comportassem!". Não se trata de exigir que os filhos conquistem amor e respeito mostrando-se amáveis e respeitáveis. Se continuarmos

nessa linha, sempre os amaremos ou respeitaremos condicionalmente, dependendo de como eles agem. E isso nada mais é que fazer deles bodes expiatórios para nossos acessos de ira ou impaciência. Mas toda essa irresponsabilidade de nossa parte não se estende por muito tempo. No fim das contas, as crianças crescem, e o feitiço se volta contra o feiticeiro. Já adultos, nossos filhos podem vir a nos responsabilizar por todos os seus problemas. Infelizmente, acabam colocando a culpa em nós, tal como fizemos com eles.

Sendo assim, aonde isso nos leva? Para amar incondicionalmente, é necessário obedecer ao mandamento divino para agir com amor e respeito a despeito das circunstâncias (cf. Rm 12.10; 1Pe 2.17). Se nos recusarmos a obedecer a esse mandamento, acabaremos racionalizando (contando a nós mesmos algumas "mentiras razoáveis") e crendo que nos tornamos duros e rudes por causa dos outros. De diversas formas, dizemos às pessoas que *elas* nos fizeram reagir como reagimos.

Como pais, olhamos para Jesus em busca de motivação, a fim de amar como ele nos ama — incondicionalmente. Não há nada que possamos fazer para que ele nos odeie ou despreze depois de pecarmos — nada (cf. Rm 8.1-2). Porém, ainda que ele nos ame independentemente do que façamos de errado, o que fazemos de errado ainda é importante para ele. É por isso que ele nos disciplina (cf. Hb 12.5-11). Do mesmo modo, em nossa função de pais, amar e respeitar os filhos incondicionalmente não significa que abolimos todas as diretrizes e, de forma permissiva, damos a eles licença para fazer qualquer coisa.[2] Confrontamos quando eles deixam de obedecer e disciplinamos corrigindo sua atitude desrespeitosa com uma atitude amorosa. Amor incondicional, portanto, significa que *damos a nossos filhos o presente de uma conduta amorosa e respeitosa quando eles não o merecem*. Isso não tem a ver com o que eles estão deixando de ser; tem a ver com o que Deus está nos chamando a ser.

Por experiência, e por lidar com milhares de cônjuges e pais, sei que amar incondicionalmente é algo impossível de fazer com perfeição. Tive de aprender (na verdade, ainda estou aprendendo) a amar meus filhos incondicionalmente; não é algo que surge do nada. Ao pensar na época em que meus filhos eram menores, percebo que muitas vezes, durante arroubos de raiva com as crianças, nem sequer pensava em Jesus. Havia uma enorme separação entre minha forma de criar filhos e Cristo. Em vez de tentar imitar seu amor incondicional por mim, eu me irritava antes mesmo de pensar nele. Mais tarde, em geral por insistência de Sarah, confessava meu pecado a Deus e pedia desculpas a meus filhos.

Eu começava de novo, e de novo e de novo — tentando ser mais parecido com Cristo. Tentava lembrar a mim mesmo que o Senhor estava presente na criação de meus filhos e que ele se colocava, por assim dizer, pouco atrás dos ombros deles. Sabia que

tinha uma plateia de Um Só para agradar e que as crianças eram de fato secundárias. Também sabia que o Senhor estaria sempre disposto a me ajudar quando eu lhe pedisse auxílio com coisas como irritação, presunção, preocupação, egoísmo, ira e fraquezas.

Embora eu estivesse longe de seguir o mau modelo estabelecido por meu pai, com sua ira e impaciência, seu exemplo negativo ainda vinha me assombrar. Era muito raro eu ser abertamente irritado. Em vez disso, fervia por dentro quando sentia a influência indesejada de meu pai, à qual eu tinha de me opor. Todos nós conhecemos o poder de nossa "família de origem", como dizem os psicólogos. Em razão dessas questões, alguns de nós enfrentam mais dificuldade na criação de filhos. Contudo, temos a oportunidade de receber ajuda do Santo Auxiliador. Ouça o testemunho de Larry, um professor amigo meu e homem de grande intelecto, que descobriu que a vida em família não é uma questão de saber o certo, mas de fazer o certo:

Sei que não consigo alcançar isso por mim mesmo e que não será fácil. Já vi algumas características de meu pai vindo à tona em mim de tempos em tempos (quando isso acontece, paro e vivencio um "vômito psicológico", porque sinto enorme repulsa). Mas, confiando no Espírito Santo, tenho experimentado parte do fruto que Deus quer gerar em minha vida, conforme detalhado em Gálatas 5.22-23. Essencialmente, sei que, para romper esse ciclo, devo confiar nos recursos de Deus, e não nos meus próprios meios. Posso até ter vontade de mudar por conta própria, mas isso dura apenas um curto período de tempo, e então volto aos velhos hábitos. Como um amigo me disse certa vez, Gálatas 5.22-23 descreve o fruto do Espírito, não o fruto do Larry.

## Outra mãe escreveu o seguinte sobre suas batalhas:

Tenho enfrentado lutas imensas com meu filho de 7 anos em relação à desobediência. Venho sendo afetada por um desgosto por ele conforme giramos no Ciclo Insano da Família. Não quero fazer parte disso, mas a tarefa de criar sete filhos cujas idades variam de 4 meses a 13 anos, com um marido que viaja com alguma frequência, está me fazendo perder de vista o propósito de servir ao Senhor. Sua

mensagem de hoje foi muito libertadora. Eu estava no limite, exaurida por minha incapacidade de romper esse ciclo. Vou olhar para além desse meu filho e ver a Cristo. Vou refletir sobre as Escrituras para mostrar o amor de Jesus por ele. Vou deixar que Deus faça o trabalho de moldá-lo. Tenho me concentrado em alguns de seus pontos fortes e tentado não me deixar envolver em um ciclo negativo de pensamentos maus e ira. Mantenho a voz suave e me concentro na correção para guiá-lo. Em alguns momentos, o Espírito me conduz a simplesmente dar-lhe um grande abraço. Tenho visto mudanças importantes em nosso relacionamento.

## Um pai ferido confessou:

No calor do momento, diante do desacato passageiro, tudo voa pela janela. Estou tentando sobreviver à situação sem dizer nada de que eu venha a me arrepender para sempre. Meu filho apresenta variações de insolência manipuladora, provocadora e desrespeitosa em relação a nós como pais, o que gera o desejo de lhe dar uma surra. Ele é um menino doce, com o coração bondoso e sensível, mas também é capaz de, em questão de quinze minutos, nos enfurecer a ponto de querermos trancá-lo em um quarto e fugir de casa. Imagino-o como o personagem de *O médico e o monstro*. Não tenho mais tanta esperança de que, ao me encontrar com o Senhor, venha a ouvir a frase: “Muito bem, servo bom e fiel”. Apenas espero que ele

não diga: “Nunca o conheci. Afaste-se de mim você, que pratica o mal”.

Notamos dor e medo nas palavras desse pai. Alguns de nós podem se identificar com seus sentimentos de inadequação. Por isso, precisamos admitir esta verdade nua e crua: não podemos usar os atos de C-U-I-D-A-R — ou qualquer tipo de método positivo e amoroso de criação de filhos — por nossas próprias forças, e não há problema nenhum nisso. Quando nos sentimos desrespeitados, não é natural amar ou sentir afeto. Contudo, pode ser que Deus deseje usar nossos filhos para influenciar nossa vida mais do que ele nos usa para influenciar a deles. Criação de filhos não é uma via de mão única. Quando essa verdade entrou em minha mente, mudou meu jeito de me relacionar com meus filhos.

## Há uma boa razão para o Espírito Santo ser nosso Ajudador

Sarah e eu nos sentimos bastante encorajados ao atentar para o motivo de o Espírito Santo ser conhecido como nosso Ajudador. Deus deseja nos ajudar porque precisamos de sua ajuda. Não há problema em (na verdade, é absolutamente necessário) admitir que somos incapazes de amar perfeitamente um filho desrespeitoso ou desobediente. Muitas vezes, em oração, Sarah e eu expressamos nossa incapacidade de criar filhos do jeito de Deus. Em vez de fugir dos sentimentos de inadequação, nós os levamos ao Senhor. Como o apóstolo Pedro recomendou, devemos lançar nossa ansiedade sobre Deus porque ele tem cuidado de nós (cf. 1Pe 5.7).

Sarah e eu fazíamos isso continuamente. De fato, Sarah vive dizendo: "Antes de ter filhos, eu até que me achava espiritualmente madura. Mas só depois de me tornar mãe foi que enxerguei quanto ainda precisava crescer". Em outras palavras, os filhos nos levam a perceber que não dispomos de toda a força interior e

a sabedoria espiritual necessárias para ser quem devemos ser. Em tais momentos, podemos nos justificar e culpar nossos filhos ou reconhecer que precisamos de Deus. E, além disso, precisamos perceber que Deus está usando nossos filhos para nos alcançar, e não o contrário.

Ao admitir nossas limitações e fraquezas, descobrimos o que Paulo quis dizer em 2Coríntios 12.9: "Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Sarah e eu buscamos aplicar esse princípio levando nossas fraquezas diante de Cristo e pedindo que seu poder gracioso nos ajudasse a criar os filhos segundo a vontade dele. Fomos persistentes na tentativa de melhorar. Contudo, no fundo do coração, sabíamos que precisávamos primeiramente de Deus. Sabíamos que ele desejava usar nossos filhos para nos abençoar. Sarah testemunha que se aprofundou na fé e na obediência à medida que aprendeu a dar graças por coisas que ela não podia controlar. Aprendeu a louvar

e adorar a Deus nos momentos de provação — e teve muitas chances de aprendizado!

"As ações de graças se transformaram em minha conexão vital com o Senhor", diz ela. "A gratidão me concentra no que Deus é capaz de fazer, torna minhas orações mais positivas, me faz voltar para Deus em busca de solução (em vez de me fixar no problema) e me traz paz. Agora, tenho paz na espera."

Posso convidar você e seu cônjuge a reconhecerem diante do Senhor que também precisam da ajuda dele? Talvez você tenha sido negligente em entregar sua família a Cristo mais regularmente. Você não tem feito a oração que diz: "Senhor, não seja feita a minha vontade nesta família, mas a tua". Uma coisa é dedicar os filhos ao Senhor em um culto na igreja — um evento importante do qual muitos de nós participamos —, mas é fácil nos esquecermos de oferecê-los ao Senhor *continuamente*. Talvez você esteja se esforçando à exaustão, por sua própria conta. Talvez a conhecida expressão "Deixe Deus ser Deus"

se aplique de maneira especial a você neste momento. Memorize Zacarias 4.6 e ore as palavras desse versículo várias vezes ao dia, no cuidado com os filhos: "'Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito', diz o Senhor dos Exércitos".

E aqui está um bônus: ao buscar a ajuda de Cristo, podemos incentivar nossos filhos a agirem de igual modo. Mostrando nossa dependência do Senhor, podemos cultivar neles essa mesma fé. Essa é uma maneira de edificar nosso lar. Jonathan e sua esposa, por sua vez, têm ensinado a nosso neto Jackson o texto de Salmos 118.7: "O SENHOR está comigo; ele é o meu ajudador".

## O QUE AMOR INCONDICIONAL *NÃO* SIGNIFICA

Se devemos amar nossos filhos de forma incondicional, isto é, a despeito de sua desobediência, precisamos definir com clareza quem somos como pais, independentemente de nossos filhos. Conforme mencionei, essa coisa de família de origem é bastante

real para mim. Houve momentos em que pude sentir o surto em meu íntimo, assim como o observara em meu pai. Mas me recusei a perder o controle. Procurei me acalmar, ciente de que as crianças estavam apenas sendo crianças, mesmo quando pareciam desrespeitosas. Sabia que a causa de minha ira pecaminosa não estava nelas, assim como não era eu quem causava o pecado da ira em meu pai. Aquilo era uma questão dele. E, se eu tinha sentimentos semelhantes aos dele, ainda que muito menos intensos e menos frequentes, isso era uma questão *minha*.

Nossos filhos não nos fazem pecar; eles apenas revelam nossas escolhas pecaminosas. Amor incondicional significa que não há condição (circunstância ou característica) que nos force a sermos duros, até mesmo desagradáveis, com nossos filhos. Jesus ensinou que é do interior do coração do humano que surgem nossas escolhas pecaminosas (cf. Mc 7.21). Não é a desobediência ou o desrespeito de

nossos filhos que nos faz reagir de maneira desamorosa. Nossa reação vem de dentro.

A verdade é que *eu* opto pela rispidez. Meu filho não escolhe a rispidez por mim. Mas e quanto à "firmeza"? Onde está a linha tênue que separa a rispidez da firmeza? Amor incondicional não significa permitir que o filho desobedeça. Não proclamamos insensatamente: "Vá em frente e faça o que quiser; assim, vou poder lhe mostrar que o amo tanto que, para mim, seu comportamento não faz a mínima diferença". Amor incondicional significa confrontar amorosamente atitudes desrespeitosas e incômodas. Amo meus filhos ainda que eles sejam rudes e irritantes. O fato de eles deixarem de ser quem devem ser não justifica minha falha de ser quem eu deveria ser. Não faço vista grossa aos erros deles, mas não uso seus erros para validar minha atitude desamorosa.

Amor incondicional também não é confiança incondicional. A mãe ama seu filho pequeno aconteça o que acontecer, mas não confia que ele é capaz de

atravessar a rua sozinho. Ela ama incondicionalmente, mas não abre mão dos limites. Confiar que o filho pequeno consegue atravessar a rua sozinho seria desamoroso.

Em relação aos adolescentes, dizemos: "Amo você não importa o que acontecer. Nada que você faça, nem mesmo mentir, pode me fazer parar de amá-lo. Meu amor é incondicional, *mas*, depois que mentir para mim, não será tão fácil confiar em você. Confiar cegamente após uma mentira não seria algo muito amoroso".

## FAÇA DO C-U-I-D-A-R UM MEIO DE AMAR SEUS FILHOS INCONDICIONALMENTE

No capítulo anterior, expandimos o Ciclo Recompensador da Família para dizer que o amor de um pai deve estar direcionado para Jesus Cristo e para o filho, quer este lhe obedeça, quer não. Ao C-U-I-D-A-R, recorremos a uma estratégia que nos permite criar nossos filhos como para Jesus. Quando

praticamos os seis itens do acrônimo — na verdade, eles são responsabilidades —, temos a oportunidade de imitar Jesus Cristo a despeito das reações de nossos filhos.

C-U-I-D-A-R tem a ver com a maneira como amamos nossos filhos incondicionalmente. Da mesma forma que o Senhor nos ama independentemente de nosso comportamento, usamos o C-U-I-D-A-R para amá-los de forma irrestrita. Mas como podemos C-U-I-D-A-R ao mesmo tempo que mantemos um equilíbrio entre amar incondicionalmente e permitir que ocorram situações cujas consequências sirvam de ensinamento?

Veja algumas ideias a seguir.

**C**onceder: concedemos coisas a nossos filhos porque Cristo é generoso conosco. Concedemos (com sensatez) independentemente da gratidão dos filhos por causa de nossa benevolência. Quando deixamos

de conceder, o fazemos não porque somos egoístas, mas para impedir que os filhos o sejam.

**U**sar de discernimento: buscamos discernir e compreender nossos filhos porque Cristo tem empatia conosco. Procuramos entendê-los independentemente de sua apreciação por nossa empatia. Quando retemos atos de simpatia, o fazemos porque julgamos que nossos filhos estão exagerando na autocomiseração. Nós nos importamos demais com eles para deixar que se afundem em um poço de autocomiseração.

**I**nstruir: orientamos nossos filhos porque Cristo nos dá conhecimento e sabedoria. Instruímos independentemente de sua receptividade. Quando retemos informação, o fazemos para permitir que eles aprendam por meio de tentativa e erro, e não porque desejamos sabotar seu sucesso.

**D**isciplinar: corrigimos nossos filhos porque Cristo nos confronta, corrige e disciplina. Quando necessário, aplicamos as consequências. Quando as

retemos, o fazemos como um ato de misericórdia e graça, e não porque temamos a provocação e a intimidação da criança.

**A**poiar: encorajamos nossos filhos para que façam diferença no mundo deles porque Cristo nos chama, como adultos, a fazer diferença em nosso mundo. Torcemos por nossos filhos ainda que eles careçam de desenvoltura social e de habilidade para derrotar os inimigos. Quando retemos palavras de afirmação, o fazemos para ajudá-los a aprender a ser fortes por si mesmos.

**R**ogar: rogamos em favor de nossos filhos porque Cristo intercede por nós. Oramos por eles independentemente de seu interesse espiritual ou reação. Quando deixamos de orar, o fazemos porque é hora de caminhar em obediência, e não de esperar em fé.

C-U-I-D-A-R nos dá a confiança necessária para criar nossos filhos, cientes de que aquilo que eles fazem ou deixam de fazer é secundário. Isso tem a ver

com quem somos, e não com quem nossos filhos deixam de ser. Qualquer que seja o comportamento de nossos filhos, nos empenharemos em C-U-I-D-A-R. Seremos quem temos de ser.

Existe uma história de um menino africano que, no início do século 19, foi capturado por traficantes de escravos e levado aos Estados Unidos para ser vendido em um leilão. Enquanto estava exposto para que os compradores fizessem os lances, um proprietário de escravos se aproximou dele e perguntou:

— Se eu comprar você, você será honesto?

O rapaz respondeu:

— Serei honesto quer você me compre, quer não.

Como um pai amoroso, posso dizer sem hesitar: "Serei uma pessoa que concede ainda que meus filhos achem que essa é minha obrigação. Serei um pai que usa de discernimento ainda que meus filhos não pareçam entusiasmados comigo. Serei um pai que instrui mesmo quando meus filhos derem ouvidos a vozes erradas. Disciplinarei ainda que ouça que sou o

pior pai do planeta. Serei um pai apoiador ainda que meus filhos não se mostrem receptivos a meu apreço e solidariedade. E serei um pai que roga por seu filhos ainda que Deus pareça estar silencioso e distante de mim e deles".

Em resumo, C-U-I-D-A-R significa: "Tomei a decisão de ser um pai amoroso, aconteça o que acontecer. Por quê? Porque o Senhor me ama aconteça o que acontecer". No entanto, ainda há mais coisas sobre a criação de filhos do jeito de Deus (como para Cristo), e elas têm a ver com não se deixar enredar por uma tendência bastante natural e humana. Veremos como evitar essa armadilha no próximo capítulo.

# dos resultados¨

# 14

Por melhor que consigamos decodificar e neutralizar o Ciclo Insano da Família, e por mais que nos esforcemos para C-U-I-D-A-R a fim de fazer o Ciclo Energético da Família girar suavemente, a criação de filhos é difícil, penosa e, para alguns, frustrante. A verdade é que não estamos no controle. Nossos filhos são agentes morais livres. Em última instância, eles é que decidirão suas atitudes e farão suas escolhas interiores.

Se você preferir, use esta metáfora: o Ciclo Recompensador da Família serve de âncora, algo que nos ajuda a firmar nossa identidade em Cristo e a lembrar as recompensas que ele nos reserva. Jesus está sempre ali, logo além do ombro de nosso filho, para ajudar, e só ele pode dar a você o poder de amar seu filho de maneira incondicional.

Mas a função mais importante do Ciclo Recompensador da Família é evitar que você caia na armadilha dos resultados. Chamo isso de armadilha porque a maioria fundamenta a criação de filhos no alcance dos resultados. Em grande parte isso ocorre por sermos culturalmente condicionados a buscar o sucesso. Nos negócios, por exemplo, devemos obter êxito; caso contrário, a empresa pode ter problemas. Nos esportes, todos os técnicos querem alto desempenho, da categoria infantil aos profissionais. Para qualquer direção que você olhe, das aulas de dança às de piano, da plantação de orquídeas ao cultivo de milho, queremos resultados.

Em praticamente qualquer área vemos o resultado como determinante de sucesso ou de fracasso, e isso inclui a criação de filhos. Quando nossos filhos são "bons" (são obedientes e nos dão orgulho), nos vemos como pais bem-sucedidos e bons. Quando nossos filhos são "maus" (são desobedientes, vão na direção oposta de nossos valores, nos envergonham ou nos

constrangem), nos vemos como fracassados, pais ruins.

A pergunta a que devemos responder é: "Quando criarmos os filhos para Cristo, nosso foco estará naquilo que Deus nos chama a ser, ou voltaremos nossa atenção no sentido de tentar controlar o coração e a alma de nossos filhos?".

## NÃO PODEMOS CONTROLAR O QUE OCORRERÁ NA ALMA DE NOSSOS FILHOS

Estou convencido de que criar filhos do jeito de Deus usando o C-U-I-D-A-R como plano estratégico significa não nos deixar consumir pelo anseio de controlar o que será de nossos filhos. No fim das contas, as decisões da alma (questões de fé e valores) dependem de cada filho. Nossa tarefa é nos concentrarmos no processo de C-U-I-D-A-R — conceder, usar de discernimento, instruir, disciplinar, apoiar e rogar da maneira que considerarmos melhor,

cientes de que os filhos é que escolherão suas atitudes, crenças e ações.

Isso implica sermos indiferentes ao que acontece com nossos filhos? Evidente que não! Nós nos importamos com isso mais que com a própria vida. Mas a Bíblia é clara ao dizer que, ao se aproximarem da idade adulta, os filhos podem seguir o próprio caminho. Efésios 6.1 adverte: "Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo". O mandamento de Deus apresentado aqui é dado aos filhos, não aos pais. Filhos são seres independentes, morais e espirituais que têm a mesma liberdade de seus pais. Eles podem obedecer ou não aos mandamentos divinos.

Em favor dos filhos, Deus planejou que todos os pais fossem limitados nesse sentido. Sim, devemos falar dos assuntos da alma com nossos filhos e contar-lhes o que desejamos, mas reconhecemos que a escolha é deles, não nossa. E, sim, eles devem frequentar a igreja conosco (pelo menos até certa

idade), mas, no final das contas, eles devem escolher se vão crer e frequentar a igreja porque querem fazê-lo. A fé que um filho vier a ter deverá ser legitimamente dele. O amor deve reconhecer o livre-arbítrio.

Ao garantir o livre-arbítrio aos filhos, Deus colocou os pais em posição de se concentrar naquilo que podem fazer livremente: C-U-I-D-A-R. A boa notícia é que, quando o C-U-I-D-A-R é realizado com humildade e paciência, desenvolve-se um ambiente de amor que favorece a influência dos pais nas escolhas dos filhos relacionadas à fé e a valores pessoais. O modelo positivo de nossas crenças é muito mais impressionante para nossos filhos que nossos gritos para que obedeçam. Poucas coisas são mais atraentes para as crianças do que pais gratos, sensatos, ensináveis, obedientes, corajosos e cheios de fé. Desejamos reconhecer essas virtudes em nossos filhos, mas será que as vemos em nós mesmos?

Sarah e eu sabíamos que precisávamos da ajuda de Deus para servir de modelo para nossos filhos, e que eles precisavam da ajuda divina para fazer boas escolhas, de modo que orávamos por nós mesmos e por eles. De fato, críamos que Deus havia permitido a existência dessas limitações em nós a fim de que nos voltássemos para ele em busca de ajuda. Assim, pedimos a Deus que nos ajudasse e a nossos filhos a…

- Desenvolver um coração agradecido.
- Ter um coração calmo e tranquilo.
- Ter um espírito ensinável.
- Experimentar arrependimento verdadeiro e desejar mudar as coisas visando ao bem.
- Ter coragem de atender ao chamado divino.
- Ansiar por confiar em Deus e desejar obedecer a ele.

Pedíamos diariamente a Deus que falasse diariamente a nossos filhos. Ainda oramos dessa

maneira, embora eles já tenham saído de casa e estabelecido a própria vida.

## Bons pais sempre têm bons filhos?

Estudos com famílias mostram que existem duas visões básicas de como os filhos se tornam o que são. A Teoria da Aprendizagem Social argumenta que os filhos imitam os pais: fazem o que os pais fizeram, de bom ou de ruim. A Teoria Compensatória sustenta que os filhos agem de maneira oposta ao exemplo parental: não fazem o que os pais fizeram, e isso vale para coisas boas e ruins.

A verdade é que ambas as teorias são válidas na maioria das famílias. Não se trata de uma questão do tipo "isso ou aquilo". Na verdade, constantemente deparo com a noção de que os pais têm poder quase absoluto para "predestinar" seus filhos a seguirem por um caminho ou outro, de maneira que aos filhos não resta nenhuma autonomia.

Mas o que a Bíblia diz? Muitos pais cristãos apontam rapidamente para Provérbios 22.6: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele" (RA). Alguns pais acham que essa é uma garantia divina de que os filhos seguirão ao Senhor. Mas esse é um princípio bíblico, não uma promessa absoluta. O livro de Provérbios consiste em declarações essenciais que são verdadeiras em sentido geral, mas que têm exceções. Veja Provérbios 26.4 em contraposição a 26.5: responda ao insensato, mas não responda ao insensato! Há ainda o texto de Provérbios 22.4: "A recompensa da humildade e do temor do SENHOR são a riqueza, a honra e a vida". Embora esse provérbio seja verdadeiro, ele nem sempre é válido. É um princípio, não uma promessa. No mundo há muitas pessoas piedosas e humildes que não possuem riquezas. Se alguém é pobre, isso sinaliza que essa pessoa não tem humildade nem teme ao Senhor? É claro que não! Provérbios revela que há exceções no que se refere a

ter riquezas. É melhor ser pobre para que se possa manter a integridade (cf. Pv 28.6,11). Ou o que dizer dos versículos que parecem prometer vida longa como recompensa pela retidão (cf. Pv 3.2,16; 4.10)? Ora, Jesus não morreu aos 33 anos? Muitos cristãos jovens não morreram por sua fé? Sim, uma vida piedosa e sábia aumenta a probabilidade de uma vida longa, mas a perseguição por causa da fé pode minar a longevidade da pessoa, algo que a Bíblia também afirma.

Assim, ao estudar a Bíblia, devemos reconhecer que cada passagem deve ser interpretada à luz do contexto maior das Escrituras. Quanto a Provérbios, vemos que esse livro revela o melhor rumo, mas não garante resultados absolutos, uma vez que outras condições podem entrar em jogo. Em relação à família, os pais podem instruir seus filhos adequadamente de acordo com Provérbios 22.6. Contudo, esse mesmo livro também revela que as crianças podem abandonar o ensinamento recebido dos pais, a quem podem até

mesmo desprezar, roubar e amaldiçoar (cf. Pv 1.8; 6.20; 19.26; 20.20; 23.22; 28.24; 30.11). Nesses textos, não foram os pais que levaram os filhos a zombar, trair, roubar e amaldiçoar.

Portanto, ao considerar Provérbios 22.6, devemos reconhecer que alguns filhos vão se afastar da fé. Irônica e tristemente, Salomão escreveu esse provérbio tendo em mente seu filho Roboão, que se afastou da lei do Senhor (cf. 2Cr 12.1). O que surpreende é que Roboão cresceu sabendo que o próprio Senhor aparecera a seu pai duas vezes (cf. 1Rs 9.2) e que Salomão era o homem mais sábio do planeta (cf. 1Rs 4.30-31). A Bíblia não oferece uma fórmula infalível para a criação de filhos.

Agora, vamos analisar quatro diferentes cenários bíblicos em que atuam pais e filhos, desde que Adão e Eva tiveram Caim e Abel:

- Pais maus com filhos maus.
- Pais maus com filhos bons.

- Pais bons com filhos bons.
- Pais bons com filhos maus.

Como veremos, as duas teorias sobre criação de filhos — a da Aprendizagem Social (os filhos imitam os pais) e a Compensatória (os filhos não seguem os pais) — são ilustradas nesses diferentes cenários.

**Pais maus com filhos maus**

Ao usar a expressão "pais maus", refiro-me a pais que se recusam a confiar em Deus e a obedecer-lhe, escolhendo um estilo de vida ímpio. Eles não se concentram em C-U-I-D-A-R. Os filhos desses pais também se recusam a confiar em Deus e a obedecer-lhe.

Eis um dos muitos exemplos bíblicos desse cenário:

> Acazias, filho de Acabe, tornou-se rei de Israel em Samaria no décimo sétimo ano do reinado de Josafá, rei de Judá, e reinou dois anos sobre Israel. Fez o que o SENHOR reprova, pois andou nos

caminhos de seu pai e de sua mãe e nos caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, que fez Israel pecar.

1Reis 22.51-52

Acazias optou por seguir as pegadas de seu pai, Acabe, e de sua mãe, Jezabel. Alguns filhos "continuam a fazer o que os seus antepassados faziam" (2Rs 17.41).

Penso em Herodias, que aconselhou sua filha a pedir a cabeça de João Batista. E a moça obedeceu: "Influenciada por sua mãe, ela disse: 'Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista'" (Mt 14.8).

Todos nós sabemos que, quando os pais vivem de maneira lasciva, os filhos são atraídos a seguir o caminho do mal. Isaías descreve tal cena: "Mas vocês, aproximem-se, vocês, filhos de adivinhas, vocês, prole de adúlteros e de prostitutas! De quem vocês estão zombando? De quem fazem pouco caso? E para quem mostram a língua? Não são vocês uma ninhada de rebeldes, uma prole de mentirosos?" (Is 57.3-4).

Esse cenário vem persistindo ao longo dos séculos. Alguns pais submetem seus filhos a abuso e violência, expondo-os a crueldade horrível. Mas, cedo ou tarde, esses filhos submetidos a aflições decidirão se vão afligir outras pessoas ou não. A criança que sofre *bullying* em casa vai praticar *bullying* fora de casa? Isso será uma decisão da própria criança. Ela não está predestinada ao *bullying*, e essa é a boa notícia do livre-arbítrio.

Os filhos sempre têm a possibilidade da escolha, ainda que no passado seus pais os tenham arrastado para as drogas ou os tenham sujeitado a abuso físico ou sexual. Insisto nisso não para justificar o mal do pai (que será julgado por nosso Senhor) nem para minimizar os duros obstáculos que essas crianças terão de superar, mas para declarar que elas não estão fadadas a uma vida de impiedade.

A prova do livre-arbítrio e do poder de escolha é mostrada no próximo cenário.

**Pais maus com filhos bons**

Há pais que optaram pelo mal, mas seus filhos escolheram confiar em Deus e obedecer-lhe. Por que isso acontece? As crianças são seres morais e espirituais que podem escolher o caminho de Deus independentemente de seus pais.[1] Embora isso não seja fácil para uma criança, a boa notícia aqui é que os filhos não são vítimas desamparadas e perdidas. Eu jamais diria a um filho algo como: "Você está destinado a fazer o mal que foi feito a você". Isso é cruel demais.

Quando menino, optei pela rota compensatória e quase sempre tentei me contrapor à influência negativa do meu pai. Poucas coisas podem ferir mais um menino quanto o que meu pai fez: em um de seus ataques de raiva, ele tentou estrangular minha mãe e, mais tarde, cometeu adultério. Mas algo me dizia que eu tinha a liberdade de escolher uma direção diferente da escolhida por ele, e o fiz. Compensei, lidando com dificuldades das quais meus colegas de classe nem

faziam ideia. Creio que tive mais critérios e incentivos para seguir por uma estrada diferente porque vi em primeira mão como não queria viver.

Meu pai e eu estamos retratados em Ezequiel 18.14, que trata de um homem que faz o mal e enfrenta julgamento,[2] mas cujo filho "vê todos os pecados que seu pai comete e, embora os veja, não os comete".

Outro caso extraído das Escrituras retrata a história de Manassés, um dos reis mais malignos de Judá, cujos passos foram seguidos pelo filho, Amom (pai ruim com filho ruim). Mas Josias, o filho do rei Amom, tornou-se rei aos 8 anos e "fez o que o SENHOR aprova" (2Cr 34.2). A despeito de um pai e de um avô que não obedeceram a Deus, Josias reinou por três décadas e realizou grandes reformas em Judá. Agradou a Deus e, quando encontrou o Livro da Lei no décimo oitavo ano de seu reinado, coisas ainda mais grandiosas aconteceram (cf. 2Cr 34.3-33).

Meus arquivos estão cheios de testemunhos de filhos que decidiram desviar do caminho de seus pais, que

não estavam interessados em agradar ao Senhor. Um homem escreveu: "Meu pai e meu avô gritavam muito. Há tempos resolvi que nunca seria assim".

Pais maus não controlam a maneira como o jogo vai terminar. Até mesmo filhos que não conhecem ao Senhor são capazes de fazer boas escolhas a despeito do mau exemplo de seus pais, mas os obstáculos podem ser enormes. Longe do poder curador da graça de Deus, filhos submetidos a uma criação ruim podem experimentar todo tipo de sofrimento no longo prazo.

Portanto, não estou justificando erros que cometemos como pais, nem estou dizendo que Deus dá um desconto à má criação de filhos. Os pais maus serão julgados, e os pais bons, recompensados. Todos nós prestaremos contas a Deus sobre nosso estilo de criação de filhos. Reproduzo novamente a afirmação de Jesus: "Se alguém fizer cair no pecado um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe seria

amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar" (Mt 18.6).

Essas palavras de advertência são duras. Não foi à toa que Jesus escolheu o verbo "cair". A palavra grega usada aqui é *skandalon*, da qual vem "escândalo", e pode apresentar diversos significados, incluindo o gatilho de uma armadilha, uma cilada ou um obstáculo no caminho de alguém. Também é usada no sentido de "causa de ofensa" ou "fazer outra pessoa pecar". O uso que Jesus faz dessa palavra nesse texto poderia ser representado pela imagem de um pai que estica o pé para fazer o filho tropeçar. Aos olhos de Jesus, pobre do pai que engana o filho, o induz ao mau caminho ou o faz cair no pecado. Afogamento é algo bom demais para esse pai.

Mas a boa notícia é que a palavra "cair" sugere a capacidade do filho de se levantar e escolher o bem, em vez de optar pelo mal. Assim, mesmo que a criação recebida tenha sido cruel, o livre-arbítrio existe para o filho.

O que dizer, porém, dos cenários em que os pais são "bons"? Presumo que a maioria de vocês se encaixa nessa categoria, ou então não estaria lendo um livro sobre como criar filhos do jeito de Deus.

Primeiramente, a situação ideal…

**Pais bons com filhos bons**

Isso é o que toda família cristã espera e pelo que ora. A mamãe e o papai creem e confiam em Deus e tentam praticar a boa criação de filhos conforme os princípios descritos pelo acrônimo C-U-I-D-A-R. Mais uma vez, encontramos exemplos disso nas Escrituras. Em Lucas, conhecemos o sacerdote Zacarias e sua esposa, Isabel, e vemos que "ambos eram justos aos olhos de Deus, obedecendo de modo irrepreensível a todos os mandamentos e preceitos do Senhor" (Lc 1.6). Embora Isabel fosse estéril, Deus optou por dar-lhe um filho, João Batista (cf. Lc 1.7-25, 57-80). João foi o antecessor de Jesus, que disse sobre o profeta: "Entre os nascidos de mulher não

surgiu ninguém maior do que João Batista" (Mt 11.11).

Outro exemplo do Novo Testamento é Timóteo (o protegido de Paulo), cuja mãe e avó (Eunice e Loide, respectivamente) o criaram de modo que viesse a confiar em Deus (cf. 2Tm 1.5; 3.14-15).

A maravilhosa verdade sobre pais bons com filhos bons *versus* pais maus com filhos bons é que pais bons normalmente abrem caminho para que seus filhos escolham o bem, uma vez que a própria vida desses pais evidencia o que é o bem. Mas, em ambos os casos, são os filhos que tomam as boas decisões por si mesmos.

Embora nos regozijemos com os pais piedosos cujos filhos também escolhem o caminho de Deus, gostaria de advertir esses pais quanto a algumas armadilhas.

Costumo conversar com pais bons que se sentem infelizes a despeito de terem bons filhos. Um homem de Deus da minha congregação abriu-se comigo em relação ao filho, dizendo:

— Meu coração se parte por ele.

— Por quê? — indaguei.

— Ele não está sendo consistente em seus devocionais.

— Ele honra você?

— Ah, sim, sim.

— Ele conhece Cristo?

— Sim, ele conhece o Senhor.

Meu amigo tinha um padrão e, como o filho não estava vivendo plenamente de acordo com tal padrão, o pai estava desapontado não apenas com sua maneira de criar o filho mas também com o próprio filho. O perfeccionismo pode ser um fardo pesado, especialmente para pais bons que têm filhos bons mas ainda imperfeitos. Você é do tipo que se fixa nos erros do filho e despreza as muitas coisas boas que ele realiza? Tenha cuidado para não fazer seus bons filhos desanimarem.

Outra armadilha para o pai perfeccionista, ou até mesmo para o *bom* pai, é tornar-se farisaico. Se, pela

graça de Deus, seus filhos estão todos servindo ao Senhor e não questionam sua orientação espiritual, é muito fácil presumir que isso se deve à sua boa criação de filhos. Mas lembre-se de que as Escrituras não apoiam essa pressuposição. Além do mais, dar-se tapinhas nas costas pode ser prematuro e também provocar a alienação de seus irmãos e irmãs em Cristo que enfrentam dificuldades com filhos menos submissos. Até mesmo comentários como estes podem encher de culpa outros bons pais: "Aquela menina se saiu bem porque tinha ótimos pais que optaram pela educação domiciliar e, assim, a protegeram das tentações que crianças de sua idade enfrentam"; ou "Ele está no ministério hoje porque o pai e o avô eram pregadores. Ele vem de uma ótima família".

Veja só o que escreveram para mim: O bom pai "é a exceção, não a regra. Acredito muito que isso começa em casa e descobri que, quando os filhos se afastam, a

raiz disso normalmente está no coração do lar, onde falta alguma fibra moral".

Existe um elemento de verdade em cada uma dessas declarações, mas o que dizer dos filhos que se rebelaram apesar de terem pais que os educaram em casa, sem a figura da escola, e que os protegeram das tentações? Ou da família de gerações de pregadores cuja descendência não apenas não se dedicou ao ministério como também se afastou da fé?

Não podemos abraçar nenhuma das duas abordagens. Se nos apegarmos à noção de que filhos de bons pais estão destinados à santidade, então também devemos crer que filhos de pais maus não têm a esperança de uma vida melhor. Mas seria desmoralizante para os filhos de pais maus caso não tivessem liberdade para compensar e buscar uma direção melhor, senão apenas imitar o ruim. Esses filhos poderiam afirmar: "Deus é injusto!". Também seria desmoralizante para os pais bons o fato de seus filhos se rebelarem contra a fé, uma vez que os filhos

deveriam imitar a santidade parental, não contrariando as coisas de Deus. Esses pais poderiam afirmar: "Deus é injusto!". Muitos pais acabam em uma crise de fé por fundamentarem sua teologia nessas meias verdades que não são endossadas pelas Escrituras.

Talvez você se identifique com esta mãe, que foi corajosa o suficiente para expressar o que muitos de nós gostaríamos de dizer de vez em quando:

> A comunidade cristã tem vivido um jogo de comparações. Há a expectativa de que você tenha filhos perfeitos, que lhe obedeçam e amem a Jesus. Se não forem assim, terá sido um fracasso de sua parte: você é um péssimo exemplo e um péssimo pai. Eu mesma me sinto julgada por pais que têm filhos que *amam* a igreja e são apaixonados por Jesus. Meus filhos não amam a igreja. Sinto-me pior ainda porque estive no ministério por bastante tempo, e meus filhos não são como "outros filhos de ministério". Tenho vivido um roteiro de autocondenação contra o qual estou lutando.

## Pais bons com filhos maus

É a esse último grupo que quero dar um incentivo especial. Meus arquivos estão repletos de exemplos de bons pais que têm filhos que se tornaram "maus" ou fizeram escolhas bastante erradas, contrárias ao coração de Cristo. Veja apenas alguns exemplos:

- Um amigo meu, cristão dedicado, era e ainda é um ótimo pai. Mas seus dois filhos adultos se divorciaram, causando muitos problemas familiares que quase esmagaram seus pais em termos emocionais.
- Outra família que conheço teve dois filhos que se afastaram da fé, embora os pais levassem uma vida piedosa e humilde. Esses pais amaram seus filhos profundamente, mas estes, ainda assim, rejeitaram a fé.
- Um filho adulto me escreveu para dizer como seu vício em pornografia tinha virado seu casamento de cabeça para baixo, quase terminando em divórcio. Contudo, ele havia crescido em um lar

ótimo, com pais piedosos que eram líderes cristãos influentes.

Chegam até mim inúmeras outras histórias sobre famílias com vários filhos, dos quais um deixa a igreja e se vicia em álcool ou drogas, enquanto os irmãos participam de estudos bíblicos, oram com os pais e amam a Jesus.

Ouço todos esses pais alto e bom som e compartilho pequenos detalhes de suas histórias para fazer uma declaração — talvez a mais importante de todo este livro. Esses relatos ilustram vividamente a escolha que todos nós temos de fazer à medida que criamos nossos filhos, do berço à vida adulta: vou me concentrar nos *resultados*, mantendo-me à beira do penhasco do "Como foi o desempenho dos meus filhos?", ou vou me concentrar na estratégia e no *processo*, fazendo o melhor que posso para criar meus filhos do jeito de Deus e confiando que ele

determinará o resultado final? Essa é uma decisão crucial que se impõe a nós muitas e muitas vezes.

Mas o fardo que os bons pais carregam quando seus filhos são rebeldes é bastante pesado. Todos nós conhecemos famílias onde isso acontece. Pode estar acontecendo na sua, e é a você que quero oferecer um encorajamento especial. Algumas pessoas da igreja temem que, se dissermos que os pais não são absolutamente responsáveis por seus maus filhos, estamos deixando que esses pais saiam impunes. Mas os pais de filhos "maus" são necessariamente maus? Quando impomos culpa sobre pais inocentes, levamos alguns deles a se sentirem traídos por Deus, pelo fato de o Senhor não ter realizado aquilo que achavam que ele havia prometido fazer em seus filhos, uma vez que foram bons pais (cf. Pv 22.6).

Mais uma vez, vejamos o que a Bíblia diz.

Um exemplo significativo de um bom pai cujos filhos foram maus é o profeta Samuel. A Bíblia nos diz que, já idoso, Samuel indicou seus filhos Joel e

Abias para serem juízes sobre Israel. Samuel deve ter imaginado que seus filhos adultos se sairiam bem nessa posição importante, mas, infelizmente, os filhos de Samuel "não andaram em seus caminhos. Eles se tornaram gananciosos, aceitavam suborno e pervertiam a justiça" (1Sm 8.3).[3]

À luz da criação piedosa praticada por Samuel e de sua vida fiel ao ministério, chamando os israelitas a se arrependerem e seguirem a Deus, parece espantoso que seus dois filhos tenham escolhido caminhos tão fraudulentos. Mas, quando nos lembramos de que *todos* nascem pecadores com livre escolha, isso não soa nada espantoso. Como exclamou o profeta Miqueias: "Pois o filho despreza o pai, a filha se rebela contra a mãe [...]; os inimigos do homem são os seus próprios familiares" (Mq 7.6).

Considere também a parábola do filho pródigo (cf. Lc 15.11-32). A maioria dos pais cristãos conhece bem essa narrativa. Os dois filhos retratados na história são aquilo que podemos chamar de

desajustados. O mais jovem ilustra o extremo da devassidão ímpia; o mais velho é um ótimo exemplo de justiça própria e falta de perdão. Qual igreja pediria a esse pai que lhes ensinasse como criar filhos do jeito de Deus? Contudo, Jesus usou essa figura paterna para revelar o caráter de Deus Pai, a quem devemos tomar como modelo. Independentemente de como esse pai tenha se sentido no decorrer desse episódio, Jesus não disse nada negativo sobre ele. Todos os pais que estão tentando fazer seu melhor para amar a Deus e a seus filhos precisam estudar essa parábola a fim de entender o que Deus valoriza na criação de filhos. Se seus filhos não são perfeitos, se são notoriamente rebeldes, você não precisa se envergonhar de maneira implacável; em vez disso, garanta a manutenção de um ambiente amoroso — um ambiente que possa permitir que um filho rebelde volte para casa sem medo da vergonha e da rejeição.

Quando sentimos um desânimo paralisante diante das escolhas pecaminosas de nossos filhos, não

devemos deixar que isso nos impeça de criá-los do jeito de Deus: use o C-U-I-D-A-R como para ele. Tenho buscado contato com muitas dessas famílias, anos depois de seus primeiros relatos, e descubro que aqueles mesmos filhos rebeldes estão agora servindo a Cristo de maneiras maravilhosas. Deus está sempre trabalhando!

Permaneça na jornada a despeito de como seu filho manifesta respeito e obediência (ou a falta deles). Este é o Ciclo Recompensador da Família: o amor que o pai mostra a Cristo independentemente do filho. Você não pode controlar o resultado, mas há algo que pode controlar por completo. Vamos analisar isso no próximo capítulo.

# pelo modo como reage

## 15

Uma coisa é entender que devemos evitar a armadilha dos resultados, e podemos concordar que não estamos no controle do resultado final quando o assunto é criação de filhos. Diante disso, porém, a pergunta válida é: "O que eu *posso* controlar?".

A resposta óbvia: "Posso controlar a mim mesmo", mais especificamente minhas ações e reações perante meus filhos. Em nossas conferências sobre a Conexão entre Amor e Respeito, Sarah apresenta ao público uma indagação que é tão profunda quanto simples: "Porque deveríamos esperar que nossos filhos nos obedeçam se nós mesmos não obedecemos a Deus?".

Essa pergunta desafiadora se coloca em contraste direto com a hipocrisia presente na bem conhecida frase: "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço". Se quisermos que Deus honre nossos esforços

para criar filhos praticando o C-U-I-D-A-R, segundo o que nos parecer melhor (cf. Hb 12.10), então devemos honrá-lo. Somente depois disso é que seremos capazes de confiar que "aquilo que parece melhor" será o melhor que podemos fazer em determinado momento, pois confiaremos que Deus nos dará sabedoria e direção.

Todos os três ciclos de criação de filhos com Amor e Respeito nos levam a fazer outra pergunta básica à medida que realizamos tarefas típicas da criação de filhos no dia a dia: "Quem é responsável pelo que está acontecendo?"

Quando entrar no Ciclo Insano da Família, culparei meu filho por ele não se sentir amado e reagir de maneira desrespeitosa? Ou me concentrarei em minha parcela de insensatez e começarei a reagir de maneiras mais amorosas? Entregarei todo o poder a meu filho ou crerei que Deus me colocou em uma posição na qual sou capaz de exercer a influência mais efetiva?

Em se tratando do Ciclo Energético da Família, exigirei que meu filho seja respeitoso para que isso me motive a amá-lo? Ou buscarei ser eu mesmo mais amoroso, a fim de favorecer o respeito do meu filho?

No caso do Ciclo Recompensador da Família, explodirei de raiva se meu filho não me mostrar respeito como ao Senhor? Ou me concentrarei em mostrar-lhe amor como ao Senhor?

Podemos forçar ou convencer nossos filhos a se conformarem às nossas regras, mas somente eles poderão decidir quais serão de fato suas atitudes interiores. Então, de maneira realista, precisamos nos concentrar em controlar as próprias atitudes, ações e reações. Isso não é o mesmo que dizer que criamos filhos de forma passiva. Ainda devemos assumir o controle. O pai que não assume o controle não está criando seus filhos, mas apenas tentando sobreviver.

Ao instruir e disciplinar, por exemplo, esperamos obediência. Ensinamos o filho a dizer "Obrigado" quando recebe um presente ou algum outro favor; ao

mesmo tempo, reconhecemos as limitações. Podemos apenas incentivar a gratidão, não forçá-la. Se a criança se recusar a dizer "Obrigado", podemos aplicar disciplina coerente, mas não podemos ordenar: "Você *vai* ser agradecido; eu exijo isso!". Podemos apenas ser exemplos de pessoas gratas e orar para que a criança desenvolva sentimentos genuínos de gratidão.

Quando me refiro a "assumir o controle", a primeira pessoa à qual preciso aplicar isso é… a mim mesmo. Sou eu o responsável pelo modo como reajo. Ao criarmos um ambiente amoroso e assumirmos a responsabilidade por nossas respostas e reações, isso aumenta nossa credibilidade. Nossos filhos estão sempre nos observando e, mesmo com pouca idade, conseguem perceber hipocrisia. Se quisermos que eles façam escolhas de acordo com o que estamos tentando lhes ensinar, a melhor combinação possível é ser amoroso e assumir o controle ao mesmo tempo, exemplificando o comportamento que desejamos que eles imitem. Se, por exemplo, gritamos com nossos

filhos para que eles parem de gritar, isso simplesmente significa que perdemos o controle emocional — e eles sabem disso. Você pode estar certo com o tom de voz errado!

Preservar o controle emocional enquanto assumimos as rédeas significa manter um equilíbrio delicado entre forçar a concordância e conquistá-la. Você pode interromper os comentários ou comportamentos desrespeitosos com palavras ou ações duras, mas com isso perderá o coração de seu filho e afastará qualquer chance de exercer uma influência real e definitiva. Ao bufar de raiva, meu pai até conseguia me levar a um aparente grau de concordância, mas lá no fundo eu me fechava para ele. Ele perdeu meu coração, e minha mãe percebeu isso. Essa foi uma das principais razões de ela ter dado um jeito para que eu saísse de casa, no início da adolescência, para frequentar uma escola militar a mais de trezentos quilômetros de distância.

## SEU MODO DE REAGIR, POSITIVO OU NEGATIVO, É RESPONSABILIDADE SUA

A frase "Meu modo de reagir é minha responsabilidade" tem desdobramentos intrigantes. Quando a uso em congressos, as pessoas balançam a cabeça em concordância e escutam. Mas o que exatamente quero dizer ao usá-la? Explico destacando que meu filho não me *faz* ser como sou; pelo contrário, ele *revela* quem eu sou. Portanto, se minha reação é pecaminosa, devo assumir isso como uma questão minha. Não devo responsabilizar meu filho por minha reação negativa. Devo viver com ela e tentar mudar. E, se porventura eu tiver uma reação amorosa, fazendo meu melhor para criar meus filhos do jeito de Deus, mas ainda assim eles forem desrespeitosos, devo viver com isso e orar pedindo paciência. Em suma, minha reação tem a ver *comigo*.

Os pais costumam me dizer: "Mas meu filho me faz reagir e responder de maneira desamorosa... Ele pode se tornar um verdadeiro monstro!". Eu entendo;

realmente entendo. Mas um filho desrespeitoso ou difícil de ser amado não é capaz de nos tornar desamorosos. Pelo contrário, essa criança *revela nossa opção de sermos desamorosos.*

Por analogia, um grão de areia no olho humano leva à irritação, depois à infecção e, se não for tratado, à perda de visão. O mesmo grão de areia em uma ostra primeiramente leva à irritação, depois à solidificação e, então, a uma pérola. Isso nos leva a perguntar: foi a areia a causa de tais resultados no olho ou na ostra? Não. A areia é um fator irritante que revela as propriedades internas do olho humano ou da ostra. Se isso não for verdade, da próxima vez que um grão de areia entrar em seu olho, tenha cuidado: uma pérola poderá surgir ali.

Nossos filhos podem nos levar à irritação; quando isso ocorre, eles revelam nossas propriedades internas como pessoa ou pai.

Isso significa que os filhos são completamente inocentes no que se refere à harmonia familiar? É

claro que não. Os filhos são seres morais e espirituais que fazem as próprias escolhas e nos afetam emocionalmente, mas isso não significa que seu mau comportamento *causa* nosso mau comportamento. Ser um bom pai é nossa *escolha*. O bom relacionamento entre pai e filho resulta de um esforço cooperativo, e nem todos os filhos cooperam. É aqui que o C-U-I-D-A-R vem em nosso auxílio.

## C-U-I-D-A-R: A MELHOR MANEIRA DE CRIAR FILHOS "COMO PARA CRISTO"

Quando reagimos de maneira pecaminosa e imatura, não apenas nos fazemos menos eficazes em impactar resultados em nossos filhos; nós também desobedecemos aos mandamentos que Deus nos deu e então experimentamos culpa, derrota e desânimo. Por outro lado, quando nos concentramos em C-U-I-D-A-R, somos mais consistentes. Temos uma estratégia e permanecemos mais tranquilos, calmos e controlados. Assim, a criação de filhos como para

Cristo, independentemente das reações que demonstram, se torna um processo gratificante e empoderador.

Somos como o pai daqueles dois filhos cuja história Jesus contou em forma de parábola:

> Chegando ao primeiro, disse: "Filho, vá trabalhar hoje na vinha". E este respondeu: "Não quero!" Mas depois mudou de ideia e foi. O pai chegou ao outro filho e disse a mesma coisa. Ele respondeu: "Sim, senhor!" Mas não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? "O primeiro", responderam eles.
>
> Mateus 21.28-31

Jesus prosseguiu, fazendo uma declaração perspicaz sobre quem entraria no reino, mas aqui vejo uma aplicação secundária para os pais. Um filho disse não, mas depois obedeceu. O outro filho disse sim, mas depois desobedeceu. Meu filho Jonathan se enquadrava no primeiro caso: ele discutia comigo e discordava de mim porque não queria fazer nada escondido. Há outros filhos que se enquadram no

segundo caso: obedecem quando estão diante dos pais, mas, depois, descobrimos que não fizeram o que lhes fora solicitado. Este segundo tipo de filho é *expert* em criar álibis e sorrir de uma maneira que nos torna mais lenientes do que deveríamos diante de sua desobediência.

Em resumo: se você tem um filho que desacata, não seja tão rápido em se julgar um fracassado; se você tem um filho que concorda, não se considere um sucesso total e duradouro.

Os pais devem postergar julgamentos absolutos sobre a efetividade de seu modo de criar filhos. Um rebelde de 14 anos pode se tornar obediente aos 18. Um filho que obedece aos 8 pode se rebelar aos 16. Sim, devemos lidar com o desacato. A criação de filhos não cessa. Contudo, é preciso persistir naquilo que sabemos ser correto: C-U-I-D-A-R. Conceda adequadamente. Use de discernimento com empatia. Instrua claramente. Discipline com justiça. Apoie positivamente. Rogue com fé.

Se diariamente exercermos o C-U-I-D-A-R "como nos parecer melhor", com o passar do tempo nossos filhos responderão de maneira mais respeitosa. Será muito mais provável que eles nos vejam como pessoas autênticas. Esse tipo de exemplo motiva. Tal autenticidade salva o dia, ainda que tudo o mais venha a falhar.

### E QUANTO À MINHA IRA?

C-U-I-D-A-R significa que nunca ficaremos com raiva? Quando falamos sobre a necessidade de controlar nossas ações e reações, isso quer dizer que teremos apenas reações positivas e nenhuma negativa? A Bíblia é farta de palavras que descrevem emoções amorais e involuntárias — sentimentos como angústia, pesar, tristeza, pena, desespero e sofrimento. (Será que preciso dizer que os filhos também nos trazem alegrias incríveis?) Emoções involuntárias não constituem pecado. Leia os salmos. Como pais, ficaremos tristes e irritados quando nossos filhos se

envolverem em coisas como roubo, mentira ou trapaça, por exemplo. Isso é normal. Para ser um pai amoroso você não tem de ser um robô.

Muitos cristãos estão familiarizados com Efésios 4.26: "Quando vocês ficarem irados, não pequem". Em outras palavras, há espaço para a indignação justa. Quando um adolescente de 16 anos mente ao professor dizendo que não fez a tarefa de casa porque ficou "doente" e ainda falsifica a assinatura do pai para forjar apoio a essa mentira, o pai deve ficar irado. Ele pode dizer: "Estou muito irritado com o que você escolheu fazer. Preciso de tempo para esfriar a cabeça e, mais tarde, você receberá as consequências de sua decisão insensata".

Diante das emoções amorais e involuntárias, os pais precisam se esforçar para não cruzar a linha da moral. Isto é o que a Bíblia nos diz: "Quando vocês ficarem irados, não pequem". É possível que um pai, ao ficar irado, fique *muito* irado. Perceba que Efésios 4.26 segue adiante: "Apaziguem a sua ira antes que o sol se

ponha". A mensagem é: não permita que os sentimentos de ira permaneçam e causem inflamação.

Autocontrole não significa que nos refreamos de dar voz a sentimentos intensos. Expressamos o que sentimos, mas controlamos o modo como o fazemos. Precisamos comunicar esses sentimentos de tal maneira que nos arrependamos mais tarde.

Como sabemos que cruzamos a linha na direção de uma reação pecaminosa? Em geral, a consciência fala de modo suficientemente claro sobre onde está essa linha. Se não houver certeza, buscar o conselho de pessoas piedosas e sábias pode nos ajudar a deixar isso evidente. Também é certo que nossos filhos podem nos dar essa informação, se notamos que seu espírito se mostra desolado e temeroso.

Uma mãe usou estas palavras ao responder a meu ensinamento sobre ira:

> Não há como eu não ficar irritada, triste e tudo o mais por causa da minha filha. Contudo, diante do que você diz, sei que não há

problema com os sentimentos que experimento nessas horas. O que realmente importa para Deus e para ela é o que eu faço com esses sentimentos. Gosto muito da ideia de que Deus vê e recompensará meus esforços para amar essa filha desrespeitosa e difícil de ser amada. Saber essa verdade me dá esperança porque, para minha filha, meu empenho nesse sentido não vale nada.

Talvez você se identifique com essa mãe. Ela precisa aguentar. Todos nós também precisamos. Criar filhos, especialmente controlando os próprios sentimentos, é uma maratona, não uma corrida de cem metros rasos.

## O QUE DIZER SOBRE A IRA E O DIABO?

Perceba que, depois de nos dizer que, se nos irarmos, não pequemos, Paulo adverte: "Não deem lugar ao Diabo" (Ef 4.27). Há ocasiões em que você fica tão irritado a ponto de dizer e fazer coisas que não são do seu feitio? Depois do ocorrido, você costuma comentar: "Não sei o que me deu. Estava fora de mim. Não faço ideia do que aconteceu comigo"? Em situações como essas, o comediante Flip Wilson

alegava: “O Diabo me fez fazer isso!”. Em Efésios 4.26, Paulo diz que não devemos deixar o sol se pôr sobre nossa ira. Por quê? Porque o Diabo pode tirar vantagem de nossa ira prolongada.

Satanás nos engana intensificando nossos sentimentos de ira até que, de repente, deixamos de ser nós mesmos. Embora não nos possua, ele nos oprime. Quando tais ocasiões se dão no contexto familiar, resistimos ao Diabo comprometendo-nos a ser tardios para nos irar (cf. Tg 1.19) e acabando com a ira antes do pôr do sol (cf. Ef 4.26). Do contrário, ele se estabelece ali e planeja contra nós mais insensatez emocional. (Perceba que Ef 6.11,16 segue 6.4). Não devemos desprezar a ideia do Diabo, como se ele fosse um personagem imaginário que veste calças vermelhas e empunha um forcado. A Bíblia declara que ele “anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pe 5.8).

Todo pai deve reconhecer a seriedade desse ensinamento. Quando eu tinha 18 anos, dois anos

depois de convertido, fui passar o verão em casa, antes de meu primeiro ano na faculdade, e meu pai teve um de seus ataques de raiva. Em vez de minha fuga usual, virei-me para ele e disse:

— Quem tem controle sobre você neste momento? É o Diabo?

Meu pai imediatamente mudou e disse:

— Sim, acho que sim.

Não falei aquilo com desrespeito. Falei porque estava de fato preocupado com o que via nele. Aquilo parecia demoníaco. Já tinha visto aquela cena incontáveis vezes, mas nunca fizera tal comentário. Naquele momento, sentime como um jovem adulto conversando com outro adulto. Felizmente, ele se mostrou receptivo à minha pergunta e sua raiva cessou — o que me deixou atônito. Ele se aquietou e foi embora. Alguns meses depois, meu pai se entregou a Cristo.

Percebo que, a portas fechadas, muitas famílias deparam com esse tipo de coisa. Não devemos

procurar à nossa volta alguém a quem possamos acusar; devemos olhar para dentro de nós mesmos. Se algo desse tipo está acontecendo dentro de sua alma, você precisa se dar conta de que este é o momento crucial para fazer um ajuste sério. Seus filhos não estão deixando você irado. Você está optando por ficar irado, e o inimigo de sua alma está querendo "amplificar" sua ira prolongada. Não é apenas uma questão de criação de filhos; é a sua batalha espiritual. Isso tem a ver com sua ira e os poderes das trevas (cf. Ef 6.10-12).

Alegro-me ao receber cartas como esta, de uma mãe que teve consciência do perigo presente na ira e clamou ao Senhor:

> Não tinha ideia do que viria pela frente quando nosso filho de 17 anos nos pegou no aeroporto na noite de sábado, depois do seminário sobre a Conexão entre Amor e Respeito. Estava profundamente convicta de quão desrespeitosa eu havia sido com meus filhos no decorrer dos anos. Tenho dois filhos, de 19 e 17 anos. Meu marido e eu somos irados crônicos em recuperação, e é

suficiente dizer que meus filhos são um produto desse campo de batalha. Quando entrei no carro do meu filho, vi que ele não havia limpado o veículo como eu ordenara quando ele nos levou ao aeroporto… Bem, eu fiquei furiosa. Meu marido estava no banco da frente com meu filho e, de maneira bastante amorosa e tranquila, pediu-me por favor que eu parasse. Zombei dele com sussurros — mas alto o suficiente para que ambos conseguissem me ouvir mesmo com o rádio ligado — e, de maneira intermitente, dei continuidade a meu discurso.

Ela prossegue e diz que, ao chegar em casa, percebeu que o local não estava limpo, o que a levou a uma discussão ainda mais acalorada. O marido pediu delicadamente que ela saísse da sala. Ela continua:

O seminário fora ideia minha e, agora, o que era aquilo que eu estava fazendo? De fato saí da sala e praticamente me arrastei até o quarto, com vergonha e dor. Eu disse: "Senhor, sou injusta e ímpia, e não quero mais agir assim. Não posso fazer isso, não posso ser desrespeitosa com meu marido nem com meus filhos". Mas Deus é justo e santo, e ele pode me ajudar se eu agir como sendo para ele. Fiquei sozinha com meu filho, que ainda se recusava a limpar a casa. Ele se irritou e começou a jogar as coisas para o alto. Olhei bem nos

olhos dele e disse a mim mesma: "Senhor, como vou respeitar meu filho e ainda manter minha posição sem ter medo dele, sem chorar ou ficar irada?". Vieram sobre mim uma paz surpreendente e uma determinação que eu nunca sentira. Meu filho continuou enfurecido, por um tempo que me pareceu dez minutos. Persisti, quieta, respeitosa e calma, dizendo-lhe que ele precisava limpar toda a bagunça... E ele de fato limpou tudo. Deus fez uma coisa maravilhosa hoje: mostrou-me esperança diante da adversidade. Enquanto eu escrevia isto, meu filho de 19 anos ligou da faculdade apenas para dizer que me ama! Ele n-u-n-c-a havia feito isso, por isso sei que Deus está me dando um delicioso bocado de amor!

## CONTROLAR A IRA NÃO SIGNIFICA CEDER

Vimos anteriormente que, quando os pais se fixam no mau comportamento de seus filhos (o resultado) e não se concentram nas próprias ações, eles se esquecem de C-U-I-D-A-R e escorregam para reações iradas. No entanto, ao advertir contra a ira descontrolada, não estou endossando a passividade nem a indulgência parental.

Um adulto certa vez me disse que a coisa que mais o desapontava em seus pais é que eles haviam comprometido suas convicções espirituais. Quando

adolescente, esse filho se rebelou e seus pais cederam, foram lenientes. Para ter alguma paz, deixaram que o moço fizesse coisas que todos sabiam ser erradas. Hoje esse adulto olha para trás com dor e decepção. A culpa o dominou — ele sabia que fora responsável por seus pais terem comprometido a própria fé —, mas, em contrapartida, a reação deles o fez questionar se eles realmente criam. A atitude dos pais abalou sua fé. Ele pensava: "Se mamãe e papai não se mantiveram firmes, então talvez essas não sejam convicções pelas quais valha a pena viver. Talvez o que me ensinaram não seja verdade". Quando decidiu "derrubar o muro", esse filho imaginou que não seria tarefa fácil. Contudo, o material cedeu rapidamente.

Há momentos em que um pai pode transigir, caso se trate de uma coisa que envolva apenas questão de gosto ou opinião; mas, quando se trata de algo que é claramente uma violação de uma verdade bíblica, ser passivo ou "razoável" implica pôr a fé em risco.

Quando abordo a importância de os pais controlarem suas ações e reações, entenda, por favor, que não estou tentando espremer todos nós dentro de um molde de perfeccionismo. Podemos começar o dia tentando ser perfeitos, mas aprontar três crianças para saírem para a escola pode ser como tentar recolher três gatos de rua. Nenhum pai permanece perfeitamente tranquilo, calmo e controlado ao lidar com crianças. Criancices acontecem!

Portanto, vamos concordar com uma coisa: todos nós seríamos pais perfeitos se não fossem nossos filhos. Felizmente, a misericórdia e a graça de Deus seguem de perto nossas falhas. Parafraseando Provérbios 24.16, ainda que o pai justo caia sete vezes, tornará a erguer-se. Levante-se. Não desista. Comece de novo. Pegue mais leve consigo e persista em C-U-I-D-A-R para criar seus filhos do jeito de Deus. Não podemos controlar o resultado de longo prazo; isso está nas mãos de nossos filhos e depende da vontade soberana de nosso Deus. Mas podemos

controlar nossas ações e criar momentos importantes entre nós e nossos filhos — aqueles momentos que constroem um legado positivo e permanente. Todos estamos construindo algum tipo de legado. Vamos analisar o possível significado disso ao concluirmos este livro.

# Conclusão
## *Que tipo de legado você vai deixar?*

Legado. "O que você quer deixar para seus filhos?" Essa é uma pergunta apropriada para concluir este livro.

Com certeza, queremos que nossos filhos se lembrem de que os amamos e se sintam de fato amados. Creio que, se aplicarmos os princípios apresentados neste livro, os filhos da maioria de nós dirão junto ao nosso caixão: "Meus pais me amaram e me amaram bem".

Junto ao nosso caixão?

Sim.

Um dos melhores princípios pelos quais viver é "Comece tendo o fim em mente". Embora esse seja um jargão geralmente usado para referir-se a práticas comerciais, tem implicações para a vida. Cientes de que vamos morrer, podemos trabalhar sob a perspectiva da morte, e isso nos fornece o panorama para hoje. A morte nunca deve ser mórbida, mas motivadora. De fato, obtemos sabedoria ao perguntar: "Como estou vivendo hoje à luz da minha morte?". Essa pergunta precisa pairar em algum lugar do fundo de nosso cérebro. Precisamos manter um arquivo ativo chamado "Dia do Funeral". O fato de saber que a vida chegará ao fim deve guiar nossa maneira de criar os filhos.

Recebo *e-mails* de pessoas que me lembram que devo ter o fim em mente. Sou sempre tocado por isso. Um amigo me escreveu:

> Foi neste dia, um ano atrás, que Diane, minha querida esposa por 28 anos e mãe de minhas filhas, foi levada ao céu. Ao nos deixar, Diane demonstrava um forte senso de dignidade e graça depois de travar uma longa batalha contra o câncer. Apesar de sentirmos falta

de sua presença física, percebemos, neste ano que passou, o forte legado de amor que ela nos deixou. Creio que esse relato seja um tributo a Diane, a quão bem ela nos preparou, e ao legado de seu amor por nós, que permanece.

## Ao falar do marido falecido, uma mulher relatou:

O Senhor alcançou o coração dele. Isso o transformou. Sim, ainda tínhamos algumas pontes a cruzar, mas as cruzamos juntos. Tivemos um casamento lindo. Ficávamos mais próximos a cada dia, e o Senhor trabalhou cada um de nós individualmente. Estávamos pondo a Conexão entre Amor e Respeito em prática. O Senhor chamou meu querido esposo cerca de dezesseis meses atrás, depois de uma doença breve. Eu estava sentada do lado dele quando deu seu último suspiro e foi para os braços do Senhor, que o esperava. Ele deixou um legado maravilhoso para mim, para nossos filhos (tivemos cinco), para nossos netos e bisnetos. Jamais conheci alguém que tenha amado mais ao Senhor do que meu marido.

## Essas certamente são histórias de um belo legado!

Infelizmente, algumas pessoas são especialistas nas coisas de menor importância e se preocupam demais com picuinhas. O urgente substitui o importante. Somos ansiosos e apegados demais a coisas temporárias — que, em última análise, não são importantes — e acabamos desprezando as coisas que são realmente importantes. Há muitos que dão importância exagerada às minúcias. Costumo dizer ao público de nossas conferências: "Peguem mais leve. Vocês vão morrer". Um riso ruidoso vem da plateia. As pessoas captam a mensagem porque o apego a coisas pequenas é bastante comum. A despeito disso, é certo que poucos de nós querem desperdiçar o privilégio de criar filhos. Quem quer terminar a vida sentindo-se envergonhado com a maneira como criou os filhos e conduziu a própria existência? Quem deseja ser uma alma que reagiu ao trivial e ignorou o atemporal?

Um pai me escreveu da Austrália depois de ler o que eu dissera sobre deixar um legado: "Já perto do fim da

leitura, cheguei à frase sobre o legado negativo que deixamos para os filhos se insistimos em fazer o que é errado. E aí… *Bum*! Foi como se eu pudesse sentir um míssil me atravessando". Esse pai se propôs, então, a fazer a coisa certa.

A ideia de um legado pesa bastante. Um casal escreveu: "Gostamos da jornada de sair do Ciclo Insano para o Ciclo Energético e, agora, ficamos felizes por crer que Deus, por meio do Ciclo Recompensador, se torna parte de nosso relacionamento. Somos eternamente gratos por podermos deixar um legado para nossos filhos e netos".

Este é o legado que deixamos para nossos filhos, pautado pelo C-U-I-D-A-R:

- Eles se sentirão cuidados porque concedemos com amor.
- Eles se sentirão compreendidos porque usamos de discernimento com amor.

- Eles se sentirão preparados porque os instruímos com amor.
- Eles se sentirão capazes de exercer autocontrole porque os disciplinamos com amor.
- Eles se sentirão corajosos porque os apoiamos com amor.
- Eles se sentirão divinamente guiados porque rogamos com amor.

## Exemplos vivos de um legado poderoso

Um filho adulto me escreveu contando que seu pai fora à falência quando faltava um ano para se aposentar. O pai, sócio de uma grande empresa de corretagem, tinha perdido tudo e entrou na aposentadoria quase sem nenhum tostão. Em seguida, passou por uma cirurgia de catarata malsucedida e ficou parcialmente cego. Desenvolveu angina e, mais tarde, mal de Alzheimer, vindo a falecer aos 77 anos. Em meio a todos os revezes, a fé desse pai "nunca vacilou". Embora tenha suportado sofrimentos

semelhantes aos de Jó, nunca cogitou qualquer dúvida sobre o amor de Deus. Ao final da correspondência, o filho contou: "Quer saber como isso tudo me afetou? Digamos que, com um exemplo desses, é bem difícil imaginar-se fazendo coisas ruins quando os tempos se tornam difíceis".

Isso é que é deixar um legado para a alma de um filho.

Conheço um homem que tem quatro filhos. Enquanto cresciam, as crianças se sentavam em torno da mesa de jantar, depois de voltarem da igreja, e ouviam o pai compartilhar o que Deus havia falado ao seu coração. Elas viam um homem cujo próprio pai cometera suicídio e deixara uma enorme ferida no coração do filho; mas esse homem permitiu que Deus o curasse. Aquelas crianças viam um pai que desejava confiar mais em Deus. Viam um pai que desejava aprender o que a Bíblia tinha a dizer sobre as questões da vida. Viam um pai que se juntava a outros homens para conversar sobre Cristo. Viam um homem à mesa

orando do fundo do coração. Viam um homem que ficava realmente irado com eles, mas que, depois, vinha na direção deles com a cabeça curvada e pedia perdão. Viam um homem contente com seu salário. Viam um homem que estava ali para o que viesse. Viam um homem que amava a esposa. Viam um homem que tinha uma lista de oração. Viam um homem que queria ser usado por Deus na vida de outras pessoas. Viam um homem que era ensinável. Adivinhe quem ama a Deus assim como aquele pai?

Isso é deixar um legado para a alma de um filho.

Há algo maior que isso?

Na verdade, devemos dizer que há algo diferente, talvez não melhor. Nem todos os filhos herdarão nosso legado. Eles seguirão por um caminho diferente. Sendo assim, onde ficamos?

Em nossas conferências sobre Amor e Respeito, Sarah fala à plateia: "Essa coisa de legado tem a ver apenas comigo". Quando ela faz essa declaração,

todos ficam com um olhar confuso: "Será que entendi direito? Ela disse que devemos ser narcisistas?".

Sarah continua: "Sim, isso realmente tem a ver apenas comigo. No dia do julgamento, o Senhor me perguntará: 'Você confiou em mim e obedeceu? Você me amou e me reverenciou em seu casamento e em sua família?'".

Então ela deixa claro: "Tudo isso tem a ver com o modo como sigo ao Senhor, sejam quais forem as reações dos outros".

Há uma oração que Sarah e eu fazemos mais que qualquer outra: "Ensina-nos a contar os nossos dias para que nosso coração alcance sabedoria" (Sl 90.12). Quando oro assim, imagino o fim de meus dias, em pé diante do Senhor. No íntimo, pergunto-me: "Apresentarei a ele um coração que foi sábio até o fim? Terminarei ainda fiel? Terei feito o que Deus me chamou a fazer como pai e como pessoa?". Por mais que me doa a ideia de que meus filhos talvez não façam essas perguntas, e nada me dói mais que isso,

percebo que, no final, a coisa toda é entre Jesus e mim.

Espero ouvir isto:

- "Você amou seus filhos bem, fazendo isso por confiança e obediência a mim e com base no amor e na reverência que tem por mim, embora eles tenham seguido um caminho diferente."
- "Você concedeu com coração generoso mesmo quando seus filhos foram ingratos."
- "Você sempre tentou usar de discernimento, com o coração cheio de empatia, mesmo quando seus filhos afirmavam que você não os entendia nem se importava com eles."
- "Você instruiu seus filhos fielmente com minha sabedoria mesmo quando eles não se mostraram ensináveis e foram displicentes."
- "Você disciplinou seus filhos de maneira consistente e justa mesmo quando eles, resolutos,

continuavam resistindo mês após mês e ano após ano."

- "Você insistiu em apoiar os talentos e dons de seus filhos mesmo quando eles careciam de confiança e queriam desistir diante dos reveses."
- "Você rogou diariamente perante mim até mesmo quando minha presença não era tão evidente na vida deles como você esperava, e também quando eles tomaram decisões contrárias a meus propósitos."

Esse é o legado que Deus quer que você deixe. No fim das contas, tem a ver com quem você foi, não com o que seus filhos se tornaram (por mais importante que isso seja). Como dissemos, podemos controlar apenas nossas ações e reações, não o desempenho de nossos filhos.

Isto tem a ver com *você*, não com seus filhos!

Deus lhe deixou clara essa verdade? O maior legado que você pode deixar para seus filhos é quem você foi

como seguidor de Cristo. O que seus filhos fazem com o que você foi é escolha deles.

Assim, mantemos o fim em mente. Percebemos que, à medida que criamos nossos filhos, Deus está nos criando. Ainda fazendo uso do acrônimo C-U-I-D-A-R, veja como isso ocorre no processo de criação de filhos — e na vida de modo geral.

**C**: Demonstro um coração grato a Deus por aquilo que ele me concede?

**U**: Consigo lidar com a ira e o desânimo porque creio e sinto que Deus usa de discernimento ao lidar com minhas preocupações?

**I**: Estou sempre aberto à instrução de Deus, em todo tipo de cenário e situação?

**D**: Aceito a disciplina amorosa de Deus, sem nunca reclamar dizendo que ele é mau e injusto?

**A**: Usei meus talentos para a glória de Deus porque sinto que ele me apoia quando dou um passo de fé?

**R**: Creio que Jesus e o Espírito Santo intercedem por mim, fazendo todas as coisas trabalharem conjuntamente para o meu bem?

Se minha resposta a essas perguntas for basicamente "sim", então entendo que isso tem a ver com Jesus e comigo.

Sarah experimentou essa realidade de maneira desafiadora quando lutou contra o câncer de mama. Ela escreveu em seu diário:

> Ao receber o diagnóstico de câncer, percebi que aquela era uma oportunidade única. Minha vida refletiria Cristo durante aquele período de sofrimento? Eu afirmava conhecê-lo. Meu semblante e minhas palavras levariam alguém a desejá-lo? Eu louvaria e agradeceria a Deus independentemente do resultado? Senti como se Deus estivesse me dizendo que queria que as pessoas ao redor vissem seu poder, seu amor eterno e sua fidelidade.

Hoje Sarah está livre do câncer e continua a trabalhar e testemunhar na vida de todos nós. Sua

história é a história de todos. Em um nível ou outro, tudo isso tem a ver comigo — tem a ver com fazer valer aquilo que Deus me chama a ser e a realizar, não importando as pessoas ao meu redor, nem mesmo meus filhos.

Esse é o verdadeiro legado, aquele para o qual olharemos dos céus, com o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.

Certo dia, depois de Jonathan e eu termos conversado longamente sobre a ideia de "criar os filhos para Cristo", ele me enviou um poema de C. T. Studd (1860-1931) que se encaixa perfeitamente ao conceito de legado:

*Apenas uma vida*

Dois pequenos versos ouvi um dia,
No turbulento caminho da vida;
Trouxeram confiança a meu coração
E de minha mente não se separarão;
Apenas uma vida, que em breve passará,
Apenas o que for feito para Cristo durará.

Apenas uma vida, alguns breves anos,
Cada um com seus temores, esperanças e planos;
Cada um dos quais devo preencher
Para mim ou buscando a vontade dele atender;
Apenas uma vida, que em breve passará,
Apenas o que for feito para Cristo durará.

Dá-me, Pai, um propósito de verdade,
Que na alegria ou na tristeza tua palavra eu guarde;
Fiel serei, seja qual for a lida,
Agradando a ti em meu dia a dia;
Apenas uma vida, que em breve passará,
Apenas o que for feito para Cristo durará.

Uma vida apenas, sim, apenas uma,
Agora direi "seja feita a vontade tua";
Um dia, enfim, o chamado ouvirei,
E "tudo valeu a pena" é o que direi;
Apenas uma vida, que em breve passará,
Apenas o que for feito para Cristo durará.[1]

Comece mais uma vez tendo o final em mente. Somente a criação de filhos feita para Cristo irá durar. Verdadeiramente, isso tem tudo a ver com você e com o legado que você deixa para sua família.

# Apêndice A
# *Princípios familiares de Amor e Respeito*

Para ensinar amor e respeito a seus filhos, imprima ou escreva os cinco princípios apresentados a seguir e coloque-os em um ou vários locais de destaque em sua casa. As sugestões quanto ao que dizer a filhos mais novos ou mais velhos são apenas isso: sugestões. Faça adaptações ou desenvolva seus próprios comentários de acordo com as idades e necessidades específicas de seus filhos.

## Princípios de Amor e Respeito para nossa família

- Tratamos uns aos outros de maneira respeitosa, ainda que alguém faça algo que não seja respeitável.
- Quando somos tratados de maneira injusta ou desrespeitosa, comunicamos isso de maneira respeitosa.
- Os filhos obedecem aos pais, a quem honram e respeitam.
- Os pais sempre amam seus filhos, mesmo quando os filhos são desrespeitosos.
- Queremos ser uma família de Amor e Respeito.

**Tratamos uns aos outros de maneira respeitosa, ainda que alguém faça algo que não seja respeitável**

Aos filhos menores, dizemos: “Deus diz que devemos amar uns aos outros, e ele também quer que respeitemos uns aos outros. Mesmo quando seu irmão fizer alguma maldade, tente amá-lo e respeitá-lo”.

E aos mais velhos: “É fácil respeitar outras pessoas quando elas estão fazendo tudo de que gostamos; mas e se elas forem más e injustas? Ainda assim Deus quer que as amemos e respeitemos incondicionalmente. Isso significa que elas não precisam conquistar nosso respeito; nós o concedemos ainda que elas não o mereçam”.

**Quando somos tratados de maneira injusta ou desrespeitosa, comunicamos isso de maneira respeitosa**

Fique no mesmo nível dos olhos de seus filhos menores e diga mansamente: “Quando se sentir frustrado com sua irmã, venha até mim e diga de maneira respeitosa o que você está sentindo. Eu vou ajudar você. Tudo bem?”.

E aos mais velhos: “Chamar sua irmã de ‘idiota’ é obviamente desrespeitoso. Seus pais não falam assim, e temos certeza de que, na verdade, você também não quer falar desse jeito. Certo?”.

**Os filhos obedecem aos pais, a quem honram e respeitam**

Fique no mesmo nível dos olhos de seus filhos menores e diga: "A Bíblia diz: 'Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo'. 'Honra teu pai e tua mãe' (Ef 6.1-2). Quando algo o deixar irritado, você será tentado a ser rude e a não nos escutar. Deus pede que você obedeça mesmo quando achar que não entendemos ou que estamos sendo injustos. Tentaremos entender e ser justos. Queremos o melhor para você".

E aos mais velhos: "Quando a Palavra de Deus diz: 'Filhos, obedeçam a seus pais e honrem pai e mãe', ela não quer dizer que você é simplesmente um escravo sem nenhum direito. Deus chama os pais a serem amorosos e justos, e às vezes é difícil saber exatamente quem está com a razão. Por exemplo, nós, como pais, sempre precisamos conhecer sua versão da história e também a versão de seu irmão. Além disso, não

vamos parar de lembrá-los daquilo que Jesus quer que todos nós façamos, como 'amar uns aos outros'".

Quando achar que seu filho é capaz de entender, explique a ele que obedecer aos pais e honrá-los é o primeiro mandamento com promessa: "para que tudo te corra bem e tenhas longa vida sobre a terra" (Ef 6.3). Você pode dizer algo como: "É bem simples: quando você nos obedece, isso nos mostra respeito. Quando age assim, as coisas normalmente saem bem para você. Quando é desobediente ou faz coisas pelas nossas costas, as coisas não irão muito bem e teremos de discipliná-lo. O que você prefere?".

**Os pais sempre amam seus filhos, mesmo quando os filhos são desrespeitosos**

Para filhos mais novos, dizemos: "Deus também tem uma ordem para que a mamãe e o papai sempre amem você, não importa o que acontecer. Sempre vamos amá-lo; não há nada que você faça que possa nos levar a deixar de amar você. Mas isso não significa

que estamos sempre felizes com você e que você está sempre feliz conosco. Às vezes ficamos irritados, e você também. Mas isso não quer dizer que devemos permanecer irritados ou dizer coisas rudes. Se o fizermos, devemos pedir desculpas, e você também. Não importa o que acontecer, queremos que você lembre que o amamos de todo o coração".

Com os mais velhos, enfatize que, embora você os ame, isso não significa que tudo será como eles querem, nem que vão ganhar tudo que pedirem. Diga algo mais ou menos assim: "Nós temos o dever de decidir o que é melhor, e isso é um trabalho bem difícil. Às vezes precisamos dizer 'não' porque cremos que é a coisa mais amorosa que podemos fazer. Quando você se sentir triste ou aborrecido, lembre-se de que somos seus pais e de que estamos sempre do seu lado. Não somos perfeitos, mas nos importamos com você. Você significa tudo para nós".

**Queremos ser uma família de Amor e Respeito**

Aos filhos menores, diga isto: “Nosso amor e nosso respeito mútuos são importantes para Deus até mais do que para nós mesmos. Quando amamos você, e você nos respeita e obedece, Deus fica feliz, e nós também”.

E aos mais velhos: “Por mais difícil que possa parecer às vezes, estamos comprometidos a ser firmes e consistentes com essas verdades maravilhosas, e esperamos que você nos ajude. Achamos isso muito importante porque é a maneira como Jesus quer que tratemos uns aos outros. Quando olhamos para você ou conversamos com você, é como se pudéssemos imaginar Jesus logo atrás do seu ombro. Ao amar você, estamos amando Jesus. O mesmo acontece com você. Quando tentar nos mostrar respeito, imagine que pode ver Jesus logo atrás do nosso ombro. Quando nos mostra respeito, está respeitando e amando Jesus. Lembre-se que, ao obedecer a nossas instruções, você está agradando a Jesus. A Bíblia diz: ‘Filhos, obedeçam a seus pais em tudo, pois isso

agrada ao Senhor' (Cl 3.20). Sim, haverá momentos em que não amaremos você perfeitamente, e você não nos respeitará perfeitamente, mas Jesus quer que voltemos e tentemos de novo. Ele nos perdoa, e nós devemos perdoar uns aos outros".

# Apêndice B
# *Listas de verificação quanto à prática de Amor e Respeito em seu modo de criar filhos*

**Em relação aos três ciclos**

1. Quando entrar no Ciclo Insano da Família…
   a. Culparei meus filhos por, equivocadamente, não se sentirem amados e reagirem com desrespeito?
   b. Colocarei o foco em minha responsabilidade e, então, deixarei de me sentir desrespeitado e começarei a reagir de maneira mais amorosa?
2. No que se refere ao Ciclo Energético da Família…

a. Exigirei que meu filho seja respeitoso para que me motive a ser amoroso?
b. Exigirei de mim mesmo que seja amoroso para influenciar a reação respeitosa de meu filho?

3. No que se referir ao Ciclo Recompensador da Família…
   a. Esperarei que meu filho me mostre respeito como ao Senhor?
   b. Buscarei mostrar amor ao meu filho como ao Senhor?

**Quando as coisas ficarem um pouco insanas**

1. Meu filho parece desrespeitoso porque, anteriormente, eu disse ou fiz algo que lhe pareceu desamoroso?
2. Preciso reafirmar meu amor a meu filho e não me ofender diante do que parece desrespeitoso?

**Meu filho está reagindo negativamente, de maneiras que parecem desrespeitosas, porque ele…**

1. Tem necessidades físicas não atendidas, por isso preciso **C**onceder para satisfazer essas necessidades?
2. Tem necessidades emocionais não atendidas, por isso preciso **U**sar de discernimento e mostrar empatia?
3. Se sente inexperiente, por isso preciso **I**nstruí-lo?
4. Tem falta de autocontrole, por isso preciso **D**isciplinã-lo a fim de que ele consiga se tornar autodisciplinado?
5. Tem medo de enfrentar o mundo exterior, por isso preciso **A**poiá-lo?
6. Está debaixo de ataque espiritual, por isso preciso **R**ogar por ele?

**Sou equilibrado ao amar meu filho?**

1. No que se refere a **C**onceder para satisfazer suas necessidades e desejos…
   a. Concedo pouco, mostrando um padrão de negligência às necessidades?

b. Concedo demais, mostrando um padrão de atendimento a todos os desejos?

2. No que se refere a **U**sar de discernimento de modo a não provocar ira nem desânimo…
   a. Uso de pouco discernimento, sem mostrar-lhe empatia e, ao mesmo tempo, esperando muito dele?
   b. Procuro discernir demais, fazendo uma análise psicológica e alimentando sua autocomiseração?
3. No que se refere a **I**nstruir a fim de que ele conheça e aplique a sabedoria de Deus…
   a. Instruo pouco, retendo a verdade divina que poderia ajudá-lo e guiá-lo?
   b. Instruo demais, pregando e moralizando excessivamente, levando-o ao desânimo?
4. No que se refere a **D**isciplinar de modo que ele aprenda a corrigir escolhas prejudiciais…
   a. Disciplino pouco, revelando um padrão de permissividade?

b. Disciplino demais, revelando um padrão de autoritarismo?

5. No que se refere a **A**poiar de modo que ele desenvolva no mundo os dons concedidos por Deus…
   a. Apoio pouco, sendo pessimista, crítico e julgador?
   b. Apoio demais, sendo superficial, fantasioso e insincero?
6. No que se refere a **R**ogar de modo que ele experimente o toque e a verdade de Deus…
   a. Rogo pouco, falhando em pedir que Deus trabalhe na vida dele?
   b. Rogo demais, substituindo pela oração a coragem para educá-lo?

**Dependo de Deus para fazer aquilo que não consigo realizar?**

1. Ao **C**onceder, oro para que Deus me ajude e a meu filho a termos *um coração agradecido*?

2. Ao **U**sar de discernimento, oro para que Deus me ajude e a meu filho a termos *um coração calmo e tranquilo*?
3. Ao **I**nstruir, oro para que Deus me ajude e a meu filho a termos *um espírito ensinável*?
4. Ao **D**isciplinar, oro para que Deus me ajude e a meu filho a experimentarmos *arrependimento verdadeiro*?
5. Ao **A**poiar, oro para que Deus me ajude e a meu filho a sermos *corajosos*?
6. Ao **R**ogar, oro para que Deus me ajude e a meu filho a termos *um coração confiante e obediente*?

# Referências bibliográficas


BRIZENDINE, Louann. *The Female Brain.* New York: Broadway Books, 2006. [Publicado no Brasil sob o título *Como as mulheres pensam*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.]

CAMPBELL, Ross. *How to Really Love Your Child.* Colorado Springs, CO: David C. Cook, 2010. [Publicado no Brasil sob o título *Como realmente amar seu filho*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.]

COLES, Robert. *The Moral Life of Children.* New York: Atlantic Monthly Press, 1986.

EGGERICHS, Emerson. *Love & Respect.* Nashville, TN: Thomas Nelson, 2004. [Publicado no Brasil sob o título *Amor e Respeito: o que ela mais deseja, do que ele mais precisa.* São Paulo: Mundo Cristão, 2008.]

FELDHAHN, Shaunti. *For Parents Only*. Sisters, OR: Multnomah, 2007.

_____ . *For Women Only: What You Need to Know About the Inner Lives of Men*. Sisters, OR: Multnomah, 2004. [Publicado no Brasil sob o título *Somente para mulheres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.]

LAWSON, James Gilchrist. *Deeper Experiences of Famous Christians*. Anderson, IN: Warner Press, 1911.

LEWIS, Margie M. e LEWIS, Gregg. *The Hurting Parent*. Grand Rapids: Zondervan, 2009.

1. Os apóstolos se referiam aos cristãos como “filhos amados” (1Co 4.14; Ef 5.1; 1Jo 3.2). A palavra grega traduzida por “amados” é *agapetos*. Deus amou seus filhos, colocando neles sua afeição. No entanto, a metáfora de “filhos amados” não se aplica apenas ao povo de Deus: ela brota da realidade do ágape — amor incondicional — que os pais têm pelos filhos. Eles são o objeto da afeição parental. São amados, mas não por se mostrarem merecedores desse amor: *agapetos* é um direito de nascença. Tal *agapetos* é observado entre uma mãe e um bebê de colo, sentimento a que Paulo se refere em 1Tessalonicenses 2.7-8. Os filhos precisam desse amor, e Deus planejou que os pais o suprissem.

1. Em Colossenses 3.21, o texto grego fala de exasperar ou amargurar o filho. As versões em português, porém, trazem o verbo "irritar". Em minhas observações, filhos desanimados costumam mostrar-se mais exasperados que amargurados, embora alguns dos que se encaixam no segundo caso acabem cedendo, admitindo a derrota.

2. Alguns comentaristas deixam implícito que Colossenses 3.21 e Efésios 6.4 são passagens de referências cruzadas que significam essencialmente a mesma coisa. Contudo, Colossenses 3.21 usa duas palavras gregas não encontradas em Efésios 6.4, e Efésios 6.4 usa uma palavra grega não encontrada em Colossenses 3.21. Em Colossenses, Paulo usou a palavra *athumeo*, que significa "estar desalentado ou desanimado". Isto é, os pais podem fazer que os filhos se sintam desencorajados, desistam ou percam a esperança. Efésios 6.4 nada diz sobre a perda de ânimo na criança. Além disso, Paulo usou o termo grego *parorgizo* em Efésios, mas não em Colossenses,

e adotou o grego *erethizo* em Colossenses, mas não em Efésios. *Parorgizo* é uma palavra composta que significa "provocar à ira", enquanto *erethizo* vem de *eretho*, que pode significar "incitar à ira", mas também transmite mais simplesmente a ideia de "provocado, provocar ou exasperar". Pode-se afirmar que não há diferença entre *parorgizo* e *erethizo*? Se não houver, podemos dizer, como muitos fazem, que as duas passagens significam a mesma coisa: os filhos podem ser provocados ou exasperados a ponto de se irarem, o que normalmente os leva ao abatimento e ao desânimo. Diríamos então que Colossenses 3.21 amplia a ideia de Efésios 6.4, que implica abatimento. Em contrapartida, Paulo poderia estar descrevendo dois tipos de filhos: o filho irado ou amargurado em Efésios e o filho desanimado ou derrotado em Colossenses. Em termos psicológicos, então, estaríamos lidando com um filho irado cujos punhos se mostram cerrados ou com um filho desanimado cujos ombros estão caídos. O primeiro filho explode

de raiva enquanto o segundo murcha em derrota. O pai injusto inflama indignação justa no primeiro filho, que grita raivosamente: "Você não pode me tratar desse jeito!". Esse mesmo pai estabelece um padrão que o segundo filho não pode alcançar, e este desaba em derrota, murmurando: "Não consigo fazer isso… Não consigo". Em um nível extremo, o primeiro chuta a parede em um ato de raiva, parecendo quase um homicida; o outro cai no chão chorando, parecendo quase um suicida. Assim, o que podemos concluir? Efésios 6.4 enfatiza que o pai não deve provocar seu filho a ponto de este explodir em raiva. Colossenses 3.21 enfatiza que o pai não deve exasperar seu filho a ponto de este murchar e perder o ânimo.

1. Colecionei histórias de pessoas durante quarenta anos. Essa é uma delas. Na época, fiz uma série de mensagens sobre como é ser pai e pedi à congregação que me enviasse histórias. Numerei os relatos, mas removi os nomes para preservar os envolvidos. Contudo, não consigo encontrar a lista de nomes — não sei se a perdi ou se a guardei em algum lugar e acabei esquecendo. Seja como for, esta história tinha o número 72, mas não sei os nomes. Portanto, peço desculpas a esse pai por não contatá-lo antes de publicar o relato. Se você ler isso e for o pai, por favor, avise-me. Se você é a fonte, por favor, perdoe-me e permita que eu corrija meu erro. Na ira, lembre-se da misericórdia.

1. Os capítulos 37—50 de Gênesis trazem a história completa de como o favoritismo de Jacó por José provocou enorme rixa e imensa dor de cabeça à família. Deus protegeu José depois que ele foi vendido como escravo e, no final, José se reconciliou com seus irmãos.

1. Rebeca, por exemplo, a esposa de Isaque, amava seu filho Jacó mais que ao irmão gêmeo dele, Esaú, e o favoritismo dela, assim como a fraude aplicada por Jacó, causaram muita confusão na família. Esaú ficou tão frustrado que teria matado Jacó se este não tivesse fugido e permanecido longe por muitos anos. Leia a história completa em Gênesis 25.19—33.20.

2. Perceba o uso do termo "compadecer" como tradução da palavra grega *sumpatheo*. Muitas traduções de Hebreus 4.15 para a língua inglesa usam "simpatizar", de modo que se lê: "não temos um sumo sacerdote que não possa *simpatizar* com nossas fraquezas". Isso pode ser enganoso para muita gente, pois o termo "simpatia" costuma ser definido como a habilidade de sentir pena de alguém, mesmo quando não é possível identificar-se plenamente com a experiência ou a dor dessa pessoa. A palavra "compadecer" descreve com melhor clareza os sentimentos de nosso Senhor em relação a nós. O grego *sumpatheo* significa "ter um sentimento de

fraternidade com, comiserar-se de, ter compaixão de". É usado de diferentes maneiras nas Escrituras, mas usualmente transmite a ideia de empatia — entender os sentimentos ou pensamentos de outra pessoa e compartilhar deles —, como ocorre em Hebreus 4.15. Veja também a *Nova Bíblia Viva* — "Esse nosso sumo sacerdote compreende as nossas fraquezas" — e a vívida paráfrase feita por Eugene Peterson em *A Mensagem*: "Não temos um sacerdote que não conhece nossa realidade. Ele experimentou fraqueza e provações e experimentou tudo, menos o pecado".

1. É óbvio que nosso objetivo principal deve ser levar nossos filhos à fé em Cristo, mas infelizmente isso nem sempre acontece. O grupo Barna, instituto americano de análises estatísticas, realizou uma pesquisa com um grupo de pais cristãos e descobriu que o que esses pais queriam para seus filhos não era a salvação, mas "uma boa educação". O relacionamento com Cristo ocupou a terceira posição da lista. Veja o artigo "Parents Describe How They Raise Their Children", de 28 de fev. de 2005, disponível em: <https://www.barna.org/component/content/article/5-barna-update/45-barna-update-sp-657/184-parentsdescribe-how-they-raise-their-children#Vr-EFvirLIU>. Acesso em: 28 de fev. de 2016.

2. Isso tem sido amplamente divulgado e atribuído a Mark Twain, mas nunca foi encontrado entre suas obras, apesar do trabalho de busca de vários grupos, como o Twain Papers e outros. Veja mais em: <http://quotationsbook.com/quote/45037/#sthash.vH
Acesso em: 28 de ago. de 2015.

3. O artigo “Adolescent Angst: 5 Facts About the Teen Brain” discorre de modo informativo e revelador sobre como se desenvolve o cérebro de um adolescente comum. À medida que os adolescentes ficam mais velhos, o sistema límbico (o centro emocional do cérebro) se torna mais controlado pelo córtex pré-frontal, uma área logo atrás da testa, associada a planejamento, controle de impulsos e pensamentos mais avançados. Disponível em: <http://www.foxnews.com/health/2012/07/09/adolesc angst-5-facts-about-teen-brain/>. Acesso em: 26 de jan. de 2016.

1. Margie M. Lewis e Gregg Lewis, *The Hurting Parent*, p. 100.
2. *How to Really Love Your Child*, p. 75.

1. Perceba também que, depois de instruir filhos e pais em Efésios 6.1-4, Paulo pede aos cristãos que "orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica" (Ef 6.18). Em todos os aspectos da vida, e em particular na criação de filhos, precisamos nos voltar para Deus em súplicas.

2. Fiz minha pesquisa de pós-graduação na Universidade Estadual de Michigan como parte da dissertação de doutorado intitulada "Uma análise descritiva de pais evangélicos virtuosos". Uma das principais propostas da pesquisa foi investigar um grupo pré-selecionado de pais virtuosos a fim de identificar como percebiam seu próprio estilo de paternidade e também quais eram as percepções das respectivas esposas e filhos adultos. Estudos foram feitos sobre o envolvimento do pai virtuoso com a família, bem como sua consistência, consciência e ensino junto aos filhos. Entre os aspectos estudados, constavam: dedicação de tempo aos filhos, envolvimento em disciplina, envolvimento na

educação, interação conjugal, gerenciamento de crises, mostra de afeição, exemplo, provisão financeira, desenvolvimento espiritual, permissão de liberdade de expressão e conhecimento acerca do filho. O perfil revelado por esses estudos mostrou que pais valiosos apresentam características como: consciência do desenvolvimento de seus filhos, consistência ao lidar com os filhos e também no relacionamento com eles, habilidade de ouvir atenta e afetuosamente, maturidade exemplar, capacidade de lidar com crises sábia e positivamente, capacidade de prover sustento financeiro.

3. Ao buscar permissão para citar o relato dessa mãe, entrei em contato com ela oito anos depois de ter recebido seu depoimento. Ela então comentou: "Ele agora tem 18 anos, está indo para a faculdade para estudar música (servimos a um Deus poderoso!) e continua a progredir em seu relacionamento com Jesus. Nosso filho tem o dom de nos mostrar Cristo exatamente na hora em que precisamos. Obrigado

por seu ministério. Seu trabalho exerceu um impacto profundo sobre o modo como criamos nossos dois filhos".

4. Quando começou a construir os orfanatos, Mueller tinha dois xelins no bolso. Quando morreu, em 1898, os orfanatos somavam cinco prédios imensos feitos de granito sólido, totalizando dois mil abrigados, que nunca perderam uma refeição, pois o Senhor sempre os sustentou. O livro *Deeper Experiences of Famous Christians* [Experiências formidáveis de cristãos famosos], de James Gilchrist Lawson, traz outros detalhes sobre a história de Mueller.

1. O divórcio é biblicamente justificado por adultério habitual e abandono permanente (Mt 19.9; 1Co 7.15), mas é, absolutamente, o último recurso. O Ministério Amor e Respeito foi fundado com base na missão de ajudar maridos e esposas a salvarem seu casamento ao satisfazer as necessidades mais básicas de cada um: a dela por amor, a dele por respeito.
2. Perceba que Efésios 5.33, o carro-chefe da Conexão entre Amor e Respeito, declara que o marido deve amar "a sua mulher como a si mesmo", e a mulher deve tratar "o marido com todo o respeito". Então, alguns versículos adiante, Paulo prossegue apresentando o mandamento de Deus aos pais (e, por conseguinte, também às mães): "Não irritem seus filhos; antes criem-nos segundo a instrução e o conselho do Senhor" (Ef 6.4). Não creio que foi por acaso que Paulo lidou primeiro com a questão do casamento e depois com a criação de filhos ao esboçar os princípios para a vida cristã.

3. Não somos salvos pelas boas obras. A salvação está disponível por meio da graça de Deus, seu dom gratuito àqueles que creem (Ef 2.8-9). Tendo recebido a salvação, podemos realizar boas obras para glorificar a Deus, mas ainda somos capazes de escorregar de volta ao comportamento pecaminoso, e isso é algo que todos fazemos.
4. Dados extraídos de pesquisa realizada para Shaunti Feldhahn pela Decision Analyst e tabulada pela Analytic Focus.
5. O amor incondicional é uma necessidade vital para a esposa, assim como é o respeito incondicional para o marido. Muitas mulheres têm dificuldade para respeitar homens que não "conquistaram" o respeito delas. Incondicional significa exatamente isto: o marido não precisa conquistar o respeito de sua mulher, assim como a esposa não tem de conquistar o amor de seu marido. Amor e respeito são concedidos gratuitamente em obediência e devoção a Deus.

6. Para mais detalhes, veja o capítulo “Conclusão: o rosa e o azul podem formar o lilás de Deus” do livro *Amor e Respeito: o que ela mais deseja, o que ele mais precisa*, p. 291ss.

1. “Considerando-se os 30 mil genes do genoma humano, a parcela de menos de 1% que sinaliza as distinções entre os sexos é pequena. Mas essas diferenças influenciam cada célula de nosso corpo — dos nervos que registram pressão e dor aos neurônios que transmitem percepções, pensamentos, sentimentos e emoções” (Louann BRIZENDINE, *The Female Brain*, p. 2).
2. “Homens e mulheres reagem a diferentes tipos de estresse. As meninas começam a reagir mais a tensões nas relações, e os meninos, a desafios à sua autoridade. Conflito de relacionamento é o que deixa o sistema de estresse de uma adolescente completamente louco. Ela precisa ser querida e estar socialmente conectada; um adolescente precisa ser respeitado” (idem, p. 34-35).
3. Shaunti FELDHAHN, *For Parents Only*, p. 136.
4. Louann BRIZENDINE, *The Female Brain*, p. 24, 29.
5. Idem, p. 8.
6. Idem, p. 15-18.

1. Considerando que o salmo 127 foi escrito pelo rei Salomão, é provável que o autor estivesse se referindo à nação de Israel e ao templo que construíra conforme o pedido divino (1Rs 5.1—6.14). Outro significado para a palavra *casa* (*bah'yith*) em Hebreus é "um lar ou uma família". Muitos comentaristas creem fortemente que um significado secundário de *casa* neste salmo seja a família, uma vez que os filhos são destacados nos versículos 3 a 5. Veja outros versículos onde a palavra hebraica *bah'yith* se refere à família de alguém: 1Crônicas 13.14; 2Crônicas 21.13; Zacarias 12.12.

2. Nas conferências que realizo por todos os Estados Unidos, interajo continuamente com pessoas, em geral mães, que me dizem: "Se meu filho não merece respeito, eu não devo respeitá-lo... Isso simplesmente o livra do castigo e exige que eu abra mão de minha autoridade como mãe/pai". Minha resposta é: "Absolutamente não! Estamos falando de confrontar e disciplinar o erro de modo respeitoso, com todo o peso de nossa autoridade — em relação ao menino ou

à menina. Damos à nossa criança ou adolescente um presente incondicional quando corrigimos respeitosamente sua desobediência". Os pais que entendem como Cristo os ama e os honra de modo irrestrito e, ainda assim, os disciplina quando necessário podem aprender a confrontar seus filhos de forma amorosa e respeitosa. No entanto, insistir em mostrar a um filho, especialmente a um homem, que ele deve conquistar o respeito é justificar nosso desprezo e plantar desânimo no coração desse filho. Não se trata de impelir a criança ou o adolescente a fazer por merecer nosso comportamento honroso, mas de sermos honrosos independentemente da atitude deles. As próprias Escrituras apresentam uma lei espiritual que nos adverte a mostrar uma atitude respeitosa àqueles que não a merecem. "Sujeitem-se [...] com todo o respeito, não apenas aos bons e amáveis, mas também aos maus" (1Pe 2.18). A maioria das pessoas reconhece o amor incondicional citado na Bíblia (Mt 5.46), mas despreza o

ensinamento sobre respeito incondicional (Rm 12.10; 1Pe 2.17).

1. Algumas das pesquisas mais significativas feitas sobre crianças como seres morais e espirituais é a do dr. Robert Coles, de Harvard, que passou trinta anos estudando a vida moral das crianças. De acordo com Scott London, Coles, autor de *The Moral Life of Children*, "acredita que ninguém em seu campo de atuação — o da psiquiatria infantil — ou em áreas relacionadas, apreciou plenamente a capacidade que as crianças (até mesmo as relativamente pequenas) têm de lançar perguntas sobre o 'significado moral' da vida". Disponível em: <http://www.scottlondon.com/articles/coles.html>. Acesso em: 2 de set. de 2015.

2. Meu pai veio a se entregar a Cristo durante meu primeiro ano na faculdade. O Senhor o amou e o perdoou, assim como fez comigo, minha mãe e minha irmã. Meu pai mudou. Ele abandonou aqueles pecados de outrora. Morreu ciente de que estaria com Cristo. De fato, antes da cirurgia malsucedida que lhe tirou a vida, perguntei a ele: "Se a cirurgia não der

certo, você está pronto para morrer?". Ele acenou com a cabeça afirmativamente. Papai conhecia o Senhor, cuja paz experimentava. Ele foi perdoado.

3. O profeta Jeremias equiparou Samuel a Moisés em termos de idoneidade (Jr 15.1). Todavia, os filhos de Samuel adotaram a ganância como religião.

1. Em relação a este poema, Andrew L. Bowker, juntamente com a WEC Publications, que é parte da WEC International, fundada por C. T. Studd, comentou: “Cremos que o poema que você cita seja de C. T. Studd, mas ele não aparece em *Quaint Rhymes of a Quondam Cricketer*, que é uma coleção de tais obras, e não conseguimos ligá-lo a outra fonte. C. T. Studd escreveu uma grande quantidade de material e produziu muitos folhetos e panfletos enquanto desafiava rapazes cristãos de sua época a sacrificarem tudo por Jesus. Este poema pode ter sido parte de um desses escritos…”.

Compartilhe suas impressões de leitura
escrevendo para:
opiniao-do-
leitor@mundocristao.com.br
Acesse nosso *site*:
<www.mundocristao.com.br>


WILLIAM DOUGLAS
DAVI LAGO
FORMIGAS
Lições da sociedade
mais bem-sucedida da terra
MC

# Formigas

Douglas, William 9788543301341
116 páginas Compre agora e leia

Com sua habitual perspicácia, William Douglas, autor de "As 25 leis bíblicas do sucesso", acompanhado pela pena criativa de Davi Lago, resgatam um trecho do livro bíblico de Provérbios para nos transmitir lições preciosas para os dias de hoje.
O personagem citado na Bíblia que tem muito a nos ensinar é a formiga, que integra uma das sociedades mais incríveis do planeta:

"Formigas não têm medo de trabalhar; possuem iniciativa, sabem as razões de seu esforço, são organizadas e capazes de armazenar riqueza. Além disso, combatem a

cultura do desperdício, cientes de que cada migalha é importante; também não ficam pelo caminho, antes concluem suas atividades. A despeito de tudo isso, sabem usufruir do descanso e dos resultados de seu trabalho. "

Se você sente a necessidade de buscar uma vida melhor e com significado, considere avaliar as dez valiosas lições que precisamos aprender com as formigas, explicadas por uma dupla bem-sucedida em sua área de atuação e que descobriu como fazer a vida valer a pena.

Não é à toa que a Bíblia é reconhecida como um texto especial, sinônimo de sabedoria milenar. Um tesouro da humanidade que surpreende pela atualidade de suas observações sobre a natureza humana.
Com base em Provérbios 6.6-9, William Douglas e Davi Lago elaboraram princípios que

conduzem a reflexões úteis para o dia a dia, com liberdade poética e muita criatividade. Eis o ponto de partida:

Observe a formiga, preguiçoso, reflita nos caminhos dela e seja sábio!
Ela não tem chefe, nem supervisor, nem governante, e ainda assim armazena as suas provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento. Até quando você vai ficar deitado, preguiçoso? Quando se levantará de seu sono? Provérbios 6.6-9

Compre agora e leia


kevin leman
é seu filho,
não um
hamster
Reduza o estresse na educação das crianças

# É seu filho, não um hamster

Leman, Kevin 9788573258356
249 páginas Compre agora e leia

A maior alegria dos pais é ver os filhos bem-sucedidos em seus projetos. Infelizmente, muitos deles acham que seu dever se resume a treiná-los para a roda da vida, esquecendo que a maior herança deixada não é um farto saldo bancário, mas aquela compartilhada no dia a dia. É seu filho, não um hamster nos mostra que, no caminho para uma vida de sucesso, os filhos precisam mais dos pais do que de treinadores. A questão central apresentada por Kevin Leman é levar pais e mães a entenderem até onde compensa sobrecarregar os filhos com tantas atividades. Embora o assunto seja sério e árduo, Leman

trata do tema de forma agradável e levemente divertida. Viva uma experiência libertadora, ao compreender que seus filhos não são hamsters que correm dentro da rodinha em uma gaiola, e sim pessoas que querem e precisam de você.

Compre agora e leia


kevin leman
transforme
seu adolescente
até sexta
conquiste o respeito, a confiança e o coração de seu filho em cinco dias

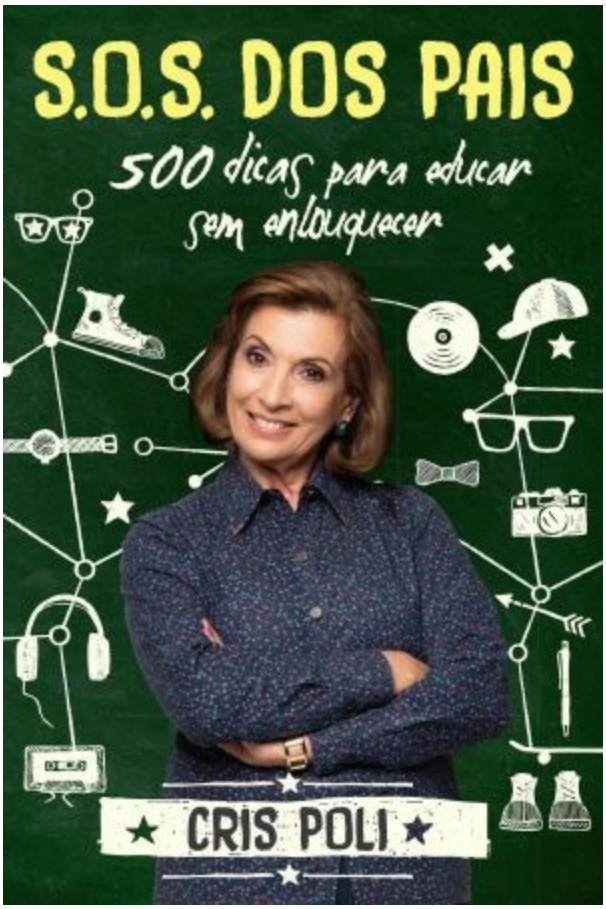
# Transforme seu adolescente até sexta

Leman, Kevin 9788573258271
245 páginas Compre agora e leia

Anos de amor, carinho e atenção. Tempo e esforço dedicados a educar, formar caráter e ensinar boas maneiras. Os filhos pequenos são verdadeiros anjos em nossas vidas. De repente, os anjinhos entram em ebulição de hormônios, e todos os anos de educação e amor parecem ter sido em vão. Mas tudo pode voltar aos bons tempos em apenas uma semana. A adolescência é a fase mais difícil na vida de todo mundo, mas "esse tempo vai desaparecer mais rápido que areia numa ampulheta, então por que não tirar vantagem dele?" é a proposta do dr. Kevin Leman nesta

obra. Viva a adolescência de seus filhos sabendo exatamente como agir e, em uma semana, todos em sua casa estarão lidando sem dor ou estresse com esta fase tão importante da vida.

Compre agora e leia


S.O.S. DOS PAIS
500 dicas para educar sem enlouquecer
CRIS POLI

# S.O.S dos pais

Poli, Cris 9788543300450
163 páginas Compre agora e leia

Cris Poli dá uma importante contribuição para que os pais ou responsáveis adquiram ferramentas para a complexa e árdua missão de educar os filhos.

- Augusto Cury

Pais e mães sofrem por não saber como agir em diversas situações que envolvem os filhos. Seja pela inexperiência dos primeiros anos de paternidade, seja pelo estresse da rotina diária, o fato é que episódios aparentemente simples podem se transformar numa grande dor de cabeça. ""S.O.S. dos pais - 500 dicas

para educar sem enlouquecer foi escrito por Cris Poli, para ajudar pais e mães a resolver questões que surgem com a chegada dos filhos ou aquelas situações estressantes do dia a dia da família, como disciplina, relacionamento, educação, saúde, alimentação, sexualidade e tecnologia. Faça dele seu livro de cabeceira e você poderá evitar muitos problemas.

Como todo S.O.S., o objetivo deste livro é oferecer socorro imediato, para que, se necessário, você tenha tempo de buscar, sem angústia e com paz no coração, esclarecimentos mais completos.

As questões abordadas poderão ajudar você a compreender melhor ou a minimizar situações de conflito do dia a dia provocadas por comportamentos ou hábitos não saudáveis

adquiridos por seus filhos. O formato de pergunta e resposta foi escolhido justamente para que você encontrasse rapidamente o socorro de que precisa, no momento exato.

Cris Poli é especialista em educação e comportamento infantil. Ministra palestras e é autora de diversos livros, dentre eles "Pais responsáveis educam juntos" e ""Pais admiráveis educam pelo exemplo, ambos publicados pela Editora Mundo Cristão.

Compre agora e leia


kevin leman
novo casamento...
novos filhos
o desafio de unir a família

# Novo casamento... Novos filhos

Leman, Kevin 9788543300320
62 páginas Compre agora e leia

O primeiro casamento ficou muito abaixo de suas expectativas e você, mais do que ninguém, quer que agora dê certo. Poderá dar (e esperamos que dê), mas para isso você precisa reconstituir sua família.

Admita: pensar sobre a integração de seus novos filhos sob o mesmo teto já o faz perder o sono. E os desafios não param aí. Você precisa juntar os cacos emocionais e lidar com questões difíceis, como as relacionadas com a disciplina, a ira e a incompreensão, além dos sentimentos de perda e traição.

Nessas horas, nada como ter ao lado um experiente conselheiro que já auxiliou milhares de homens e mulheres a enfrentarem desafios semelhantes ao seu. E, sabendo que você não tem muito tempo, Kevin Leman separou o que é essencial para quem, como você, esté em busca de uma nova e bem-sucedida experiência familiar.

Compre agora e leia